



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE DOUTORADO**

ANAMÉLIA SOARES NÓBREGA

LEGIÃO DE MARIA, DEVOÇÃO E APOSTOLADO NA CAPITAL PARAIBANA

**Recife
2021**

ANAMÉLIA SOARES NÓBREGA

LEGIÃO DE MARIA, DEVOÇÃO E APOSTOLADO NA CAPITAL PARAIBANA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UNICAP, dentro da linha “Tradição e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade”, pela aluna Anamélia Soares Nóbrega, para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

**Recife
2021**

N754l Nóbrega, Anamélia Soares.
Legião de Maria, devoção e apostolado na capital
paraibana / Anamélia Soares Nóbrega, 2021.
182 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Luz Marques.
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2021.

1. Apostolado leigo. 2. Leigos (Religião). 3. Poder
4. Igreja e Estado. 5. Maria, Virgem, Santa - Teologia.
I. Título.

CDU 241.81


Pollyanna Alves - CRB-4/1002

ANAMÉLIA SOARES NÓBREGA


LEGIÃO DE MARIA, DEVOÇÃO E APOSTOLADO NA CAPITAL PARAIBANA


Tese apresentada como um dos requisitos parciais à obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, discutida e aprovada pela seguinte Banca Examinadora:


Recife, 24 de março de 2021


Prof. Dr. **Luiz Carlos Luz Marques**
Orientador - UNICAP


Prof. Dr. **Carlos André Macedo Cavalcanti**
1º Avaliador externo – UFPB


Prof. Dr. **Cesar Augusto Kuzma**
2º Avaliador externo – PUC-RJ


Prof. Dr. **Newton Darwin de Andrade Cabral**
1º Avaliador interno - UNICAP


Prof. Dr. **Sérgio Sezino Douets Vasconcelos**
2º Avaliador interno – UNICAP

Relatório de participação segundo o Meet, dia 23 de março de 2021

Nome	Duração	Horário de entrada	Horário de saída
Luiz Carlos Luz Marques	4 h 12 min	13:56	18:08
ANAMELIA SOARES NOBREGA	3 h 49 min	14:04	18:07
Carlos André Cavalcanti	3 h 45 min	14:21	18:06
Newton Darwin de Andrade Cabral	3 h 43 min	14:23	18:06
Cesar Kuzma	3 h 38 min	14:28	18:06
Sérgio Sezino Douets Vasconcelos	3 h 34 min	14:31	18:06

AGRADECIMENTOS

A Deus, por colocar pessoas iluminadas em meu caminho dispostas a partilhar seus conhecimentos.

Ao meu orientador, Professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques, pela dedicação, pelas palavras ditas e pela escuta paciente, ora presencial, ora à distância.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação, pelo aprendizado no percurso das Ciências da Religião.

Aos Professores das disciplinas Seminário de Tese I e Seminário de Tese II, pelos comentários construtivos.

Aos Professores avaliadores internos e externos, pela leitura atenta do texto, por suas sugestões e por aceitarem o convite de compartilhar seus conhecimentos conosco.

À Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pelo apoio e incentivo à qualificação profissional.

Aos meus colegas de doutorado, pela companhia fraterna nos momentos das aulas em conjunto.

A todos os meus ex-professores, em especial, à Professora Dra. Maria Otília Telles Storni, que me orientou no mestrado.

Aos membros da Legião de Maria, de quem sempre ouvi sobre Nossa Senhora, pelo exemplo.

Aos meus familiares, pela compreensão e pelo carinho.

Aos amigos que fiz no meio acadêmico e que contribuíram com minhas experiências de vida.

Às pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente na concretização desta tese. Em especial, àquelas que me acolheram na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

*Maria, rezo contigo o Magnificat:
“A minha alma engrandece o Senhor,
Exulta de alegria em Deus, meu Salvador”.
Livra-me da prepotência, da arrogância,
do orgulho e da autossuficiência.
Ensina-me a humildade.
Diante dos sucessos e das realizações,
não quero reter nada para mim.
Pois se tudo vem de Deus, que tudo a ele retorne,
como reconhecimento, oferta, ação de graças e louvor.
Contigo, com meus irmãos e irmãs, quero cantar:
O Senhor faz em nós maravilhas, santo é o seu nome!*

(MURAD, 2012, p. 76).

RESUMO

Esta tese busca sistematizar os dados sobre a trajetória histórica da associação de leigos católicos, denominada Legião de Maria, no município de João Pessoa, capital do estado da Paraíba. Nesse sentido, as propostas do Concílio Vaticano II impulsionaram as transformações que ocorreram na Igreja católica, influenciando o clero e os leigos. A missão dos grupos legionários é construída por orações e visitas domiciliares, destacando os segmentos sociais referentes aos indivíduos idosos e às pessoas doentes. Trata-se de uma missão relevante dentro de uma sociedade secularizada, pois o apostolado gera qualidades favoráveis ao desenvolvimento da autonomia do laicato, valorizando a oração partilhada e a escuta fraterna. Este trabalho tem por objetivo apresentar, de forma crítica, os enfoques teóricos e documentais que alicerçam, no âmbito das Ciências da Religião, a análise dos grupos de leigos que se filiam à Legião de Maria. Com essa finalidade, utilizou-se o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. A pesquisa revelou que a maneira como o laicato age dentro de uma associação religiosa proporciona a construção de sua crença nas paróquias e na sociedade. Esse entendimento tornou possível resgatar as informações históricas sobre a operacionalização do sagrado na estrutura sociocultural do laicato católico, destacando a participação dos legionários através do uso que eles fazem das invocações à Mãe de Jesus, sob o título genérico de Nossa Senhora. A elaboração da pesquisa e a redação desta tese deram os seguintes passos: em uma primeira etapa, a leitura dos teóricos e o levantamento numérico com a respectiva classificação dos *praesidia* existentes no município de João Pessoa. Em um segundo momento, esse conjunto de dados foi analisado a fim de verificar a preferência na nomenclatura dos grupos legionários com relação aos dogmas marianos. No desenvolvimento do texto, buscou-se a história legionária para elaborar uma reflexão sobre a presença dessa associação dentro do laicato católico, fazendo um resumo do percurso de sua trajetória. As reflexões conclusivas defendem que a Legião de Maria desempenha um papel importante na persistência da devoção mariana no catolicismo, mesmo enfrentando os desafios das críticas referentes à maneira tradicional do seu estilo de apostolado.

Palavras-chave: Estado. Igreja. Poder. Modelos Eclesiais. Movimentos de Resistência.

RESUMEN

Esta tesis doctoral busca sistematizar datos sobre la trayectoria histórica de la asociación de laicos católicos denominada “Legión de María”, en el municipio de João Pessoa, capital del estado de Paraíba. En este sentido, las propuestas del Concilio Vaticano II impulsaron las transformaciones que se produjeron en la Iglesia Católica, lo que influyó en el clero y los laicos. La misión de los grupos legionarios está constituida por oraciones y visitas domiciliarias, con especial atención a los segmentos sociales de personas mayores y enfermos. Se trata de una misión relevante en una sociedad secularizada, porque el apostolado genera cualidades favorables al desarrollo de la autonomía del laicado, valorando la oración compartida y la escucha fraternal. Este estudio tiene como objetivo presentar, de manera crítica, los enfoques teóricos y documentales que sustentan, en el ámbito de las Ciencias de la Religión, el análisis de los grupos de laicos que ingresan a la Legión de María. Para ello utilizamos el concepto de *habitus* de Pierre Bourdieu. La investigación reveló que la forma en que los laicos actúan en una asociación religiosa proporciona la construcción de su fe en las parroquias y la sociedad. Este entendimiento permitió rescatar la información histórica sobre la operacionalización de lo sagrado en la estructura sociocultural del laicado católico, destacando la participación de los legionarios mediante el uso de invocaciones a la Madre de Jesús, bajo el título genérico de Nuestra Señora. En la preparación de la investigación y redacción de esta tesis, dimos los siguientes pasos: en una primera etapa, realizamos la lectura de autores esenciales en el campo y la encuesta numérica con la respectiva clasificación de los *praesidia* en el municipio de João Pessoa. En una segunda etapa, se analizó este conjunto de datos con el fin de verificar la preferencia de la nomenclatura de los grupos legionarios en relación a los dogmas marianos. En el desarrollo del texto, se llevó a cabo una búsqueda en la historia legionaria para elaborar una reflexión sobre la presencia de esta asociación en el laicado católico, realizando un resumen de su trayectoria. Nuestras reflexiones finales defienden que la Legión de María desarrolla un papel importante en la persistencia de la devoción de mariana en el catolicismo, incluso frente a los desafíos del referente crítico a la manera tradicional de su estilo de apostolado.

Palabras clave: Estado. Iglesia. Energía. Modelos Eclesiales. Movimientos de Resistencia.

ABSTRACT

This doctoral thesis pursues to systematize data about the historical trajectory of the lay Catholics, entitled "Legion of Mary", in the municipality of João Pessoa, the capital of the state of Paraíba. In this sense, the purposes of the Second Vatican Council promoted the transformations in the Catholic Church, what influenced the clergy and the lay people. The mission of the legionary groups is constituted by prayers and home visits, with special attention to the social segments of older individuals and sick people. This is a relevant mission in a secularized society, because the apostolate generates qualities favourable to the development of laity's autonomy, valuing the shared prayer and the fraternal listening. This study aims to present, critically, the theoretical and documental focus that base, in the scope of the Sciences Religion, the analysis of the lay groups that affiliate with the Legion of Mary. For this purpose, we used the concept of *habitus* by Pierre Bourdieu. The research revealed that the way how the laity acts in a religious association provides the construction of its belief in the parishes and society. This understanding made possible to rescue the historical information about the sacred in the social structure of the Catholic laity, highlighting the participation of the legionaries through the invocations to the Mother of Jesus, under the general title of Virgin Mary. In the elaboration of the research and the writing of this thesis, we took the following steps: in the first stage, we realized the reading of the theorists and the numerical survey with the respective classification of the *praesidia* in the municipality of João Pessoa. In the second stage, this set of data was analysed in order to verify the preference of the nomenclature of the legionary groups with relation to the Mary's dogma. In the development of the text, we researched the legionary history to elaborate a reflection about the presence of this association in the Catholic laity, making a summary of its trajectory. Our conclusive reflections defend that the Legion of Mary develops an important role in the persistence of the Mary's devotion in the Catholicism, even facing the challenges of the critical referent to the traditional manner of its style of apostolate.

Keywords: State. Church. Power. Ecclesial Models. Resistance Movements.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i> , Decreto sobre o apostolado dos leigos, Concílio Vaticano II
AT	Antigo Testamento
CDC	Código de Direito Canônico
CfL	<i>Christifideles Laici</i> , Exortação Apostólica pós-sinodal sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, João Paulo II
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNL	Conselho Nacional dos Leigos
CNLB	Conselho Nacional do Laicato do Brasil
C.Ss.R	Congregação do Santíssimo Redentor; Redentoristas
DP	Documento de Puebla
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba
LG	<i>Lumen Gentium</i> , Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II
LT	Livro de Tombo
M.S.	Congregação dos Missionários de Nossa Senhora da Salette
N. Sra.	Nossa Senhora
NT	Novo Testamento
S.J.	Companhia de Jesus; Jesuítas
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DA LEGIÃO ROMANA À LEGIÃO DE MARIA: a herança de Frank Duff.....	24
2.1 Do ingresso ao <i>habitus</i> : uma identidade construída	32
2.2 Do Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> às paróquias	42
2.3 Do <i>Praesidium</i> ao <i>Concilium Legionis</i> : hierarquia e símbolos	49
2.4 Do início ao fim: leitura do manual e orações legionárias	57
3 DE NAZARÉ AOS ALTARES LEGIONÁRIOS: Ela é Maria	61
3.1 Maria na fé do povo e no calendário litúrgico	65
3.2 Maria obediente e humilde: base para o sistema legionário	75
3.3 <i>Magnificat</i> : oração e evangelização.....	77
3.4 Maria missionária e discípula: aquela que não tinha estola.....	79
3.5 União a Maria: o apostolado legionário.....	83
4 EIS QUE SURGE A LEGIÃO DE MARIA NO BRASIL	87
4.1 <i>Praesidium Refugium Peccatorum</i> : o pioneiro no Brasil	88
4.2 Legião de Maria na capital paraibana (1961-2021)	90
4.3 Do Ofício de Nossa Senhora aos grupos legionários	106
4.4 Legião de Maria e as invocações aos dogmas marianos	110
5 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: luzes para o laicato	117
5.1 Perpetuamente em reforma: os leigos na Igreja.....	119
5.2 Operadores sociais do sagrado: ressignificando o papel dos leigos	127
5.3 Sociedade secularizada: dessacralização e a devoção mariana	131
5.4 De ingressantes a veteranos: um possível amadurecimento	137
5.5 Um olhar sobre os desafios para os legionários.....	147
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS.....	168
ANEXO A - Mapa do Município de João Pessoa e seus bairros.....	175
ANEXO B - Fundação da Legião de Maria na capital paraibana.....	176
ANEXO C - Fundação legionária no município de Campina Grande.....	177
ANEXO D - Fundação dos <i>praesidia juvenis</i> na capital paraibana.....	178
ANEXO E - Primeira cerimônia legionária de <i>Acies</i> na capital paraibana.....	179
ANEXO F - Fundação do <i>Praesidium Stella Maris</i> na capital paraibana.....	180
ANEXO G - Orações iniciais contidas na <i>Tessera</i>	181
ANEXO H - <i>Catena Legionis</i>	182

1 INTRODUÇÃO

De 1921 aos dias atuais, a associação internacional de leigos católicos, denominada Legião de Maria, possui sua atuação junto às paróquias católicas de vários países. Por isso, esta tese busca apresentar de forma sintética os enfoques teóricos e documentais que embasam uma reflexão socioreligiosa e histórica, no âmbito das Ciências da Religião, acerca do papel dessa associação no disciplinamento e inclusão do laicato em suas vivências religiosas. Abordamos a sua presença no município de João Pessoa, no arco cronológico de 1961 a 2021, partindo da fundação do seu núcleo pioneiro na capital paraibana.

Antes de prosseguir, esclarecemos um pouco do percurso histórico dos legionários, de onde eles vieram e como chegaram ao Brasil. Tudo começou em 7 de setembro de 1921, data em que a associação católica denominada Legião de Maria foi fundada em Dublin, na Irlanda, pelo leigo católico Frank Duff. A princípio, ela se espalhou no continente europeu. O nome *praesidium* é uma denominação em latim para o grupo inicial dos legionários. Em 1951, no Brasil, a Legião de Maria foi fundada através de um religioso saletino, o Irmão João Creff, que instalou o primeiro *praesidium* no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, situado no centro da cidade do Rio de Janeiro. Com relação ao município de João Pessoa, a fundação do primeiro *praesidium* ocorreu em 24 de setembro de 1961.

Informamos que, quando utilizamos nesta tese a palavra *legionários*, estamos nos referindo apenas aos filiados da Legião de Maria. Essa explicação é necessária para evitar equívocos, pois existem os Legionários de Cristo, que compõem uma congregação religiosa composta por padres e seminaristas em vários países do mundo.

Além disso, em 2020, as normas federais, estaduais e municipais de combate à pandemia do coronavírus determinaram medidas de isolamento social. Por isso, as reuniões dos grupos legionários e suas respectivas visitas domiciliares precisaram ser suspensas. Essa interrupção motivou os legionários a promoverem outras formas de manter o contato, passando a incluir os meios digitais. Nesse sentido, alguns grupos começaram a realizar os encontros de unidade legionária através de plataformas digitais de comunicação, algo que antes parecia quase impossível. Todavia, a maioria dos grupos permaneceu com as atividades paralisadas.

A Legião de Maria é uma associação que valoriza a participação dos leigos católicos. Nessa perspectiva, a temática do laicato na Igreja foi estudada por vários teólogos, com destaque para Yves Congar. Nesse sentido, “[...] o primeiro emprego de ‘leigo’, por oposição aos ‘padres’, encontra-se em um documento romano, a carta à comunidade de Corinto redigida por Clemente [...]” (CONGAR, 1966, p. 15). O Papa Clemente I, conhecido como Clemente Romano, foi o quarto Papa, do ano de 88 a 97. Um resumo do significado e da origem da palavra leigo é importante para iniciarmos o nosso estudo, na medida em que:

Leigo, que vem do grego *laikós*, significa aquele ou aquela que pertence ao povo ou provém dele; também pode ser alguém não oficial, civil, comum. É um adjetivo derivado de *laos*, povo, um termo presente tanto no AT quanto no NT. É, portanto, aquele que pertence ao povo de Deus, herdeiro da Aliança e beneficiário da promessa da salvação. A primeira vez que o termo leigo (*laikós*) aparece oficialmente é numa carta de Clemente Romano [...] aos coríntios, para designar o simples fiel e distingui-lo do diácono e do presbítero. Mas, uma divisão de classes no interior da Igreja só viria a acontecer mais tarde quando, sob a influência do pensamento platônico, Inácio de Antioquia [...] e Cipriano [...] apresentam a hierarquia como um reflexo da ordem divina (KUZMA, 2009, p. 53-54, grifos do autor).

Como consequência das características culturais de épocas ulteriores, a hierarquia eclesiástica adquiriu uma condição de privilégios em nível sociorreligioso, sendo uma categoria em evidência. Assim sendo, os leigos sofreram os resultados negativos desse pensamento de exclusão. Porém, com o passar do tempo e o processo de secularização social, a diferenciação entre clérigos e leigos teve que ser estruturada através de outros níveis de responsabilidade. Isso fez com que a Igreja:

Diante do desafio causado pelo Iluminismo (século XVIII), a Igreja se viu obrigada a fortalecer e ativar alguns grupos de leigos no intuito de favorecer um catolicismo político, social e cultural. [...] Mais tarde, já no século XIX e XX, Pontífices como Leão XIII, Pio X e Pio XI convidam leigos e leigas a tomarem o seu lugar na missão da Igreja. É pedido a eles que se ocupem do temporal, onde através de seu testemunho possam a vir cristianizar as suas estruturas. Outro ponto marcante foi Pio XII, com a Encíclica *Mystici Corporis Christi* (1943). Agora, a Igreja volta a ser vista como Corpo Místico de Cristo, e isto acarreta mudança de posturas. Estamos no período da II Guerra Mundial (1939-1945) e às portas do Concílio Vaticano II. Esta postura, certamente aliada com a nova compreensão do Povo de Deus, que se iniciava, daria uma nova consciência ao laicato. E certamente, podemos afirmar que, a contribuição de leigos e leigas para a renovação da Igreja foi um dos sinais mais importantes do século XX, culminando com destaque no Concílio Vaticano II (KUZMA, 2009, p. 57-58).

A discussão sobre as atividades dos fiéis revela o aspecto da Igreja expresso por sua função de ser uma comunidade. Dito em outras palavras, a Igreja em movimento precisa da participação do laicato, pois os leigos estão em contato mais próximo com as pessoas na sociedade, dentro de suas realidades. Desse modo, a dimensão humana da Igreja, identificada no clero e no laicato, está expressa na seguinte consideração:

A realidade designada pela palavra Igreja em seu uso cristão comporta dois aspectos que precisamos distinguir bem. [...]. A Igreja é, em sua finalidade final, comunhão dos homens com Deus e de todos, uns com os outros, em Cristo. É também o conjunto dos meios dessa comunhão. Por seu aspecto de comunhão, isto é, em sua realidade final, a Igreja é a coletividade dos que estão 'em Jesus Cristo'. Essa coletividade é uma coisa completamente diferente de uma coleção de indivíduos simplesmente justapostos; é um povo, o povo de Deus: melhor ainda, é o corpo de Cristo (CONGAR, 1966, p. 42).

O modelo de apostolado adotado pela Legião de Maria ocorre através das atividades desenvolvidas principalmente no âmbito das paróquias. Por um lado, isso aproxima as pessoas que moram nos bairros. Por outro, isso torna os grupos mais reféns da autoridade paroquial, uma vez que as reuniões geralmente utilizam os espaços físicos disponíveis nas paróquias e os sacerdotes exercem o cargo de diretores espirituais. Nessa perspectiva, existe uma tendência à resignação contida nos atos devocionais presentes no culto mariano, pois os locais mais afastados da paróquia acabam, muitas vezes, ficando de fora das atividades realizadas pelos membros dessa associação.

Neste contexto, a religião (com suas crenças e crises, seus encontros e desencontros) ainda fascina as pessoas, mesmo diante do avanço da dessacralização que empalhou muitas das antigas práticas devocionais, uma vez que: "Acontece que as pessoas religiosas, ao dizer os nomes sagrados, realmente crêem num 'lá fora' e é deste mundo invisível que suas esperanças se alimentam" (ALVES, 2009, p. 119).

Os símbolos e nomes, vindos de longe e de outrora, trazidos de adaptações dos termos do antigo Império Romano, transformados em uma nomenclatura com sacralidade, construíram o *habitus* com o qual a Legião de Maria propõe aos seus membros acreditar em um 'lá fora'. Nesse sentido, recorreremos à noção de *habitus* do pensamento difundido por Pierre Bourdieu (2015), com as devidas adaptações, para realizar a nossa análise dos leigos católicos, na medida em que eles continuam alimentando suas esperanças. Por conseguinte, colocamos a nossa atenção voltada

para as formas de disciplinamento individual e coletivo, consideradas na uniformização das práticas do catolicismo na Legião de Maria. Por isso, partimos do 'habitus' do pensamento bourdieusiano, com as necessárias ressignificações, até chegarmos à identificação do estilo construído entre os legionários, que atravessa a história dessa associação em todos os lugares e em todos os tempos.

Assim, em nosso estudo, estamos preocupados em analisar a Legião de Maria, enquanto associação de leigos católicos, prestes a completar seu centenário no mundo, sob o ângulo da operacionalização do sagrado. Nessa perspectiva, Frank Duff foi capaz de estruturar uma associação com um estilo inconfundível, pois o modelo organizacional da Legião de Maria possui aspectos homogeneizadores, tais como a nomenclatura em latim, a hierarquia do sistema legionário e os símbolos.

Para a Legião de Maria, a aproximação com a Santíssima Trindade está muito relacionada à devoção mariana, uma das motivações de sua espiritualidade, expondo a prescrição de práticas devocionais como elementos complementares de sua maneira de atuar dentro das atividades do apostolado. Um desses elementos chama a atenção no âmbito popular, na medida em que a imagem de Maria foi utilizada na narrativa cristã em realidades sociais diversas. Em outras palavras, a reflexão teológica aponta:

Então, poderemos nos perguntar: qual é a dignidade e a natureza e missão dos cristãos leigos e leigas? Poderia ser Maria uma resposta? Um modelo? Se olharmos para Maria, o que é que nós vemos? Diretamente falando, vemos uma *mulher-leiga*, queremos dizer, uma mulher que era sujeito em seu tempo, em sua história, que vivia situações e realidades concretas e que no interior de sua vida e de sua casa fez a experiência de Deus. [...]. Ela interpela e se deixa interpelar, ela se abre à graça e faz ecoar o seu sim numa atitude kenótica de serviço, esvazia-se de si e permite que Deus atue (KUZMA, 2019, p. 80-81, grifo do autor).

Neste contexto, o objetivo geral da tese foi analisar a capacidade de mobilização da Legião de Maria, tanto no aspecto das tradições devocionais quanto do amadurecimento da fé, estando os seus membros incluídos em parte significativa do laicato católico existente na cidade de João Pessoa. Nos objetivos específicos buscamos mostrar a devoção mariana como um elemento norteador para a linguagem e a organização dos grupos legionários. Além disso, verificar que a identificação, durante os períodos de sua história, está ligada aos dogmas marianos. Outro objetivo específico foi compreender o apostolado dos leigos originados das propostas do Concílio Vaticano II e dos desdobramentos pós-conciliares.

Reconhecemos a devoção mariana como uma questão cultural vinculada à religiosidade de muitos leigos católicos. Como foi vivida essa devoção na Igreja? As respostas não foram idênticas, ora exaltada, ora ridicularizada. Assim, um dos deveres dos membros da Legião de Maria consistiu em manifestar a sua espiritualidade mariana por meio de suas orações como fiéis devotos. Todavia, existe um abismo entre as práticas comuns e as vivências que levam ao amadurecimento da fé. A oração não conhece fronteiras, sendo uma possibilidade para todos que nela acreditam, provocando até mesmo o recolhimento voluntário como caminho da contemplação a Deus, quando as preces operam profundas transformações ao serem assimiladas e interiorizadas.

Quando definimos esta temática, tínhamos em mente a seguinte pergunta, que determinou o rumo da pesquisa: até onde o pertencimento à associação da Legião de Maria oferece aos leigos católicos uma experiência religiosa que leve ao amadurecimento da própria fé, numa sociedade em processo de secularização?

Não podemos encarar os leigos como paroquianos à mercê do aparelho ideológico religioso, mas como pessoas capazes de atuar na evangelização através de suas atividades na sociedade. O autêntico testemunho cristão na vida familiar, matrimonial, profissional e social pode ser ressignificado como um amadurecimento da fé, recuperando a imagem do leigo adulto na sociedade, convicto de sua religião e imune às pregações falaciosas que, por muitas vezes, são instrumentos ilusórios das crenças humanas.

Por um lado, a influência de Maria é percebida na esfera da devoção. Por outro, na esfera sociológica. Desse modo, ocupando um papel de destaque na expansão do catolicismo, a fé do povo em Maria foi pressionando tanto o meio eclesial quanto o meio social ao seu redor. Assim, as práticas tradicionais da devoção, exemplificadas pelo Rosário, pelos novenários, pelas cerimônias de coroação de Nossa Senhora, pelos escapulários e por tantas outras manifestações culturais religiosas, representam o espaço no qual os legionários acabam por assumir o seu protagonismo, como defensores do simbolismo mariano presente na religiosidade popular.

A escolha do tema possui relevância, uma vez que a associação da Legião de Maria foi pouco estudada no universo acadêmico. Nesse sentido, citamos a dissertação de mestrado de Luiz Cláudio Silva Oliveira realizada, no Brasil, em 1994, e a dissertação de mestrado de Manuel Pereira Cação realizada, em Portugal, no

ano de 2014. A justificativa da tese está alicerçada em descobrir em qual medida a Legião de Maria consegue manter tanto as múltiplas tradições católicas institucionalizadas quanto o amadurecimento das experiências religiosas renovadas pelo Concílio Vaticano II no sentido de implantar uma fé adulta. Por isso, propomos identificar e discutir o seu apostolado no município de João Pessoa, na medida em que acontece a substituição do estilo tradicional e conservador através do processo de secularização da sociedade. Por conseguinte, pretendemos mostrar que a devoção mariana é um elemento colaborador na criação de um *habitus* entre os devotos marianos: “Pois só o ‘devoto de Maria’ poderia ser um instrumento eficaz e ao mesmo tempo dócil, sob a direção da hierarquia, para instaurar o Reino de Cristo [...]” (BOFF, 2006, p. 519).

Diante das explicações mostradas, a linha de pesquisa escolhida foi: Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade, na qual o professor orientador Dr. Luiz Carlos Luz Marques desenvolve seus trabalhos de pós-graduação. Assim, traçamos o suporte dos estudos no contexto histórico da Igreja católica no Brasil e no mundo contemporâneo, utilizando alguns estudos já realizados pelo orientador na abordagem da operacionalização do sagrado.

Embora graduada em Ciências Jurídicas, sempre mantive o interesse pelas Ciências da Religião. Nesse sentido, concluí o mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Posteriormente, diante da necessidade em aprofundar os estudos na área, ingressei no doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

O interesse na atividade apostólica da Legião de Maria foi motivado pela vontade de ampliar os estudos acadêmicos no contexto dos assuntos ligados à devoção mariana e à religiosidade popular. Diríamos que Maria está continuamente presente na vida dos seus fiéis devotos, enquanto inserida na história da Igreja católica tanto no Brasil quanto no mundo. No meio do laicato existem pessoas que conseguem investir tempo e recursos na busca da evangelização através das associações católicas, possibilitando expressões sociais visíveis desse apostolado cristão.

No momento histórico em que vivemos, houve uma renovação inadiável nas práticas religiosas do laicato católico, incluindo os membros da Legião de Maria. Os critérios atuais da evangelização implicam em grandes desafios, pois cuidar do

próximo requer atitudes coerentes no âmbito social, econômico e político. As atitudes evangelizadoras não são meramente informativas, mas sim formativas, uma vez que a fé amadurecida vai além do estudo conteudista, pois o que vale é seguir a Jesus Cristo através da variedade de ministérios, vocações, dons e carismas.

Vamos dividir a tese em quatro partes formadoras dos capítulos. Na primeira, analisamos a identidade da Legião de Maria através de sua história, sua linguagem, seus símbolos, suas celebrações e seu manual. Na segunda, observamos a devoção mariana no cenário das tradições presentes tanto no âmbito clerical quanto na religiosidade popular, enfatizando o calendário litúrgico da Igreja católica. Na terceira, descrevemos a fundação da Legião de Maria no Brasil e, posteriormente, mostramos o percurso histórico no município de João Pessoa, capital paraibana. Na última parte, relacionamos a abertura para o apostolado dos leigos, inserida no Concílio Ecumênico Vaticano II, com a consciência evangelizadora do laicato. Resignificamos o papel dos leigos como operadores sociais do sagrado diante do processo de secularização da sociedade, mostrando os desafios para a persistência do apostolado da Legião de Maria.

Sobre os procedimentos teóricos e metodológicos, esclarecemos que a tese busca fazer a correspondência entre religião, sociedade, história e linguagem. Por conseguinte, ela possui seus pressupostos teóricos fundamentados nas orientações teóricas de Bourdieu (2015), que enfatiza as vivências das pessoas no conjunto das interações sociais. O livro intitulado: *A Economia das Trocas Simbólicas*, cuja publicação ocorreu ainda na década de 1970, possibilitou o estudo na obra bourdieusiana do conceito de *habitus*. Ressaltamos que fizemos a leitura da oitava edição, publicada em 2015, cuja organização dos textos foi realizada por Sergio Miceli.

O entendimento do conceito de *habitus* era importante para fundamentarmos a pesquisa, principalmente sobre a maneira como os símbolos usados pela Legião de Maria servem para exprimir os elementos significantes da hierarquia, da lealdade e da obediência veiculadas no antigo Império Romano. Em outras palavras, é interessante verificar a reconstrução de uma simbologia militarizada para uma simbologia religiosa. Nesse sentido, podemos ousar dizer que os símbolos são elementos capazes de serem reciclados, na medida em que seus modelos sofrem adaptações e reelaborações sociais.

A obra de Pierre Bourdieu, nascido em 1930 e falecido em 2002, está sendo bastante recepcionada pelos estudos de religião, haja vista que o sociólogo francês possibilita a análise do fenômeno religioso pela adoção de princípios críticos. Da sua biografia, destacamos:

Pierre Félix Bourdieu, por sua vez, nasce em 01 de agosto de 1930, em Déguin (Alto Pirineus – sudoeste da França), e morre aos 72 anos de idade, em janeiro de 2002, em Paris, vítima de um câncer. Seu pai era funcionário dos Correios. De origem popular e vindo da província, Pierre Bourdieu defrontou-se, desde sua estadia no Liceu Luis Le Grand, com a alta cultura aristocrática parisiense. [...] Embora vindo de uma família campesina, Bourdieu teve uma trajetória acadêmica notável. Frequentou os melhores estabelecimentos de ensino da França e se licenciou em filosofia, na École Normale Supérieure, nos anos de 1951 a 1954. Agregado e professor de filosofia, Bourdieu partiu para a Argélia em 1955, ficando por lá até 1960. No período, tornou-se assistente da Faculdade de Letras de Argel. Voltou à França em 1961 e passou a lecionar na Universidade de Lille. Em 1964, já reconhecido entre os pares, foi nomeado diretor de estudos na *École Pratique des Hautes Études* e publicou suas primeiras pesquisas sobre os operários argelinos, o sistema de ensino francês e as práticas culturais. [...] Em 1967, funda seu próprio laboratório de pesquisa, o Centro de Sociologia da Educação e da Cultura, em Paris (SETTON, 2018, p. 5-6).

Conforme Silveira, Andrade Júnior e Pessoa (2019, p. 776): “A obra de Pierre Bourdieu (1930-2002) tem sido exaustivamente recepcionada no Brasil, tendo um grande impacto junto aos estudos de religião [...]”. Nessa perspectiva, fizemos uma adaptação do pensamento de Pierre Bourdieu, incorporando a correlação do estudo do conceito de *habitus* nas Ciências da Religião, enfatizando a linguagem e a nomenclatura dos grupos que constituem a associação da Legião de Maria na capital paraibana. A partir de uma metodologia qualitativo-teórica, recorrendo ao texto de Pierre Bourdieu, especificamente o livro: *A Economia das Trocas Simbólicas*, propomos que os títulos dos grupos legionários não podem ser considerados como nomes isolados, mas como parte de uma inter-relação das estruturas sociais com a devoção mariana. De fato, Silveira, Andrade Júnior e Pessoa (2019, p. 776-777) já observaram em seu ensaio que: “[...] há um conjunto de reflexões bourdieusianas que estão bem próximas de uma teoria da religião, no sentido forte, ou seja, de um sistema profundo e articulado [...]”.

A partir dessa reflexão, compreendemos como os símbolos e a linguagem possibilitam a estrutura dos discursos, dos ritos e das interações sociais em cada grupo religioso. Assim, desconsiderando os seus símbolos, o laicato católico perderia parte da sua representatividade social. Antigamente, muita importância era

destinada às fitas para indicar o pertencimento a uma determinada filiação religiosa. No caso da Legião de Maria, a linguagem é integrante da atividade de sistematização dos legionários, tanto no contexto das funções internas quanto externas, dentro das comunidades em que atuam nas diversas relações sociais.

Desejamos contribuir para o debate sobre a compreensão do *habitus* na apropriação da linguagem e da nomenclatura, alargando a variedade dos projetos sociológicos. Desse modo, enquanto sistema argumentativo, Oliveira (2011, p. 178) argumenta: “Bourdieu trata a religião como linguagem: sistema simbólico de comunicação e de pensamento [...]”. Por isso, dedicamos nosso tempo e nossos esforços na disposição de uma pesquisa sobre a Legião de Maria na capital paraibana.

Assim, nos debates que existem na área de estudo das Ciências da Religião, procuramos resgatar as vivências religiosas, na medida em que as associações católicas acumulam a história das épocas de sua existência. Os leigos católicos possuem um percurso histórico inteiramente inseparável de seus símbolos, visto que:

Ao elaborar o quadro teórico de uma reflexão sobre a teoria da religião Bourdieu primeiramente define os fenômenos religiosos como linguagem, sistema simbólico de comunicação e de dominação, força estruturante da sociedade, composta por elementos internos que formam uma totalidade coerente que constrói a experiência (SILVEIRA; ANDRADE JÚNIOR; PESSOA, 2019, p. 781).

O sistema legionário busca preservar suas normas e a hierarquia entre os grupos. Além disso, a utilização de um manual por todos os membros garante o cumprimento de um roteiro que evita alterações ou extravagâncias, assegurando a disciplina e mantendo os grupos dentro de funções limitadas. A sistematização repleta de automatismos e a regularidade das condutas são características de suas reuniões, realizadas por leigos católicos de várias faixas etárias e diversas classes sociais. Por conseguinte, o laicato que participa de seus grupos aceita o sistema religioso determinado pela associação na qual estão filiados. Isso quer dizer:

Dessa forma, a mensagem religiosa mais capaz de satisfazer o interesse religioso de um determinado grupo de leigos e de exercer o efeito propriamente simbólico de mobilização que resulta do poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, é aquela que lhe fornece um sistema de justificação das propriedades que estão objetivamente associadas ao grupo na medida em que ele ocupa uma determinada posição na estrutura social (SILVEIRA; ANDRADE JÚNIOR; PESSOA, 2019, p. 783).

O desafio de analisar a história da Legião de Maria no município de João Pessoa foi possível através do estudo em fontes que resgatassem as informações referentes aos primeiros passos dessa associação na capital paraibana. Por conseguinte, buscamos as informações que estivessem sistematizadas de forma escrita e visual, preferindo a busca de documentação no arquivo da *Regia Medianeira de Todas as Graças* que administra a Legião de Maria no estado da Paraíba. Nesse local, vários documentos estavam bem preservados. Desse modo, agradecemos a sua diretoria por ter permitido o acesso ao seu arquivo em razão do volume de textos impressos estocados e postos à nossa disposição. Os arquivos possuem um significado importante para os pesquisadores, que destacaremos a seguir:

Arquivos são um conjunto de documentos, quaisquer sejam sua data, forma ou suporte material, produzidos e recebidos por pessoa física, moral e por quaisquer serviços ou organismos públicos ou privados, no exercício de sua atividade. Os documentos arquivados podem ter a forma impressa, manuscrita, datilografada, gravada, filmada, pintada, fixada em qualquer suporte material, seja ele papel, pergaminho, filme [...] (CHIZZOTTI, 2010, p. 115).

Para a investigação da nomenclatura dos *praesidia*, seguimos o modelo teórico-metodológico de origem dedutiva, pois houve uma pesquisa documental, conforme descrita por Severino (2007, p. 123): “Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise [...]”. Assim, acreditamos que a catalogação dos nomes dos grupos legionários como fonte para uma pesquisa acadêmica vinculada aos dogmas marianos na estrutura da linguagem devocional tem sua parcela de originalidade, principalmente no âmbito da capital paraibana.

No entanto, ressaltamos que utilizamos dados já trabalhados por outros pesquisadores, como, por exemplo, as pesquisas realizadas por Beozzo e Marques (2004) e Almeida (2013) em temáticas que ajudaram a construir a organização do nosso estudo.

O conhecimento da devoção mariana permitiu uma visão mais teórica e abrangente da informação originada dos nomes dos *praesidia*. Trata-se de um estudo documental da nomenclatura vinculada à religiosidade dentro de uma associação denominada Legião de Maria. Por conseguinte, a tese representa uma

possibilidade de estudar as Ciências da Religião no contexto das variações da linguagem utilizadas pelo laicato, bem como da história dos leigos católicos (portadora de uma simbologia apta a contribuir para a elaboração do percurso que parte da devoção mariana até a fé adulta).

Com relação ao detalhamento temático, buscamos autores cujas publicações fizessem referência à Mariologia e seus desdobramentos analíticos. Por conseguinte, destacamos a bibliografia consultada em: Afonso Murad (2012); Cesar Kuzma (2019); Clodovis Boff (2006); Daniela Del Gaudio (2016); Elisabeth Johnson (2006); Ivone Gebara (2009); Lina Boff (2016) e Roque Beraldi (2012).

Delimitar a questão que se pretende abordar durante a escrita da tese não é uma tarefa fácil, pois o esquema inicial poderá ser ou não modificado, principalmente caso surjam dificuldades que inviabilizem os estudos necessários, tais como a obtenção de documentos e de tempo para planejar e executar as tarefas previstas para atingir a sua conclusão, na medida em que a pesquisa formulada pode abrir espaço para possíveis inter-relações com outras temáticas. Por isso, Marconi e Lakatos (2010, p. 143) explicam: “É um processo contínuo de pensar reflexivo, cuja formulação requer conhecimentos prévios do assunto (materiais informativos), ao lado de uma imaginação criadora”.

Nessa perspectiva, buscamos a importância do laicato católico, tentando refletir a respeito da fé adulta. Trabalhamos essa temática com ênfase em: Alfonso Vergara Tagle (1987); Cesar Kuzma (2009); Javier Garrido (2006); Juan Luis Segundo (1976) e Yves Congar (1966). O modelo de estudo utilizou algumas etapas, adaptando-as e envolvendo três pontos:

[...] a) formulação da hipótese de trabalho, ou de uma proposição de estudos, cuja finalidade perseguida é verificar possibilidades de realização do tema escolhido, já enunciando etapas admissíveis para esse exame; b) delimitação da área básica de estudos (nível da toponímia) ou do objeto da investigação (nível da onomástica), detalhamento temático, em extensão areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade do pesquisador, finalidade da demanda, vinculação a um projeto de pesquisa; c) tratamento dos dados [...] (DICK, 2006, p. 100-101 apud CARVALHO, 2014, p. 133).

Adaptando esse roteiro a nossa pesquisa, a partir das Ciências da Religião, seguimos algumas de suas ideias, mas acrescentamos outras fases mediante a especificidade do nosso estudo, conforme as quatro etapas detalhadas para a realização desta tese:

Primeira etapa: Partimos da hipótese de que, na cidade de João Pessoa, os nomes dos *praesidia* da Legião de Maria relacionam-se diretamente com a devoção mariana no contexto do laicato católico existente nos bairros deste município, ou seja, quanto mais grupos legionários dentro da localidade, maior a permanência do catolicismo, em detrimento do processo de secularização da sociedade;

Segunda etapa: Verificamos como se dá a distribuição geográfica dos *praesidia* na cidade de João Pessoa e as múltiplas invocações a Maria (também intitulada de Nossa Senhora) nos bairros, a partir da coleta de dados no arquivo da *Regia* Medianeira de Todas as Graças, localizada na capital paraibana.

Terceira etapa: Tratamento dos dados sobre três enfoques: a) análise histórica, pois buscamos descobrir a data de fundação dos primeiros *praesidia* na cidade de João Pessoa; b) análise quantitativa e sistemática, em que criamos tabelas e quadros ilustrativos cuja finalidade foi especificar as nomenclaturas dos títulos dos grupos legionários, fornecendo um conteúdo voltado para a verificação das crenças religiosas no âmbito da devoção mariana concernente à estruturação do catolicismo; c) análise descritiva dos dogmas marianos inseridos na nomenclatura dos grupos legionários, organizados geograficamente nos bairros, para a categorização e contabilidade do seu percentual de ocorrência.

Quarta etapa: Estudo do significado religioso e sociocultural em correlação com a nomenclatura dos grupos legionários, pois a permanência da nomenclatura devocional dos dogmas marianos na linguagem reforça o *habitus* dos legionários na construção da identidade de sua associação laical. Ocorreu a participação nas reuniões e atividades legionárias. Nessa etapa, seguimos Marconi e Lakatos (2011, p. 69), pois indicam que a participação: “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los.”

Ao final das etapas, observamos como se encontra, atualmente, o número de *praesidia* da Legião de Maria, sendo uma demonstração de que as associações tradicionais ainda conseguem mobilizar parte dos leigos católicos que residem nos bairros da capital paraibana, principalmente por serem instrumentos de persistência da devoção mariana.

As associações conservam as tradições religiosas e a devoção mariana porque operam através da memorização de sua identidade como ponto chave para manter a sua sobrevivência na contemporaneidade. Assim, recordamos Diehl

(2002, p.114): “Tempo como força de corrosão, espaço como o *locus* da experiência da memorização e o movimento como a estrutura simbólica da cultura são os elementos constituidores da(s) memória(s) e da(s) identidades”.

Considerando a narrativa histórica para ampliar o potencial argumentativo da representação do laicato católico, procuramos nos capítulos seguintes expor o percurso histórico e o *habitus* da Legião de Maria na capital paraibana, mediante a reconstrução do passado e o mapeamento das condições do presente.

2 DA LEGIÃO ROMANA À LEGIÃO DE MARIA: a herança de Frank Duff

A Legião de Maria (em latim *Legio Mariae*) é uma associação de católicos, de origem irlandesa, que possui a aprovação da Igreja católica romana. Ela foi fundada pelo leigo católico Frank Duff (1889-1980), nascido em Dublin, na Irlanda. Atualmente, ela é uma associação internacional de fiéis, com representações em vários países, sendo reconhecida nas arquidioceses, dioceses e paróquias.

Nesse sentido, o que nos falam os representantes da hierarquia da Igreja católica sobre essa associação do laicato? Das palavras do Papa João Paulo II a um grupo de legionários italianos, em 30 de outubro de 1982, transcrevemos algumas partes, tendo em vista o apostolado dos leigos na propagação da fé, apontadas pelo referido pontífice, na seguinte saudação de boas-vindas descrita no Manual Oficial da Legião de Maria.

As minhas boas-vindas são dirigidas a cada um de vós. É motivo de alegria, para mim, ver-vos, nesta sala, em tão grande número, vindos das várias regiões da Itália, tanto mais que sois apenas uma pequena parte do movimento apostólico que, no espaço de sessenta anos, se espalhou rapidamente pelo mundo e hoje, há dois anos da morte do seu fundador, Frank Duff, está presente em muitíssimas dioceses da Igreja universal. Os meus predecessores, a começar por Pio XI, dirigiram palavras de reconhecimento à Legião de Maria, e eu próprio, no dia 10 de maio de 1979, quando recebi uma das vossas primeiras delegações, recordei, com grande prazer, as ocasiões em que tinha estado com a Legião, em Paris, Bélgica, Polónia e agora, como bispo de Roma, no decurso das minhas visitas pastorais às paróquias da cidade. Hoje, portanto, ao receber em audiência a peregrinação italiana do vosso movimento, gostaria de realçar aqueles aspectos que constituem a substância de vossa espiritualidade e vosso modo de ser e de trabalhar, dentro da Igreja (MANUAL..., 2014, p. 7).

Conforme a biografia de Frank Duff, escrita pelo sacerdote e legionário Robert Bradshaw, em 2012, descobrimos que Frank Duff foi o primeiro filho do casal John Duff e Susan Frehill, nascido em 7 de junho de 1889 e batizado com o nome de Francis Michael Duff. Esse sacerdote faleceu em setembro de 1993 e era amigo de Frank Duff. O seu livro sobre a biografia do fundador da Legião de Maria é resultante de uma série de apontamentos feitos após numerosas gravações realizadas.

O Manual oficial da Legião de Maria, traduzido em vários idiomas, serve para disciplinar a organização legionária. Com relação à sua linguagem, quase nada pode ser alterado, conservando principalmente os termos em latim referentes aos seus grupos e conselhos (órgãos diretivos e associativos), símbolos e solenidades, cujos

nomes copiam e ressignificam as nomenclaturas utilizadas nas fileiras do antigo exército do Império Romano.

Por esse motivo, mantivemos a sua escrita e destacamos em itálico. A organização legionária começa pelo *praesidium*, que equivale ao grupo inicial. Posteriormente, ocorre a formação de conselhos que obedecem a seguinte ordem crescente de hierarquia: *curia*, *comitium*, *regia* e *senatus*. Destacamos que, por serem em latim, essas palavras apresentam regras específicas na escrita e na pronúncia. Essa nomenclatura expressa a identidade legionária, gênese de sua unidade. Entretanto, qual situação simbólica estava por trás dessa proposta?

A Legião Romana, cujo nome foi adotado pela Organização, atravessou os séculos com uma gloriosa tradição de lealdade, de coragem, de disciplina, de resistência e de triunfos, embora a serviço de causas por vezes indignas, ou, pelo menos, puramente terrenas [...]. Evidentemente que a Legião de Maria não pode apresentar-se à sua Rainha com menos virtudes que a Legião Romana [...]. As velhas virtudes daquele exército são, por conseguinte, o mínimo exigido para o serviço legionário (MANUAL..., 2014, p. 20).

A substituição do primeiro nome para o título de Legião de Maria foi decisiva para a história dessa associação do laicato. O primeiro alistamento dos legionários em Dublin, na Irlanda, de início ficou conhecido como Associação de Nossa Senhora da Misericórdia, em virtude de o primeiro *praesidium* ter sido denominado de Senhora da Misericórdia. Outros nomes também ocorreram, tais como: Imaculada Conceição, Nossa Senhora da Sagrada Conceição e Refúgio dos Pecadores. Porém, em novembro de 1925, o nome escolhido foi “*Legio Mariae*”. A ideia havia sido sugerida por Frank Duff. Essa expressão em latim tinha as suas vantagens, pois os vários grupos legionários seriam unidos com um idioma costumeiramente usado pela Igreja católica. O poder da linguagem retida nessa expressão pode ser explicado na seguinte descrição:

Assim, o serviço a que a Legião chama os seus soldados, não tem limites, nem restrições. [...] Manter-se, durante uma vida inteira, no trabalho de apostolado, constitui, por si mesmo, heroísmo que só será atingido por uma série contínua de atos heroicos, que encontram a sua recompensa, na própria perseverança. [...] Mudanças acontecerão necessariamente: pessoas e lugares diferentes que se visitam, trabalhos que terminaram, substituídos por novos empreendimentos. Tudo isto, porém, é o resultado da variação constante da vida e, não, o fruto de inconstância caprichosa e de uma curiosidade sedenta de novidade, que acaba por arruinar a melhor disciplina. Receosa deste espírito de instabilidade, a Legião apela incessantemente para um espírito cada vez mais firme dos seus membros, mandando-os, depois de cada reunião, para as suas tarefas [...] (MANUAL..., 2014, p. 23-24).

Os termos e símbolos de sua organização proporcionam uma especificidade, ou seja, uma senha quase privativa que serve para distinguir a linguagem tradicional usada pelos legionários em suas reuniões e atividades. Assim, um legionário pode identificar imediatamente outro legionário por algumas palavras e simbologias que unificam a sua associação, fundada por Frank Duff, com a colaboração de outras pessoas, na Irlanda, em 1921, conforme descreve o manual legionário:

Juntamente com um grupo de senhoras católicas e o Padre Michael Toher, da Arquidiocese de Dublin, fundou o primeiro *Praesidium* da Legião de Maria, a 7 de setembro de 1921. A partir dessa data, até a morte, a 7 de novembro de 1980, orientou a extensão mundial da Legião, com heroica dedicação. [...] Os seus ímpetos de profunda compreensão do papel da Santíssima Virgem no plano da Redenção, bem como do papel dos fiéis leigos, na missão da Igreja, refletem-se no Manual, quase inteiramente obra de suas mãos (MANUAL..., 2014, p. 12).

Explicamos que os nomes em latim utilizados na tese são característicos dessa associação e estão contidos no manual. Por isso, mantivemos a sua escrita e destacamos em itálico durante todo o texto. O núcleo inicial é denominado através do substantivo singular denominado *praesidium*, sendo o substantivo plural o nome *praesidia*. Adiante, a grafia do singular e do plural será esclarecida, de forma detalhada.

Por um lado, o manual está cheio de palavras em latim, uma linguagem erudita, que dificulta a compreensão para os membros menos instruídos. Por outro, é sugerido que os membros mais familiarizados com essa linguagem se esforcem para introduzir os novatos na escrita e pronúncia desses termos. Se um legionário ingressante não conhece os termos em latim, cabe aos demais membros do grupo promover o ensino.

Esse procedimento tem a finalidade de que, em pouco tempo, o legionário possa compreender as palavras que identificam a sua associação. Nessa perspectiva, faremos, a seguir, uma explicação sobre o singular e o plural dos termos em latim que identificam a nomenclatura dos grupos com base nas informações da revista publicada, em 2001, pelo *Senatus* de São Paulo, uma vez que algumas palavras são muito usadas pelos grupos legionários, tais como: *praesidium* (singular) e *praesidia* (plural); *curia* (singular) e *curiae* (plural); *comitium* (singular) e *comitia* (plural); *regia* (singular) e *regiae* (plural); *senatus* (singular e plural). Lembramos que na Legião de Maria, só existe o uso da palavra *concilium*,

porque essa associação só possui um único Conselho Central que é o *Concilium Legionis Mariae*, localizado em Dublin, na Irlanda.

O *praesidium* é o núcleo inicial dos grupos da Legião de Maria. Quando ocorre a união dos *praesidia*, forma-se uma *curia*. O *comitium* supervisiona tanto os *praesidia* quanto as *curiae*. As *regiae* geralmente estão filiadas diretamente aos *senatus*. Os *senatus* possuem uma administração, na maioria das vezes, no âmbito regional, abrangendo alguns estados.

As palavras em latim constituem uma investidura institucional legionária quase como uma fórmula de sua linguagem, deixando-a devidamente registrada e identificada em suas orações. Para infelicidade de alguns legionários, que sentem dificuldades em pronunciar ou escrever em latim, e felicidade de outros, que acreditam que os termos nesse idioma contribuem para a coesão de sua coletividade, essas palavras persistem desde a fundação da Legião de Maria.

A questão que nos interessa é que essas palavras em latim representam um grande apelo para que os legionários permaneçam em uma unidade por todos os países nos termos principais de suas orações e símbolos. Certamente, essa atitude gera uma universalidade padronizada, facilitando a intercomunicação dos grupos. Algumas palavras em latim criam laços de identidade entre legionários, tais como: *tessera*, *catena legionis*, *vexillum legionis* e *acies*, entres outros termos usados para designar elementos característicos do seu sistema.

A admissão desses termos que acabamos de mencionar representa a expropriação do poder de mudança em termos da linguagem, ou seja, não existem nomes alternativos que possam ser usados fora do latim para substituir os nomes *tessera*, *catena legionis*, *vexillum legionis* e *acies*, uma vez que essas palavras foram incorporadas à tradição legionária, havendo a objeção ao uso de nomes diferentes.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, estudada na publicação editada no ano de 1997, através dos documentos provenientes das propostas do Concílio Ecumênico Vaticano II, revela duas distinções em relação ao estado de vida livremente escolhido, pois mostra a diferença entre os fiéis clérigos e os fiéis leigos.

Essa Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (2017a) apresenta as especificidades que correspondem a cada um deles. Todavia, para evitar qualquer confronto, ela também aponta para a igualdade da colaboração de ambos na edificação da Igreja. Assim, o apostolado dos leigos católicos prefigura uma

evangelização conforme o anúncio dos ensinamentos de Jesus, feito por ações e palavras, nas condições seculares do cotidiano, na família, no trabalho e no meio social. Por conseguinte, os leigos católicos buscam cooperar com diligência para a santificação revelada no trabalho apostólico. Nesse sentido, o conceito de leigos é definido e explicado:

Por leigos entende-se aqui o conjunto dos fiéis, com exceção daqueles que receberam uma ordem sacra ou abraçaram o estado religioso aprovado pela Igreja, isto é, os fiéis que, por haverem sido incorporados em Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, e por participarem a seu modo do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhes compete, a missão de todo o povo cristão (IGREJA CATÓLICA, 1997a, p. 31).

Por conseguinte, o laicato é chamado a contribuir com todas as suas forças, em todos os ambientes, para a santificação perene, para a evangelização e para a missão salvífica da Igreja. De fato, o apostolado é sinal de compromisso com o batismo, com os sacramentos, com a sagrada eucaristia, com a caridade, enfim, com os ensinamentos de Jesus Cristo.

Desse modo, coube aos leigos católicos unirem suas capacidades e carismas, formando suas associações. Para isso, o direito de associação está regulamentado pelo Código de Direito Canônico (CDC). Desse modo, os esforços apostólicos dos leigos católicos estão definidos:

Cân. 215 – Os fiéis têm o direito de fundar e dirigir livremente associações para fins de caridade e piedade, ou para favorecer a vocação cristã no mundo, e de se reunir para a consecução comum dessas finalidades (CDC, 2003, p. 79).

O que podemos encontrar no sistema legionário em quase 100 anos de sua história no mundo? A resposta dessa pergunta está ligada aos propósitos que Frank Duff quis valorizar no movimento de leigos católicos criado por ele. Percebemos que os soldados romanos seguiam as normas de uma instituição militar hierarquizada, devendo demonstrar obediência aos superiores das guarnições e lealdade aos demais companheiros das tropas.

Entendemos que o fundador da Legião de Maria encontrou na imitação dessa obediência e lealdade uma maneira de defender o catolicismo diante do enfraquecimento proveniente do avanço de outras crenças e do ateísmo. Assim,

esse comportamento foi estimulado por Frank Duff nas pessoas que se filiavam à associação legionária, conforme a leitura do manual legionário, pois:

Os legionários esperam tornar-se dignos da sua excelsa e celeste Rainha, pela lealdade, pelas virtudes e pela coragem. A Legião de Maria está, por isso, organizada à maneira de exército, principalmente do exército da antiga Roma, cuja terminologia adotou, se bem que as tropas e armas legionárias não sejam deste mundo (MANUAL..., 2014, p. 15).

No trecho citado do manual, a vida religiosa seria imaginada como o palco de uma batalha. Para Durand (1995, p. 110): “O primeiro gesto dessa batalha é o consentimento à condição de criatura que conhecemos como a humildade: *humilitas ancillae suae*, canta o Magnificat”. Entendemos que a Legião de Maria recomenda a formulação dos objetos em disputa no âmbito religioso pelos modos de dominação operacionalizados com base na estruturação de imagens simbólicas. Ao utilizar uma linguagem metafórica, ela exige dos seus filiados humildade e obediência ao sistema legionário com a finalidade de obter sucesso em seu apostolado, pois o êxito depende da lealdade e da devoção mariana. Nesse contexto, acrescentamos:

A Legião é um exército – o exército da Virgem humílima. Deve, pois, mostrar, no trabalho cotidiano, aquele heroísmo e sacrifício – mesmo supremos – que caracterizam os exércitos da terra. Ninguém duvida de que também aos legionários de Maria serão exigidos os mais heroicos sacrifícios (MANUAL..., 2014, p. 223).

Igualmente, alguns pontífices sustentaram uma vigorosa luta contra a secularização resultante da cultura da modernidade, promovendo, especialmente, a devoção mariana como uma forma de resistência diante de épocas perturbadas pelos perigos que ameaçavam o catolicismo. Como exemplo, temos que:

O Papa Pacelli chama a Virgem de “vencedora de todas as batalhas de Deus”. [...] Por muitas vezes esse Pontífice aplicou à Virgem a designação guerreira, tirada do livro dos Cânticos: “terrível como um exército em ordem de batalha”: *terribilis ut castrorum acies bene ordinata* (Ct 6,10). Explica, porém, que é ‘terrível’ para os inimigos, mas, para os fiéis, pelo contrário, ‘Ela avança como a aurora, bela como a lua, esplêndida como o sol’. Quais seriam esses “inimigos” de Maria e da Igreja? São – diz o Papa –, em primeiro lugar, o “materialismo prático”, o “neopaganismo”, acrescentando, de modo pertinente, o “amor ao dinheiro”, o “egoísmo opressor” e as “injustiças” em geral (BOFF, 2006, p. 117, grifos do autor).

A utilização da simbologia do antigo Império Romano pode ser compreendida como uma tentativa de reforçar a crença coletiva na eficácia da

Legião de Maria, aumentando a sua legitimidade como uma associação religiosa capaz de arregimentar e recrutar mais adeptos, alistando-os através da filiação em suas fileiras de jovens, adultos e idosos.

A associação da Legião de Maria foi estudada em algumas dissertações de mestrado tanto em Portugal quanto no Brasil, mostrando a sua relevância como um movimento de leigos católicos. De tal modo, Manuel Pereira Cação pesquisou o movimento legionário em terras lusitanas, enfatizando que:

Dada a disseminação da informação, em vários Conselhos Administrativos, *Praesidia* e documentos, as limitações deste trabalho e os condicionamentos inerentes serão enormes, pela quantidade e variedade de elementos de informações existentes. Mas é oportuno, justo e urgente que este trabalho seja feito, embora limitado, por todas estas contingências, uma vez que não há nenhum trabalho literário com esta informação e a mesma se encontra dispersa por uma grande variedade de documentação (CAÇÃO, 2014, p. 7).

Pretendemos trazer ao conhecimento dos leitores desta tese a história da Legião de Maria no município de João Pessoa. Para os fins propostos, enfrentamos dificuldades semelhantes àquelas que ocorreram nos relatos do pesquisador português. Todavia, a vontade de mostrar o movimento legionário dentro do processo de evangelização, tanto nas paróquias quanto na sociedade ao seu redor, impulsionou para levarmos os estudos adiante. Na capital paraibana existe a *Regia* Medianeira de Todas as Graças que coordena as atividades em nível estadual. Esse título mariano é muito especial dentro da Legião de Maria, na medida em que o manual enaltece que:

A Legião de Maria é uma Associação de Católicos que, com a aprovação da Igreja e sob o poderoso comando de Maria Imaculada, Medianeira de todas as graças [...], se constituíram em Legião, para servir na guerra, perpetuamente travada pela Igreja, contra o mal que existe no mundo (MANUAL..., 2014, p. 15).

Sobre o título dado a Maria como Medianeira, gostaríamos de fazer uma pequena explicação. O termo – Medianeira – é controverso e possui seus admiradores e opositores dentro do catolicismo. Por um lado, algumas explicações justificam a permanência do uso desse termo pelos fiéis devotos, tendo em vista que em muitos pontificados a palavra – Medianeira – foi enaltecida. Nesse sentido, Beraldi (2012, p. 35) destaca: “Na bula *Inefabilis* Deus, o papa Pio IX pronuncia o

termo medianeira. O papa Leão XIII também emprega a palavra medianeira quando fala sobre o Rosário”.

Uma aparição mariana deu origem à devoção a uma medalha oval em que se viam os símbolos dos corações de Jesus e de Maria. Os católicos de vários países começaram a mandar fabricar medalhas nesse modelo e passaram a acreditar no seu uso para alcançar bênçãos. Beraldi (2012, p. 21) explica: “Por ser medalha, o povo chamou a devoção de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, ou Nossa Senhora das Graças, ou ainda Nossa Senhora Medianeira de todas as graças”.

Contra a secularização da sociedade, no âmbito antirreligioso, a mariologia devocional cresce nos séculos XVIII e XIX, estimulando os elementos simbólicos. Nesse sentido, aparecem os argumentos a favor e contra a devoção mariana:

A proclamação dos dogmas da Imaculada Conceição (1854) e da Assunção (1950) aumentaram ainda mais a ‘euforia mariana’. No início da década de 1960 já se preparavam novos dogmas, de Maria medianeira de todas as graças e corredentora. Essa onda de exagero mariano começou a baixar somente com o advento do Concílio Vaticano II, esse grande momento de revisão e mudança na Igreja (MURAD, 2012, p. 18).

Ao refletir sobre o tema da mediação, esse assunto possui uma interpretação diferente na teologia antes e depois do Concílio Vaticano II, visto que:

Contudo, enquanto a teologia pré-conciliar acentuava a mediação de Maria, especialmente do ponto de vista da graça, no sentido de que a sua intercessão era quase o meio e o caminho pelos quais obter a graça de Cristo, com o Vaticano II, a perspectiva torna-se, de forma mais intensa, eclesiológica e histórico-salvífica (DEL GAUDIO, 2016, p. 135).

Podemos dizer a piedade marial cresce na Idade Média, principalmente através de São Bernardo de Claraval. Nesse sentido, a iconografia mariana com pinturas e esculturas começa a se expandir. Para organizarmos essa linha de pensamento histórico sobre a mariologia, destacamos que:

O primeiro tratado mariano é elaborado por Francisco Suarez (1584). Já o termo ‘mariologia’ foi cunhado por Plácido Nígido, em 1602. [...] São Luís Maria Grignon de Montfort [...], no *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n. 76, afirma que Maria é a rainha do céu e da terra. [...] Na década de 1970, a devoção e a teologia marianas entram numa crise sem precedentes, sobretudo nas regiões de cultura ocidental moderna: Europa, Estados Unidos e Oceania. Chegou-se ao extremo de um “minimalismo mariano”. [...] Atualmente, a reflexão sobre Maria, que chamamos de mariologia ou mariologia, expressa a pluralidade do mundo e de suas culturas (MURAD, 2012, p. 18-19, grifo do autor).

Na contemporaneidade, a devoção mariana ocorre tanto de uma maneira que preserva os resquícios da cristandade medieval quanto de uma maneira que busca desenvolver uma espiritualidade centrada na Trindade.

Por isso, no meio desse conflito de interpretações, os grupos legionários convivem dentro de uma sociedade secularizada, através da tentativa de manter o diálogo e o respeito inter-religioso. Essa é uma tarefa repleta de desafios. Por isso, cabe a Legião de Maria compreender os documentos do magistério eclesial, a começar principalmente pelas propostas originadas do Concílio Vaticano II.

2.1 Do ingresso ao *habitus*: uma identidade construída

A conduta legionária tende a perpetuar formas homogêneas nas atitudes dos seus membros, ensinadas pelos legionários mais experientes aos novatos. Nessa linha de percepção, isso faria com que sua engrenagem e seu *modus operandi* funcionassem em conjunto. Por conseguinte, invocamos o pensamento de Bourdieu sobre as práticas culturais que transformam a herança coletiva em inconsciente individual e comum, conforme a noção de *habitus*:

[...] de produzir indivíduos dotados do sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu *habitus*, ou seja, em suma, de transformar a herança coletiva em inconsciente individual e comum [...] (BOURDIEU, 2015, p. 346).

Os símbolos do exército do Império Romano foram adaptados por Frank Duff ao contexto religioso, tornando-os instrumentos capazes de sustentar a produção de um "*habitus*", expressão que utilizamos para mostrar que as reuniões legionárias são nitidamente identificáveis e possuem instruções fielmente seguidas. Adotamos, com as devidas adaptações e ressignificações, a noção de *habitus* do sociólogo Pierre Bourdieu, pois tentamos descobrir a conexão desse conceito bourdieusiano com o sistema pedagógico adotado pelos legionários, que permite a passagem de uns para os outros de suas condutas e símbolos, uma vez que a formação apostólica dos legionários ocorre pelo método mestre e aprendiz, conforme explicação seguinte:

A formação, no entender da Legião, deverá ser feita conforme o método mestre e aprendiz. É este método o processo ideal de formação, usado em todas as profissões e artes, sem exceção. Em vez de longas conferências, o mestre coloca a obra diante do aprendiz e, por demonstração prática, indica-lhe como se faz, explicando cada ponto, à medida que o trabalho

prosegue. Depois, sob o olhar do mestre, que lhe corrige os desacertos, o aprendiz tenta, por si mesmo, o trabalho. De tal método de formação surge o homem competente, o profissional. As palestras hão de basear-se, por consequência, no próprio trabalho, e cada uma das palavras se referirá a uma ação concreta, senão pouco fruto se há de colher. [...] O processo legionário é mais simples e psicológico. [...] Convidam-nos não para uma aula, mas para o trabalho que eles mesmos estão fazendo. Certos de que a tarefa não excederá as suas energias, os novos operários alistam-se, com entusiasmo, na organização, tornando-se, em breve, apóstolos competentíssimos. Além de verem como os outros membros trabalham, os candidatos tomam parte nas atividades comuns e aprendem, pelos relatórios e respectivos comentários, o melhor meio de os levar a bom termo (MANUAL..., 2014, p. 89-90).

Por conseguinte, os símbolos da Legião de Maria dão sentido à composição formal de suas reuniões e aos procedimentos utilizados em seu apostolado. A escolha de Frank Duff na produção dessa simbologia define o conteúdo que ele buscou deixar como herança para aqueles que fossem voluntariamente recrutados para essa associação do laicato católico.

As expressões simbólicas dos legionários consomem a liberação de suas energias psíquicas e biológicas. Desse modo, recorreremos à tríplice acepção de Gilbert Durand, conforme a seguinte explicação, descrita por Cavalcanti e Cavalcanti (2015, p. 21): “[...] liberação de energia psíquica e biológica: induzindo aos símbolos, na tríplice acepção de Durand – gestuais, linguísticos e iconográficos”. Assim, ao optarmos pelo sistema de crenças cuja eficácia e durabilidade estariam interligadas à mobilização das pessoas dentro da devoção mariana, percebemos:

A Virgem Maria constitui na cristandade essa articulação visionária necessária entre os dois mundos, o da corte celestial e o da queda do pecado... Talvez ninguém melhor do que São Bernardo, restaurador da devoção mariana no século XII, exprimiu a necessidade da mediação visionária da Virgem [...] (DURAND, 1995, p. 87).

No estandarte da Legião de Maria, a águia romana foi trocada pelo símbolo do Espírito Santo, e o comandante supremo foi substituído por Nossa Senhora. Essas adaptações simbólicas fizeram surgir a necessidade de um desenho conveniente para representar a *tessera* das orações legionárias, pois:

Tornava-se também necessário um desenho conveniente para embelezar a pagela (*tessera*) das orações. Vivia então em Dublin um jovem artista, Humbert Mc Goldrick. Conseguira já um certo renome como pintor de vitrais. Frank conhecia duas irmãs do artista e estas apresentaram-no ao irmão. Após várias conversas, pintou o quadro que ofereceu à Legião e agora aparece na pagela das orações e na capa do Manual (ORIGEM, 2001, p. 7).

Além disso, o nome legionários de Maria caracterizava perfeitamente o movimento. Por conseguinte, os filiados da Legião de Maria, na tentativa de imitar os antigos legionários do Império Romano, devem agir com zelo, coragem e obediência. As guarnições romanas eram chamadas de *praesidia* e assim os grupos da Legião de Maria aderiram a essa nomenclatura. O uso do latim apresentou algumas vantagens, pois os grupos que formam essa associação são designados pelos mesmos nomes em todas as nações, facilitando a unidade da linguagem, mesmo em países com idiomas muito diferentes. Assim, a Legião de Maria também soube utilizar o imaginário que estava ao seu alcance no universo simbólico de sua religiosidade.

Nas possibilidades que o imaginário concedeu às Ciências da Religião, concordamos com a reflexão sobre aquilo que é necessário no estudo do imaginário, conforme a seguinte corrente de pensamento:

Para estudar o Imaginário é preciso abrir a mente para uma postura intelectual que não se prenda ao racionalismo. Preserva-se a consciência, o intelecto, a compreensão, a sensibilidade e as formas sensíveis da razão. Abdica-se do medo do transcendente e da recusa do imponderável (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2015, p. 15).

Nesse sentido, cada novo legionário recém filiado é um novo indivíduo a ingressar nas fileiras do apostolado desse movimento, abrindo, assim, futuras possibilidades de mais recrutamento, o qual é uma questão de sobrevivência, para repor as perdas nos grupos ocasionadas pelos falecimentos dos membros mais idosos.

Um número razoável de recrutamento é necessário para que exista a possibilidade de pessoas diferentes exercerem os cargos de presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, ou seja, os cargos de membros oficiais de cada grupo. Se o número de novos membros for pequeno, isso acarretará que um grupo reduzido de pessoas sempre fique trocando de cargo entre elas.

A presença da ordem disciplinar e das condutas regulares em suas orações e tarefas práticas mostram que existe um *habitus* entre os membros da Legião de Maria, implicando em comportamentos e linguagens previsíveis, principalmente em circunstâncias que envolvem a devoção mariana.

Por isso, na organização legionária ocorre a valorização do compromisso entre os voluntários que estão inseridos nela, evitando a desobediência ou o

desleixo no cumprimento dos seus deveres religiosos, conforme observamos no seguinte alerta:

A Legião faz saber a seus membros que não têm a liberdade de mudar ou variar, como lhes agrada, os seus regulamentos e práticas. O sistema legionário é este e não outro. Qualquer mudança, por menor que pareça, arrasta inevitavelmente a outras, a ponto de nos encontrarmos, dentro de pouco tempo, perante um organismo que, de Legião, pouco ou nada terá, a não ser o nome (MANUAL..., 2014, p. 166).

Percebemos isso com mais clareza quando lembramos que técnicas de socialização de grupos religiosos podem ter no *habitus* uma força geradora de práticas que buscam imprimir uma durabilidade e a conservação de seus regulamentos. Assim, as virtudes dos combatentes romanos seriam estruturas predispostas a funcionar como estruturantes da Legião de Maria. Desse modo, a obediência e a lealdade seriam disposições interiorizáveis e transponíveis para os legionários dentro da hierarquia de seus grupos.

A ordem na estrutura das relações estabelecidas entre os grupos busca reproduzir a imagem da unidade, contribuindo para sancionar a hegemonia do sistema hierárquico, pois os conselhos superiores possuem o poder de fiscalizar os grupos diretamente filiados, havendo um maior controle sobre os seus membros e um menor risco para a instituição legionária.

Seria muito difícil dissociarmos a trajetória de vida de Frank Duff da história da Legião de Maria. Elas parecem ser interdependentes, pois Frank Duff tinha convicção do seu compromisso como fundador de uma associação do laicato católico. Se a Legião de Maria possui, até o momento, uma história de longa duração, é provavelmente resultado dos comportamentos e símbolos instituídos por ele, o qual viveu quase um século e durante a maior parte desse tempo dedicou-se plenamente aos trabalhos legionários. Essa longevidade do seu fundador deixou marcas na organização legionária, conservando as suas estruturas.

Dentre as características da Legião de Maria, podemos analisar a engenhosa simbologia estruturada por Frank Duff, transpondo os símbolos do antigo exército do Império Romano à cultura devocional mariana. Essa transformação dos símbolos do universo bélico ao universo religioso foi, possivelmente, racionalizada pelas necessidades da construção de um esquema perceptível pelos membros dessa associação que os levassem a agir como supostos soldados em busca do êxito legionário.

Ao analisarmos a adaptação simbólica, percebemos que Frank Duff buscou ressaltar características positivas no contexto dos termos referentes ao exército do Império Romano.

Enquanto associação que faz uso do sistema simbólico, a Legião de Maria constrói um alicerce de elementos internos que estruturam as experiências revestidas do caráter sagrado dos seus membros. Sobre a ação da religião diante das instituições sociais, observamos:

Sua força reside na capacidade de transfigurar as instituições sociais (portanto, construções humanas, culturalmente condicionadas) em instituições de origem sobrenatural ou inscritas na natureza das coisas. O mesmo efeito de consagração pode aplicar-se a atributos de grupos ou pessoas, que passam a ser considerados como frutos do desígnio divino ou de uma ordem natural intocável. Neste sentido, a religião é uma força *estruturante* da sociedade, pois aplicada às relações sociais (em si mesmas arbitrariamente construídas) ela, “da necessidade de virtude”, transforma o “assim é” em “assim deve ser”, ou em “assim não pode ser”. A isso Bourdieu chama de *alquimia ideológica*, porque ao revestir o que é produto humano (portanto uma criação arbitrária e relativa a seu tempo) com o caráter sagrado (inquestionável e perene), a religião desempenha a função simbólica de conferir à ordem social um caráter transcendente e inquestionável (OLIVEIRA, 2011, p. 179, grifo do autor).

Isso traz à tona uma dimensão da espiritualidade a que todo leigo pode ser chamado a vivenciar. Entendemos que Frank Duff pretendia intensificar a capacidade de luta dos legionários a favor da devoção mariana. Nessa perspectiva, a luta não é vista como algo ruim ou destrutivo, mas como uma forma de impulsionar novos padrões de comportamento entre os leigos católicos no sentido da sua formação como legionários, defensores e difusores da fé.

Naquela época, essa atitude permitiu a superação dos obstáculos enfrentados na sua implantação e expansão pelas paróquias. A lógica do estilo militar criava um espírito corporativo entre os legionários, com base na hierarquia e na obediência. Além disso, era fundamental treinar os leigos católicos a tornarem-se legionários, uma vez que as reuniões semanais serviriam para afastar o esmorecimento e ensinar as responsabilidades de cada novo membro que se filiava a essa associação católica.

A espinha dorsal da Legião de Maria sempre foi a realização de suas orações diárias. Por isso, essa rotina deveria ser estimulada até conseguir ser transformada em uma força formadora de hábitos cotidianos de sua religiosidade, um código de conduta aplicável a todos os legionários.

Nesse plano, uma das características próprias do processo de assimilação de conhecimentos, ocorre:

Com efeito, uma das características próprias da ação pedagógica institucionalizada (enquanto inculcação explícita de modelos explícitos) reside no poder de comandar a prática tanto ao nível inconsciente – através dos esquemas constitutivos do *habitus* cultivado – como ao nível consciente – através da obediência a modelos explícitos (BOURDIEU, 2015, p. 125).

Desse modo, os leigos principiantes na Legião de Maria possuem um aprendizado submetido às regras e aos valores da piedade contidos na leitura do manual, através da retrospectiva dos esquemas herdados e intencionalmente cultivados. Ocorre, nesse contexto, o risco da petrificação pelo hábito, conforme o seguinte conselho:

[...] quando nos damos conta de que nosso mundo foi petrificado pelo hábito. Acostumamo-nos a falar sobre o mundo de uma certa forma, pensamos-lo sempre dentro dos mesmos quadros, vemos tudo da mesma forma, e os sentimentos se embotam por sabermos que o que vai ser é igual àquilo que já foi. Mas, quando brincamos de faz-de-conta, é como se o nosso mundo repentinamente parasse à medida que a linguagem, o pensamento, os olhos e o sentimento de outro fazem surgir um mundo novo à nossa frente (ALVES, 2009, p. 117).

As crenças e práticas da devoção mariana auxiliaram no deslocamento das aspirações dos leigos católicos através de um comprometimento com a doutrina da Igreja católica. Por conseguinte, a devoção mariana era uma condição fundamental, fornecendo elementos indispensáveis para as atividades dos legionários, entre os quais o Rosário. Por isso, a Igreja católica sempre manteve as orações marianas, depositando muitas esperanças na devoção do Rosário. Nessa perspectiva, sobre a análise do Magistério papal acerca do Rosário, no aspecto da devoção sociomariana, observamos que:

João XXIII, na Epístola apostólica *O encontro religioso* (29/9/1961), recomenda o Rosário, declarando-o uma “grande prece pública e universal em ordem às necessidades [...] da Igreja, das nações e do mundo inteiro”. Para o Papa Roncalli, cada fiel que recita o Rosário é o mundo em oração, com todos os seus gritos e esperanças. Paulo VI produziu três documentos sobre o Rosário: as encíclicas *Mense maio* (29/4/1965) e *Christi matri* (15/9/1966), assim como a exortação apostólica *Recurrrens mensis october* (7/10/1969). Também ele põe a oração do Rosário no contexto dos grandes problemas sociais do tempo: a fome, a injustiça e a principalmente a guerra (BOFF, 2006, p. 117-118, grifos do autor).

A Legião de Maria possui muito apego às orações, pois a maioria dos seus membros rezam todos os dias o terço (parte do Rosário) como uma maneira de livrar a humanidade dos males do mundo. Como um ato devocional, ele é um elemento utilizado por muitas gerações de católicos, tendo o apoio do Magistério da Igreja. Sabemos que no início do cristianismo, muitas formas de rezar foram desenvolvidas, principalmente a oração vocal. Para explicarmos sobre a contemplação religiosa através do Rosário, mostramos algumas etapas de sua história e as mudanças que aconteceram em vários períodos, na medida em que recorreremos a descrição a seguir:

Não se sabe quando os cristãos começaram a rezar a Ave-Maria como oração vocal. Na Idade Média, uns monges analfabetos, que não podiam ler os salmos, recitavam de memória algumas frases. Assim como para os cento e cinquenta salmos, eles rezavam, no correr do dia, o mesmo número de Ave-Marias, mas somente a primeira parte, composta pela saudação do anjo (Lc 1,28) e as palavras de Isabel (Lc 1,42). Embora haja uma lenda de que São Domingos tenha recebido diretamente de Maria o rosário, sabe-se que o dominicano Frei Henrique Kalkar, por volta do ano 1300, fez a divisão das Ave-Marias em quinze dezenas, com o Pai-Nosso iniciando cada uma. Mais tarde, outro monge propôs a meditação dos mistérios. Um século depois, o dominicano Alano de la Rocha dividiu o rosário em mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. Com eles se contemplavam, respectivamente, a encarnação do Filho de Deus, sua Paixão e morte, a ressurreição e glorificação de Jesus e de Maria. A segunda parte da Ave-Maria foi incorporada ao rosário provavelmente a partir do ano 1480. Assim, o rosário se espalhou por toda parte. Como é uma oração fácil, o povo aprendeu logo. Muitas confrarias de leigos e institutos religiosos promoveram sua devoção. Trata-se de exemplo típico de devoção que não é somente popular [...]. O rosário nasceu no ambiente de convento de frades. Espalhou-se inicialmente a partir de movimentos leigos e institutos religiosos, especialmente após o Concílio de Trento [...]. O Papa João Paulo II, na carta apostólica *O Rosário da Virgem Maria*, de 2002, propôs acrescentar os mistérios luminosos, que contemplam a missão de Jesus. Assim, o rosário passou de cento e cinquenta para duzentas Ave-Marias, divididas agora em quatro blocos de mistérios. [...] O nome 'rosário' quer dizer uma corrente de cento e cinquenta Ave-Marias, como uma coroa de rosas. Em português se usa a expressão 'terço'. Significa, como a palavra diz, a terça parte do rosário, ou seja, cinquenta Ave-Marias. Um rosário completo, antes do acréscimo de João Paulo II, era composto de três terços. Agora, são quatro terços. A devoção do terço é livre. Reza-se sozinho ou em grupo, a qualquer hora do dia ou da noite, de muitas formas (MURAD, 2012, p. 214-215).

A história da Irlanda, marcada pelas tensões políticas e pelos conflitos entre católicos e protestantes, marcou a vida de Frank Duff. Isso nos permite descobrir o porquê da associação fundada por ele tentar recuperar os católicos irlandeses para uma piedade tradicional, ancorada na devoção a Maria e aos santos, nas procissões, no catecismo, na reza do terço e numa moral centrada no cumprimento

dos sacramentos. Desse modo, uma de suas preocupações era dificultar a filiação das pessoas ao protestantismo. Assim, a devoção mariana visava manter os leigos católicos bem próximos do movimento dos grupos legionários, na medida em que, no contexto dos signos de distinção que identificam as coletividades sociais, evidencia-se a concorrência como um fator naturalizado, pois:

Demais, a preocupação em definir a originalidade da comunidade em face de doutrinas concorrentes leva à valorização dos *signos distintivos* e das *doutrinas discriminatórias* a fim de lutar contra o indiferentismo e dificultar a passagem à religião concorrente. [...] Neste contexto, o breviário, o livro de sermões ou o catecismo, desempenham, ao mesmo tempo, o papel de um receituário e de um resguardo, estando, portanto destinados a assegurar a economia da improvisação e a impedi-la (BOURDIEU, 2015, p. 69, grifo do autor).

A problematização da tese procura questionar até onde o pertencimento à associação da Legião de Maria oferece aos leigos católicos uma experiência religiosa que leve ao amadurecimento da própria fé, numa sociedade em processo de secularização.

A princípio, ressaltamos que a Legião de Maria surge como uma oportunidade para a mobilização dos leigos católicos na Irlanda, sendo posteriormente espalhada para outros países em vários continentes. A ordem simbólica de suas estruturas contribui para a inculcação do pensamento religioso católico nas ações do laicato. Quando utiliza a autoridade religiosa de que dispõe a fim de combater o avanço de outras crenças em território irlandês, essa associação reforça o argumento de Bourdieu (2015, p. 70): “A autoridade propriamente religiosa e a força temporal que as diferentes instâncias religiosas podem mobilizar em sua luta pela legitimidade religiosa dependem diretamente do peso dos leigos por elas mobilizados [...]”. Por conseguinte, nessa mobilização, os grupos legionários buscam que seus membros vivenciem o catolicismo em suas práticas sociais, pois acreditam nas atividades devocionais marianas e na doutrina católica, tendo a espiritualidade como uma finalidade primordial, na medida em que:

A *Legio Mariae* tem como objetivo a ‘conquista do mundo’ o que, no plano religioso católico significa a conquista das almas. O movimento legionário não está preocupado com as carências sociais ou com outras formas de demanda coletivas. A sua prioridade é espiritual, ou seja, cuidar das almas dos fiéis mesmo que isso signifique uma apropriação de seus modos de vida (OLIVEIRA, 1994, p. 15).

Um sistema de autoridade pode ser percebido como convencional dentro desse grupo religioso, pois os desvios de condutas com relação ao manual legionário são desaprovados de maneira perceptível. Isso aumenta a probabilidade de que os membros dos grupos legionários possuam um comportamento em conformidade com suas regras, evitando quaisquer tipos de desaprovações. Com relação à garantia da legitimidade da autoridade, o pensamento weberiano mostra:

Em uma base puramente subjetiva, ou seja, que se deve a: 1) aceitação meramente afetiva ou emocional; 2) provir de uma crença racional na validade absoluta da autoridade como uma expressão de valores últimos obrigatórios, sejam éticos, estéticos ou de qualquer outro tipo; 3) originar-se em atitudes religiosas, isto é, guiada pela crença de que a salvação depende da obediência à autoridade (WEBER, 2002, p. 61).

A participação do laicato era o pano de fundo da Legião de Maria, na medida em que ela possuía várias expectativas tanto na forma quanto no conteúdo da aplicação de suas regras para que seus membros realizassem o apostolado de maneira compromissada. Nesse sentido, a discussão com relação ao apostolado dos leigos na Igreja católica só ocorreria com mais profundidade no Concílio Vaticano II, no período de 1962 a 1965. Por isso, a Legião de Maria, desde 1921, já orientava e incentivava o laicato católico em sua formação apostólica, incentivando a religiosidade dos leigos por meio do apostolado, conforme Bradshaw (2012, p. 197): “[...] Frank expusera e propagava, diligente e perseverantemente, através da Legião de Maria e do Manual da Legião, pelos quatro cantos do globo, a doutrina do Corpo Místico e o conseqüente dever de o laicato ser apóstolo”.

A Legião de Maria representa um grupo de leigos católicos no qual já existem alguns processos que buscam reconhecer a santidade de alguns membros, entre os quais: Frank Duff, Alphonsus Lambe e Edel Quinn. A canonização faz parte de um processo formal de reconhecimento, de acordo com as regras da hierarquia da Igreja católica romana, tendo em vista uma possível autorização para que a imagem e a memória de uma pessoa sejam liturgicamente cultuadas, conforme a seguinte explicação:

Este consiste em várias fases processuais, iniciadas em âmbito diocesano e completadas pela Congregação para as Causas dos Santos. Durante o processo, o fiel candidato “ao altar” é sucessivamente designado como “servo de Deus”, “beato” e finalmente “santo”. A cerimônia litúrgica na qual um beato é inscrito no “elenco” (lat. *canon*) dos santos e santas chama-se canonização (BEOZZO; MARQUES, 2004, p. 113, grifo dos autores).

No contexto da história, a devoção marial tornou-se uma grande aliada da expansão do catolicismo. Em muitas situações, seus fiéis devotos consideravam essa aliança como símbolo de um exército em ordem de batalha. Por essa razão, é fácil deduzir que na religião e na política, sua imagem tenha sido explorada e até mesmo manipulada em contextos históricos militares, explorando a ingenuidade social.

Ao analisar os múltiplos desdobramentos da devoção marial, Gebara (2009, p. 11) expõe: “Sabemos o quanto grandes ditadores apresentavam-se como grandes devotos de Maria como, por exemplo, Augusto Pinochet, que chegou ao ponto de proclamá-la a grande generala dos exércitos chilenos”.

Nas escolas, houve uma crescente secularização, fruto da difusão da laicidade no setor público, aproximando cada indivíduo da opção por sistemas diversos de administrar os colégios e o ensino religioso. Democraticamente, a exigência pelas instituições públicas passou a refletir o pluralismo das religiões.

Por pressão da sociedade, as escolas públicas inclinaram-se para a laicidade, forçando as escolas católicas a adentrarem no setor privado. Portanto, um significativo lugar de participação para os leigos foi aberto no espaço da educação formal, pois:

Eles já não são apenas colaboradores nas obras dos(as) religiosos(as), mas parceiros na missão. Faz-se necessário, por isso, investir na formação humana, profissional e religiosa dos leigos que se associam à missão da educação, partilhar com eles os carismas dos institutos, sem pretender que tenham o estilo de vida e o grau de dedicação exclusivos de consagrados. Com a crescente participação dos leigos, os mecanismos que regem as instituições católicas também devem ser modificados, de forma a possibilitar divisão do poder e um assumir conjunto de responsabilidades (MURAD; MAÇANEIRO, 1999, p. 46).

Essa missão adquire importância porque o ensino religioso, pedagogicamente projetado para ser dialogado, começou a elaborar os saberes de forma a contribuir com o pluralismo das religiões em suas experiências de fraternidade. Com isso, a devoção mariana, veiculando apenas valores católicos, viu diminuída sua presença nas escolas públicas, uma vez que a aprendizagem oficial do Ensino Religioso passou a priorizar a diversidade religiosa cultural brasileira.

Desse modo, a instrução catequético-doutrinal não poderia mais utilizar a escola para formar futuros fiéis, pois, constitucionalmente, trata-se de um espaço onde são vedados os vários tipos de proselitismos. O Ensino Religioso é uma

disciplina de matrícula facultativa, baseada em concepções do laicismo dentro do processo pedagógico, uma vez que:

O Ensino Religioso na escola quer contribuir no aspecto do fenômeno religioso, considerando religioso a qualidade do questionamento e da atitude com que a enfrentamos, uma vez que o Ensino Religioso trata o religioso como capacidade que vai além da superfície das coisas, acontecimentos, gestos, ritos, normas e formulações, para interpretar toda a realidade em profundidade crescente e atuar na sociedade de modo transformador e libertador (JUNQUEIRA, 2002, p. 83).

As legislações no cenário da educação trabalharam para que o Ensino Religioso favorecesse a reflexão sobre a identidade brasileira a partir do fenômeno religioso e cultural. Como componente escolar, os docentes assumiriam o desafio de estruturar o processo de escolarização dessa disciplina em consonância entre diversos conteúdos que envolvessem as questões religiosas nacionais, valorizando o pluralismo das religiões.

Nesse sentido, muitas festas do calendário litúrgico deixaram de ser comemoradas nas escolas, deixando a tradição mariana do catolicismo restrita às escolas cuja administração ainda pertence às congregações religiosas. A relação do laicato com o mundo depende dos processos sociais e das mentalidades vigentes na sociedade, devendo ser examinada em sua especificidade histórica e cultural, pois a atitude religiosa pode comprometer-se na dinâmica das instituições. Na base desse raciocínio, a compreensão da religião como detentora de autonomia e, ao mesmo tempo, sendo influenciada pelos processos históricos é necessária para entendermos as várias fases de institucionalização do ensino.

2.2 Do Decreto *Apostolicam Actuositatem* às paróquias

No Concílio Ecumênico Vaticano II, podemos destacar o Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA) sobre o apostolado dos leigos, o qual abordou a vocação apostólica do laicato nos diversos ambientes sociais e nas diferentes formas associativas dos fiéis leigos que desempenham sua missão voluntária na Igreja católica. Consultamos o texto do Decreto *Apostolicam Actuositatem* na publicação realizada pela Editora Paulus, no ano de 1997, obra que reuniu os documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. O Papa Paulo VI promulgou solenemente esse decreto conciliar no dia 18 de novembro de 1965, conforme o encerramento da

oitava sessão pública. O Concílio, querendo intensificar a atividade apostólica do laicato, recordou a sua vocação cristã, pois:

O sagrado Concílio, querendo tornar mais intensa a atividade apostólica do povo de Deus, dirige-se solícitamente aos fiéis leigos, cujas funções, próprias e inteiramente necessárias na missão da Igreja, já recordou noutros lugares. Com efeito, o apostolado dos leigos, uma vez que dimana da sua própria vocação cristã, jamais pode deixar de existir na Igreja. A própria Sagrada Escritura demonstra abundantemente quão espontânea e fecunda foi tal atividade nos primórdios da Igreja (cf. At 11,19-21; 18,26; Rm 16,1-16; Fl 4,3). Ora os nossos tempos exigem não menor zelo dos leigos; pelo contrário, as circunstâncias atuais reclamam da parte destes, um apostolado mais fecundo e absolutamente mais vasto. De fato, o aumento crescente da população, o progresso das ciências e da técnica, as relações mais estreitas entre os homens não só dilataram imensamente os campos do apostolado dos leigos, em grande parte só a eles acessíveis, como suscitaram novos problemas que requerem a sua inteligente solícitude e o seu esforço. [...] Neste Decreto pretende o Concílio esclarecer a natureza, a índole e a variedade do apostolado dos leigos, bem como enunciar os princípios fundamentais e dar instrumentos pastorais para o seu mais eficaz exercício. Todas estas coisas se tenham em conta de normas, na revisão do Direito Canônico, no referente apostolado dos leigos (IGREJA CATÓLICA, 1997b, n. 1, p. 369-371).

A iniciativa dos leigos católicos de evangelização, muitas vezes, requer o agrupamento em associações, a fim de trabalhar para que a mensagem cristã seja recebida pelo maior número de pessoas. Nesse sentido, o Decreto *Apostolicam Actuositatem* mostra o valor das associações que atuam internacionalmente, destacando, de maneira especial, as associações e grupos internacionais de católicos. A Legião de Maria possui grupos formados em vários países, sendo reconhecida como uma associação internacional de leigos católicos.

Mais do que a execução de uma atividade apostólica, os legionários propõem uma forma de viver a espiritualidade cristã e a devoção mariana. Assim, as orações, as atividades apostólicas na sociedade, a vida conjugal, a vida familiar e vida profissional buscam ser realizadas com a capacidade de aceitar os ensinamentos de Jesus e proclamá-los com fé por palavras e ações. Nessa perspectiva, o Decreto *Apostolicam Actuositatem* define o apostolado inserido na missão da Igreja:

A Igreja nasceu para que, dilatando o Reino de Cristo por toda a terra para glória de Deus Pai, torne os homens participantes da redenção salvadora e por meio deles todo o mundo seja efetivamente ordenado para Cristo. Toda a atividade do corpo místico orientada para este fim chama-se apostolado, que a Igreja exerce, por meio de todos os seus membros, de maneiras diversas; com efeito, a vocação cristã, por sua natureza, é também vocação ao apostolado (IGREJA CATÓLICA, 1997b, n. 2, p. 371).

O apostolado da Legião de Maria mobiliza a vocação cristã dos leigos católicos, no sentido da vivência da fé e da experiência de falar sobre a religiosidade no âmbito das paróquias. Sobre o conceito de paróquia explicado nas leis da disciplina canônica entendemos: “Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano” (CDC, cân. 515, 2003, p. 155).

Se o leigo deve ser treinado para o apostolado, tal exercício espiritual e prático depende sobretudo da consciência do compromisso batismal. Essa compreensão assumiu pesos desiguais de acordo com a conjuntura histórica da Igreja católica, mas foi ressaltada após a realização do Concílio Vaticano II. A partir de então, nas paróquias não poderia faltar, por conseguinte, o ensinamento sobre o apostolado, a fim de manter a perseverança na fé no meio das atividades cotidianas. Esse testemunho não é um dom herdado por nascença, pois é algo que se aprende através do amadurecimento da fé cristã. Tendo como exemplo, as pessoas vocacionadas à vida sacerdotal e à vida religiosa consagrada que fazem seus votos após um período de aprendizado em vários estágios, também os leigos passariam por graus de engajamento.

A formação dos leigos nem sempre foi uma atitude primordial entre os membros da hierarquia eclesiástica. Desse modo, as concessões à participação do laicato eram feitas em doses homeopáticas, pois:

A lógica do mercado de bens religiosos é tão sólida que todo reforço do monopólio da Igreja, isto é, toda extensão ou aumento do poder temporal e espiritual do corpo sacerdotal sobre os leigos (por exemplo, evangelização), implica em uma duplicação das concessões feitas tanto na esfera do dogma como na esfera da liturgia às representações religiosas dos leigos assim recrutados (BOURDIEU, 2015, p. 66).

Por detrás das aparências de uma unidade harmônica, havia a diversidade das experiências religiosas dos leigos. A interpretação dos vários perfis dos membros do laicato permitia verificar a existência de vários grupos com diferentes propostas de atuação. Dessa forma, para ressaltar a consciência do pertencimento religioso, a hierarquia católica buscou a integração das demandas dos vários grupos, com o intuito de distanciá-los de práticas religiosas concorrentes. Assim, a sistematização do apostolado teve por efeito manter os leigos próximos da

autoridade eclesial. Desse modo, continuaria a manutenção da legitimidade religiosa que favorecia as hierarquias do clero, as quais sobreviveriam como detentoras das competências necessárias para gerir toda a estrutura das relações constitutivas do catolicismo.

Certamente a participação ativa de Frank Duff entre os líderes dos movimentos dos leigos católicos daquela época foi uma das causas que motivou o seu convite para acompanhar o Concílio Ecumênico Vaticano II no ano de 1965, uma vez que:

O Concílio reabriu formalmente a 14 de setembro. [...] Como um dos auditores leigos, foi-lhe dado um ótimo lugar, que o tornava capaz de seguir tudo com facilidade e satisfação. [...] Cardeais, bispos, superiores religiosos reconheciam-no e aproximavam-se dele de braços abertos, com calorosas saudações. Muitos deles já o tinham visitado na Irlanda. Havia promovido a Legião de Maria nas suas dioceses e estavam entusiasmados com ela. Outros dignitários da Igreja, que não o conheciam, paravam de repente, quando viam a *Vexillina* de ouro na sua lapela e exclamavam: 'Ah! o Sr. deve ser Frank Duff!'. Frank sentia-se eternamente grato aos Legionários do Gana que lhe haviam oferecido aquela *Vexillina* (BRADSHAW, 2012, p. 196-197).

Ao analisarmos o trecho anterior, percebemos que a *vexillina* foi um símbolo que ajudou na identificação de Frank Duff como um membro da Legião de Maria. Isso reforça o poder dos símbolos nas instituições religiosas por eles representadas. A *vexillina* é um tipo de broche que reproduz a imagem do *Vexillum Legionis*. Esse adorno pode ser usado nas vestimentas, principalmente blusas e paletós, pois possui alfinete e fecho, facilitando a sua colocação na roupa.

O Concílio Vaticano II aprovou novas diretrizes para a formação do laicato, conforme o Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos. A partir dessas renovações, muitos antigos movimentos católicos foram julgados como retrógrados para a época. Essas críticas atingiram as atividades desempenhadas pela Legião de Maria, que passou por dificuldades nesse momento, conforme podemos verificar nos relatos descritos por Bradshaw (2012), sobre as preocupações de Frank Duff, nesse período histórico da Igreja católica:

Em algumas regiões houve grande dificuldade de recrutamento de novos membros para a Legião. À luz do 'novo pensamento desfraldado na Igreja', alguns julgaram que o sistema disciplinado da Legião e a sua forte insistência na oração estavam fora de moda, para a nova geração. Tudo isso entristeceu Frank que sabia que estes eram os verdadeiros elementos que produziam tão maravilhosos resultados, quer no Legionário, individualmente, quer nas almas, a favor das quais trabalhavam. Além disso, tinha agora uma compreensão mais clara do que nunca daquilo que a

Igreja queria. Dir-se-ia que o Vaticano II aprovara, expressamente, tudo quanto a Legião procurava fazer. Notou a especial insistência do Concílio no desejado envolvimento dos leigos na missão espiritual da Igreja e, de modo particular, a diretriz segundo a qual as pessoas deviam ser treinadas para falar da religião aos homens, seus companheiros. O Concílio repetiu a ordem de Cristo de pregar o Evangelho, na sua totalidade, a todos os homens. Isso significava, indiscutivelmente, que devemos abordar, em vasta escala, os milhões dispersos pelo mundo, que ainda não conhecem ou não entendem a completa Redenção operada por Cristo, ou o maravilhoso tesouro espiritual que Ele legou à sua Igreja (BRADSHAW, 2012, p. 200).

Os padres conciliares demonstraram a consciência da absoluta necessidade da Igreja em oferecer mecanismos de formação espiritual aos seus diversos membros leigos, habilitando-os a desempenhar na prática a sua vocação batismal. Eis o protótipo de uma comunidade unida pelo batismo. Para entendermos melhor o sinal constitutivo do batismo em sociedades cristãs ancestrais, recorreremos ao contexto da memória histórica:

Como se constituía o corpo eclesial primitivo? Qual era seu sinal constitutivo? Era sem dúvida o batismo. Na vida das pessoas que participavam das comunidades de base o batismo era um marco divisório de importância fundamental e de múltiplas redundâncias no plano social. O batismo era o passo decisivo na vida do cristão (Rm 6,3-5; Jo 3,5), em torno do qual todo o resto girava e que era lembrado durante todo o resto da vida, seja na liturgia pascal com a renovação das promessas do batismo, seja nas ocasiões em que o cristão era chamado a testemunhar sua fé. [...] O cristianismo deu um significado inteiramente novo a um rito antiquíssimo, que se encontrava em muitas religiões e evocava o poder purificador da água. Os prosélitos judeus se batizavam e assim fez João Batista, que pertencia a um movimento batista particularmente fervoroso. A prática inovadora de Jesus deu a este rito do batismo um novo significado, o do renascimento pelo Espírito Santo. Batizar-se era nascer de novo, começar uma nova vida, reorganizar toda a vida em torno de um novo projeto. O próprio corpo social cristão se formava em torno do batismo e articulava toda a vida comunitária em referência a ele, como a liturgia, o catecumenato e a catequese, a Eucaristia, a penitência, o jejum e as orações. Foi com razão que a liturgia batismal da Igreja primitiva apresentava o batismo como a última batalha de uma luta mítica tão antiga como a própria história humana, a luta entre as águas primordiais e Javé. Daí a razão por que essa liturgia apresentava três prefigurações ou “tipos” do batismo: o dilúvio (Gn 6-8), a passagem pelo mar Vermelho (Ex 14,15-31) e a passagem pelo Jordão para entrar na terra prometida (Js 3,9-17). As águas simbolizavam os poderes maléfic dos quais a arca de Noé salvou os eleitos, enquanto o batismo ou passagem pela água (1Cor 10,1-2) ‘salvou’ dos poderes da água. No cristianismo ulterior, e sobretudo depois do abandono de um catecumenato rigoroso e bem planejado em preparação ao batismo, o sentido do mesmo ficou obnubilado aos olhos da maioria dos cristãos. Inaugurava-se então a época dos batismos de crianças ou batismos ‘sociológicos’ e o relaxamento paulatino do compromisso batismal e com isso do próprio modelo eclesial que nele encontrava sua consistência vital (HOORNAERT, 1986, p. 170-171).

A abertura para uma autêntica consciência moral cristã está na rejeição do conformismo diante das várias situações anticristãs. Na atualidade, compreendemos que a doação de tempo e de serviço voluntário ao apostolado contribui para a evangelização.

Na abordagem da Legião de Maria, a experiência de fé dos legionários é cultivada principalmente na devoção mariana e realizada em grupos, não se destinando apenas a transmitir orações, mas também trabalhos de apostolado através de visitas domiciliares a outros membros do laicato.

Os propósitos que conduzem as atividades legionárias são as visitas domiciliares que os levam a falar de assuntos da religião católica às pessoas, principalmente aquelas residentes na área de cada paróquia. Por isso, leituras bíblicas, orações e a recitação do rosário são condutas que ocorrem com frequência nas visitas semanais.

As renovações do Concílio Vaticano II tiveram um impacto desafiador na Legião de Maria, uma instituição culturalmente disciplinada e hierarquizada. Assim, a capacidade de adaptação passava por um processo de mudanças dentro da sua participação no movimento dos leigos católicos.

Alguns pensamentos foram desfraldados nas paróquias, sendo oriundos dos pensamentos pós-conciliares, entre os quais o declínio da devoção mariana, atingindo o apostolado da Legião de Maria. Nesse período, muitos sacerdotes não estavam convencidos sobre a necessidade de associações devocionais em suas paróquias, e muitos leigos católicos reclamavam que não recebiam o apoio necessário de seus párocos para guiarem as suas atividades de devoção mariana. Várias releituras da mariologia começaram a ser apontadas:

Os movimentos de renovação da Igreja, que culminaram no Concílio, iam em direção contrária à mariologia da época. O movimento bíblico e o estudo da patrística, com a 'volta às fontes', pedem maior centralidade na pessoa de Jesus, questionando uma visão de Maria desvinculada da cristologia. [...] Como fruto de todo esse processo de renovação, o Concílio Vaticano II inseriu Maria no capítulo VIII do documento *Lumen Gentium*. Situou Maria no mistério de Cristo e da Igreja, e não num tratado à parte, como queriam os grupos conservadores (MURAD, 2012, p. 18-19).

A renovação da piedade mariana, na perspectiva do Concílio Vaticano II, retomava a sua função salvífica subordinada à visão centrada em Jesus Cristo, ou seja, cristocêntrica. Mas, alguns títulos que alimentavam a devoção mariana ainda

permaneceram, embora com certos relativismos, conforme destacamos na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Por isso, a bem-aventurada Virgem é invocada, na Igreja, com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira. Mas isto deve entender-se de modo que nada tire nem acrescente à dignidade e à eficácia de Cristo, Mediador único. Nenhuma criatura pode colocar-se no mesmo plano que o Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de modo diverso pelos ministros sagrados e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, única, se difunde realmente em modos diversos pelas suas criaturas, assim também a única mediação do redentor não exclui, antes suscita nas criaturas uma cooperação múltipla, embora participada da fonte única. A Igreja não hesita em professar abertamente uma função assim subordinada em Maria; experimenta-a continuamente e recomenda-a ao amor dos fiéis, para que, apoiados nesta proteção maternal, eles se unam mais intimamente ao Mediador e Salvador (IGREJA CATÓLICA, 1997a, n. 62, p. 187).

Dessa forma, observamos a força da tradição frente às tentativas de mudança, principalmente no contexto dos títulos das invocações marianas. Assim, mesmo que a mediação fosse colocada apenas na centralidade de Jesus, o título de Medianeira persistiu entre os fiéis devotos. Uma das causas dessa permanência está inserida no poder das nomenclaturas, ou seja, a linguagem está intimamente unida nas atividades religiosas, repleta de prerrogativas e crenças.

Para alguns setores do clero, o afastamento da devoção era interpretado como um caminho que levaria ao distanciamento dos ensinamentos católicos e teria consequências prejudiciais à Igreja. Por conseguinte, a preocupação com a queda da devoção a Maria fez com que parte da hierarquia eclesial buscasse o seu renascimento em meio à turbulência provocada pelos pensamentos pós-conciliares. Nesse sentido, alguns fatos do magistério eclesial são importantes:

A exortação apostólica, de Paulo VI, *Marialis Cultus* (“O culto a Maria”), de 1974, fornece preciosos elementos para a renovação do culto a Maria, na perspectiva do Concílio. Posteriormente, João Paulo II publica a encíclica *A mãe do redentor* (1987), na qual sistematiza vários dados sobre a Mãe de Jesus, na Bíblia e na Tradição eclesial. Por fim, a carta apostólica sobre o Rosário (2002) sugere ampliar essa devoção, ao incluir a recitação/meditação dos mistérios da vida de Jesus (MURAD, 2012, p. 19, grifo do autor).

Entendemos que, após o encerramento do Concílio Vaticano II, as súplicas à Mãe de Jesus sobreviveram, mas com novos critérios, pois o espaço de Maria estava garantido no culto dos católicos de maneira a glorificar melhor o seu Filho. A

partir de então, a procura pelo discernimento entre a essência da fé e seus exageros públicos passaram a gerar questionamentos desde as paróquias até os seminários. Além disso, nas décadas de 1970, a mentalidade antropocêntrica e a cientificidade já estavam consolidadas na sociedade, gerando freios que dificultaram a criação de novos dogmas marianos.

O aprofundamento da prática de orações e dos sacramentos fazem parte do apostolado da Legião de Maria. Nesse aspecto, até onde podemos entender, percebemos a sistematização de um trajeto provido de rigor em sua organização, mostrando alguns acréscimos nas exigências impostas aos leigos católicos, tais como a participação em reuniões semanais e o serviço voluntário através de atividades de evangelização. Assim, por detrás de uma acumulação de pequenas atividades, essa associação vai moldando o legionário.

2.3 Do *Praesidium* ao *Concilium Legionis*: hierarquia e símbolos

O manual legionário determina o grau de autoridade que os conselhos exercem uns sobre os outros. Nesse aspecto, percebemos que os conselhos superiores são responsáveis por supervisionar as atividades dos grupos que lhe são filiados. Assim, existem a seguinte ordem hierárquica: *Concilium Legionis*, *Senatus*, *Regia*, *Comitium*, *Curia* e *Praesidium*, sendo esse último o núcleo inicial da Legião de Maria.

O diretor espiritual dos grupos legionários geralmente é um sacerdote nomeado pela autoridade eclesiástica competente, mas esse cargo também pode ser exercido por um diácono legitimamente constituído, quando os sacerdotes não possuem disponibilidade para assumir o compromisso com as reuniões dessa associação de leigos católicos. Embora mais raro, as religiosas pertencentes às Congregações femininas também podem assumir a direção espiritual dos *praesidia*.

Em regra, o *praesidium* se reúne semanalmente. Já os demais conselhos legionários se reúnem uma vez por mês. As orações e o roteiro das reuniões seguem o mesmo padrão desde o *praesidium* até o *concilium legionis*. No entanto, a duração das reuniões é limitada em relação ao *praesidium* e sem limite de tempo nos demais grupos. As doações financeiras ocorrem através de uma coleta voluntária, dita secreta, pois a contribuição é depositada numa sacola, evitando que os demais membros do grupo vejam o valor nela colocado pelo legionário, sendo

destinada para a manutenção das atividades, havendo em cada grupo um membro que exerce a função de tesoureiro, responsável por fazer o relatório das contas.

O *praesidium* indicava um destacamento da Legião Romana incumbido de um setor da linha de batalha. Consequentemente, esse termo é aplicado à unidade iniciante da Legião de Maria. Cada *praesidium* adota como nome um título de Maria. Por isso, é comum a existência de *praesidia* com nomes idênticos. Títulos marianos queridos pelas devoções populares possuem grande chance de serem repetidos nas denominações dos *praesidia*. O primeiro *praesidium* da Legião de Maria surgiu na Irlanda:

O aspecto daquela reunião foi idêntico ao das reuniões legionárias, que depois viriam a se efetuar, em toda a terra. No meio do grupo, sobre uma mesa, com uma toalha branca, erguia-se uma imagem da Imaculada Conceição (igual à da Medalha Milagrosa), ladeada por dois vasos de flores e duas velas acesas. Esta disposição, tão expressiva no seu conjunto, fruto da inspiração de um dos primeiros a chegar, refletia perfeitamente o ideal da Legião de Maria. [...] O primeiro alistamento dos legionários de Maria realizou-se em Myra House, Francis Street, Dublin, Irlanda, às vinte horas do dia 7 de setembro de 1921, véspera da festa da Natividade de Nossa Senhora. A organização nascente ficou conhecida, no início, como “Associação de Nossa Senhora da Misericórdia”, em virtude do primeiro grupo ter tomado o título de “Senhora da Misericórdia” (MANUAL..., 2014, p. 16-17).

Os membros de cada *praesidium* podem convidar outros leigos que sigam as orientações do catolicismo para ingressar em suas fileiras, pois homens e mulheres de várias faixas etárias podem se filiar nessa associação. O recrutamento de novos membros ocorre na obediência de regras definidas:

1. A Legião de Maria está aberta para todos os católicos que: a) pratiquem fielmente a sua religião; b) estejam animados do desejo de exercer o seu apostolado na Igreja, como membros da Legião; c) e estejam resolvidos a cumprir todas as obrigações impostas aos membros da organização.
2. Aqueles que desejem ingressar na Legião de Maria devem solicitar sua inscrição em um *Praesidium*.
3. Os candidatos com menos de 18 anos só podem ser admitidos nos *Praesidia juvenis*
4. Ninguém deve ser admitido, como candidato à Legião de Maria, antes de o Presidente do *Praesidium*, a quem é requerida a admissão, se ter certificado, através de uma observação cuidadosa, de que o pretendente satisfaz as condições exigidas.
5. Antes de ser alistado nas fileiras da Legião, o candidato deve submeter-se satisfatoriamente a uma prova mínima de três meses. Pode, todavia, desde o princípio, participar plenamente nos trabalhos da Legião.
6. A cada candidato será entregue, um exemplar da *Tessera*.
7. A admissão propriamente dita consiste, essencialmente, no Compromisso Legionário e na inscrição do nome do candidato, na lista dos membros do *Praesidium* (MANUAL..., 2014, p. 108-109).

Geralmente o número de membros fica em torno de quinze pessoas, pois, quando esse quantitativo aumenta, a sugestão é o desmembramento e formação de outro grupo. O local das reuniões do *praesidium* deve disponibilizar cadeiras e uma mesa, na qual possa ser colocado o altar legionário, que deve ser preparado sobre uma toalha branca, em que poderão ser bordadas as palavras Legião de Maria ou *Legio Mariae*, mas não o nome do *praesidium*. Essa é uma medida para manter a uniformidade dos altares e um sinal de unidade. Após a aprovação do ingresso da pessoa na Legião de Maria, ela lerá o compromisso legionário, durante a sua cerimônia de admissão, seguindo um ritual:

Na reunião semanal do *Praesidium*, logo após a recitação da *Catena* e enquanto todos os membros conservam-se de pé, aproxima-se o *Vexillum* do candidato que, tomando na mão esquerda uma cópia do Compromisso, recita-o em voz alta, intercalando o seu próprio nome no lugar respectivo. No início do terceiro parágrafo, leva a mão direita à haste do *Vexillum* e aí a conserva até o fim da recitação. Depois recebe a bênção do sacerdote (se este estiver presente) e o seu nome é inscrito na lista dos membros. [...] Se um membro, depois de ter assumido o Compromisso, mais tarde o rejeita interiormente, tem a obrigação moral de deixar a Legião. [...] Em tudo o que se refere o serviço legionário e só nisso, os membros tratar-se-ão por 'Irmão' ou 'Irmã'. Conforme as necessidades e com a aprovação da *Curia*, os membros se agruparão em *Praesidia* de homens, mulheres, rapazes, moças ou mistos. No seu início, a Legião foi um organismo puramente feminino. Só oito anos mais tarde, se formou o primeiro *Praesidium* de homens. Apesar disso, a Legião apresenta base igualmente apropriada para estes, existindo, atualmente, em atividade, numerosos *Praesidia*, quer mistos, quer masculinos (MANUAL..., 2014, p. 110-111).

A imagem de Nossa Senhora ocupa um lugar de destaque nos altares legionários, simbolizando a distribuição das graças naquela reunião, sendo ladeada de duas jarras de flores e dois castiçais com velas acesas. Em frente e à direita da imagem mariana será colocado o *Vexillum Legionis*. Uma imagem da disposição desse altar é mostrada no manual para que todos os grupos possam seguir um modelo uniforme.

A reunião deve ser conduzida sistematicamente pelos oficiais legionários, cujas atribuições são definidas em seu regulamento. Algumas condutas são exigidas dos membros e principalmente desses oficiais legionários: o comparecimento pontual às reuniões, o trabalho zeloso e a continuidade das atividades.

Na direção de um *praesidium* atuam quatro membros oficiais: presidente(a), vice-presidente(a), secretário(a) e tesoureiro(a). Assim, o Manual oficial da Legião de Maria (2014, p. 240), afirma que: “[...] bastam quatro, cinco ou seis membros. Se

estes se aplicarem cuidadosamente ao trabalho e compreenderem as suas exigências, depressa descobrirão e recrutarão outros membros idôneos”. Os legionários participantes do grupo devem obedecer a todas as ordens legítimas provenientes do presidente de cada *praesidium*.

Esse grupo legionário para ser formado dentro da paróquia precisa receber o apoio do pároco. Por conseguinte, essa característica fornece a justificação para a autoridade clerical sobre as associações vinculadas às paróquias. Dessa forma, a Legião de Maria costuma estar à disposição dos párocos para os serviços voluntários que eles julguem ser convenientes às paróquias, pois a boa convivência é uma regra que garante a permanência legionária.

Tanto o recrutamento da juventude quanto de seminaristas é importante para os trabalhos legionários. De um lado, porque os jovens constituem a possibilidade de continuidade da associação. Por outro, os seminaristas que adentrassem nos grupos poderiam ter mais ânimo de se tornarem diretores espirituais, quando ingressassem no sacerdócio.

Com relação ao trabalho semanal, a visita aos domicílios é a forma mais comum do apostolado praticado pela Legião de Maria. As dificuldades inerentes a esse tipo de atividade são verificadas principalmente nas primeiras visitas. No entanto, mesmo quando numa localidade existe pouca aceitação desse tipo de contato, isso não justifica que os legionários desistam de continuar a tarefa do apostolado de porta a porta. Nenhum tipo de ajuda econômica poderá ser oferecido às pessoas visitadas, apenas a leitura da Bíblia, orações marianas e a recitação do terço, cânticos e demais atitudes vinculadas à espiritualidade.

Os diretores espirituais dos grupos legionários são escolhidos pelas autoridades clericais conforme a sua jurisdição. Reforçar o sentido da hierarquia da Igreja católica romana e dos dirigentes de cada grupo, resgatando a prática do catolicismo tradicional com destaque para os sacramentos, é uma posição assumida pelos legionários.

A *curia* exerce o seu poder em áreas formadas por bairros próximos. Nela se agregam três ou mais *praesidia*. Ela atua como um conselho diretivo, constituída por todos os oficiais dos *praesidia* da respectiva área. Esse conselho deve providenciar para que seus *praesidia* sejam visitados periodicamente duas vezes por ano. Esse procedimento administrativo de fiscalização assegura uma vigilância disciplinar para

que o núcleo embrionário, ou seja, o *praesidium* esteja sempre agindo de forma ordenada.

O *comitium*, que geralmente não ultrapassa os limites de uma diocese, representa um conselho legionário que reúne os oficiais das *curiae*. Os *comitia* estão subordinados a uma *regia*, a qual possui um poder a nível regional, estando subordinada ao *senatus*. A *regia* existente na cidade de João Pessoa está filiada ao *senatus* de Recife, o qual possui sob sua jurisdição os estados de Pernambuco, Paraíba e Alagoas. As seis funções oficiais da direção de uma *regia* são as seguintes: presidência, vice-presidência, primeira secretaria, segunda secretaria, primeira tesouraria e segunda tesouraria. Geralmente, a Arquidiocese nomeia um sacerdote para acompanhar a Legião de Maria em nível estadual.

O *senatus* deve estar filiado diretamente ao *concilium legionis* (conselho da Legião de Maria existente em Dublin, na Irlanda). Todavia, nos países, em que, por causa da extensão, um único *senatus* não consiga desempenhar totalmente as suas funções, serão criados dois ou mais *senatus*, cada um dos quais exercerá autoridade sobre a área que lhe for confiada. O Brasil possui dez *senatus* em funcionamento.

Considerando a particularidade da expansão da Legião de Maria pelos estados brasileiros, dependendo da aceitação dos sacerdotes para a sua instalação nas paróquias e da disponibilidade dos leigos para assumirem o compromisso com suas reuniões e atividades, percebemos que nem todas as capitais possuem um *senatus*, sendo substituídas por cidades menores, tais como os exemplos das cidades de Ponta Grossa (no estado do Paraná) e Santa Maria (no estado do Rio Grande do Sul).

Atualmente, ocorre a distribuição dos dez *senatus* em vários estados brasileiros. Esse total é resultante do aumento numérico dos filiados e da expansão territorial, requisitos que devem ser cumpridos para a elevação à categoria de *senatus*, conforme a seguinte quantificação apresentada a seguir: *Senatus Assumpta* (na cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná), *Senatus Assumpta* (na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro), *Senatus Fidelis* (na cidade de São Luís, no estado do Maranhão), *Senatus Immaculata* (na cidade de Salvador, no estado da Bahia), *Senatus Nossa Senhora da Conceição* (na cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul), *Senatus Immaculata* (na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará), *Senatus Immaculata* (na cidade de Belo Horizonte,

no estado de Minas Gerais), *Senatus* Maria Imaculada (na cidade de Belém, no estado do Pará), *Senatus* Nossa Senhora Aparecida (na cidade de São Paulo, no estado de São Paulo) e o *Senatus* Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças (na cidade do Recife, no estado de Pernambuco).

Observamos que na nomenclatura dos *senatus*, alguns títulos de Maria são recorrentes. Por isso, a localização do estado no qual eles atuam é importante para a correta identificação. Podemos comentar sobre o surgimento do primeiro *senatus* da Legião de Maria no território brasileiro através das informações contidas na edição especial do cinquentenário dessa associação no Brasil, em 2001. Nessa revista, observamos a descrição da data de fundação, conforme *Senatus Aparecida* (2001, p. 18-19): “No dia 21/6/59, o *Concilium* criou em São Paulo, o primeiro *Senatus* do Brasil [...]”.

Atualmente, o Brasil possui dezoito *regiae*. Elas estão distribuídas nas seguintes localidades: *Regia* Aparecida (na cidade de Brasília/Distrito Federal), *Regia Deigenitrix* (na cidade de Niterói/Rio de Janeiro), *Regia* Gloriosa (na cidade de Maceió/Alagoas), *Regia* Humílima (na cidade de Vitória da Conquista/Bahia), *Regia Immaculata* (na cidade de Vitória/Espírito Santo), *Regia* Mãe da Divina Graça (na cidade de Aracaju/Sergipe), *Regia* Maria Mãe da Igreja (na cidade de Imperatriz/Maranhão), *Regia* Nossa Senhora Aparecida (na cidade de Castanhal/Pará), *Regia* Nossa Senhora Auxiliadora (na cidade de Cuiabá/Mato Grosso), *Regia* Nossa Senhora da Apresentação (na cidade de Natal/Rio Grande do Norte), *Regia* Nossa Senhora da Assunção (na cidade de Campo Grande/Mato Grosso do Sul), *Regia* Nossa Senhora da Imaculada Conceição (na cidade de Teresina/Piauí), *Regia* Nossa Senhora da Glória (na cidade de Montes Claros/Minas Gerais), *Regia* Nossa Senhora do Carmo (na cidade de Uberlândia/Minas Gerais), *Regia* Nossa Senhora dos Prazeres (na cidade de Lages/Santa Catarina), *Regia* Medianeira de Todas as Graças (na cidade de João Pessoa/Paraíba), *Regia* Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos (na cidade de Carnaíba/Pernambuco) e *Regia Regina Apostolorum* (na cidade de São João do Meriti/Rio de Janeiro).

A Legião de Maria possui um bispo que exerce a função de Assessor junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para auxiliar os *senatus* e *regiae* espalhados pelo Brasil, sendo o diretor espiritual nacional da Legião de Maria. Atualmente, essa responsabilidade é exercida desde 2007, por Dom Edson de

Castro Homem. O primeiro bispo a ocupar esse cargo foi Dom Mário Teixeira Gurgel, no período de 2001 a 2006.

Dom Mário, cujo nome de batismo era Jesus Teixeira Gurgel, nasceu no município de Iguatu, no Estado do Ceará, em 22 de outubro de 1921. Em 1931, ingressou no Seminário Salvatoriano de Jundiá, e em 1 de fevereiro de 1937 recebeu o hábito, ocasião em que adotou o nome de Mário Teixeira Gurgel, em homenagem a seu pai. Fez sua primeira profissão religiosa em 2 de fevereiro de 1938 e a profissão perpétua em novembro de 1942.

Em 2000, foi diretor espiritual da Legião de Maria, na *Curia* Nossa Senhora Aparecida, em Itabira. A partir de 2001, ele exerceu o cargo de Assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para a Legião de Maria. Em 7 de novembro de 2004, ele visitou a sede da *Regia* Medianeira de Todas as Graças, no município de João Pessoa. O testemunho de Dom Mário Gurgel sobre suas vivências na Legião de Maria foram registrados em seu livro:

Desde jovem sacerdote, conheci a Legião de Maria e trabalhei entusiasticamente com ela. [...] Foi esse o motivo por que, em setembro do ano passado, publiquei o opúsculo “Florilégio legionário”, com textos mais significativos – a meu ver - da espiritualidade legionária, extraídos do próprio Manual (GURGEL, 2000, p. 2).

No mundo, o conselho central da Legião de Maria está situado em Dublin, na Irlanda, sendo chamado *Concilium Legionis*. Esse conselho está revestido da suprema autoridade administrativa, pois somente ele possui o direito de criar regulamentos novos, bem como alterar aquelas normas já estabelecidas. O poder de reformar o manual legionário é exercido com exclusividade por esse conselho, que concentra todo o poder organizacional dessa associação. Assim, as decisões provenientes da Irlanda gerenciam os milhares de outros conselhos subordinados que estão situados nos países onde a Legião de Maria possui ramificações.

Geralmente as correspondências oficiais da Legião de Maria possuem a gravura do *Vexillum Legionis*, cuja impressão e reprodução estão sob os direitos de propriedade do *Concilium Legionis*. Essa gravura procurou reproduzir a simbologia existente no estandarte da Legião Romana, na medida em que:

A águia, que ficava em cima deste último, foi substituída pela pomba – símbolo do Espírito Santo. Por baixo desta, exibe-se, com orgulho a legenda: “*Legio Mariae*” (Legião de Maria). Entre esta e a haste do *Vexillum* (e unida à primeira, por uma rosa e um lírio), há uma moldura oval, com a imagem da Imaculada Conceição, copiada da Medalha Milagrosa. A haste

firma-se num globo que, nos modelos para mesa, assenta-se numa base quadrada. O conjunto exprime a ideia da conquista do mundo pelo Espírito Santo, atuando por Maria e Seus filhos (MANUAL..., 2014, p. 195).

No altar legionário, durante as reuniões semanais, o *Vexillum Legionis* deve ser posicionado à frente e à direita da imagem mariana. O modelo de mesa geralmente possui uma altura padronizada, incluindo a base. O desenho do *vexillum* consta no manual. Cada *praesidium* costuma adquirir seu *vexillum* através da *curia* na qual está filiado. Todavia, na impossibilidade de se conseguir obtê-lo na sua localidade, os *praesidia* podem recorrer aos demais conselhos. Os *senatus* e *regiae* são responsáveis por disponibilizar exemplares dos *vexilla* para os grupos legionários. Durante a realização da *acies* e de outros eventos legionários, o *vexillum* maior, com aproximadamente dois metros de altura, pode ser utilizado, caso os legionários precisem mantê-lo erguido durante a realização de alguma procissão.

Os legionários costumam realizar algumas solenidades tradicionais para propiciar que seus membros fortaleçam entre si o espírito de união. Dentre essas solenidades, a *Acies* é uma cerimônia solene que se realiza em datas próximas à festa da Anunciação de Maria, na qual os legionários renovam seus votos de consagração a Nossa Senhora. A festa de *Acies* possui uma grande importância para os grupos legionários. Sabemos que ela ocorre, preferencialmente, no dia 25 de março ou em datas próximas. O seu significado está descrito no manual, que estabelece:

Esta palavra latina, que significa um exército em ordem de batalha, designa, com razão, a cerimônia em que os legionários, como um só corpo, se reúnem para renovar a sua fidelidade a Maria, Rainha da Legião, e dela receber a força e a bênção para um novo ano de combate contra o exército do mal. [...]. A *Acies* é a grande solenidade do ano, a festa central da Legião. Insista-se, pois, com cada legionário, sobre a importantíssima obrigação de a ela assistir. A ideia central, sobre a qual tudo na Legião se sustenta, é o trabalho em união e sob a dependência de Maria, sua Rainha. A *Acies* é a solene declaração desta união e dependência, a renovação – individual e coletiva – do compromisso de fidelidade da Legião (MANUAL..., 2014, p. 224-225).

Em um lugar de destaque, a imagem mariana, condignamente enfeitada de flores e velas, e o *vexillum legionis*, são posicionados durante a *acies*, que deve preferencialmente ser realizada numa igreja. As atividades dessa cerimônia seguem

um roteiro descrito no manual que determina uma ordem a ser seguida, mantendo quase sem alterações os seus elementos:

A cerimônia começa por um cântico, seguido da reza das Orações Iniciais, incluindo o Terço. Em seguida, um sacerdote falará sobre o significado da Consagração a Nossa Senhora. Terminada a Alocução, começa o desfile em direção à imagem. À frente vão os Diretores Espirituais, um a um; atrás, os legionários, um a um, ou dois a dois, se forem numerosos. Chegando em frente do *Vexillum*, param e, colocando a mão sobre a haste do estandarte, pronunciam, (um a um, ou dois a dois), em voz alta e nestes termos, a consagração individual: “Eu sou todo Vosso, ó minha Rainha e minha Mãe, e tudo quanto tenho Vos pertence”. Feito isto, largam o *Vexillum*, inclinam-se levemente e afastam-se. [...]. Logo que todos estejam nos seus lugares, um sacerdote, em nome de todos os presentes, lerá, em alta voz um ato de Consagração a Nossa Senhora. Depois, de pé, rezam a *Catena*, finda a qual, se for possível, dar-se-á a Bênção do Santíssimo Sacramento. A cerimônia termina com as Orações Finais da Legião e um cântico (MANUAL..., 2014, p. 225-226).

Qual simbologia está presente na *Acies*? Acreditamos que esse ritual simbólico transmite a mensagem da unidade dos componentes da Legião de Maria. No momento em que ocorre a *Acies*, todas as fileiras de legionários agem de forma integrada na dependência de uma só capitã, posto que foi entregue simbolicamente às mãos de Maria. Assim, nessa solenidade, o ápice comemorativo é quando os legionários, posicionados em fila, dirigem-se para o *Vexillum Legionis*, a fim de pronunciarem a consagração e renovarem os votos de servir mais um ano nas fileiras legionárias. Essa atividade é uma demonstração de compromisso, pois os legionários acreditam receber a bênção de Maria para desenvolver seu apostolado nas paróquias.

2.4 Do início ao fim: leitura do manual e orações legionárias

O manual legionário, além de servir para o estudo da espiritualidade dos membros dessa associação, também fornece uma interpretação estrutural legitimamente utilizada a título de controle das atividades que podem ser realizadas. As reformulações em quaisquer de suas partes são autorizadas apenas pelas determinações do *Concilium Legionis*, situado na Irlanda. Por conseguinte, isso acaba permitindo que haja uma uniformidade das condutas entre os membros da Legião de Maria pelo mundo, uma espécie de convenção nos comportamentos dos seus filiados, entre os quais a submissão voluntária às regras do manual, principalmente no uso linguístico comum.

Para Weber (2002, p. 62): “O termo ‘convenção’ será usado para designar a parte do costume que, dentro de um dado grupo social, é aprovada como válida e garantida contra violações por sanções de desaprovação”. No caso particular dos grupos legionários, o conjunto de regras do manual possui meios coercitivos eficientes, na medida em que exercem uma persuasão sutil através das obrigações e deveres que os grupos devem ter como padrões de atividades aceitáveis.

Em todos os grupos legionários, um item do roteiro da reunião é a leitura de uma pequena parte do manual, que geralmente não ultrapassa uma página ou duas páginas, pois estudar o manual é necessário para que seus membros conheçam os princípios e a espiritualidade a serem seguidos de forma típica. Essa leitura é uma oportunidade para que os legionários progridam na vida espiritual e na disciplina legionária, uma vez que o estudo particular do manual não substitui o trabalho apostólico semanal. Todas essas condutas são aceitas voluntariamente pelos associados, principalmente pelo caráter sagrado do respeito à tradição religiosa, pois a aquiescência depende da fé na legitimidade que depositam na devoção mariana, quase invariavelmente determinada pelas crenças e costumes dos legionários de Maria.

Além disso, a existência de um manual facilita a resolução de possíveis divergências entre os grupos legionários, pois as soluções podem ser encontradas em seus capítulos que orientam a procura respostas. Por isso, o estudo sistemático do manual é um requisito para a participação das pessoas em suas reuniões. Desse modo, a escolarização em níveis razoáveis, mesmo não sendo obrigatória, é importante para a compreensão do manual legionário, com a finalidade de facilitar a leitura e o entendimento de sua linguagem.

As etapas de leitura não precisam ser feitas na ordem dos capítulos, uma vez que eles não são pré-requisitos uns dos outros. Os conteúdos geralmente são articulados e semanalmente são estudados nos grupos dos *praesidia*. Assim, com o passar dos anos, o legionário poderá retornar aos estudos dos capítulos, pois a sequência é determinada pelo presidente de cada grupo.

Todo legionário possui o dever de estudar o manual, pois ele contém aquilo que de mais importante todo membro filiado a essa associação deve saber a respeito dos princípios da Legião de Maria. O conhecimento dos capítulos desse manual traz consigo um aumento de eficiência do sistema legionário, principalmente por parte dos membros da diretoria de cada grupo.

Outro ponto que podemos destacar é que as orações da Legião de Maria são quase invariáveis, principalmente no que se refere às invocações. Desse modo, não é permitida a inclusão de santos nacionais, devoções locais ou particulares no conteúdo da *tessera*. Assim, a uniformidade faz parte das orações legionárias através dos tempos, contendo as seguintes invocações já estabelecidas: os Corações de Jesus e Maria, São José, São João Evangelista, São Luís Maria de Montfort, São Miguel Arcanjo, São Gabriel Arcanjo, Milícias do Céu - Legião dos Anjos de Maria, São João Batista, São Pedro e São Paulo.

Nesse sentido, faremos um breve esclarecimento sobre o papel desempenhado por essas invocações. Na missão terrena da paternidade de Jesus, São José cumpre o papel do protetor da família. Como tal, os membros da Legião de Maria buscam o seu auxílio. Já São João Evangelista foi apóstolo e teve o mérito de auxiliar Maria após o martírio de Jesus. Na lista das invocações também foi colocado o nome de São Luís Maria de Montfort, por ele ter aprofundado a devoção mariana, em sua obra intitulada: Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem Maria. Ele faleceu em 1716 e foi canonizado em 20 de julho de 1947.

A invocação aos anjos sempre teve seu lugar nas orações legionárias, principalmente pelo simbolismo da campanha angelical no combate para a glória divina, conforme as referências bíblicas. Assim, São Miguel e São Gabriel são arcanjos da corte celeste que inspiram a militância do serviço legionário. Nesse sentido, em 1962, uma das formas de invocação foi refeita, adotando a seguinte frase, conforme o Manual oficial da Legião de Maria (2014, p. 186): “Milícias todas do Céu, Legião dos Anjos de Maria, rogai por nós”.

O desempenho das atividades legionárias é embasado por visitas domiciliares que buscam se espelhar em elementos que lembram o relato bíblico da Visitação de Maria a sua prima Isabel. Além disso, invoca-se São Pedro, representando a fidelidade dos legionários aos pontífices da Igreja católica, e invoca-se São Paulo, representando o desejo de converter as pessoas para os valores cristãos.

As orações estão compreendidas como base do funcionamento da Legião de Maria. Por isso, uma das primeiras atitudes dos leigos católicos que se filiam a essa associação é receber uma folhinha de orações, chamada de *tessera*. A leitura diária dessa folhinha faz parte da aprendizagem do legionário, evitando qualquer tipo de improvisação durante as reuniões semanais. O roteiro das preces e invocações estabelecido na *tessera* é uma regra geral para evitar desvios que porventura

prejudicassem a conformidade com a tradição. Esse nome em latim possui o seguinte significado:

Entre os romanos, a palavra *Tessera* designava a ficha ou senha, que os amigos entregavam uns aos outros como sinal de identificação, entre eles e os seus descendentes. Como expressão militar, significava a tabuazinha que circulava na Legião Romana com a senha do dia (MANUAL..., 2014, p. 193-194).

Assim, percebemos que, ao lembrar a senha diária dos soldados romanos, o sistema legionário pretende que seus membros compreendam a leitura da *tessera* como uma prática do cotidiano religioso. Por isso, suas orações representam uma forma estrategicamente articulada que cria uma identidade que vai moldando os grupos legionários. A *tessera* possui elementos estruturantes, conforme o Manual oficial da Legião de Maria (2014, p. 194): “a) Circula, entre todos os legionários; b) exprime a verdadeira senha da Legião: – as orações; c) é o símbolo de unidade e fraternidade entre os legionários, onde quer que se encontrem”. Ela possui as orações iniciais, a *catena legionis* e as orações finais.

As orações iniciais da *tessera* contidas no manual possuem partes que são rezadas pelo presidente do grupo legionário (assinaladas com a letra P) e partes que são recitadas pelos demais membros (assinaladas com a letra R). Em alguns momentos existe a recitação em conjunto, conforme descrevemos no ANEXO G desta tese. O sinal da cruz deve ser feito por cada legionário no princípio e no fim das orações iniciais da *tessera*, mostrando que a tradição é um elemento que preserva a memória religiosa. Neste caso, a devoção ao Coração Imaculado de Maria é lembrada, bem como as memórias de São José, São João Evangelista e São Luís Maria Grignon de Montfort.

No catolicismo, os antepassados tinham o cuidado de transmitir suas crenças para os descendentes, ensinando desde cedo um gesto básico que era o sinal-da-cruz como sendo um símbolo de identidade. Desse modo, Azzi (2008a, p. 49) lembra que: “Persignar-se era outro costume antigo: as pessoas faziam três cruces, uma na testa, outra na boca e uma terceira no peito [...]”. Atualmente, muitos grupos legionários ainda recorrem aos símbolos antigos, principalmente durante os problemas cotidianos, pois são memórias herdadas cujo intuito era o fortalecimento da unidade pela fé e são gestos visíveis de mostrar uma identidade religiosa.

3 DE NAZARÉ AOS ALTARES LEGIONÁRIOS: Ela é Maria

Pretendemos fazer um breve itinerário do percurso devocional mariano, uma vez que a devoção a Maria é um traço que marca o cristianismo católico dos legionários. Conforme destaca Murad (2012, p. 199): “Se você perguntar a um católico porque reza a Maria, ouvirá respostas simples, tais como: ‘porque é bom’, ‘porque Maria me ouve’, ‘ela é poderosa e está próxima da gente’ [...]”. Nesse sentido, certamente, se fizer a mesma pergunta aos membros da Legião de Maria, ouvirá respostas idênticas ou muito semelhantes.

A imagem de Maria, além do seu aspecto religioso, reflete também a vida cotidiana das mulheres do passado e do presente, pois, ela, mesmo sendo a Mãe de Jesus, realizou os trabalhos domésticos daquela época, tais como buscar água em poços e rios. Por falarmos no símbolo da água, lembremos:

Outro tema estreitamente relacionado com o da *Stella Matutina* é o da *Stella Maris*. Os etimologistas místicos acentuam a dupla raiz de *Myriam*, uma remontando a *Mar*, a outra ao semítico *iam*, que significa “água”... São Bernardo acrescenta à imagem da lanterna necessária para suavizar a luz divina a outra imagem, não menos célebre, do aqueduto (Sermão para a Natividade da Virgem). O Cristo é a fonte inexaurível da vida, a Virgem é o aqueduto que distribui essa corrente d’água. Além da Virgem que tece a Anunciação a iconografia bizantina nos mostra muitas vezes uma Virgem ao lado de um poço. [...] Esse simbolismo, porém, é mais profundo do que uma simples redundância nas escrituras. De um lado, Maria esteve sempre ligada ao destino das fontes miraculosas; de outro lado ela é a patrona privilegiada dos marinheiros. [...] E todos sabem que, assim como qualquer aparição mariana está cercada de um fundo vegetal, ela provoca o surgimento de uma fonte miraculosa em Lourdes, Fátima, Banneux (DURAND, 1995, p. 108, grifos do autor).

Vemos que o processo simbólico da evangelização coloca Maria diante da natureza e da realidade simples de seus contemporâneos, uma proposta que aceita a rudeza da vida que ela levava semelhante ao cotidiano de outras mulheres judias de sua época. Porém, ela anunciava as graças trazidas por seu filho para as mulheres e para os homens que seguissem os ensinamentos de Jesus. Nesse sentido, surge o seguinte questionamento:

A judia do século I chamada Miriâm de Nazaré, mãe de Jesus, também proclamada na fé de *Theotokos*, Mãe de Deus, é a figura religiosa feminina celebrada na tradição cristã. Que interpretação de Maria seria teologicamente segura, ecumenicamente fecunda, espiritualmente fortalecedora, eticamente polêmica e socialmente libertadora para o século XXI? Que importância Maria tem à luz da fé cristã no indulgente mistério de Deus? Que diferença faz na vida da Igreja e na sociedade lembrá-la

juntamente com todos os amigos de Deus e profetas? Em especial, como explicar sua imagem para que ela seja fonte de bênçãos em vez de influência maléfica para a vida das mulheres em termos religiosos e também políticos? (JOHNSON, 2006, p. 21).

Muito cedo dentro da Igreja católica romana, o culto a Maria serviu para diversas operações de convencimento. Nesse sentido, podemos dizer que, ao longo dos séculos, a história da Igreja é também a história dos avanços e dos retrocessos no cenário religioso que gravita ao redor das devoções marianas. Como exemplo, as profundas ligações entre o povo mexicano e a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, principalmente na evangelização da América Latina. Na Europa, as aparições em Portugal, na França e em tantos outros países. E no Brasil, o encontro dos pedaços de uma imagem mariana nas águas de um rio.

Por um lado, a devoção provoca sentimentos eufóricos e, por vezes, exagerados, mas que oferecem um amparo religioso para os leigos católicos em suas súplicas. Por outro, provoca o distanciamento de outras religiões cristãs, cujo culto mariano é minimizado, principalmente na questão do uso de imagens. Assim, os debates em torno da figura simbólica da Mãe de Jesus, conhecida nos evangelhos pelo nome de Maria, gerou uma aparente polarização, ora sendo enaltecida, ora sendo escanteada, conforme os interesses religiosos de cada época.

Destacamos as aparições e seus símbolos imagéticos, uma vez que Maria é representada geralmente de acordo com a cultura dos seus videntes, de forma a evidenciar um processo de inculturação. Esse processo, como diria o Papa Francisco em uma carta enviada ao Cardeal Marc Oullet, em 2016, pode partir da seguinte reflexão:

A inculturação é um processo que nós pastores somos chamados a estimular, encorajando o povo a viver a própria fé onde está e com quem está. A inculturação é aprender a descobrir como uma determinada porção do povo de hoje, no aqui e agora da história, vive, celebra e anuncia a própria fé. Com uma identidade particular e com base nos problemas que deve enfrentar, assim como com todos os motivos que tem para se alegrar (IGREJA CATÓLICA, 2016, p. 16-17).

No Brasil, a devoção a Maria foi herdada principalmente da cultura portuguesa e das missões de catequese que acostumaram o povo brasileiro a recorrer às preces marianas em práticas religiosas tradicionais, na medida em que:

Os católicos demonstram amor e confiança na Mãe de Jesus de muitas maneiras: o terço, a coroação no mês de maio, as romarias aos santuários marianos, as promessas, as novenas, a consagração a Maria, as sete

alegrias e sete dores de Maria, a visita da imagem às casas. Maria tornou-se tão importante para os católicos, que no Brasil seu nome é “Nossa Senhora” [...] (MURAD, 2012, p. 199, grifo do autor).

Dito em outras palavras, tanto Nosso Senhor quanto Nossa Senhora embasam as orações do povo católico brasileiro. Por isso, a crença no sagrado foi um refúgio para os sofredores, sejam eles cristãos primitivos, sejam católicos contemporâneos. O processo de aprendizagem da doutrina católica, geralmente, começa na instância pedagógica dos catequistas nas paroquiais. Muitos legionários dedicam-se às atividades paroquiais como catequistas, procurando mostrar o compromisso da vivência dos Sacramentos, a espiritualidade das orações e as lições inseridas na leitura bíblica, ressaltando a devoção mariana.

Assim, o aprendizado sobre a salvação das almas no plano espiritual e a cura dos sofrimentos no plano corpóreo ressaltam o poder das crenças e a busca da eficácia das orações. A espiritualidade através de imagens e palavras anima as devoções. Por isso, grupos religiosos espiritualmente mobilizados pelas devoções tendem a manter as suas experiências, levando em consideração o impulso emocional e a sentimento religioso.

No sentido devocional, a imagem de Maria sob o título de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa remete ao simbolismo de uma medalha cuja história surgiu na cidade de Paris, no ano de 1830, mediante a aparição mariana para uma jovem noviça francesa, chamada Catarina Labouré, que nascera em 1806. Ela havia ingressado na Congregação das Irmãs da Caridade, fundada por São Vicente de Paulo. Com relação ao percurso de aceitação até difusão dessa medalha, temos:

Depois do inquérito canônico, foi cunhada a Medalha por determinação do senhor arcebispo de Paris, monsenhor de Quélen. Logo a devoção começou a espalhar-se com muita rapidez pelo mundo inteiro [...]. O papa Gregório XVI foi o primeiro a aprovar e abençoar a Medalha, confiando-se à proteção de Maria, e a conservava junto ao crucifixo. O seu sucessor, o Pontífice da Imaculada, Pio IX, gostava de dá-la como uma prenda particular da sua benevolência pontifícia (BERALDI, 2012, p. 50).

A devoção mariana já deu provas históricas do seu poder, tendo em vista que vários milagres foram amplamente divulgados, tanto reanimando a fé quase extinta de alguns católicos quanto restaurando a crença religiosa porventura desgastada pelas intempéries da vida. Assim, refletimos que, apesar das críticas aos fatos ligados às aparições, eles possuem um poder notável de restauração da vida

religiosa, através do retorno dos católicos para as suas práticas sacramentais e tradições simbólicas. Afinal, milhares de medalhas milagrosas já foram fabricadas, sendo usadas pelos devotos que as trazem ao pescoço com a confiante crença na proteção de Maria. Nessa perspectiva, acrescentamos que:

Graças a esta difusão prodigiosa, foi se radicando mais e melhor entre o povo cristão a crença na Imaculada Conceição de Maria e a devoção a tão excelsa Senhora. A apoteose sublime da definição dogmática em 1854 foi preparada por meio da devoção à Medalha Milagrosa. [...] Em 1894, o papa Leão XIII instituiu a festa da Medalha Milagrosa em 23 de julho. [...] Hoje a festa é celebrada no dia 27 de novembro. Muitas dioceses têm-na como titular principal e padroeira diocesana (BERALDI, 2012, p. 51).

Na devoção popular pode ser feito um elo entre a crença do povo e a sacralidade. Nesse sentido, vários pontificados católicos colaboraram com o povo devoto na medida em que aprovaram o culto da medalha. As vivências/privilégios na vida de Maria de Nazaré decorrem da presença de Jesus Cristo. Assim sendo, Kuzma (2019, p. 83) reflete que: “os ‘privilégios marianos’ decorrem da pessoa de Cristo e da íntima ligação dele com ela, uma vez que ela se percebe ‘cheia’ da graça, porque nela se cumpre a promessa de um povo”. Nesse desenvolvimento teológico, porém em outro idioma, Gebara e Bingemer (1990, p. 612) apontam: “El así llamado ‘privilegio mariano’ es, en verdad, ‘el privilegio de los pobres’. La gracia de que María está llena es patrimonio de todo el pueblo”.

O culto a Maria merece um enfoque especial no contexto de sua comparação à primeira mulher chamada Eva. Uma bipolaridade no símbolo do feminino humano, na medida em que dois protótipos passam a existir, ou seja, a imagem de Eva (modelo de padronização imperfeito) e a imagem de Maria (modelo de padronização perfeito). Nessa perspectiva, apontamos:

À figura de Eva, instrumento de tentação e de pecado para o homem, contrapunha-se a imagem de Maria, “cheia de graça”. Enquanto Eva se transforma na causa da desgraça humana, Maria, como “mãe de misericórdia”, era constituída na esperança de salvação para a humanidade decaída pelo pecado. Mediante a sua proteção materna, os homens, depois “deste desterro”, poderiam viver eternamente na glória, em companhia de Jesus (AZZI, 2008a, p. 55).

A mulher deveria seguir o modelo mariano a fim de educar os filhos. Essa instrução de comportamento cultural era feita sob uma percepção em que a vida de santidade, em regra geral, para as mulheres, significava estarem habituadas a uma rígida ótica puritana do mundo envolto pelo pecado.

3.1 Maria na fé do povo e no calendário litúrgico

Embora a veneração a Maria apareça mais intensamente nas devoções populares, ela também ocorre em aspectos simbólicos dentro da liturgia da Igreja católica. Por isso, após a realização do Concílio Vaticano II, parte da liturgia passou por modificações, colocando a devoção mariana dentro do mistério de Cristo, pois nas solenidades, festas e memórias da Mãe de Jesus, as paróquias necessitavam evitar alguns exageros. As manifestações da piedade mariana aparecem em vários meses do ano, como identificam os seguintes apontamentos sobre as tradições religiosas:

No correr do ao litúrgico, há três tipos de celebrações marianas: as solenidades, as festas e as memórias. As solenidades, como o nome indica, constituem as celebrações mais importantes, com um sabor especial. Em todo o mundo elas são quatro: Maria, Mãe de Deus (1º de janeiro), Anunciação (25 de março), Assunção (15 de agosto) e Imaculada Conceição (8 de dezembro). Em cada país, há ao menos outra solenidade, a da padroeira. A principal festa mariana é a da Visitação (31 de maio). Existem várias memórias marianas, como: Nascimento de Maria (8 de setembro), Nossa Senhora das Dores (15 de setembro) [...]. Uma celebração de memória pode ser, para determinada Igreja local, festa ou solenidade (MURAD, 2012, p. 211).

No começo de cada ano, o primeiro dia do mês de janeiro simboliza para os leigos católicos e, principalmente, para os fiéis devotos marianos, incluindo os legionários, a celebração da data de Santa Maria, Mãe de Deus. Nessa perspectiva, Dom José Maria Pires, ex-arcebispo da Paraíba, comentou sobre o primeiro dia do ano: “Liturgicamente hoje é a solenidade da Mãe de Deus. Por instituição do Santo Padre, é o Dia da Paz. No calendário civil é o Dia da Confraternização Universal. Mãe, Paz, Fraternidade. Três nomes sugestivos que exprimem bem-querer” (PIRES, 1980, p. 145). Esse arcebispo ainda comenta que: “Isto não admira a quem conhece a pedagogia de Deus. Ele quis esperar o ‘sim’ de uma mulher para nascer homem. Quis esperar a maturação do trigo para se fazer Eucaristia” (PIRES, 1980, p.122).

O nascimento de Jesus através de Maria equivale ao anúncio do mistério da encarnação do filho de Deus. Esse fato inspirou vários artistas que, no decorrer dos séculos, evangelizaram os fiéis católicos pelas pinturas de suas telas e pelas esculturas. A beleza estética da fé está exposta nas obras-primas dos museus vaticanos conservadas nas coleções pontifícias. Nesse aspecto, a imagem de Maria Santíssima Mãe de Deus – Nossa Senhora “do Sinal”, uma obra-prima da arte da

Macedônia eslava (séc. XVII-XVIII), faz parte dessas coleções. A imagem mostra Maria com as mãos elevadas em gesto de oração e o menino Jesus dentro de um círculo no eixo central dessa pintura, cuja tradição é muito antiga e mais encontrada nas Igrejas cristãs do Oriente. Conforme o endereço eletrônico das notícias do Vaticano: “É chamada ‘do Sinal’ recordando uma profecia de Isaías (7,14): ‘Por isso, o Senhor mesmo dará a vocês um sinal: a virgem ficará grávida, dará à luz um filho e o chamará Emanuel” (MUSEUS..., 2021).

O dogma da maternidade divina é considerado o mais antigo. A professora e teóloga Lina Boff (2016, p. 133) explica: “O termo grego que sintetiza o mistério de fé contido no dogma, THEOTÓKOS – que quer dizer Mãe de Deus, data do Concílio de Éfeso, realizado em 431, na própria cidade de Éfeso”. Esse dogma foi defendido principalmente na interpretação do mistério da Encarnação de Jesus, unindo a natureza humana e divina, mediante sua concepção no ventre mariano. Os Padres conciliares de Éfeso definiram solenemente o valor dogmático da maternidade de Maria de Nazaré no contexto cristológico, através das declarações do magistério eclesial. O calendário torna-se um instrumento de memória para marcar os dogmas marianos na vida cotidiana. Por isso, observamos que:

Os dogmas marianos explicitam a verdade que foi revelada em Cristo. Não são simples proposições doutrinárias, mas são também uma resposta plena de louvor e de exultação dados às grandes coisas realizadas por Deus na pessoa de Maria. São também uma resposta de ação de graças e de louvor a Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, pelas maravilhas realizadas ao longo da História da salvação (BOFF, 2016, p. 132).

Celebradas no culto da Igreja católica romana, as múltiplas invocações marianas e as afirmações reveladas e contidas na Sagrada Escritura foram sendo incluídas no calendário litúrgico, tais como: 11 de fevereiro (comemoração da aparição de Nossa Senhora de Lourdes), 13 de maio (comemoração da aparição de Nossa Senhora de Fátima), 16 de julho (comemoração de Nossa Senhora do Carmo). Nesse sentido, percebemos que a Igreja incentiva o culto mariano e suas especificidades, conforme Maria contribuiu na missão salvífica. De fato, Maria esteve presente desde o consentimento na hora da anunciação até a hora derradeira de Jesus martirizado na cruz. Por conseguinte, a condição simbólica e religiosa da imagem mariana foi sendo expressa nas artes, na literatura, desde Nossa Senhora da Anunciação a Nossa Senhora das Dores. A mulher de Nazaré foi reescrita e

recriada, dentro da complexidade do fenômeno da devoção mariana. Desse modo, a teóloga Ivone Gebara explica:

Nessa linha, especialistas em mariologia já mostraram igualmente a quantidade de atributos acrescentados ao nome de Maria, para além das qualidades pessoais que se afirmam dela. Sabemos que ela é chamada de socorro dos aflitos, virgem da boa hora e da boa morte, do bom parto, desatadora dos nós, virgem das dores e das graças, dos caminhantes, dos abandonados, dos prazeres e das alegrias. Mil e uma situações constitutivas da condição humana e mil e um nomes de lugares onde teria aparecido e teria feito alguma intervenção mudando o curso da vida de fiéis, a maioria dos quais anônimos da grande História (GEBARA, 2009, p. 10-11).

Nesse sentido, as esperanças contidas nas velas acesas diante das imagens de Nossa Senhora, nas contas do Rosário e nos escapulários trazidos ao pescoço. A devoção mariana é afirmada no íntimo dos seus devotos quando eles fazem suas orações e buscam os exemplos contidos nas várias passagens dos evangelhos que estão relacionadas à Mãe de Jesus, entre as quais podemos descrever uma pequena síntese, contida principalmente nos textos dos evangelistas Mateus, Lucas e João. Conforme um resumo dos textos bíblicos, observamos alguns momentos da vida mariana:

Árvore genealógica e nascimento de Jesus (Mt 1,1-16.18-23); Fuga para o Egito: toma o Menino e sua mãe (Mt 2,13-15.19-23); Eis minha mãe e meus irmãos: quem faz a vontade de meu Pai (Mt 12,46-50), Anunciação do nascimento de Jesus (Lc 1,26-38), Maria visita Isabel (Lc 1,39-56), Maria deu à luz seu Filho primogênito (Lc 2,1-14), Maria medita em seu coração a visita dos pastores (Lc 2,15b-19), José e Maria apresentam o Menino no templo: uma espada te transpassará (Lc 2,27-35), José e Maria procuram e reencontram Jesus no templo (Lc 2,41-52), Bem-aventurado o ventre que te trouxe! (Lc 11,27-28), Jesus e sua mãe nas bodas de Caná (Jo 2,1-11), Mulher, eis aí teu Filho; a João: eis aí tua mãe (Jo 19, 25-27) (BÍBLIA, 2010, p. 1628-1629).

A figura de Maria na Sagrada Escritura mostra na comunidade cristã o seu papel ativo por ser íntegra na fé, motivo que revela sua exemplaridade como Mãe e discípula de Jesus, posição privilegiada dentro do projeto salvífico da humanidade. Esses dados mostram algumas passagens bíblicas que mencionam a Mãe de Jesus, participando ativamente da sua encarnação. Ela estava junto dele, desde a alegria da manjedoura até o sofrimento aos pés da cruz. Portanto, Maria agiu na Igreja nascente, visto que era parte do povo de Deus, mas também ponto de união do

caminho da espiritualidade desse povo. Isso sugere algumas correspondências pastorais nas propostas desse caminho/ou caminhos, na medida em que:

Falamos aqui do caminho/ou caminhos, porque ele pode vir “*do alto*”, o que reflete uma mariologia bonita e forte, tradicional, mas que também pode aparecer como algo muito distante da realidade em que vivemos e até mesmo desarticulada da Igreja e a sociedade. Mas ela também pode vir “*de baixo*”, de onde estamos, da realidade e do grito do povo, sobretudo dos pobres, o que vai enaltecer os elementos teológicos de Maria a partir de entendimentos mais próximos da caminhada da Igreja e dos desafios sociais, pois ela vem e aparece/ou é referenciada como “mãe”, “discípula e missionária”, “Maria dos pobres” (que é uma referência à Igreja dos pobres) e a “Maria da Libertação”, muito enfatizada na América Latina, sobretudo a partir de Puebla (1979) (KUZMA, 2019, p. 84, grifos do autor).

Por conseguinte, nas declarações do magistério eclesial, um tempo de estruturação foi iniciado, descobrindo a identidade cultural dos povos latino-americanos, principalmente daqueles em situação de pobreza, revelando suas histórias e seus valores através da articulação entre religiosidade e os direitos humanos. Nessa perspectiva, recordamos que:

Nessa retomada histórica convém recordar os ensinamentos do Magistério do episcopado latino-americano. As conclusões de Medellín (1968) consideram que “os leigos cumprirão mais cabalmente sua missão de fazer com que a Igreja ‘aconteça’ no mundo, na tarefa humana e na história”. Puebla (1979) identifica os leigos como homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 19, 2016, p. 25).

Nesse sentido, os leigos almejavam as propostas do Concílio Vaticano II, diferente das práticas de uma antiga Igreja baseada no pensamento tridentino. Nessa perspectiva, Cabral (2008, p. 69) reflete: “Não fazia muito tempo que o modelo eclesiológico predominante era o tridentino com seu entendimento da Igreja como uma sociedade perfeita, separada do mundo”. Pensemos, então, que as propostas do Concílio Vaticano II conseguiram atrair com mais facilidade o laicato.

Por isso, as atualizações dentro do clero eram necessárias, referentes à renovação da liturgia através das missas em língua vernácula e do abandono da ostentação eclesiástica em suas estruturas pomposas que não correspondiam à realidade dos leigos católicos, principalmente dos latino-americanos. Esta postura faz parte da atividade missionária da Igreja, uma vez que revitaliza a participação dos leigos em seus aspectos pastorais. Nas reflexões sobre o laicato, a Conferência

de Puebla, que ocorreu em 1979, buscou resgatar os pontos de avanço provenientes das propostas do Concílio Vaticano II, na medida em que:

[...] esta Conferência teve como base a *participação de leigos e leigas na vida da Igreja e na missão desta no mundo*. Ou seja, sua missão está conjuntamente formada na missão da Igreja. Isto tudo para apresentar a fisionomia de uma *Igreja comprometida com a promoção da justiça* em nossos povos (DP n. 777) [...] (KUZMA, 2009, p. 78, grifo do autor).

Tudo isso nos faz recordar que a religião é capaz de libertar consciências. Dito em outras palavras, conforme Mello (1998, p. 7): “Trata-se de, como na Igreja contemporânea, nela enxergar instrumento de luta, capaz de travar ‘o bom combate’, a que se referem o apóstolo e o poeta”. Em suas notas explicativas, o historiador José Octávio de Arruda Mello, escritor paraibano, esclarece que a expressão foi utilizada pelo apóstolo Paulo em uma de suas epístolas a Timóteo e na literatura pelo poeta gaúcho Mário Quintana.

Na análise das questões religiosas, do cristianismo e da Igreja como componentes integrantes do processo histórico, no mundo e no Brasil, buscamos o pensamento do historiador José Honório Rodrigues, pois:

Há assim uma visão que pretende ser não a dos dominadores, mas a dos oprimidos. O que se deseja é fazer com que a História cristã não seja a da ideologia dos opressores, mas a de um evangelho da libertação. Trata-se de elaborar uma História a partir dos indígenas, dos africanos, dos mestiços, do povo oprimido e marginalizado (RODRIGUES, 1986, p. 42 apud MELLO, 1998, p. 8).

Assim, a presença da Igreja adquiria relevo no interesse pelos problemas sociais, havendo uma maior disponibilidade dos membros do clero na direção rumo ao verdadeiro espírito cristão. Esse direcionamento clerical avançando para autenticidade cristã na sociedade ocorreu no território paraibano principalmente a partir de Dom José Maria Pires. Nessa perspectiva, Mello (1998, p. 33) revela que: “Acerca da questão social de maior engajamento da Igreja, no Brasil, o pensamento de José Honório coincidia com o do Arcebispo Metropolitano da Paraíba, Dom José Maria Pires, um dos expoentes da chamada Igreja da Teologia da Libertação”.

Após o Concílio Vaticano II, a mariologia passou a ter mais interesse nos valores das pastorais sociais, enfatizando a categoria da missão e do serviço presentes na figura de Maria. No caso da América Latina, o aspecto profético-libertador mariano ficou em destaque. Para isso, o hino do *Magnificat*, descrito pelo

evangelista Lucas, despertou na comunidade católica uma visão de Maria voltada para as pessoas empobrecidas e oprimidas. O modelo de Igreja sintetizado em Puebla buscou novas perspectivas mariológicas que inspirassem os compromissos sociais diante do pluralismo da sociedade.

Alguns membros do clero tinham consciência de que a Igreja católica necessitava de um tempo para assimilar as orientações do Concílio Vaticano II, haja vista que as estruturas anteriores já estavam bastante consolidadas e não iriam se abalar com facilidade. Os leigos católicos, quando pressentiram a oposição por parte de uma parcela do clero da época, foram avançando paulatinamente rumo à busca de sua autonomia, assumindo não apenas os compromissos paroquiais, mas explicitamente as atividades sociais em seus países.

Nesse sentido, houve a busca da justiça no contexto social, alicerçada tanto na espiritualidade quanto no posicionamento crítico diante da defesa dos direitos humanos dos segmentos indígenas, negros e mestiços da população latino-americana, principalmente através das preocupações contempladas em Puebla. Nessa perspectiva, a opção preferencial pela evangelização das pessoas empobrecidas e colocadas à margem da sociedade ganhou destaque, priorizando alguns segmentos sociais, conforme podemos entender da seguinte explicação que aponta, à nível nacional, os resultados para o povo brasileiro:

Assim, no seu conjunto, longe de desestimular a Igreja do Brasil, Puebla deu-lhe novo impulso, com uma recepção calorosa do documento por parte das comunidades que souberam captar suas intuições fundamentais como a do Cristo, interpelando-nos a partir do rosto dos indígenas e afro-americanos, dos camponeses, dos operários, dos favelados, das crianças, dos jovens, dos velhos, dos marginalizados [...] (BEOZZO, 1993, p. 227).

Notamos que a santidade, muitas vezes, apresentou-se por meio das virtudes de linha monástica. Isso representou para os leigos uma impressão de quase inacessibilidade. No entanto, em Maria, a santidade se realiza em ações idênticas àquelas que as pessoas comuns são chamadas a realizar, tais como agir com pressa no auxílio às outras pessoas (nesse sentido, consultar a passagem bíblica da visita de Maria a sua prima Isabel), compadecer-se pela falta de mantimentos (conforme o episódio das núpcias de Caná), acompanhar o filho em sua luta por justiça (conforme o martírio de Jesus no Calvário), entre tantos outros exemplos que a vida de Maria oferece para aqueles que procuram entender o valor de suas ações na existência de Jesus Cristo.

Algumas datas lembram a vida de Maria, seus dogmas e suas aparições. Através de um breve resumo, conforme as leituras do calendário litúrgico utilizado pela Igreja católica, temos que:

1 de janeiro (Santa Maria, Mãe de Deus), 11 de fevereiro (Nossa Senhora de Lourdes), 25 de março (Anunciação do Senhor), 13 de maio (Nossa Senhora de Fátima), 31 de maio (Visita de Nossa Senhora a Isabel), 16 de julho (Nossa Senhora do Carmo), 14 de agosto (Vigília da Assunção), 15 de agosto (Assunção da Virgem Maria), 22 de agosto (Nossa Senhora Rainha), 8 de setembro (Natividade - aniversário natalício - da Virgem Maria), 15 de setembro (Nossa Senhora das Dores), 7 de outubro (Nossa Senhora do Rosário), 21 de novembro (Apresentação – entrada - da Virgem Maria no templo) e 8 de dezembro (Imaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora) (BÍBLIA, 2010, p. 1624-1627).

As datas litúrgicas são importantes para o povo, principalmente quando fazem menção a algum evento da devoção mariana, principalmente aos dogmas. No primeiro dia do mês de janeiro de cada ano, a Igreja católica comemora Maria sendo a Mãe de Deus. Nesse sentido, o Concílio de Éfeso, no ano de 431, proclamou a definição dogmática que em Jesus Cristo existe a natureza humana e a natureza divina, uma vez que representa o filho de Deus.

Esse raciocínio teológico cristão, no contexto da Santíssima Trindade, resultou no entendimento de que o ventre de Maria abrigou o próprio Deus, aprofundando o mistério da filiação divina. De tal forma, o dogma da Maternidade Divina foi estabelecido:

[...] o papa São Celestino convocou um Concílio, no ano de 431, na cidade de Éfeso. Nesse Concílio predominou a doutrina da Maternidade Divina de Maria. [...] Daquela data em diante, no mundo todo, Maria foi aclamada Mãe de Deus. No linguajar antigo português, em muitos lugares conserva-se a expressão “Madre de Deus” (BERALDI, 2012, p. 31-32).

O cristianismo vivido pelos fiéis operou na movimentação dos bispos, no caso da devoção mariana, pois se percebe que a hierarquia subsiste em decorrência da fé do povo que confere o prestígio necessário para as que as determinações do clero tenham aceitação, na medida em que:

Os bispos hesitam, até que, finalmente, na Assembleia de Éfeso, no ano 431, cedem diante do cristianismo apócrifo e mandam registrar nos documentos oficiais: “Maria, Mãe de Deus”. Aparece aqui uma dependência da estrutura episcopal. Ela repousa no cristianismo apócrifo mais que muitos bispos admitem [...] (HOORNAERT, 2016, p. 138).

Em 15 de agosto comemora-se a Assunção da Virgem Maria. Sobre a solenidade da Dormição de Maria, estabelecida no Oriente, e que, no Ocidente, recebeu o nome de Assunção, Boff (2006, p. 517) explica: “Essa já era celebrada em 15 de agosto desde o século V, em Jerusalém, sendo fixada no Ocidente, no século VII”. Assim, partimos do pressuposto de que a devoção mariana conserva a permanência da tradição religiosa inserida na sociedade laica. O contexto religioso apresenta no calendário litúrgico o depósito das mensagens dirigidas não só a Igreja, mas que se projetam nas sociedades, sem esquecer a luta contra o secularismo em seus diferentes contextos políticos e culturais.

Em 22 de agosto comemora-se a data de Nossa Senhora Rainha, retomando a devoção a Maria em sua relevância para os leigos e para o Magistério clerical, contando com estudos bíblicos. Nesse sentido, muitos católicos já estão acostumados a rezar a oração “Salve Rainha”. De fato, Azzi (2008a, p. 55, grifo do autor) explica: “Na oração medieval *Salve, Rainha*, Maria era apresentada como uma nova Eva, cujo auxílio tornava-se absolutamente necessário para que os homens pudessem ser logo libertados de sua condenação ao exílio terrestre”.

O Papa Pacelli, após a proclamação de Maria Rainha, revela que esse título de realeza é fruto do sentimento que insiste em dizer que a Rainha do Céu é um exemplo luminoso de resignação e paz. É, antes, fator que desperta a valentia no íntimo do coração cristão e na liderança enérgica em direção do amor ao próximo. Portanto, é um reinado contrário a toda forma de dominação. Cumpre dizermos que: “Para isso foi determinante a proclamação da festa de Maria ‘Rainha do Mundo’, por obra de Pio XII, no ano mariano de 1954 por meio da encíclica *Ad coeli reginam* (11/10/1954)” (BOFF, 2006, p. 122).

Ressaltamos que a associação da Legião de Maria foi fundada em 7 de setembro de 1921, na véspera da Natividade da Virgem Maria, fato que mostra como os grupos legionários condicionam o tempo, a linguagem e os esquemas mentais como elementos vinculantes para o catolicismo.

No dia 8 de dezembro é comemorada a Imaculada Conceição da Virgem Maria. Essa data foi formulada através de uma mentalidade mariana bastante devocional e incorporada nas manifestações religiosas dos países com predominância do catolicismo. A definição dogmática foi bem aceita pelo povo católico e se desenvolveu no correr dos séculos na memória da Igreja:

No século XIX, aumentava visivelmente a devoção a Maria, como um distintivo dos católicos. Na Aparição da Medalha Milagrosa, a Catarina Labouré em 1830, está escrito: “Ó Maria, sem pecado original, rogai por nós”. Em 1848, o Papa Pio IX encarrega uma comissão de teólogos de examinar a questão. [...] no dia 8 de dezembro de 1854 é proclamado o dogma da Imaculada Conceição, com a bula *Inefabilis Deus* (MURAD, 2012, p.165).

O Concílio Vaticano II ajudou na compreensão dos dogmas, pois posicionou a Bíblia como fonte da teologia e da liturgia, mostrando o lugar da Tradição da Igreja na interpretação da Sagrada Escritura e os elementos que despertam a vivência da fé e da experiência cristã. Por conseguinte, ao falar sobre a função de Maria, o Concílio Vaticano II enaltece a mediação de Cristo. Entendemos que a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, em seu capítulo sobre Maria, ressaltou que, em cada passagem dos mistérios da vida de Jesus Cristo, Maria teve uma função cooperativa e especial. Nesse sentido, sendo a devoção um relevante elemento do catolicismo, Cabral (2017, p. 174) afirma: “Uma das mais antigas, a devoção a Maria é também chamada de hiperdulia – a mais especial e excelente entre as formas de culto aos santos -, por isso mesmo, reservada apenas a Nossa Senhora”.

O apostolado legionário busca seguir o exemplo de solicitude de Maria, conforme descrito nos evangelhos, contribuindo para o plano divino da salvação da humanidade. Nessa perspectiva, o capítulo VIII, n. 60, da *Lumen Gentium* aponta a participação de Maria no Mistério de Cristo e da Igreja. Em outras palavras, os padres conciliares refletiram:

É um só o nosso Mediador, segundo as palavras do Apóstolo: ‘Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos’ (1Tm 2,5-6). A função maternal de Maria para com os homens, de nenhum modo obscurece ou diminui esta mediação única de Cristo, antes mostra qual é a sua eficácia. Na verdade, todo o influxo salutar da bem-aventurada Virgem em favor dos homens não é imposto por alguma necessidade, mas sim pelo beneplácito de Deus, e dimana da superabundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação, dela depende absolutamente e dela tira toda a sua eficácia; e, longe de impedir, fomenta ainda mais o contato imediato dos fiéis com Cristo (IGREJA CATÓLICA, 1997a, n. 60, p. 186).

Desde os tempos mais antigos do cristianismo, Maria é venerada pelos fiéis que se colocam sob sua proteção, recorrendo com preces e súplicas. Nesse sentido, o Concílio de Éfeso, no ano de 431, ajudou o culto mariano a crescer em exuberância na medida em que reconheceu o título de Mãe de Deus. Os títulos de

Maria originam-se de várias formas, sendo criados tanto pela religiosidade popular quanto pelas invocações proclamadas pela hierarquia eclesiástica. Nessa perspectiva, Padre Roque Beraldi, missionário claretiano, em seu livro publicado em 2012, enumera 101 títulos de Nossa Senhora, invocações que tratavam dos privilégios marianos, dos fatos históricos, das virtudes e dos lugares de devoção ou das aparições. Reconhecendo essas prerrogativas de Maria, acreditamos que jamais os títulos conseguirão dar conta das homenagens que espontaneamente surgem do povo devoto, na medida em que:

O Papa Emérito Bento XVI chama a religiosidade popular de 'precioso tesouro da Igreja católica' na qual 'aparece a alma dos povos'. Para compreender a espiritualidade popular é preciso olhá-la com os olhos do Bom Pastor, não julgar, mas amar. Pensemos na fé firme das mães rezando ao pé da cama de seus filhos doentes, na carga imensa de esperança contida numa vela acesa, no olhar que se volta para o crucifixo, para o céu e para Maria e os santos. Pensemos nas peregrinações aos santuários, no amor e respeito pelos mortos, nas novenas, na via-sacra, nas procissões, no rosário, nos cânticos, nas orações etc. São sinais da fé, que sempre precisam ser evangelizados. No entanto, revelam a fé e o amor a Deus neste ambiente de secularização e de indiferença religiosa em que vivemos. A espiritualidade popular é uma confissão de fé que evangeliza filhos, vizinhos, parentes, amigos e toda a sociedade (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 198, 2016, p. 124-125).

Para compreender a religiosidade popular, principalmente em sua face feminina, é preciso tentar escutar as rezas das mulheres que pedem por filhos, maridos, companheiros, familiares, enfim, por toda a humanidade, tanto no contexto da devoção mariana quanto da devoção aos santos e santas. Nesse sentido, Aragão explica:

O núcleo é a devoção aos santos, através de um relacionamento direto e pessoal, mas esse catolicismo de devoção é suplementado pelas práticas sacramentais do catolicismo romano, como Batismo, Primeira Comunhão, casamento e os funerais, além das festas dos padroeiros e da semana santa (ARAGÃO, 2017, p. 95).

Os elementos da religiosidade popular e da devoção lançam, no âmbito privado e coletivo, a lembrança retrospectiva da história de vida tanto de Maria quanto dos santos e das santas, projetando para a existência celeste, alimentando a esperança nos milagres, a fim de que imitando seus exemplos de santidade e suas virtudes ocorra a edificação da fé em seus lares e na sociedade.

3.2 Maria obediente e humilde: base para o sistema legionário

Se a devoção mariana é a condição básica e indispensável do apostolado legionário, então a obediência ao sistema é o alicerce em que essa união deve ser embasada. Desse modo, a primeira batalha do legionário ocorre em disciplinar o seu comportamento dentro do esforço para seguir as regras e atingir a humildade de suas intenções nas obrigações apostólicas que requerem: pontualidade, compromisso, disciplina e confiança.

Conforme o Concílio Vaticano II, no contexto do culto da bem-aventurada Virgem Maria na Igreja, existem quatro direções pelas quais o povo de Deus fez crescer às homenagens prestadas a Maria. Assim, transcrevemos o referido texto da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 66:

[...] Sobretudo a partir do Concílio de Éfeso, o culto prestado a Maria pelo povo de Deus cresceu admiravelmente, em veneração, amor, invocação e imitação [...]. Com efeito, as várias formas de devoção para com a Mãe de Deus, que a Igreja aprovou, dentro dos limites da doutrina sã e ortodoxa, segundo as circunstâncias de tempos e lugares, e atendendo a índole e ao modo de ser dos fiéis, fazem com que, ao mesmo tempo que a Mãe é honrada, o Filho, “pelo qual existem todas as coisas” (cf. Cl 1,15-16) e no qual “aproveu ao eterno Pai que habitasse toda a plenitude” (cf. Cl 1,19) seja devidamente conhecido, amado e glorificado e sejam observados os seus mandamentos (IGREJA CATÓLICA, 1997a, p. 190).

Por intermédio de Maria, os fatores veneração, amor, invocação e imitação são assimilados nas práticas devocionais da tradição católica pelos legionários. Pretendemos acrescentar, em nossa tese, um quinto fator, a “obediência”. Nesse sentido, essa atitude é um princípio central da Legião de Maria, regulando o sistema legionário, na medida em que fortalece a hierarquia entre os grupos. O fator “obediência”, introduzido pelo exemplo de Maria, no qual se enaltece o consentimento¹ mariano em sua resposta à saudação do Anjo Gabriel, desperta o pleno sentido da colaboração, quando ela recebe a maternidade resultante da obediência à vontade divina no plano salvífico.

Assim, a ação dos legionários é justificada, em princípio, pela inteira confiança em Maria. Por conseguinte, Maria simbolicamente aprofunda nesse movimento energias e disposições para o apostolado. Haverá nesse sentido alguma

¹ Conforme descrito pelo evangelista Lucas, temos que Maria disse ao anjo: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

coisa que não combine entre a espiritualidade e a rigidez da obediência? Nessa perspectiva, de maneira didática, buscamos compreender:

Habitualmente, herda-se a devoção mariana de uma pessoa da família, como a mãe, o pai, a tia ou a avó. Ou aprende-se durante a catequese. [...] Quando a pessoa se torna adulta, talvez não veja mais sentido naquelas práticas tradicionais da infância. Muita gente que foi forçada a rezar quando era pequena hoje tem dificuldade de recorrer à devoção que aprendeu. Outras guardam-na no coração e se apegam a ela, especialmente em momentos de crise e de dificuldade (MURAD, 2012, p.199).

Aqui o caráter sociorreligioso não chega a ser um compromisso ético diante das necessidades humanas no contexto das desigualdades sociais. Através da devoção, o legionário aprenderá que a obediência consiste em reconhecer com simplicidade a sua prontidão em aceitar a vontade divina, na maneira habitual de proceder.

No entanto, as pessoas conhecem mais a obediência forçada nas situações do cotidiano, nas quais os indivíduos costumam obedecer aos outros porque a desobediência pode colocar em perigo algo nas suas vidas. Ao contrário, a obediência exemplificada por Maria é aprendida por amor e por doação.

A fim de controlar mais os *praesidia*, esses grupos recebem periodicamente as visitas dos membros das *curiae*, com a preocupação de verificar o cumprimento das obrigações, que caracteriza a observância das regras, preservando a ordem e os costumes legionários que devem manter uma disciplina contínua. Por isso, assim acontece:

O trabalho do legionário deve ser inflexível e firme, recusando-se sempre a admitir qualquer desânimo. No momento da crise, deve ser uma rocha e, em todos os momentos, constante. Deve esperar o bom êxito, de maneira humilde, mas nunca ser seu escravo. Na luta contra os insucessos, deve ser um corajoso combatente, jamais desanimando, colocando-se sempre acima das dificuldades e monotonias, porque elas oferecem ocasião de provar a sua energia e fé. Pronto e resoluto, se o chamam; sempre alerta, quando na reserva; e mesmo sem combate, sem inimigo à vista, sempre de sentinela, pela causa de Deus (MANUAL..., 2014, p. 25).

Desse modo, Frank Duff, considerando a obediência como um procedimento que ajudaria no destino do movimento legionário, inaugurou um sistema dirigido com hierarquia e fidelidade, comunicando seu apostolado através da devoção mariana, apresentando uma fisionomia própria dentro do laicato católico.

3.3 *Magnificat*: oração e evangelização

A *catena legionis* é a oração central da Legião de Maria, cuja leitura é uma obrigação diária entre todos os filiados nessa associação, sendo composta principalmente pelo hino mariano do *Magnificat*² em seu aspecto profético, descrito pelo evangelista Lucas no texto bíblico. Esse hino possui um núcleo duro e um núcleo terno para a teóloga Lina Boff, uma vez que: “O primeiro se dirige às pessoas pobres e oprimidas. Enquanto o núcleo terno se dirige às pessoas excluídas e tidas como descartáveis para a sociedade” (BOFF, 2016, p. 69). Esses núcleos permitem ver o *Magnificat* para além da oração, incluindo o aspecto ético do exemplo mariano. Assim sendo, a dimensão social faz exigências para o laicato, vendo em Maria uma companheira de libertação do povo, conforme aponta Kuzma (2019, p. 80): “Olhar para Maria, é fazer com ela a opção pelos pobres e ter nela a companheira de libertação”.

As palavras do *Magnificat* convidam os leitores a pensar nos alertas vigorosos que Maria faz ao mundo. Nesse hino, ela rejeita a passividade, pois propõe a libertação das injustiças. Nessa perspectiva, a imagem de Maria contesta a comparação de Burke (2010, p. 225): “Igualmente passiva é Cinderela, e também outras heroínas de contos populares; quase igualmente passiva é a Virgem Maria, figura de obediência (a Anunciação) ou sofrimento resignado (a Crucificação)”.

Os laços de unidade entre os legionários ativos e auxiliares são motivados principalmente pelas orações. Os ativos participam das reuniões e das atividades e possuem a obrigação de rezar diariamente a *catena legionis*. Os legionários auxiliares não participam das reuniões, mas possuem o dever da oração diária da *tessera*. Nesse sentido, percebemos que essa associação estimula os leigos católicos na vida espiritual, principalmente através das orações. Uma das condições para a oração pode ser o recolhimento, buscando a interioridade no ato de fé:

Isto significa que, em determinado momento, o homem suspende sua atividade febril que o prende ao exterior e, fazendo um silêncio interior, se introduz em si mesmo para tomar contato com o que verdadeiramente é, com o que verdadeiramente sente e valoriza (TAGLE, 1987, p. 202).

² Nesse sentido, consultar o Evangelho de Jesus segundo Lucas que descreve o cântico do *Magnificat*, Lc (1,46-56).

Algo semelhante acontece com os membros da Legião de Maria, os quais devem tratar expressamente suas orações, para que a espiritualidade mariana seja uma atitude permanente. O legionário, pelo compromisso firmado, deve dedicar tempo à oração. Esses momentos vão alinhando a unidade dessa associação, pois seus membros devem rezar diariamente a *catena legionis*, que colocamos no ANEXO H desta tese.

Sobre a expressão comunitária de fé através das crenças herdadas, de geração em geração, por meio de gestos, símbolos, imagens e ritos, Azzi (2008a, p. 49) explica: “O sinal-da-cruz tornou-se também um ato de devoção para os cristãos. Ao passar diante de um oratório, de uma igreja, de um enterro, de uma tumba, as pessoas faziam o sinal-da-cruz”.

Na análise do *Magnificat*, consultamos os estudos feitos por Clodovis Boff que abordam uma leitura sociomariológica dos textos marianos. O que despertou o nosso interesse em descrever o referido hino mariano, rezado pelos legionários diariamente, é sua dimensão social e histórica. No entanto, sabemos que a leitura do *Magnificat*, cujo redator foi o evangelista Lucas, possui várias vertentes interpretativas, que vão do contexto apenas espiritual até o campo social e histórico. A assimilação do hino mariano pode ocorrer de forma sociomariológica:

Sem embargo, não basta afirmar e querer que a dimensão da fé seja a determinante ou hegemônica. É preciso que ela confira realmente **vigor** a toda a leitura do *Magnificat*. A regência da fé tem que operar eficazmente em todo o corpo do texto interpretativo. [...]. E tudo isso - vale repetir - sem dano para o sentido sociolibertador do *Magnificat*, antes, adjudicando-lhe o horizonte hermenêutico adequado, dentro do qual tal sentido possa se manifestar em seu justo valor. É precisamente nisto que se prova a força do espírito: na capacidade de manter a libertação espiritual no seu nível transcendente e, ao mesmo tempo, de fazer jus à libertação material com toda a sua dramaticidade. Ceder a tensão de uma das extremidades da cadeia é impedir-se de fazer uma correta hermenêutica sociomariológica (BOFF, 2006, p. 322, grifo do autor).

Em outras palavras, e aplicando esse pensamento à nossa tese, a fé dos legionários mostra, em cada recitação do *Magnificat*, em suas reuniões semanais, a força da esperança na libertação social e na salvação espiritual de forma articulada. As dimensões constitutivas da fé cristã são apresentadas numa unidade intrínseca que acaba centrada nas condições representadas pelas desigualdades sociais.

Quando se enfatiza apenas o sentido espiritual do *Magnificat*, na sombra da santidade de Maria, perde-se a oportunidade de apreciar o seu peso sociopolítico.

Afinal, esse hino mariano implica uma advertência para aqueles que desafiam a justiça divina, situação corriqueira na sociedade. Lembremos que: “as reviravoltas sociais e políticas deste mundo não estão fora do horizonte da *Magnificat*” (BOFF, 2006, p. 367).

Essas reviravoltas ressoam na esperança da vitória daquilo que é fruto da justiça. Nesse sentido, o *Magnificat* também inspirou Martim Lutero, que escreveu um comentário sobre o louvor mariano. Originalmente, esse trabalho foi escrito, em 1521, por Lutero, o qual reflete que a justificação por graça e fé aconteceu na vida de Maria. Assim, naquela época, ele explica ao Duque da Saxônia:

Bondoso Príncipe, recebi obedientemente a sua mensagem trazida há pouco e com alegria informei-me sobre seu conteúdo consolador. Faz tempo que prometi e estou devendo a Vossa Alteza uma explicação do *Magnificat*. [...] Isso é muito necessário. O bem-estar de muita gente depende de um príncipe tão importante, quando ele é governado pela graça de Deus. Por outro lado, dele depende a desgraça de muitos, quando ele se volta para si próprio e não é governado pela graça. [...] Ora, não lembro nada das Escrituras que sirva melhor para este caso do que o cântico sagrado da bendita mãe de Deus. Sem dúvida, todos os que quiserem governar bem e ser boas autoridades devem aprender bem e guardar na memória aquele cântico (LUTERO, 2015, p. 15-17).

Em primeiro lugar, Lutero colocou em evidência uma forma de governar conforme o modelo cristão, destacando como as classes superiores e inferiores, ou seja, príncipes e súditos devem reconhecer Deus e suas obras, compreendendo aquilo que se esconde nas palavras do *Magnificat*.

3.4 Maria missionária e discípula: aquela que não tinha estola

O testemunho e o anúncio da Palavra de Deus ocorreram na vida de Maria sem que ela nunca tivesse usado uma estola. No catolicismo, a utilização da estola é permitida apenas ao clero, sendo colocado sobre suas vestes. Para maior compreensão e esclarecimento sobre a palavra “estola”, buscamos o seu conceito por meio de um dicionário, encontrando o significado descrito por Ferreira (2010, p. 320): “Fita larga que os sacerdotes põem por cima da alva”.

Existe uma continuidade entre os eventos cristocêntricos, as vivências marianas e os clamores do povo, principalmente das mulheres, tais como: uma mãe que sente as dores do parto sem condições adequadas como parturiente (Maria deu à luz a Jesus numa simples manjedoura), uma mãe que se preocupa com o filho que

luta contra os poderosos (Jesus evangelizava contra as injustiças da época) e uma mãe que chora ao ver o corpo do filho martirizado (Jesus morreu crucificado). Recordamos que Maria, com certeza, clamou por justiça e isso a torna muito próxima de qualquer cristão, seja dos tempos primitivos, seja dos tempos atuais.

O que teria Maria de Nazaré a dizer aos seguidores de Jesus? Ou melhor, o que é possível dizer sobre o discipulado e a missionariedade marianos? No nosso estudo, os leigos possuem o desejo de levar adiante o modelo de discipulado e missionariedade da Mãe de Jesus. Nessa perspectiva, ressaltamos os seguintes pontos indicativos, cuja análise é importante para que os leigos e leigas assumam a condição de sujeitos na fé:

1. Maria é modelo de discipulado e missionariedade pela sua postura livre e aberta para acolher o mistério que lhe é revelado. Deixa que a graça atue. E ela não faz isso de forma passiva, mas ativa, ela questiona e interpela; ela supera o medo e assume todas as consequências de sua vocação.
2. Maria é modelo de discipulado e missionariedade pela sua atitude em servir. Ela sai às pressas, como aponta Lucas; a fé de Maria é vivida num compromisso que age, que se põe a caminhar e se faz solidário com quem está a seu lado.
3. Maria é modelo de discipulado e missionariedade porque dá vida a palavra da promessa. Ela diz com seu canto e provoca mudanças e indica caminhos. O Reino chegou com Maria, Deus se faz presente. Ela se assume como 'toda de Deus', vivendo e atuando 'totalmente aos humanos', por isso é mãe e companheira, por isso é um ponto de proteção, é apoio de esperança num mundo marcado pela falta de esperança. Maria faz brotar a fé, diante das certezas e incertezas da vida.
4. Maria é modelo de discipulado e missionariedade porque aponta para o Cristo. Ela nos oferece o vinho novo. Ela não se faz referência, mas companheira de caminhada. Está atenta e em prontidão. Ela não é Igreja como mistério, mas se faz Igreja com o povo.
5. Maria é modelo de discipulado e missionariedade porque se faz resistência no silêncio, respeitando o tempo e a hora dos filhos. Ele pede, mas não impede.
6. Maria é modelo de discipulado e missionariedade porque se faz presença. Ele sempre está. Ela se faz presente na dor e no sofrimento, ele sente o abandono, ela sente as dores, ela enxuga as lágrimas, ela se faz sentir nas entranhas e nas dificuldades da vida. É companheira no sofrimento, colocando-se ao lado e sendo força de esperança, conduzindo-nos ao braço do Filho.
7. Maria é modelo de discipulado e missionariedade porque é testemunha da ressurreição e vive a esperança do anúncio. Ela crê, ela espera. É tomada pelo Espírito Santo e vive a relação de fé no mundo, com o mundo e para o mundo; em Deus, com Deus e para Deus (KUZMA, 2019, p. 93-95).

Talvez não existam relatos bíblicos que mostrem como Maria se dedicou aos problemas relativos ao povo do qual fazia parte, senão alguns trechos superficiais, tais como o episódio descrito nas Bodas de Caná. Por conseguinte, o cuidado com o filho, tanto a criancinha da manjedoura de Belém quanto o homem adulto crucificado

no Calvário, são fatos enaltecidos na vida de Maria. No aleitamento materno, ela nutriu o recém-nascido Jesus. E aos pés da cruz, em seu choro maternal, acalentou os últimos instantes de seu filho martirizado. Por isso, do “leite” às “lágrimas”, interpretando esses acontecimentos no contexto da piedade cristã, entendemos Maria como aquela que “nutre” e “chora”, sendo companheira de fé na vida de vários católicos, principalmente dos seus fiéis devotos.

Para compreendermos a missão mariana, temos que voltar nosso olhar para a fé e obediência à vontade de Deus. Essa obediência foi prova da vocação de Maria para o bem das pessoas. Nem todos são chamados aos mesmos caminhos de santidade, mas alguns desses percursos de vida requerem um maior compromisso. É o caso de Maria, pois: “Perseverando junto aos apóstolos à espera do Espírito, Maria cooperou com o nascimento da Igreja missionária, imprimindo-lhe um selo mariano e maternal, que identifica profundamente a Igreja de Cristo” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 114, 2016, p. 78). Como consequência, no entendimento da missão do laicato, o perfil mariano antecede os perfis apostólico e petrino, mesmo estando ligado a ambos, de forma conjunta e complementar na Igreja, pois o modelo mariano é exemplo de vida na comunidade cristã.

As razões teológicas para a compreensão da identidade mariana são complexas, pois requerem enxergar em Maria um modelo cristão. Nela a aproximação com a santidade foi vivida de maneira cotidiana, em sua face humanizada, como fica explícito no episódio das núpcias de Caná:

Encontramos ainda uma palavra de Maria no relato das núpcias de Caná: “Eles não têm mais vinho” (Jo 2,3). Impelida pela caridade aos noivos, evidentemente embaraçados, Maria toma a iniciativa de dirigir-se a Jesus, na confiança de que ele, sendo Deus, poderá intervir. Suas palavras exprimem, por um lado, compaixão e cuidado pelos noivos em dificuldade, e por outro, confiança e confidência com Jesus. [...] Ainda que se encontre no plano das criaturas, a palavra de Maria, graças à sua fé e à sua relação singular com o Filho, resulta eficaz [...]. A intervenção da Virgem Maria não se exaure com a intercessão para o milagre. Maria, dirigindo-se aos servos, diz: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). É um convite explícito a crer em Cristo, seu Filho, a confiar nele porque somente ele pode indicar o caminho para a salvação e intervir segundo o nosso verdadeiro bem. Com essas palavras, a Mãe de Jesus torna-se mestra de fé. Ela nos ensina o segredo do crescimento interior, que consiste no ato de colocar em prática essa simples exortação (DEL GAUDIO, 2016, p. 50-51).

Entendemos que as núpcias de Caná podem ser uma metáfora para as necessidades humanas de subsistência através do milagre realizado por Jesus,

transformando os barris de água em vinho. Nesse raciocínio, passados mais de dois mil anos, ainda ressoa a resposta de Maria. O final feliz das núpcias de Caná é um desejo na vida de homens e mulheres da contemporaneidade, mas para tal desfecho é necessário seguir o conselho mariano, ou seja, obedecer àquilo que Jesus ensinou. E isso já é indicado pela fórmula cristã centralizada no amor ao próximo.

É a construção gradativa desse amor na família, no trabalho, no matrimônio, na educação dos filhos, na justiça social, no trânsito, no respeito às normas de saúde pública, entre tantos outros deveres em que a opção cristã levaria ao bem comum de todos. Dessa forma, os leigos estariam diante da consciência moral cristã enquanto caminho que deveriam trilhar. O ingresso dos leigos nos movimentos religiosos apoia a ação e a autonomia do laicato, evitando o clericalismo. Assim, em 2016, o Papa Francisco, em carta ao Cardeal Marc Oullet, evoca o sentido do compromisso dos leigos:

O clericalismo leva a uma funcionalização do laicado; tratando-o como “mandatário” limita as diversas iniciativas e esforços e, ousaria dizer, as audácias necessárias para poder anunciar a Boa-Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política. O clericalismo, longe de dar impulso às diversas contribuições e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a inteira Igreja está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertence a todo o povo de Deus e não só a poucos eleitos e iluminados (IGREJA CATÓLICA, 2016, p. 13).

As pastorais populares da América Latina foram espaços nos quais os leigos buscaram manter a esperança e a fé. Nesse sentido, o leigo comprometido tanto ajuda nas realidades das paróquias quanto na vida social em suas atividades cotidianas. Desse modo, evitamos o equívoco de pensar que o laicato deveria priorizar o ambiente clerical. Pelo contrário, a vida pública está repleta de desafios que necessitam que os leigos manifestem a sua fé, apurando o sentido da evangelização popular através de atitudes de desapego, paciência, aceitação dos outros, dedicação aos doentes, entre outras atividades que tornam as pessoas capazes de serem generosas no sentido religioso e predispõe-nas ao encontro com os princípios cristãos.

3.5 União a Maria: o apostolado legionário

O primeiro convite feito pela Legião de Maria às pessoas que se filiam ao movimento é o compromisso na frequência aos sacramentos e a obediência à doutrina católica. Mas, posteriormente, durante as atividades do apostolado, os legionários buscam levar palavras de apoio espiritual durante as visitas aos domicílios, aos hospitais, às famílias enlutadas, aos encarcerados, entre várias outras atividades nas quais tanto as orações quanto as atitudes tornam-se necessárias. Conforme explicava o Cardeal Suenens, a união a Maria é o caminho que leva as pessoas a aceitarem as tradições devocionais e o apostolado, pois:

Se é necessário ir a Deus por Ela, é também necessário ir aos homens por Ela. A devoção a Maria não tem sentido se não é apostólica. O grande mérito da Legião será de ter unido indissolavelmente Maria e a ação. [...] Devoção a Maria, no sentido ativo e forte, é identicamente apostolado, pois, Maria é e será sempre Aquela que gera o Cristo. [...] O apostolado religioso, evangélico e direto de que se trata é uma maternidade espiritual. Pode revestir-se de múltiplas formas, quer coletivas, quer individuais. A aproximação das almas se faz por todas as vias de influência. Mas, em última análise, ser apóstolo é fazer nascer ou crescer Jesus Cristo em nossos irmãos. [...] Maria, a mãe por excelência, recebeu mais do que todas as mães o dom divino do amor inesgotável, e por essa razão a ação apostólica marial é uma longa paciência, uma solicitação, que não se cansa de esperar e confiar (SUENENS, 2000, p. 75-77).

Notamos uma tendência dos grupos legionários em enaltecer em seus membros e nas pessoas visitadas a busca pelos Sacramentos de Iniciação Cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia). Assim, os legionários incentivam que as famílias desejem o batismo dos filhos, mostrando que não se trata de um rito simples, mas repleto de compromissos e exigências que devem ser aceitos pelos pais e pelos padrinhos. Além disso, com relação aos jovens, tentam mostrar a importância das experiências de fé (Crisma e Eucaristia). Na contemporaneidade, a juventude não recebe com mansidão as relações de autoridade das instituições. Por conseguinte, os legionários apelam para o convencimento dos jovens das paróquias, uma vez que a imposição não seria acatada.

As práticas religiosas dos legionários mostram a relevância do batismo para os leigos católicos, principalmente na cultura do povo. Afinal, na religiosidade popular, dentro do catolicismo, existe uma configuração simbólica negativa para os pais que deixam o filho recém-nascido sem o batismo. Assim, o batismo para o

catolicismo é valorizado desde o início da vida das crianças. Além disso, os grupos da Legião de Maria gostam de ensinar as pessoas a rezarem, principalmente quando ajudam na catequese das crianças para que realizem a primeira eucaristia.

Por isso, a Legião de Maria procura desenvolver a santidade de seus membros de um modo peculiar, através de atividades em várias linhas de evangelização, entre as quais na pastoral da catequese, na pastoral da família, na pastoral da liturgia, na pastoral da saúde e na pastoral da juventude.

Além disso, os grupos legionários costumam realizar o contato pessoal através das visitas domiciliares aos idosos, rezando na companhia deles. Por meio das visitas, confortam as famílias enlutadas. Os grupos legionários estimulam as pessoas a participarem das missas, da leitura bíblica, da oração do Terço e da oração do Rosário. Os legionários organizam novenas, vigílias de oração, entronização do Sagrado Coração de Jesus nas famílias, encorajando-as na prática da oração diária. Eles também realizam visitas aos hospitais e aos asilos. Outras atividades são a organização de palestras e cursos sobre a espiritualidade mariana. Além disso, muitos grupos fazem o encaminhamento das pessoas aos sacramentos da Igreja católica (batismo, matrimônio, crisma e catequese).

Existe a assistência espiritual, com a leitura da Sagrada Escritura, para famílias carentes, pois as orações são fontes de encorajamento diante das adversidades da vida. Porém, uma das atividades prioritárias nos grupos legionários é a propagação da devoção a Nossa Senhora, possibilitando até mesmo a peregrinação de imagens pelas residências.

A necessária união do legionário com essa associação exige dele, não só o compromisso profundo dessa adesão, mas a capacidade de mantê-lo. Um leigo católico pode querer se tornar um legionário e, no entanto, não ter o tempo disponível para as reuniões semanais ou condições físicas para realizar as visitas, ou seja, qualidades necessárias para que a Legião de Maria mantenha a sua engrenagem em ordem. Nessa perspectiva, esclarecemos:

Não se pense que as obrigações apostólicas hão de descer do céu, para pousarem, de modo ostensivo, sobre aqueles que se contentam em esperar, passivamente, os acontecimentos. [...]. O único meio eficaz de nos oferecermos a Maria, como apóstolos, é fazer apóstolado. Dado este passo, Maria empolga a nossa atividade e incorpora-a na sua maternidade espiritual. Acresce, ainda, que Maria não pode realizar sua obra maternal sem este auxílio (MANUAL..., 2014, p. 46).

As reuniões dos grupos ocorrem principalmente na área de cada paróquia. Uma dupla de legionários visita as casas para fazerem o seu apostolado, abrangendo a reza do terço, as orações marianas, a leitura da *tessera* e da Bíblia. Essas visitas também podem ser feitas a hospitais, asilos, orfanatos, prisões e quaisquer locais em que os legionários sintam necessidade do anúncio cristão. Além disso, elas devem ser feitas de casa em casa e podem incluir visitas às pessoas não católicas, desde que se animem em estabelecer uma receptividade amigável. Esse apostolado proporciona que os legionários conheçam os moradores do bairro, esclarecendo a doutrina católica e a recepção de devoção mariana.

Não observamos na estruturação dessa atividade apostólica debates sobre os problemas políticos da sociedade. Nesse sentido, o Manual oficial da Legião de Maria (2014, p. 381) deixa explícito que: “Nenhum centro legionário permitirá que sua influência e os locais à sua disposição sejam utilizados para fins políticos ou a favor de algum partido político”. A missão dos legionários é realizada no plano espiritual, não havendo ações de auxílio econômico, uma vez que é proibida a distribuição de bens materiais ou dinheiro durante as visitas legionárias. Por isso, determina:

Não é permitido distribuir socorros materiais [...]. Ao estabelecer esta regra, a Legião não despreza a assistência material, em si, às pessoas necessitadas: afirma, apenas, que tal prática é prejudicial aos seus objetivos. Dar aos pobres é obra boa; dar aos pobres, por motivo sobrenatural, é coisa sublime. Muitas organizações, de reconhecido mérito, baseiam-se nesse princípio; e, entre elas, a Sociedade de S. Vicente de Paulo, a cujo exemplo e espírito a Legião tem o prazer de se proclamar altamente devedora; e, a tal ponto, que se pode afirmar que a Legião brotou daquela Sociedade. Mas a Legião tem um campo de atividade completamente distinto. O seu princípio básico é levar, a cada indivíduo, a riqueza dos bens sobrenaturais. [...] Como muitos exemplos mostram que esta regra pode ser interpretada de uma forma demasiado severa, é necessário declarar que os serviços prestados a alguém não constituem auxílio material. Pelo contrário, são recomendados. Afastam a acusação de que os legionários se limitam a falar de religião e sejam indiferentes às necessidades das pessoas. Os legionários devem provar a sinceridade das suas palavras, demonstrando seu amor e serviço, por todas as formas permitidas (MANUAL..., 2014, p. 378-381).

A fé, incorporada na busca da santidade, é um dos propósitos da Legião de Maria. Assim, a vocação particular dos leigos em serem Povo de Deus é ressaltada nesse movimento apostólico. A visita domiciliar é uma parcela da colaboração dos membros dessa associação para a vitalidade da Igreja, que é refletida nos vários movimentos missionários promovidos pelos leigos católicos.

Um dos propósitos da Legião de Maria é reaproximar aqueles leigos católicos que por algum motivo abandonaram ou diminuíram a prática do catolicismo. A fundação de um *praesidium* busca desenvolver nos paroquianos o retorno à devoção mariana e aos costumes de servir na paróquia auxiliando voluntariamente os sacerdotes e a participar da responsabilidade em cumprir os sacramentos. Por isso, a missão apostólica é estimulada nesse movimento, conforme a Peregrinação por Cristo, os Missionários de Maria e a Jornada Apostólica.

A Peregrinação por Cristo (P.P.C) é um evento no qual os legionários tomam contato com as pessoas de uma determinada área. No idealismo da Peregrinação por Cristo, a Legião de Maria envia grupos de legionários, com disponibilidade de algum tempo (alguns dias ou algumas semanas), a lugares distantes, onde as condições religiosas estão carentes de evangelização. Nessas áreas, eles buscarão exercer, durante um tempo limitado, a missão apostólica. Os lugares próximos não são próprios para essa peregrinação, pois ela deve impulsionar uma meta mais difícil do que as tarefas já realizadas pelos legionários em suas atividades semanais.

Com relação ao encargo do compromisso missionário que demanda um período mais longo de tempo (alguns meses) ao serviço apostólico, geralmente longe do local de residência, alguns membros da Legião de Maria podem ser designados pelo *concilium*, *senatus* ou *regia*, para essa tarefa voluntária. Eles são conhecidos por Missionários de Maria, pois, motivados pela devoção mariana e pelo sacrifício evangelizador, animam-se a permanecer de forma transitória em lugares distantes, em prol da missão legionária.

Já a Jornada Apostólica é a expressão usada para designar o que poderíamos entender como uma peregrinação em menor proporção. Cada *praesidium* é convidado para que seus membros consagrem ao menos um domingo por ano a uma atividade numa localidade carente de evangelização, geralmente que não implique numa viagem longa. Essa jornada pode durar alguns dias e possibilita que seus participantes sejam motivados pelo compromisso a favor do anúncio da palavra cristã.

4 EIS QUE SURGE A LEGIÃO DE MARIA NO BRASIL

O religioso saletino, Irmão João Creff, iniciou a história da Legião de Maria no Brasil, no centro da cidade do Rio de Janeiro, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em 1951. Ele incentivou as pessoas que frequentavam o Santuário a filiarem-se a essa associação de leigos católicos. Um ano antes, passando por Paris, na França, onde teve contato com alguns legionários, o Irmão João Creff ficou entusiasmado com o sistema da Legião de Maria, formado pelas orações e pelas atividades apostólicas. Por conseguinte, ele trouxe para o Brasil os primeiros manuais e folhetos explicativos sobre essa associação católica.

Destacamos a importância da Congregação religiosa dos saletinos na devoção a Maria sob o título de Nossa Senhora da Salette. Nesse horizonte, a chegada da Legião de Maria ao Brasil através do empenho do Irmão João Creff soma-se a outras atitudes, cujo interesse estava mobilizado pela transposição da devoção mariana para o Brasil, ultrapassando os limites do continente europeu. Desse modo, as congregações religiosas europeias aliavam-se, em sua maioria, às determinações ideológicas que buscavam retomar a prática dos sacramentos, reforçar a importância do catecismo, evitar o desvio para outras religiões e prescrever condutas morais para leigos e clérigos. Seguindo essa linha de valores e costumes, houve a difusão de devoções europeias no território brasileiro, ampliando as já existentes, tendo como diretrizes as ações controladas pela Igreja católica.

Diante do compromisso com a memória histórica, achamos necessário descrever, de forma sucinta, alguns aspectos da vida de João Creff. Nesse aspecto, conforme Fassini (2001, p. 463), “Jéan Creff nasceu a 23 de novembro de 1898, em Lanillis, no Finistère, França, filho de Jéan-Marie Creff e de Yvonne Leseop”. Com base nos relatos dessa biografia, descrita no livro sobre o centenário da presença saletina no Brasil, compreendemos que, quando jovem, após concluir a escola primária, João Creff permaneceu em casa para ajudar na subsistência dos pais. Por esse motivo, o despertar de sua vocação para a vida religiosa foi em idade adulta, uma vez que, em 1924, aos vinte e seis anos, chegou em Susa, na Itália, para fazer o Postulantado e, posteriormente, o Noviciado, na congregação saletina.

Ao final do Noviciado, em 1926, fez a Primeira Profissão. Ele chegou ao Brasil em 1929, com a missão de auxiliar os padres saletinos nos serviços exigidos pela Escola Apostólica por eles criada e dirigida na cidade de Marcelino Ramos, no

estado do Rio Grande do Sul. No referido município gaúcho, ele se dedicou ao trabalho de todo tipo, entre os quais: atividades no cultivo de hortaliças e tarefas de padaria. Ele alcançou a admiração de párocos e famílias dessa região. Porém, como no Rio de Janeiro se encontrava o maior número de pessoas que eram benfeitoras dos fundos financeiros para a obra saletina da Escola Apostólica, o Irmão João Creff foi transferido para essa cidade. Posteriormente, sua atividade foi estendida até a Europa, sobretudo na França, dirigindo-se aos fiéis católicos para falar-lhes sobre as Obras das Vocações Saletinas no Brasil. Assim, ele foi um exemplo de atividade missionária na divulgação da devoção a Nossa Senhora da Salette. Em meio à convalescência motivada por uma patologia oncológica, ele faleceu, em São Paulo, no dia 11 de março de 1971. Seu sepultamento ocorreu no jazigo da Província, na capital paulista.

4.1 *Praesidium Refugium Peccatorum*: o pioneiro no Brasil

O jubileu de ouro (aniversário de 50 anos da fundação da Legião de Maria no Brasil) mereceu uma edição especial da revista legionária publicada, naquela época, pelo *Senatus* de São Paulo. Através de um profundo estudo sobre a história da Legião de Maria no Brasil, a revista legionária do *Senatus* de São Paulo publicou vários fatos em comemoração ao cinquentenário da fundação da Legião de Maria no território brasileiro. Essa revista explicou que, em 1951, o Irmão João Creff, da Congregação dos Missionários Saletinos³, conseguiu a autorização de Dom Jaime de Barros Câmara, naquela época Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, para iniciar um grupo legionário no Santuário de Fátima, localizado na região central da cidade do Rio de Janeiro, conforme as seguintes informações:

De visita à França, em 1950, o Irmão João Creff, MS, encontrou um sacerdote que estivera prisioneiro na Alemanha e lá conhecera a Legião de Maria. Tão arrebatadamente lhe falou das vantagens que esse movimento poderia trazer ao nosso povo, que o Ir. João resolveu assistir a uma reunião do *Senatus* de Paris, onde teve a felicidade de palestrar o irmão Tual, então Vice-presidente, que o orientou e o pôs em contato com o *Concilium*

³ Na história da chegada da Congregação dos Missionários Saletinos ao território brasileiro, observamos que eles se empenharam na propagação da devoção a Nossa Senhora da Salette no Brasil. No início do século XX, os saletinos fugiram da perseguição religiosa na França. Nesse sentido, Fassini (2001, p. 18) descreve: “O desembarque de Pe. Clemente Henrique Moussier MS no porto de Santos, SP, a 18 de dezembro de 1902, define o marco de chegada da Congregação dos Missionários de Nossa Senhora da Salette no Brasil”.

Legionis Mariae. De volta ao Brasil, o Irmão João, depois de várias tentativas, conseguiu a autorização de Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, e a 27/10/1951, no Santuário de Fátima, realizava-se a primeira reunião do *Praesidium Refugium Peccatorum*, com 8 membros inscritos [...] (INÍCIO..., 2001, p. 15).

Ao receber a permissão para instalar a Legião de Maria na cidade do Rio de Janeiro, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, o Irmão João Creff teve a desafiadora atribuição de mostrar que se tratava de uma associação que iria contribuir para a formação católica dos leigos, e não apenas servir como uma atividade a sobrecarregar as obrigações religiosas semanais dos membros do laicato, já bastante disputados pela expansão de outros grupos católicos.

O *Praesidium Refugium Peccatorum* tornou-se o primeiro no território brasileiro, cuja data oficial de fundação foi em outubro de 1951, pois a permissão de se estabelecer no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, ocorreu no dia vinte e quatro. Esse pioneirismo foi motivado pela dedicação do laicato católico, visitando residências e os hospitais. O crescimento do núcleo original, o *Praesidium Refugium Peccatorum*, motivou o seu desmembramento em mais cinco *praesidia* naquela cidade: *Regina Angelorum*, *Causa Nostra Laetitiae*, *Mater Admirabilis* e mais dois, um juvenil e outro adulto para cegos, no Instituto Benjamin Constant. Com relação ao *Praesidium Refugium Peccatorum*, esse grupo legionário realizou sua primeira festa de *Acies*⁴, em 1952.

Destacamos os legionários denominados pelo termo enviados, pois sua missão em vários países é divulgar a Legião de Maria, através da permissão do conselho superior, situado em Dublin. Entre os nomes dos enviados ao Brasil, destacamos a filipina Joaquina Lucas e a irlandesa Mary Clerkin, pois temos que:

Assim sendo, a 10/8/1953, o *Concilium Legionis* comunicou a escolha da primeira Enviada Especial ao Brasil, Srta. Joaquina Lucas que, há vários anos, percorria os países latino-americanos [...]. Ao chegar ao Rio de Janeiro, a 27/1/1954, foi a irmã Joaquina recebida, no Aeroporto Galeão, pelos legionários dos cinco *Praesidia* já existentes. [...] Para auxiliar a irmã Joaquina, foi enviada em junho de 1955, a irmã Mary Clerkin, que prosseguiu o trabalho de extensão (INÍCIO..., 2001, p. 15).

⁴ O termo *Acies* é uma palavra latina que significa um exército em ordem de batalha, sendo utilizada para intitular uma celebração realizada anualmente pelos legionários como uma ocasião para renovar os votos de sua devoção mariana. Essa cerimônia solene é realizada em datas próximas à festa da Anunciação de Maria. Por isso, os legionários fazem uma consagração a Nossa senhora, individual e coletiva, durante essa cerimônia.

A música é um elemento de união entre os legionários brasileiros, pois existe uma composição oficial para o Hino da Legião de Maria do Brasil. A data que está na partitura é 27 de junho de 1966. O *Senatus* de São Paulo divulgou uma entrevista, realizada em 1995, com a autora da partitura original da música, Maria da Conceição Barreto. Resumimos, conforme a história do Hino da Legião de Maria do Brasil (2001, p. 12-13), com base na publicação do *Senatus*, as biografias de seus autores, pois, Maria da Conceição Barreto nasceu em 1908, na cidade de Aparecida (estado de São Paulo) e faleceu em 1998. O Padre Cristóvão Lelis C.Ss.R (redentorista) escreveu a letra do hino da Legião de Maria do Brasil. Ele nasceu na cidade de Guaíra em 1929 (no estado de São Paulo) e faleceu em 2001.

4.2 Legião de Maria na capital paraibana (1961-2021)

A capital paraibana, atualmente denominada João Pessoa, é sede de uma Arquidiocese. A circunscrição eclesiástica original, denominada Diocese da Paraíba, foi criada no dia 27 de abril de 1892, pela bula papal intitulada *Ad Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Leão XIII. Seu primeiro bispo foi Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques, assumindo o cargo em 1894. Explicamos que:

O nome da Capital da Paraíba foi modificado, em 1930, na esteira dos graves acontecimentos de todo o segundo semestre daquele ano, no Estado e no País. Mas, embora o nome da Capital paraibana tenha sido mudado para João Pessoa, a Arquidiocese manteve a designação original de Arquidiocese da Paraíba (TRINDADE, 2004, p. 44).

No dia 6 de fevereiro de 1914, a Diocese da Paraíba foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana pela bula do Papa Pio X, intitulada *Maius Catholicae Religionis Incrementum*. Posteriormente, ocorreu o desmembramento do seu território e foram criadas as seguintes Dioceses sufragâneas: Cajazeiras (1914), Campina Grande (1949), Patos (1959) e Guarabira (1980). Nessa perspectiva, descrevemos:

A bula "*Maius catholicae religionis incrementum*", do Papa Pio X, de 6 de fevereiro de 1914, criou uma diocese no interior com sede de Cajazeiras e instituiu a Província Eclesiástica da Paraíba, tendo por sufragâneos aquele bispado e o de Natal. Dom Aducto elevado pela mesma à dignidade de arcebispo, foi nomeado Administrador Apostólico da nova diocese até empossar-se o primeiro bispo (CÂMARA, 2000, p. 132).

A fim de atingir os objetivos da tese, mostramos o mapa do município de João Pessoa. De acordo com o Departamento de Geoprocessamento e Cadastro Urbano, em 2006, o sistema de logradouros mostrava a visualização dos bairros quanto às localizações nas regiões que formavam a cidade em suas aglomerações urbanas e rurais, conforme se ilustra no ANEXO A.

Conforme o mapa do município de João Pessoa, referente ao ano de 2006, podemos verificar a existência de sessenta e cinco bairros: Aeroclube, Água Fria, Altiplano Cabo Branco, Alto do Céu, Alto do Mateus, Anatólia, Bairro das Indústrias, Bairro dos Estados, Bairro dos Ipês, Bancários, Barra de Gramame, Bessa, Brisamar, Cabo Branco, Castelo Branco, Centro, Costa do Sol, Costa e Silva, Cristo Redentor, Cruz das Armas, Cuiá, Distrito Industrial, Ernani Sátiro, Ernesto Geisel, Expedicionários, Funcionários, Gramame, Grotão, Ilha do Bispo, Jaguaribe, Jardim Cidade Universitária, Jardim dos Colibris, Jardim Oceania, Jardim São Paulo, Jardim Veneza, João Agripino, João Paulo II, José Américo, Manaíra, Mandacaru, Mangabeira, Mata do Buraquinho, Miramar, Muçumagro, Mumbaba, Mussuré, Oitizeiro, Padre Zé, Paratibe, Pedro Gondim, Penha, Planalto Boa Esperança, Ponta dos Seixas, Portal do Sol, Róger, São José, Tambaú, Tambauzinho, Tambiá, Torre, Treze de Maio, Trincheiras, Valentina, Varadouro e Varjão.

Os *praesidia* existentes na cidade foram descritos de acordo com as documentações encontradas na *Regia* Medianeira de Todas as Graças, cuja jurisdição ocorre no Estado da Paraíba. Assim, a *regia*, os *comitia*, as *curiae* e os *praesidia* procuram realizar suas atividades em conformidade com as ações da Arquidiocese da Paraíba em cada bairro nos quais possuem grupos atuando nas ações religiosas.

Na capital paraibana, por não encontrarmos nenhum registro de fundação de *praesidium* antes do dia 24 de setembro de 1961, entendemos que, na cidade de João Pessoa, a Legião de Maria teve seu início na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro Miramar, conforme encontra-se escrito no Livro de Tombo da referida paróquia cuja fotografia colocamos no ANEXO B desta tese e transcrevemos a informação que: “[...] 24 de setembro, festa de N. Senhora das Mercês, marcou a data de criação do *Praesidium* N. Sra. de Fátima da Legião de Maria e que ficou subordinado ao *Comitium* do Recife” (IGREJA CATÓLICA, 1961, p. 6, verso). Esse Livro de Tombo representou o resgate das memórias históricas e do relato dos fatos acontecidos nessa paróquia.

Os nossos esforços não foram suficientes para encontrarmos a identificação dos legionários pioneiros, cujos nomes não constam no referido Livro de Tombo da paróquia. Destacamos que o *praesidium* fundado no bairro Miramar ainda se encontra em funcionamento e seus membros atuais não conseguiram, em seus arquivos, descobrir a formação inicial do núcleo pioneiro, ou seja, o(a) primeiro(a) presidente(a), vice-presidente(a), secretário(a) e tesoureiro(a) e demais participantes do grupo que faziam suas reuniões legionárias, em 1961. Pela leitura da página do Livro de Tombo, percebemos que, no início de sua atuação, os grupos colaboraram nos centros de catecismo, principalmente na matriz paroquial.

Destacamos que o intervalo de tempo entre a chegada da Legião de Maria à cidade do Rio de Janeiro e sua expansão até a cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, durou apenas 10 anos. Para nós, isso revela um engajamento daquelas pessoas que se tornaram legionárias nesse período, pois as dificuldades de locomoção eram grandes e foram superadas pelos membros que fundaram a Legião de Maria em diversos estados brasileiros.

Pela maneira como as informações no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima foram redigidas, entendemos que o Cônego Eurivaldo Caldas Tavares tenha sido o seu primeiro diretor espiritual, embora esse registro não tenha sido redigido explicitamente nas linhas do referido livro paroquial. Essa suposição ocorre porque o referido cônego escreveu de forma manuscrita e rubricou as páginas do Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, uma vez que foi seu primeiro pároco, e detalhou com grande zelo as atividades legionárias.

Percebemos a importância do registro do percurso histórico dos movimentos religiosos ligados à Igreja católica. O Livro de Tombo tornou-se um instrumento de pesquisa importante para a nossa tese. Os registros feitos pelos sacerdotes são necessários para que o passado de cada paróquia não seja esquecido e possa ser resgatado pelas gerações posteriores. Nessa perspectiva, consideramos a importância do Livro de Tombo para a história do cotidiano das paróquias e para os pesquisadores, conforme a explicação a seguir:

Os “*Livros de Tombo*” aparecem como uma passagem para esse universo que em alguns traços pode seguir sendo atual. [...]. Nesse livro segundo o bispo, o pároco tinha que consignar a história e a origem de paróquia [...]. Depois se deveria seguir com uma descrição física da paróquia, sua origem, seus limites [...]. O bispo, fiel ao espírito das Constituições Primeiras, pretendia fazer do “*Livro de Tombo*” um registro geral da administração da paróquia. Praticamente nada deveria escapar do registro, constituindo-se o

livro numa fonte sobre a vida paroquial a ser consultada pelo ordinário cada seis meses. Mesmo com deficiências e lacunas, vários dos livros davam conta de importantes aspectos da vida paroquial. [...] Finalmente ao contribuir para a recuperação do passado da Igreja, os “*Livros de Tombo*”, apontam para a difícil realidade atual onde passado o pico fiscalizador, “*Livros de Tombo*” e outros tipos de registros tendem a desaparecer perdendo-se com eles boa parte da caminhada da Igreja (LONDOÑO, 1994, p. 95-103, grifo do autor).

Guardar as memórias das comunidades paroquiais é uma herança proveniente dos Livros de Tombo. Assim, a história da Paróquia Nossa Senhora de Fátima é contada em seu livro paroquial, desde a sua instalação em 1961, quando foi desmembrada do antigo território da Paróquia Santa Júlia. Seus registros iniciais foram redigidos pelo seu primeiro pároco, o Cônego Eurivaldo Caldas Tavares. Face à importância desse sacerdote para a cultura paraibana, destacamos uma breve exposição de sua vida:

Eurivaldo Caldas Tavares - Nasceu na capital da Paraíba, a 29 de abril de 1921. São seus pais: Eurípedes Tavares da Costa e Maria das Dores Caldas Tavares. Estudou no Seminário da Paraíba, onde fez todo o seu curso eclesiástico, ascendeu ao presbiterato em 04 de março de 1944, na Igreja da Catedral de Nossa Senhora das Neves, na capital da Paraíba. Na capital da Paraíba foi Capelão da Polícia Militar da Paraíba, Capelão da Santa Casa da Misericórdia, Capelão do Ginásio Santa Dorotéia, Chefe do Serviço de Relações Públicas da Polícia Militar, Professor de Estudo de Problemas Brasileiros, na Faculdade de Ciências Jurídicas de Administração de Empresas, da Universidade Autônoma de João Pessoa, Professor de Estudo de Problemas Brasileiros, na Escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat, Professor Assistente de Estudo de Problemas Brasileiros, da Universidade Federal da Paraíba, Professor de Religião do Colégio Arquidiocesano Pio XII, Capelão do Hospital Napoleão Laureano, Capelão da Penitenciária Modelo, Pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima [...] (SANTOS; VELÔSO, 2010, p. 100-101).

Antes da fundação do *Praesidium* Nossa Senhora de Fátima, na cidade de João Pessoa, já existiam dois *praesidia* no estado da Paraíba: um *praesidium* na cidade de Campina Grande e outro *praesidium* na cidade de Areia.

O *Comitium* Nossa Senhora da Conceição, localizado no município de Campina Grande, possui informações disponíveis na *internet*⁵, revelando que a Legião de Maria: “Chegou no estado da Paraíba em 27 de julho de 1959, em Campina Grande na Paraíba, Paróquia de São José – José Pinheiro, de onde se expandiu por todo o estado” (COMITIUM....., 2014). Para ilustrar as informações

⁵ Nesse sentido, existe a possibilidade, até o momento, de consultar o endereço eletrônico com essas informações, disponível em: <<https://sites.google.com/site/comitiumconceicao/frank-duff>>. Fazemos esse destaque porque as páginas da *internet* podem sofrer modificações.

citadas, colocamos uma fotografia no ANEXO C, sobre a fundação desse grupo legionário no município de Campina Grande que descreve a criação do primeiro *praesidium* adulto da Legião de Maria, no estado da Paraíba, em 27 de julho, denominado *Regina Apostolorum*, e do primeiro *praesidium* juvenil paraibano, em 24 de agosto, denominado *Regina Pacis*.

Não descobrimos nenhum registro de fundação de outro *praesidium* anterior ao grupo campinense. Por isso, as informações que encontramos indicam que, no território paraibano, o núcleo pioneiro da Legião de Maria teve sua origem na cidade de Campina Grande, no bairro José Pinheiro, na Paróquia São José, em 1959, sendo o *Praesidium Regina Apostolorum* o mais antigo no Estado da Paraíba.

Outro *praesidium* existente nesse período foi criado na cidade de Areia. Conforme a sua ata de criação, ele foi intitulado *Praesidium Maria Mediatrix Gratiarum*, cuja fundação ocorreu em 2 de abril de 1960 e suas reuniões ocorriam na Escola Normal e Ginásio Santa Rita, pertencente à Congregação das Franciscanas de Dillingen.

A Legião de Maria espalhou-se pelos municípios paraibanos. Assim, em 1961, no município de Bayeux, houve a criação do *Praesidium* Virgem Mãe do Bom Conselho, cuja fundação ocorreu em 19 de novembro de 1961, na Igreja Matriz de São Sebastião. O historiador Eduardo Hoornaert, o qual naquela época exercia o sacerdócio, foi durante alguns anos diretor espiritual desse grupo na cidade paraibana denominada Bayeux.

No município de Sapé, a primeira reunião do *Praesidium* Nossa Senhora da Conceição realizou-se na igreja do mesmo nome, no dia 20 de fevereiro de 1967. Dessa época em diante, outros *praesidia* foram sendo criados em municípios das várias regiões paraibanas, desde o litoral até o sertão.

Em 1962, no bairro Miramar, com relação à criação de *praesidia* juvenis da Legião de Maria, temos a seguinte descrição: “O *Praesidium* ‘Rosa Mística’ instalou-se no dia 8 de março, contando de início com 10 moças. Também a juventude masculina teve o seu núcleo de Legião, com a fundação do *Praesidium* ‘Regina Pacis’, aos 19 de março com 4 rapazes” (IGREJA CATÓLICA, 1962, p. 8, verso). A foto desta página do Livro de Tombo encontra-se no ANEXO D desta tese.

No mesmo ano de 1962, a Paróquia Nossa Senhora de Fátima foi escolhida para ser o local de realização da solenidade de *Acies*, havendo a consagração pessoal e coletiva dos membros da Legião de Maria, uma celebração presente no

calendário das atividades legionárias de cada ano. No Livro de Tombo, temos a seguinte descrição:

Nossa matriz foi escolhida para nela se realizar a solene e piedosa cerimônia da 1ª *Acies* ou consagração pessoal e coletiva dos legionários a Maria. À festa, celebrada no dia 23 de setembro, compareceram 5 sacerdotes, 20 religiosas e mais de 300 legionários ativos e auxiliares dos diversos *Praesidia* da Arquidiocese, agrupados na *Curia Mediatrix*, de João Pessoa. É de notar-se que nosso *Praesidium* “Nossa Senhora de Fátima” que, estava celebrando seu 1º aniversário sentia-se feliz em ter sido a sementeira donde já brotaram mais de 10 *praesidia* que espalhados pela Paraíba levando avante o ideal legionário. Com a criação da *Curia* de João Pessoa nosso *Praesidium* desligou-se da jurisdição de Recife (IGREJA CATÓLICA, 1962, p. 9).

Esse relato reforça ainda mais a probabilidade de o *Praesidium* Nossa Senhora de Fátima ter sido o pioneiro na cidade de João Pessoa. A palavra “sementeira” usada no referido texto é uma indicação que nos leva a deduzir que as reuniões legionárias tiveram origem no bairro Miramar, conforme o ANEXO E. Atualmente, a cerimônia de *Acies*, no município de João Pessoa, é uma solenidade legionária que ocorre em várias paróquias. Na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, ela é celebrada pelos grupos legionários que estão filiados diretamente ao *Comitium* Rainha dos Apóstolos. Já na Paróquia Santa Júlia, ocorre a celebração dos *praesidia* e *curiae* filiados diretamente à *Regia* Medianeira de Todas as Graças. Com relação aos grupos filiados diretamente ao *Comitium* Porta do Céu, as comemorações solenes ocorrem principalmente nas paróquias do bairro Mangabeira.

A cronologia da Legião de Maria, referente ao ano de 1963, mostra que no município de João Pessoa, temos a seguinte descrição sobre a fundação do *praesidium* de adultos no bairro de Tambaú: “A Legião de Maria se estendeu à Capela de Santo Antônio, em Tambaú, onde foi instalado o novo *Praesidium* de adultos ‘*Stella Maris*’, no dia 7 de maio” (IGREJA CATÓLICA, 1963, p. 11). A fotografia desta página do Livro de Tombo consta no ANEXO F, na qual também se registra o falecimento do Papa João XXIII, no dia 3 de junho de 1963.

O Papa João XXIII, cujo pontificado ocorreu no período de 1958 a 1963, deu início ao Concílio Vaticano II, em 1962, o qual se tornou o vigésimo primeiro evento conciliar, tendo em vista que o primeiro ocorreu no ano de 325, intitulado como Concílio de Nicéia.

A partir de 1961, a Legião de Maria começou a sua expansão pelo município de João Pessoa através da fundação de vários *praesidia*. No arquivo localizado na *Regia* Medianeira de Todas as Graças, que coordena as atividades legionárias no território paraibano, encontramos algumas datas de fundação da Legião de Maria pelos bairros dessa capital, mostrando a expansão legionária. A *Regia* Medianeira de Todas as Graças localiza-se na Avenida Aragão e Melo, nº. 836, no bairro denominado Torre, na cidade de João Pessoa. Atualmente, a presidente da *Regia* Medianeira de Todas as Graças é Maria de Lourdes Almeida. As reuniões dessa *regia* ocorrem no quarto domingo de cada mês. Nesse local são realizadas várias atividades de formação e aprofundamento da espiritualidade dos legionários, bem como eventos ligados à devoção mariana.

Através das informações coletadas, principalmente nos apontamentos manuscritos do arquivo da *Regia* Medianeira de Todas as Graças, organizamos, em ordem cronológica de fundação, os dez *praesidia* mais antigos da Legião de Maria na capital. Buscamos entender em que medida o fato de uma comunidade adotar determinadas crenças religiosas, praticar certos ritos e encontrar-se para praticá-los produz resultados na sociedade e na maneira como esses grupos se organizam, tomados como fatos sociais, ou, pelos menos, por eles estruturados.

Assim, o discurso religioso produzido pelas instituições associativas dos leigos é tomado como objeto de análise, buscando compreender o papel da religião no surgimento da Legião de Maria na capital paraibana e o impacto da presença dela nas paróquias, identificando a força social dos leigos nas comunidades eclesiais constituídas nos bairros da cidade de João Pessoa.

As transformações geográficas e populacionais das cidades influenciaram nas estruturas das Igrejas, através dos processos migratórios de uma área para outra, seja do centro urbano para a área litorânea, seja das localidades bem estruturadas para as periferias. Isso faz com que os cidadãos, neles incluídos os leigos católicos, participem da expansão da zona urbana, mediante a ampliação da densidade populacional e do crescimento de loteamentos em antigas regiões rurais.

A dinâmica do fluxo migratório dos habitantes de uma cidade pode nos ajudar a compreender a formação de novos ambientes eclesiais. Muitas vezes, as estruturas da Igreja conseguiram responder às realidades pastorais do laicato. Porém, em outros momentos, houve a falta de recursos humanos e de recursos financeiros para que paróquias fossem criadas em áreas da cidade que cresceram

de forma rápida. No município de João Pessoa, a Legião de Maria expandiu-se a partir do bairro Miramar, acompanhando o fluxo migratório que se deslocou tanto para o litoral (bairro Tambaú) quanto para a zona sul da cidade (bairros Bancários e Mangabeira), conforme o seguinte quadro explicativo.

QUADRO 1 – Fundação de 1961 a 1985 dos *praesidia* na capital paraibana

<i>Praesidium</i>	Bairro	Fundação
Nossa Senhora de Fátima	Miramar	24/09/1961
Rosa Mística (juvenil feminino)	Miramar	08/03/1962
<i>Regina Pacis</i> (juvenil masculino)	Miramar	19/03/1962
Nossa Senhora do Carmo	Torre	30/06/1962
Consoladora dos Aflitos	Ilha do Bispo	14/07/1963
<i>Stella Maris</i>	Tambaú	07/05/1963
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Miramar	12/08/1969
Nossa Senhora Aparecida	Castelo Branco	04/04/1970
Rainha da Paz	Bancários	14/11/1978
Rosa Mística	Mangabeira	20/06/1985

Fonte: Adaptado do Livro de Tombo e do Arquivo da *Regia* Medianeira de Todas as Graças.

Informamos que as datas de fundação do *Praesidium* Nossa Senhora de Fátima, do *Praesidium* Rosa Mística (bairro Miramar), do *Praesidium Regina Pacis* e do *Praesidium Stella Maris* foram encontradas no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. As outras datas de fundação dos demais *praesidia* foram pesquisadas no arquivo dos documentos manuscritos da *Regia* Medianeira de Todas as Graças. Alguns desses *praesidia* já foram extintos, como ocorreu com o *Praesidium* juvenil Rosa Mística, o *Praesidium* juvenil *Regina Pacis* e o *Praesidium* adulto *Stella Maris*. Os demais *praesidia* ainda continuam em funcionamento.

É possível perceber que por trás de todas essas denominações dos *praesidia* revela-se um *habitus*, fielmente seguido pelos legionários, que visa ressaltar os títulos relacionados a Maria. Esse costume é tão intrínseco que provoca a ocorrência de várias homônimas. Por isso, na catalogação dos nomes dos *praesidia*, o bairro é um critério para distinguir um *praesidium* de outro, quando os nomes são idênticos. A repetição de determinadas invocações marianas revela uma predileção dos fiéis legionários por certos títulos marianos que invocam seus dogmas, seus privilégios, suas aparições e suas virtudes.

Observamos que, no período de 1970 a 1985, houve a criação de apenas três *praesidia*, apresentando um crescimento inferior àquele observado no período de 1961 a 1969, no qual foram fundados sete grupos. Possivelmente, isso foi um

reflexo do declínio da devoção mariana que estava ocorrendo a nível mundial, resultante das críticas desfraldadas contra as práticas tradicionais da piedade mariana.

Ao compararmos a fundação dos *praesidia* na capital paraibana com a ordem de criação das paróquias no município de João Pessoa, percebemos que não existe uma coincidência em termos de antiguidade cronológica. Ou seja, a Paróquia Nossa Senhora de Fátima não é a mais antiga na capital, porém foi nela que surgiu o primeiro grupo legionário.

Encontramos algumas datas de criação das paróquias na capital paraibana, das quais citamos apenas aquelas compreendidas no período de 1586 a 1961, pois esse período mostra as seis paróquias mais antigas do município, conforme as informações do Anuário da Arquidiocese da Paraíba (IGREJA CATÓLICA, 2018, p. 104): “N. Sra. das Neves (1586), N. Sra. de Lourdes (27/9/1913), N. Sra. do Rosário (1/1/1929), Santa Júlia (29/6/1953), São José Operário (8/12/1959), N. Sra. de Fátima (15/1/1961) [...]”.

Essas paróquias estão localizadas em vários bairros da capital paraibana. A Paróquia Nossa Senhora das Neves, que é a Catedral Basílica, situa-se na Praça Dom Ulrico, no Centro da cidade. A Paróquia Nossa Senhora de Lourdes situa-se Avenida João Machado, também no Centro do município. A Paróquia Nossa Senhora do Rosário situa-se na Rua Frei Martinho, no bairro Jaguaribe. A Santa Júlia situa-se na Avenida Júlia Freire, no bairro Torre. A Paróquia São José Operário situa-se na Avenida Cruz das Armas, no bairro Cruz das Armas. A Paróquia Nossa Senhora de Fátima, situa-se na Rua Nevinha Cavalcante, no bairro Miramar.

A fundação da Legião de Maria depende principalmente da motivação dos leigos católicos de cada paróquia. Por isso, apesar de uma paróquia ser antiga, ela pode não ter nenhum *praesidium*. O exemplo da Catedral Basílica Nossa Senhora das Neves na qual não existe nenhum *praesidium* em funcionamento serve para demonstrar essa linha de raciocínio. Além disso, nas paróquias mais antigas, outros movimentos religiosos podem ter prevalência desde épocas anteriores, não havendo espaço para o crescimento da Legião de Maria, uma vez que os paroquianos podiam já estar filiados a outras associações e com pouco tempo disponível para as demais atividades associativas no âmbito religioso. A Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa João Paulo II, *Christifideles Laici* (CfL) explica a importância da participação do laicato na vida da paróquia, ressaltando que:

Necessário se torna agora considerar mais de perto a comunhão e a participação dos fiéis leigos na vida da paróquia. Neste sentido deve chamar-se a atenção de todos os fiéis leigos, homens e mulheres, para uma observação tão verdadeira, significativa e estimulante, feita pelo Concílio: 'No seio das comunidades da Igreja – lemos no Decreto sobre o apostolado dos leigos – a sua ação é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir, na maior parte das vezes, todo o seu efeito'. Esta é uma afirmação radical que, evidentemente, deve ser vista à luz da 'eclesiologia de comunhão'; sendo diferentes e complementares, os mistérios e os carismas são todos necessários para o crescimento da Igreja, cada um segundo a própria modalidade. Os fiéis leigos devem convencer-se cada vez mais do particular significado que tem o empenho apostólico na sua paróquia. [...] Habituem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam com o concurso de todos. Habituem-se a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças (IGREJA CATÓLICA, n. 27, 2011, p. 70-71).

Nas circunstâncias do passado e do presente, o auxílio dos fiéis leigos possui uma importância no resgate das pessoas que tenham abandonado ou enfraquecido a prática da vida cristã. O diálogo com as realidades sociais mostraria a vocação batismal como um instrumento capaz de promover o bem de todos, através de uma eclesiologia proveniente do período posterior à realização do Concílio Vaticano II, apontando uma Igreja preparada para dialogar com aquelas pessoas que estavam próximas a ela e com aqueles indivíduos que por vários motivos dela se afastaram.

O apostolado de forma individual ou associativa deve seu sustento no contato com as famílias e com os indivíduos para que a evangelização ocorra nas atividades da paróquia através do anúncio da vida cristã juntamente com as práticas sociais de seus membros, pois a *Christifideles Laici*, n. 29, propõe que:

A comunhão eclesial, já presente e operante na ação do indivíduo, encontra uma expressão específica no operar associado dos fiéis leigos, isto é, na ação solidária que eles desenvolvem ao participar responsabilmente da vida e da missão da Igreja (IGREJA CATÓLICA, 2011, p. 75).

Alguns grupos legionários conseguiram resistir ao tempo, mantendo a existência em algumas paróquias. Assim, na Paróquia Santa Júlia, o *Praesidium* Nossa Senhora do Carmo ainda continua em funcionamento, tendo sido fundado em 1962. Já na Paróquia São José Operário, existem dois *praesidia* em funcionamento, um deles tendo sido fundado em 1995 e o outro em 1997.

Na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, ainda ocorrem as reuniões do *Praesidium* Nossa Senhora de Fátima que permanece em funcionamento desde o ano de 1961. O *Praesidium Stella Maris* não está em funcionamento.

A inexistência de um *praesidium* em funcionamento dentro da comunidade paroquial dificulta o levantamento sobre o registro histórico de qualquer núcleo legionário mais antigo. Além disso, o falecimento dos membros desses grupos também dificulta o acesso aos testemunhos orais de suas memórias.

Concluimos que, quando os *praesidia* deixam de existir, se não houver um gerenciamento de seus documentos em algum arquivo, possivelmente, sua história será consumida pelo tempo, pois a tendência corriqueira é o descarte da documentação quando ela fica envelhecida e o seu desaparecimento, perdendo-se com isso boa parte da história da Legião de Maria. Acreditamos que a nossa pesquisa possa se transformar em um incentivo para que outros pesquisadores se interessem pelo tema e possam descobrir fatos e registros que não foram atingidos através de nossos esforços.

No caso do *Praesidium* Consoladora dos Aflitos, fundado em 14 de julho de 1963, houve a coincidência do ano de sua fundação com o ano de criação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. O *Praesidium* Nossa Senhora de Fátima, em 1969, desmembrou-se e formou mais um *praesidium*, denominado Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado também no bairro Miramar e fundado em 12 de agosto de 1969. Os *praesidia*, nos bairros Castelo Branco, Bancários e Mangabeira, estão em funcionamento.

O *Comitium* Medianeira de Todas as Graças foi fundado em 24 de novembro de 1985. Após vinte e dois anos de existência, ele foi elevado na hierarquia legionária, surgindo a *Regia* Medianeira de Todas as Graças, em 21 de outubro de 2007, que até hoje existe na capital paraibana. Essa *regia* funciona em uma sede conhecida pelos legionários com o título de “Lar de Nazaré”. Nesse local, as reuniões mensais e os momentos de formação dos membros da Legião de Maria são realizados. O motivo da escolha do nome “Lar de Nazaré” inspirou-se no manual legionário, que diz:

Com Jesus, nesta pequena família legionária, estão também Maria e José, que mantêm, para com o grupo, a mesma relação íntima que os une a Jesus. Deste modo, o *Praesidium* pode considerar-se como uma projeção do Lar de Nazaré, não apenas por um simples sentimento de devoção, mas com base na realidade. [...]. Seja-nos permitido, por conseguinte, identificar nossa piedade, o local e os objetos do *Praesidium* com a construção e

mobília do Santo Lar, e considerar o comportamento dos membros com aqueles, como prova da sua consideração pela verdade que Cristo vive em nós e trabalha por nós, servindo-se necessariamente das coisas que nós utilizamos (MANUAL..., 2014, p. 168-169).

Atualmente, essa *regia* está filiada diretamente ao *Senatus* de Pernambuco. Sob a jurisdição desse *senatus* estão as seguintes *regiae*: *Regia* Medianeira de Todas as Graças (situada na cidade de João Pessoa, sendo responsável por todo o estado da Paraíba), *Regia* Rainha dos Apóstolos (situada na cidade pernambucana de Carnaíba, sendo responsável pelos municípios de Afogados da Ingazeira, Salgueiro, Floresta e Petrolina) e *Regia* Gloriosa (situada na cidade de Maceió, sendo responsável por todo o estado de Alagoas). Em 2018, houve, no município de João Pessoa, o IV Encontro Interestadual da Juventude Legionária, reunindo os jovens filiados à Legião de Maria na jurisdição do *Senatus* de Pernambuco.

A capital paraibana possui dois *comitia*. Um deles é o *Comitium* Rainha dos Apóstolos, cuja fundação ocorreu em 15 de agosto de 2010. Esse conselho legionário faz suas reuniões na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, no bairro Miramar. Antes de sua elevação a *Comitium*, existia a *Curia* Rainha dos Apóstolos, fundada em 26 de julho de 1986. O outro *Comitium* possui a denominação Porta do Céu e foi fundado em 17 de julho de 2010. Esse grupo legionário realiza as suas reuniões no bairro Mangabeira. Antes da sua elevação a *Comitium*, existia a *Curia* Porta do Céu, fundada em 16 de agosto de 1992.

A maioria das *curiae* e dos *praesidia* da cidade de João Pessoa estão filiados a um desses *comitia*. Todavia, existem *curiae* e *praesidia* filiados diretamente à *regia*. A jurisdição de cada conselho é decidida pela *regia*. Atualmente, a cidade de João Pessoa possui dezenove *curiae*.

A *curia* mais antiga foi a *Curia Mediatrix*, cuja fundação ocorreu em 1962, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Observamos que o nome *Mediatrix* não é mais utilizado, ficando na memória de épocas passadas. Possivelmente, houve a tradução da palavra em latim *Mediatrix* para a língua portuguesa, sendo expressa pelo vocábulo: Medianeira.

Desde 1961, muitos leigos católicos residentes no município de João Pessoa ingressaram nessa associação. Assim, o núcleo legionário denominado *praesidium* foi sendo espalhado pelos bairros dessa cidade. O município de João Pessoa é

formado por vários bairros, conforme pode ser verificado no mapa do sistema de logradouros (ANEXO A), referente ao ano de 2006.

Nessa perspectiva, algumas áreas habitacionais já foram consagradas pelo povo como bairros, embora não constem nos registros oficiais da prefeitura do município de João Pessoa. É comum alguns loteamentos densamente povoados serem chamados de bairros pelas pessoas que residem nessas localidades. Assim, consideramos as áreas que ainda não são legalmente delimitadas como bairros, principalmente antigas áreas rurais que foram povoadas conforme a cidade foi crescendo e novas comunidades foram surgindo. Nessa perspectiva, a contagem do número de bairros da capital paraibana varia de acordo com diferentes documentos oficiais. Nesse sentido, conforme reportagem publicada em agosto de 2015, temos: “[...] a lei do Plano Diretor de João Pessoa, que foi criada em 1992” (BAIRROS..., 2015).

Com relação ao uso dos nomes mais populares, percebemos que os moradores da capital paraibana, mesmo residindo em um bairro já delimitado, acabam utilizando nomes diferentes dos oficialmente registrados. Isso influencia na nomenclatura da localidade onde os *praesidia* fazem suas reuniões, tendo em vista que os grupos legionários usam o nome do endereço mais divulgado pela população residente nesse local. Por isso, utilizamos a expressão “localidade da reunião legionária”, pois consideramos tanto os nomes oficiais dos bairros registrados no sistema de logradouros da cidade de João Pessoa como os nomes mais populares, levando em consideração a expansão da zona urbana e o surgimento de novos loteamentos provenientes do desmembramento de antigas áreas densamente povoadas.

Na cidade de João Pessoa, existem muitos católicos, porém a sua presença não é homogênea. Isso é compreensível e reforça os dados coletados pela pesquisa realizada por Monsenhor Virgílio Bezerra de Almeida, no ano de 2012, na área da Arquidiocese da Paraíba. Através das respostas ao questionário publicado em seu livro, ele detectou que as regiões da cidade de João Pessoa possuem percentuais distintos de católicos.

O resultado desse estudo foi descrito com algumas adaptações gráficas, pois colocamos apenas a coluna que mostrava o percentual ligado ao catolicismo, conforme os dados resumidos na tabela a seguir:

TABELA 1 - Percentual de católicos em várias regiões da capital paraibana

Regiões	Católicos
Região I (Mangabeira)	64,47%
Região II (Muçumago, Paratibe, Valentina, Costa do Sol e Gramame)	55,93%
Região III (Planalto da Boa Esperança, Cuiá, Geisel, José Américo e João Paulo II)	57,33%
Região IV (Grotão, Funcionários, Ernani Sátiro, Costa e Silva)	62,50%
Região V (Distrito Industrial, Bairro das Indústrias, Jardim Veneza, Barra de Gramame, Alto do Mateus, Ilha do Bispo, Mumbaba e Mussuré)	58,62%
Região VI (Bessa, Jardim Oceania, Aeroclube e Manaíra)	62,69%
Região VII (Tambaú, Cabo Branco, Altiplano, Portal do Sol, Ponta do Seixas e Penha)	83,33%
Região VIII (Jardim Cidade Universitária, Cidade Colibris, Água Fria, Anatólia, Jardim São Paulo e Bancários)	54,17%
Região IX (Miramar, Brisamar, Pedro Gondim, João Agripino, Bairro dos Estados e Castelo Branco)	73,68%
Região X (São José, Alto do Céu, Padre Zé e Mandacaru)	55,56%
Região XI (Roger, Centro, Varadouro, Treze de Maio, Tambiá e Ipês)	65,85%
Região XII (Trincheiras, Torre, Expedicionários e Tambauzinho)	77,14%
Região XIII (Cristo Redentor e Varjão)	58,93%
Região XIV (Jaguaribe, Cruz das Armas e Oitizeiro)	67,61%

Fonte: Adaptado de ALMEIDA (2013, p. 31).

Esses dados ajudam na compreensão de que, em quase todos os bairros da capital paraibana, existem grupos da Legião de Maria cujos membros estão inseridos no número de católicos dessas quatorze regiões. Assim, os três menores índices no contexto do catolicismo, no ano de 2012, estão situados nas seguintes regiões: Região VIII (54,17%); Região X (55,56%) e Região II (55,93%). No entanto, é interessante destacar que, com relação à associação da Legião de Maria, mesmo nessas regiões, existe a presença de grupos legionários.

Na Região VIII (formada pelos bairros Jardim Cidade Universitária, Cidade Colibris, Água Fria, Anatólia, Jardim São Paulo e Bancários) existem quatro *praesidia* no bairro Jardim Cidade Universitária, cinco *praesidia* no bairro Anatólia e seis *praesidia* no bairro Bancários.

Na Região X (formada pelos bairros São José, Alto do Céu, Padre Zé e Mandacaru) existem nove *praesidia* no bairro São José e três *praesidia* em Mandacaru.

Na Região II (formada pelos bairros Muçumago, Paratibe, Valentina, Costa do Sol e Gramame) existem onze *praesidia* no bairro Valentina e um *praesidium* no bairro Gramame.

Em muitas dessas regiões moram pessoas que migraram de cidades interioranas, principalmente do Estado da Paraíba, e de zonas rurais, conservando as tradições religiosas, especialmente a devoção a Nossa Senhora. Por isso, a inserção dessas pessoas na zona urbana, mesmo que em lugares distantes das paróquias, não fez com que elas se afastassem das devoções marianas, trazendo os grupos legionários para a vida comunitária.

Em algumas das regiões citadas, ocorre a concentração de áreas de pobreza, onde a Igreja católica, muitas vezes, não estava preparada para atender a demanda das pessoas economicamente desfavorecidas, devido à redução da oferta de padres para acompanhar o crescimento urbano. Assim, não havendo a difusão da fé pelas vias da tradição paroquial, muitos indivíduos enxergaram no agrupamento em associações do laicato uma maneira que permitia a regularidade das práticas religiosas do catolicismo.

Com relação aos bairros que contam com a presença de paróquias antigas ou de paróquias bem estruturadas com serviços religiosos ativos, o catolicismo permanece com níveis estatísticos altos, influenciando nas associações leigas e gerando também a presença de grupos da Legião de Maria. Por conseguinte, a Região IX (na qual se situa o bairro Miramar, local do grupo pioneiro dos legionários) revelou um percentual elevado de católicos, em torno de 73,68%, em 2012.

Ao observar o perfil religioso na Paraíba através dos percentuais apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Almeida (2013, p. 19) conclui: “[...] embora a Paraíba continue sendo um Estado profundamente marcado pelo catolicismo, ocorre o mesmo processo que se dá nacionalmente: a queda percentual dos católicos”. Essa tendência assinala que as pessoas constroem sua religiosidade por caminhos mais livres na sociedade contemporânea, diferentemente de outras épocas. No entanto, a presença dos grupos da Legião de Maria representa a persistência das escolhas religiosas mais ligadas ao tradicionalismo católico.

Atualmente, o município de João Pessoa possui dezenove *curiae*, conforme as informações constantes no arquivo da *Regia* Medianeira de Todas as Graças, no qual destacamos os bairros em que se realizam mensalmente as reuniões legionárias. No bairro Altiplano existe a *Curia* Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; no bairro Alto do Mateus existe a *Curia* Virgem Mãe da Consolação; no bairro Anatólia existe a *Curia* Nossa Senhora de Todos os Povos; no bairro Bancários existe a *Curia* Nossa Senhora da Apresentação; no bairro Brisamar existe a *Curia* Rainha Imaculada; no bairro Castelo Branco existem duas *curiae* (*Curia* Nossa Senhora Auxiliadora e *Curia* Maria Mãe Missionária).

Temos, ainda, no bairro Costa e Silva a existência da *Curia* Nossa Senhora de Guadalupe; no bairro Ernesto Geisel existe a *Curia* Nossa Senhora da Misericórdia; no bairro Mandacaru existe a *Curia* Nossa Senhora de Fátima; no bairro Mangabeira existem três *curiae* (*Curia* Maria de Nazaré, *Curia* Virgem Mãe

dos Pobres e *Curia* Maria Mãe das Dores); no bairro São José existe a *Curia* Mãe do Bom Conselho; no bairro Torre existem duas *curiae* (*Curia* Nossa Senhora do Carmo e *Curia* Virgem Fiel); no bairro Treze de Maio existe a *Curia* Nossa Senhora Aparecida e no bairro Valentina existem duas *curiae* (*Curia* Maria Auxiliadora e *Curia* Nossa Senhora do Carmo).

É costume da Legião de Maria convidar os arcebispos para participarem dos congressos que reúnem os filiados dessa associação. Dom José Maria Pires foi arcebispo da Paraíba a partir de 1966 até 1995. A atuação do clero na cerimônia de *Acies* é importante para os membros da Legião de Maria. Nesse sentido, no ano de 1966, destacamos que, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, houve a participação do Arcebispo da Paraíba desse período, Dom José Maria Pires, conforme consta no Livro de Tombo com o seguinte relato:

A cerimônia anual de consagração a N. Sra. dos legionários do *Comitium Mediatrix*, de João Pessoa, realizou-se no dia 31 de julho, em nossa Matriz, sendo presidida pelo Exmo. Sr. Arcebispo que pronunciou a alocução e celebrou a Santa Missa com a participação de sacerdotes e legionários de 14 *praesidia* de adultos (IGREJA CATÓLICA, 1966, p. 21).

Na sucessão de Dom José Maria Pires, assumiu Dom Marcelo Pinto Carvalheira, tornando-se o quinto arcebispo da Paraíba até o ano de 2004. O Arcebispo Dom Marcelo Pinto Carvalheira participou de um evento comemorativo da Legião de Maria realizado em 2001. Essa comemoração ocorreu porque os grupos legionários estavam festejando o aniversário de oitenta anos de fundação da Legião de Maria no mundo, ou seja, referente ao período de 1921 a 2001. Esse evento foi realizado em um ginásio poliesportivo, localizado no município de João Pessoa.

O Arcebispo Dom Aldo Di Cillo Pagotto, que exerceu essa função de 2004 até a sua renúncia em 2016, também participou dos eventos da Legião de Maria, entre eles, o Congresso realizado em 3 de setembro de 2006, no município de João Pessoa. O atual Arcebispo da Paraíba, Dom Frei Manoel Delson Pedreira da Cruz, que exerce essa função desde maio de 2017, participou da celebração eucarística realizada durante o Congresso Interestadual da Juventude Legionária, no ano de 2018, na capital paraibana.

A *Regia* Medianeira de Todas as Graças, na capital paraibana, possui um setor para a participação da juventude, denominado Secretaria da Juventude

Legionária (SEJULE/PB), o qual promove dinâmicas e formações espirituais para os jovens que estão filiados aos *praesidia* juvenis.

Na região da Arquidiocese da Paraíba, a pesquisa de Almeida (2013), fazendo uma sondagem que visava perceber quais movimentos pastorais ou grupos eram importantes na vida da Igreja, encontrou várias sugestões conforme as indicações das pessoas pesquisadas naquela época. Nas respostas dadas, vários grupos possuíram algum tipo de indicação, ficando a Legião de Maria na oitava posição.

4.3 Do Ofício de Nossa Senhora aos grupos legionários

Os grupos legionários confirmam através dos títulos de vários *praesidia*, *curiae*, *comitia*, *regiae* e *senatus* o acolhimento de vários dogmas marianos propagados pelo Ofício de Nossa Senhora. Essa oração de louvor à Conceição Imaculada da Virgem Maria possui seu texto composto por Bernardino de Bustis, no século XV, sendo recitada por milhares de católicos.

Em outros momentos da história do catolicismo, principalmente no contexto das aparições marianas, a Conceição Imaculada de Maria foi enaltecida, conforme podemos observar na devoção da imagem mariana, sob o título de Nossa Senhora das Graças, que se reflete no simbolismo da medalha milagrosa, cuja história remete à cidade de Paris, no ano de 1830, conforme a seguinte explicação da origem desse título:

Conta-nos a história que uma noviça das Irmãs Filhas da Caridade rezava na capela do convento em Paris, no dia 27 de novembro de 1830. Era a véspera do primeiro domingo do advento. [...] Seu nome, Catarina Labouré. Nossa Senhora lhe apareceu em forma de medalha oval. [...] Rodeando a oval aparição, liam-se as palavras douradas: 'Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós'. No outro lado da medalha destacava-se a letra 'M' encimada por uma cruz. Por baixo do monograma de Maria, viam-se os corações de Jesus, coroado de espinhos, e de sua Mãe Santíssima, transpassado por uma espada. Uma coroa de estrelas rodeava estes símbolos. [...] Por ser medalha, o povo chamou a devoção de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, ou Nossa Senhora das Graças, ou ainda Nossa Senhora Medianeira de todas as graças (BERALDI, 2012, p. 20-21).

Em nossa análise, é possível perceber que, por detrás das denominações dos cento e trinta e quatro *praesidia* existentes na capital paraibana, ocorre uma orientação simbólica a fim de ressaltar os títulos dos dogmas marianos. Conforme os

dados adaptados do arquivo da *Regia* Medianeira de Todas as Graças, pesquisados no mês de janeiro do ano de 2020, temos que no bairro Altiplano existem dois *praesidia* (Mãe da Divina Graça e Nossa Senhora Rosa Mística); no bairro Alto do Mateus existem cinco *praesidia* (Nossa Senhora dos Impossíveis; Nossa Senhora Rosa Mística; Virgem das Virgens; Virgem Mãe da Misericórdia e Virgem Mãe dos Pobres); no bairro Anatólia existem cinco *praesidia* (Mãe da Divina Graça, Mãe do Salvador, Rainha da Paz, Rainha do Sacratíssimo Rosário e Santa Mãe de Deus); no bairro Cabo Branco existe um *praesidium* (Nossa Senhora Aparecida), no bairro Castelo Branco existem seis *praesidia* (Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora do Sacratíssimo Sacramento, Nossa Senhora Rainha dos Anjos, Mãe de Jesus Cristo, Mãe do Salvador e Nossa Senhora do Sagrado Coração).

No bairro Bancários existem seis *praesidia* (Mãe do Divino Amor, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora do Rosário, Rainha da Paz, Rosa Mística e Santa Maria); no bairro Brisamar existem três *praesidia* (Nossa Senhora Rosa Mística, Rainha da Paz e Maria Mãe Rainha); no bairro Colinas do Sul I existe um *praesidium* (Nossa Senhora da Esperança); no bairro Colinas do Sul II existem dois *praesidia* (Mãe da Divina Providência e Nossa Senhora de Fátima - juvenil); no bairro Costa e Silva existem sete *praesidia* (Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Paz, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Divino Amor e Nossa Senhora do Imaculado Coração de Maria).

No bairro Cristo Redentor existem um *praesidium* (Nossa Senhora de Guadalupe); no bairro Cruz das Armas existem dois *praesidia* (Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Nossa Senhora de Fátima); no bairro Ernesto Geisel existem seis *praesidia* (Estrela do Amanhã, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Misericórdia, Nossa Senhora de Fátima e Rosa Mística); no bairro Funcionários existem dois *praesidia* (Mãe de Jesus Cristo e Nossa Senhora da Assunção); no bairro Gramame existe um *praesidium* (Nossa Senhora das Graças) e no bairro Grotão existe um *praesidium* (Nossa Senhora da Assunção).

No bairro Ilha do Bispo existe quatro *praesidia* (Consoladora dos Aflitos, Rainha da Paz, Santa Mãe de Deus – juvenil e Virgem Fiel); no bairro Jardim Cidade Universitária existem quatro *praesidia* (Mãe da Ternura – juvenil, Mãe Imaculada - juvenil, Nossa Senhora Auxiliadora e Nossa Senhora das Neves); no bairro Jardim Planalto existe um *praesidium* (Virgem Mãe dos Pobres); no bairro José Américo

existem três *praesidia* (Arca da Nova Aliança, Maria Estrela da Evangelização e Maria Filha de Deus Pai).

No bairro Manaíra existe um *praesidium* (Mãe da Divina Graça); no bairro Mandacaru existem três *praesidia* (Mãe de Jesus, Rainha da Paz e Rainha dos Apóstolos); no bairro Mangabeira existem vinte e três *praesidia* (Arca da Aliança, Auxílio dos Cristãos, Estrela da Manhã, Imaculado Coração de Maria – juvenil, Mãe da Divina Graça, Mãe da Misericórdia, Mãe do Redentor, Mãe Imaculada, Mãe Rainha das Famílias, Mãe Rainha e Vencedora, Maria Luz do Mundo, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Graças, Rainha da Paz, Rainha de Todos os Santos, Rainha do Rosário, Rainha do Santo Rosário, Refúgio dos Pecadores, Rosa Mística, Santa Mãe de Deus, Torre de Marfim e Virgem Fiel).

No bairro Miramar existem três *praesidia* (Mãe Admirável, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro); no bairro Penha existe um *praesidium* (Estrela da Manhã); no bairro Presidente Médici existe um *praesidium* (Mãe de Jesus Cristo); no bairro São José existem nove *praesidia* (Espelho da Justiça, Estrela da Manhã – juvenil, Mãe de Deus, Maria Esperança Nossa, Rainha das Virgens – juvenil, Rainha de Todos os Santos, Rainha dos Anjos – juvenil, Rainha dos Profetas e Serafins de Lurdes - juvenil).

No bairro Tambaú existe um *praesidium* (Santa Maria); no bairro Tambauzinho existem dois *praesidia* (Mãe Imaculada e Nossa Senhora da Imaculada Conceição), no bairro Torre existe dez *praesidia* (Mãe Amável, Mãe da Divina Graça, Mãe do Salvador, Mãe Puríssima, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo, Rainha da Paz de Cristo – juvenil, Rainha dos Anjos, Rainha dos Apóstolos e Virgem Benigma); no bairro Treze de Maio existem três *praesidia* (Estrela da Manhã, Nossa Senhora Aparecida e Torre de Marfim).

No bairro Valentina existem onze *praesidia* (Imaculada Conceição, Imaculada Conceição Aparecida, Maria Estrela da Evangelização, Maria Mãe dos Homens, Maria Medianeira de Todas as Graças, Nossa Senhora da Misericórdia, Rainha Assunta ao Céu, Rainha da Paz, Rainha do Céu, Rainha do Santo Rosário e Santa Mãe de Deus) e no bairro Varjão (popularmente conhecido pelo nome Rangel) existem três *praesidia* (Nossa Senhora do Bom Conselho, Rainha da Paz e Virgem Prudentíssima).

Se observarmos a Ladainha de Nossa Senhora, já bastante difundida, veremos que os legionários retiram muitas das nomenclaturas de seus grupos das invocações nela contidas. Para exemplificar essa análise, transcrevemos, de forma sucinta, partes do Ofício da Imaculada Conceição (2004, p. 39-41) que servem de inspiração para os vários grupos da Legião de Maria, tais como os seguintes títulos marianos: Santa Maria, Santa Mãe de Deus, Santa Virgem das virgens, Mãe de Jesus Cristo, Mãe da Divina Graça, Mãe Puríssima, Mãe Castíssima, Mãe Imaculada, Mãe Intacta, Mãe Amável, Mãe Admirável, Mãe do Bom Conselho, Mãe do Criador, Mãe do Salvador, Mãe da Igreja, Virgem Prudentíssima, Virgem Venerável, Virgem Louvável, Virgem Poderosa, Virgem Benigna, Virgem Fiel, Espelho de Justiça, Sede de Sabedoria, Causa da nossa alegria, Vaso espiritual, Vaso honorífico, Vaso insigne de devoção, Rosa Mística, Torre de Davi, Torre de marfim, Casa de ouro, Arca da aliança, Porta do Céu, Estrela da manhã, Saúde dos enfermos, Refúgio dos pecadores, Consoladora dos aflitos, Auxílio dos cristãos, Rainha dos anjos, Rainha dos patriarcas, Rainha dos profetas, Rainha dos apóstolos, Rainha dos mártires, Rainha dos confessores, Rainha das virgens, Rainha de todos os santos, Rainha concebida sem pecado original, Rainha assunta ao Céu, Rainha do santo Rosário e Rainha da paz.

Nesse sentido, as ações legionárias visam fazer com que os leigos católicos se aproximem cada vez mais das devoções e tomem como exemplo a vida de Maria, principalmente na nomenclatura de seus grupos. Nessa perspectiva, o nome do grupo revela o poder da crença associada ao uso das palavras, pois elas são mais que uma forma de comunicação, na medida em que:

Como atividade social, a língua envolve todas as ações e pensamentos humanos, possibilitando ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico. Partindo desse pressuposto, para compreender o papel da língua na vida da comunidade, é preciso ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, onde as palavras são encaixadas e constitutivas de atividades culturais específicas, como, por exemplo, o ato de nomear, em que se evidencia a importância da palavra e o seu papel como elemento revelador de aspectos socioculturais de um grupo humano (CARVALHO, 2018, p. 1124).

Para ilustrar o poder das palavras correlacionado aos dogmas marianos vemos inúmeras tradições devocionais. A linguagem, envolvida nas discussões

teológicas, constitui-se tanto como pontos de atritos quanto de unidade, abrindo espaço para a criatividade do laicato e autonomia na escolha da nomenclatura de seus grupos conforme a preferência pelos títulos marianos e os valores expressos em suas manifestações religiosas.

4.4 Legião de Maria e as invocações aos dogmas marianos

A devoção pode servir como uma forma de legitimação da doutrina religiosa. Nesse aspecto, a escolha dos nomes feita pelos legionários para denominar cada *praesidium* tende a enaltecer as representações dos dogmas da maternidade de Deus, da Virgindade, da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria. Assim, a utilização de termos relacionados a esses dogmas é largamente observável. Para Carvalho (2014, p. 112, grifo do autor): “Pela fé, o povo adere às grandes verdades da religião católica. No que se refere à Nossa Senhora, essas verdades relacionam-se com a Maternidade divina e virginal, Assunção ao céu e Imaculada Conceição”.

No conjunto de nossa pesquisa, no tocante às questões doutrinárias sobre Maria, os grupos legionários apontam para a existência de um fortalecimento no aspecto religioso, organizado e implementado em seu sistema através do interesse nas questões que conduzem seus membros ao aprofundamento da fé nos dogmas, com prioridade para a hipertrofia de seus conteúdos religiosos. Sobre a função dos dogmas, temos:

A função do dogma é definir autoritativamente os conteúdos da tradição da fé, seja para dissipar dúvidas no interior da comunidade, seja para afirmar conteúdos julgados fundamentais para tradição da fé. A definição dogmática se impõe como uma referência para a comunidade. É quando a doutrina torna-se norma de fé e recusa dúvidas na matéria normatizada. As definições dogmáticas são recursos da autoridade religiosa que lança mão do exercício de sua legitimidade de intérprete e guardião da tradição para esclarecer e definir questões obscuras ou centrais da mesma tradição (PASSOS, 2006, p. 93).

Tendo como inspiração um levantamento feito por José Oscar Beozzo e Luiz Carlos Luz Marques, publicado no ano de 2004, sobre os oragos de paróquias, começamos a elaborar uma análise espelhada na perspectiva de contabilizar em categorias a devoção mariana identificável nos títulos dos grupos legionários.

A devoção, sob as mais diversas invocações, é uma herança que chegou às terras brasileiras desde o início da colonização portuguesa. Neste contexto, os

dogmas marianos foram usados principalmente através do suporte na vida das mulheres, considerando as particularidades do cotidiano feminino:

Vivendo a experiência da gravidez, do parto, da maternidade, do aleitamento, do cuidado das crianças, do socorro nas doenças e em todos os pequenos problemas domésticos e familiares, as mulheres encontraram na Virgem uma poderosa intercessora (BEOZZO; MARQUES, 2004, p. 114).

A pesquisa inicial, a partir dos documentos disponíveis na *Regia* Medianeira de Todas as Graças, permitiu quantificar as invocações aos dogmas marianos. Anteriormente, já tínhamos listado os nomes de cada *praesidium* existente nos bairros da cidade de João Pessoa. Esses dados afirmam os elementos encontrados pelo estudo de Beozzo e Marques (2004), pois, entre 1532 e 1866, ocorreram variações com relação aos títulos marianos consagrados às paróquias. A seguir, faremos um resumo dos resultados da pesquisa construída pelos historiadores já citados.

Entre 1532 e 1600, doze paróquias foram consagradas à Virgem, sendo quatro com o título de Nossa Senhora da Conceição. Entre 1601 e 1700, quarenta e uma paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo seis com o título de Nossa Senhora da Conceição (das quais uma mencionava o título de Imaculada Conceição), além de uma paróquia cujo título invocou à Assunção.

Entre 1701 e 1750, cinquenta e oito paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo vinte e uma sob o título de Nossa Senhora da Conceição (das quais uma mencionou a Imaculada Conceição). Entre 1751 e 1800, oitenta e seis paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo trinta e cinco sob o título de Nossa Senhora da Conceição (das quais duas mencionavam a Imaculada Conceição). Entre 1801 e 1822, cinquenta e duas paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo dezessete sob o título de Nossa Senhora da Conceição (das quais duas mencionavam a Imaculada Conceição).

Entre 1823 e 1830, oito paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo duas sob o título de Nossa Senhora da Conceição. Entre 1831 e 1840, oitenta e cinco paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo vinte sob o título de Nossa Senhora da Conceição (das quais quatro mencionavam a Imaculada Conceição). Entre 1841 e 1850, cinquenta e sete paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo treze sob o título de Nossa Senhora da Conceição. Entre 1851 e 1860, noventa e oito paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo vinte e

três sob o título de Nossa Senhora da Conceição (das quais uma mencionou a Imaculada Conceição). Entre 1861 e 1863, trinta e seis paróquias foram consagradas à Virgem Maria, sendo dezesseis sob o título de Nossa Senhora da Conceição (das quais uma mencionou a Imaculada Conceição).

Assim, podemos elaborar uma tabela explicativa sobre a presença do dogma da Imaculada Conceição que está implicitamente contido nas paróquias com o título de Nossa Senhora da Conceição, conforme os dados catalogados pelo estudo.

TABELA 2 - Paróquias segundo a consagração à Virgem Maria

Período	Nº de paróquias consagradas à Virgem Maria	Nº de paróquias com o título de Nossa Senhora da Conceição
1532-1600	12	4
1601-1700	41	6
1701-1750	58	21
1751-1800	86	35
1801-1822	52	17
1823-1830	8	2
1831-1840	85	20
1841-1850	57	13
1851-1860	98	23
1861-1863	36	16
Total	533	157

Fonte: Adaptado de Beozzo e Marques (2004, p. 116-117).

Observamos que, no período de 1532 a 1863, quinhentas e trinta e três paróquias foram consagradas à Virgem Maria. Desse total, cento e cinquenta e sete foram fundadas sob o título de Nossa Senhora da Conceição. Neste ponto observado, Beozzo e Marques (2004, p. 127) destacam: “A Virgem, sob o título de Nossa Senhora da Conceição – devoção franciscana, mas incorporada pelos jesuítas – é sem dúvida a mais importante invocação mariana no Brasil”.

Assim, a devoção mariana se espalhou pelo território brasileiro, revelando em Maria a sacralidade feminina. A invocação ao dogma católico da Imaculada Conceição foi encontrada em doze paróquias. Faremos uma comparação desses resultados com a pesquisa que realizamos nos títulos de cada *praesidium* existente na cidade de João Pessoa, em 2020. Assim, procuramos categorizar as preferências dos legionários relativas às invocações marianas, levando em consideração os casos em que eles mencionam os dogmas marianos.

TABELA 3 - Nomenclatura dos *praesidia*: dogma da Assunção

Dogma da Assunção de Maria	Local da reunião	Quantidade
Nossa Senhora da Assunção	Funcionários	01
Nossa Senhora da Assunção	Grotão	01
Rainha Assunta ao Céu	Valentina	01

Fonte: Dados da pesquisa realizada (2020).

TABELA 4 – Nomenclatura dos *praesidia*: dogma da Imaculada Conceição

Dogma da Imaculada Conceição de Maria	Local da reunião	Quantidade
Imaculada Conceição	Valentina	01
Imaculada Conceição Aparecida	Valentina	01
Imaculado Coração de Maria	Mangabeira	01
Mãe Imaculada	Jardim Cidade Universitária	01
Mãe Imaculada	Mangabeira	01
Mãe Imaculada	Tambauzinho	01
Nossa Senhora da Conceição	Mangabeira	01
Nossa Senhora da Conceição	Torre	01
Nossa Senhora da Conceição Aparecida	Costa e Silva	01
Nossa Senhora da Conceição Aparecida	Cruz das Armas	01
Nossa Senhora da Imaculada Conceição	Tambauzinho	01
Nossa Senhora do Imaculado Coração de Maria	Costa e Silva	01

Fonte: Dados da pesquisa realizada (2020).

TABELA 5 – Nomenclatura dos *praesidia*: dogma da Maternidade Divina

Dogma da Maternidade Divina de Maria	Local da reunião	Quantidade
Mãe da Divina Graça	Altiplano	01
Mãe da Divina Graça	Anatólia	01
Mãe da Divina Graça	Manaira	01
Mãe da Divina Graça	Mangabeira	01
Mãe da Divina Graça	Torre	01
Mãe da Divina Providência	Colinas do Sul II	01
Mãe de Deus	São José	01
Mãe de Jesus	Mandacaru	01
Mãe de Jesus Cristo	Castelo Branco	01
Mãe de Jesus Cristo	Funcionários	01
Mãe de Jesus Cristo	Presidente Médici	01
Mãe do Divino Amor	Bancários	01
Mãe do Redentor	Mangabeira	01
Mãe do Salvador	Anatólia	01
Mãe do Salvador	Castelo Branco	01
Mãe do Salvador	Torre	01
Nossa Senhora do Divino Amor	Costa e Silva	01
Santa Mãe de Deus	Anatólia	01
Santa Mãe de Deus	Mangabeira	01
Santa Mãe de Deus	Valentina	01
Santa Mãe de Deus	Ilha do Bispo	01

Fonte: Dados da pesquisa realizada (2020).

TABELA 6 – Nomenclatura dos *praesidia*: dogma da Virgindade

Dogma da Virgindade Perpétua de Maria	Local da reunião	Quantidade
Mãe Puríssima	Torre	01
Rainha das Virgens	São José	01
Virgem Benigna	Torre	01
Virgem das Virgens	Alto do Mateus	01
Virgem Fiel	Mangabeira	01
Virgem Fiel	Varadouro	01
Virgem Mãe da Misericórdia	Alto do Mateus	01
Virgem Mãe dos Pobres	Alto do Mateus	01
Virgem Mãe dos Pobres	Jardim Planalto	01
Virgem Prudentíssima	Varjão (Rangel)	01

Fonte: Dados da pesquisa realizada (2020).

Os quadros anteriores evidenciam como as homenagens aos dogmas são frequentes nos títulos dos grupos legionários, no município de João Pessoa, resultando em quarenta e seis títulos invocativos do total dos cento e trinta e quatro *praesidia* existentes, conforme os percentuais a seguir:

TABELA 7 - Percentual dos *praesidia*: dogmas marianos

Dogma	<i>Praesidia</i> com nomenclaturas alusivas aos dogmas	Percentual (%)
Assunção de Maria	03	6,52
Imaculada Conceição de Maria	12	26,09
Maternidade Divina de Maria	21	45,65
Virgindade Perpétua de Maria	10	21,74
Total	46	100,0

Fonte: Dados da pesquisa realizada (2020).

Conforme Boff (2006, p. 519): “Em plena II Guerra Mundial, no dia 31 de outubro de 1942, Pio XII consagrava o mundo ao Coração Imaculado de Maria”. Os atos de consagração do mundo realizados por vários pontífices, em épocas posteriores, foram mecanismos que utilizaram a devoção para enfrentar a secularização e o ateísmo que ameaçavam o catolicismo. Desse modo, refletimos sobre o significado histórico, religioso e social que os quatro dogmas marianos exercem no imaginário católico, refletindo na nomenclatura dos grupos legionários.

Reiteramos a pertinência, em nossa interpretação, entre a devoção e a nomenclatura adotada pela Legião de Maria, demonstrada pela invocação do dogma da Maternidade Divina e do dogma da Virgindade de Maria, desde a Igreja dos primeiros concílios e o dogma da Imaculada Conceição, proclamado no século XIX, e o dogma da Assunção, proclamado por Pio XII, em 1950, depois de consultar todo o episcopado da época. A Maternidade Divina foi um dogma declarado no III Concílio Ecumênico, realizado em Éfeso, no ano de 431. Este dogma mostra-se tão importante para os legionários que apresentou o maior número, contando com vinte e uma invocações do total de *praesidia*. Os efeitos dessa invocação revelam:

No interesse do nosso assunto central, digamos, quanto a isso, apenas que, como só a fé pode captar o “evento histórico-salvífico” da Maternidade divina, assim também só um “devoto da Mãe de Deus” pode entender e assim esperar que Maria intervenha, direta ou indiretamente, no tecido mesmo da história. Na verdade, as intervenções de Maria na história têm um caráter duplo: são ações do tipo “histórico-salvífico”, são “graças”, isto é, atos pelos quais o fiel entra em contato com o poder salvífico de Deus; e são também “fatos” da história secular. Esses são a face visível de um evento global, cuja face invisível afunda no Mistério (BOFF, 2006, p. 460-461).

Certamente, a predominância desse título nos nomes dos grupos legionários abarca o imperativo da fé exaltada na maternidade. Reconhecemos que esse fato reúne a preocupação dos legionários em priorizar a doutrina católica, havendo a contemplação de Maria, sendo a mulher que deu à luz ao filho de Deus, garantindo a missão de Jesus Cristo no mundo.

O dogma da *Theotokos* carrega o conteúdo intrínseco da crença cristã. Como se vê, através de Maria, a fé e a devoção resistiram a muitas polêmicas, tanto dentro quanto fora da Igreja católica. Para compreender de forma sucinta o título de Mãe de Deus (*Theotokos*) atribuído a Maria, veremos a descrição de Dom Edson de Castro Homem, Assessor da Legião de Maria na CNBB, que explica:

O terceiro Concílio Ecumênico de Éfeso, em 431, condenou como heréticas as afirmações de Nestório e definiu a maternidade divina de Maria. O Concílio define que a natureza divina e a natureza humana estão unidas, em Cristo, na unidade da pessoa. Por isso, trata-se de união hipostática, isto é, as duas naturezas (a humana e a divina) subsistem na mesma pessoa divina. Como? A natureza humana de Cristo foi assumida na unidade e no domínio da pessoa divina. Logo, é a pessoa divina que atua na natureza humana e por meio dela. Portanto, Maria é Mãe de Deus, pois pela encarnação a pessoa divina nela assumiu a natureza humana. Ela deu à luz um filho que é Deus. Ela lhe deu a natureza humana como instrumento da encarnação (HOMEM, 2007, p. 50).

A maternidade divina ganhou força, ao longo dos séculos, nas súplicas dos seus fiéis devotos, entre os quais destacamos os membros da associação fundada por Frank Duff. Isso fez surgir na comunidade católica a base de uma devoção que inspirou várias preces confiantes na Mãe de Deus. As pinturas sacras difundiram e popularizaram essa imagem simbólica, ressaltando Maria ao lado do menino Jesus. A influência do dogma explica o motivo pelo qual o povo devoto compromete-se na defesa da maternidade divina, visto que:

Se, por hipótese, Maria não tivesse sido Mãe de Deus, ou se assim não fosse vista, certamente não haveria fé nela; sem fé nela, não haveria recurso suplicante; e sem recurso suplicante, Ela não constituiria uma representação social e historicamente significativa. Tudo, pois, está suspenso à fé no Mistério da Mãe de Deus e, mais radicalmente ainda, no próprio fato histórico-salvífico de ser ela realmente *Theotokos*. Naturalmente, se o povo de Deus invoca a Mãe de Deus é porque acredita que esteja viva, junto do Altíssimo, pronta a interceder pelos seus. Vê-se aqui como o dogma da Maternidade divina se enlaça com o da glorificação de Maria no céu, Mistério esse que o dogma da Assunção virá pôr em plena luz (BOFF, 2006, p. 462).

Na discussão sobre a virgindade de Maria, é preciso compreendermos o sentido de uma maternidade virginal, a saber, o fato de Maria, permanecendo virgem, agir na concepção de Jesus, através de um contexto eminentemente cristológico. Nas palavras de Boff (2006, p. 476): “Esse não diz simplesmente que Maria era virgem, mas, que, sendo virgem, tornou-se mãe, e Mãe de Deus. Ora, aqui não estamos apenas diante de um fato religioso, mas de um mistério”. O dogma da concepção virginal ainda possui dificuldades de aceitação em algumas culturas, por ser um fato extraordinário.

A virgindade de Maria é um dos símbolos da religiosidade católica. Desse modo, a pesquisa realizada por Monsenhor Virgílio Bezerra de Almeida, no ano de 2012, observou que, na área correspondente à Arquidiocese da Paraíba, nas respostas ao questionário: “Entre os católicos, 86,92% acreditam tal como afirma a doutrina da Igreja Católica a respeito da questão” (ALMEIDA, 2013, p. 53). As informações estatísticas dessa pesquisa, no âmbito do catolicismo paraibano, revelam que a maioria do povo entrevistado ainda guardava as crenças do tradicionalismo religioso. Isso significa que a acolhida ao exemplo de Maria está inscrita na religiosidade popular em diferentes graduações, seja na devoção, seja no respeito afirmado pelas pessoas de diferentes orientações religiosas.

A Imaculada Conceição é um dos aspectos da devoção dos grupos legionários, pois, uma das jaculatórias das orações da Legião de Maria faz homenagem a esse dogma mariano. No tocante ao dogma da Assunção de Maria, a crença de que ela não haveria de perecer como simples mortal, mas ser assumpta ao céu, aparece como o corolário do triunfo da inspiração devocional, sendo uma imagem invocativa. Algumas inscrições sobre esse dogma foram colocadas na parede da Basílica de São Pedro:

Aquilo que, com insistentes votos, o mundo católico esperava, trouxe-o 1º de novembro do Ano Santo de 1950, quando Pio XII, diante da multidão aclamante que enchia a Praça de São Pedro, declarou, com oráculo infalível, que a Virgem Maria Mãe de Deus foi elevada ao céu em corpo e alma (BOFF, 2006, p. 522).

O mistério da assunção mariana comporta, por um lado, a vitória de Maria sobre a morte e, por outro, da vitória da espiritualidade sobre a matéria. O contexto histórico em que se deu essa solene proclamação foi o período posterior às duas guerras mundiais.

5 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: luzes para o laicato

Podemos tentar definir ou, ao menos, esboçar um aspecto do laicato no pertencimento ao povo de Deus, através do engajamento nas atividades deste mundo, nas etapas e nos meios da História. Em outras palavras, a teologia congariana esclarece:

Membros do povo de Deus, os leigos, como os clérigos e os monges, por estado e de modo direto, estão ordenados às realidades celestes. Uns e outros tornam-se capazes de ter parte na herança dos santos na luz [...]. Entretanto não estão ordenados exatamente da mesma maneira. Se for bíblica, dogmática e realmente inexato dizer: os clérigos e os monges estão, por estado e por função direta, ordenados para as realidades celestes; os leigos estão por estado e de modo direto, embora não exclusivo, ordenados para as realidades terrestres [...]. Os leigos são chamados ao mesmo fim que os clérigos ou os monges, a saber, o gozo de nossa herança de filhos de Deus -, mas sua condição é procurar e obter esse fim sem fazer a economia do engajamento no movimento deste mundo, nas realidades da primeira criação, nas etapas e nos meios da História (CONGAR, 1966, p. 34).

Sabemos que o Concílio Ecumênico Vaticano II, que ocorreu no período de 1962 a 1965, possibilitou o início de propostas renovadoras dentro da Igreja. Uma delas foi o Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos. As mudanças pós-conciliares continuam a convidar os leigos. Em 2016, o Papa Francisco, em sua carta ao Cardeal Marc Oullet, lembra que:

Olhar para o povo de Deus é recordar que todos fazemos o nosso ingresso na Igreja como leigos. O primeiro sacramento, que sela para sempre a nossa identidade, e do qual deveríamos ser sempre orgulhosos, é o Batismo. Através dele e com a unção do Espírito Santo, (os fiéis) 'são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo'. A nossa primeira e fundamental consagração lança as suas raízes no nosso batismo. Ninguém foi batizado sacerdote nem bispo. Batizaram-nos leigos e é o sinal indelével que jamais poderá ser apagado. Faz-nos bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, consagrados, bispos, mas que todos formamos o povo santo fiel de Deus. Esquecemo-nos disso comporta vários riscos e deformações na nossa experiência, quer pessoal, quer comunitária, do ministério que a Igreja nos confiou. Somos, como frisou o Concílio Ecumênico Vaticano II, o povo de Deus, cuja identidade é 'a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo'. O povo santo fiel de Deus foi ungido com a graça do Espírito Santo e, portanto, no momento de refletir, pensar, avaliar, discernir, devemos estar muito atentos a esta unção (IGREJA CATÓLICA, 2016, p. 12-13).

Podemos perceber com isso que o Concílio Vaticano Ecumênico II mostrou uma inquietação eclesial, tendo em vista uma suposta fragilidade na estrutura de poder, em seu aspecto piramidal, que não mais atendia aos anseios e desafios da

época. A Igreja, nesse período, precisava abrir um diálogo com o mundo, no qual os leigos seriam um canal possível de comunicação, uma vez que:

Transparece agora a imagem de Igreja como Povo de Deus, de maneira articulada, dinâmica e, ao mesmo tempo, guiada pelo Espírito. Leigos e leigas serão descritos novamente por seu lugar secular, porém com uma eclesiologia a seu respeito, uma teologia capaz de garantir sua condição essencial, fundamental e insubstituível na missão da Igreja (KUZMA, 2009, p. 61).

Uma data que a Igreja católica romana não esquece é o dia 11 de outubro de 1962, na qual se abriu o Concílio Ecumênico Vaticano II para o mundo. As propostas conciliares deram espaço para o apostolado dos leigos na comunidade paroquial, diocesana, arquidiocesana e até mesmo no âmbito do diálogo com o pontificado. No rumo da abertura para uma fé madura adaptada aos tempos atuais, as propostas conciliares criaram algumas expectativas. Parte dessas propostas alcançaram seus objetivos, enquanto outras foram engavetadas.

O Concílio Ecumênico Vaticano II promoveu uma maior integração da mariologia dentro do conjunto da teologia, interligando o culto a Maria aos eventos cristocêntricos. Houve um corretivo no discurso mariano, aparando determinados exageros e suas eventuais desvantagens para a Igreja. As propostas conciliares impulsionaram reformulações nas formas de compreender Maria de Nazaré, havendo uma maior contextualização com as fontes bíblicas e patrísticas, a fim de diminuir a polarização em torno da devoção mariana que já emergia há alguns anos. Com efeito, temos o seguinte esclarecimento:

O Concílio Vaticano II não proclamou nenhum dogma mariano novo, porém é importante que o Concílio retomou, endossou e confirmou todas as proclamações dogmáticas referentes a Maria: Maria, Mãe de Deus (Concílio de Éfeso, 431, DZ 111a); Virgindade Perpétua de Maria (Concílio Lateranense, 649, DZ 255s); Imaculada Conceição (Pio IX, 8 de dezembro de 1854, Bula *Ineffabilis*, DZ 1641); Assunção de Maria (Pio XII, Const. Apost. *Munificentissimus*, 1º de novembro de 1950, AAS 42 (1950), DZ 2333). De outro lado, o Concílio Vaticano II contribuiu também imensamente para uma explicação maior do dogma marial, a sua relação íntima com o mistério salvífico em Cristo, e a sua relação com a Igreja (IWASHITA, 2005, p. 65).

O discurso de abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II ficou conhecido por: *Gaudet Mater Ecclesia, Alegria-se a Mãe Igreja*. As palavras do Papa João XXIII, devidamente articuladas, abriram o maior, até o momento, Concílio da história da

Igreja católica romana. Em referência ao discurso de abertura do referido concílio, o teólogo e historiador Padre José Oscar Beozzo descreve como o Papa João XXIII ofereceu uma atitude de vanguarda perante a história da Igreja católica da qual fazia parte como liderança:

Esta atenção aos sinais dos tempos indicava porém uma atitude espiritual: Deus nos fala e nos interpela através dos acontecimentos da história. Para João XXIII não bastava estar atento aos sinais dos tempos. Era necessário a eles responder, sob o impulso do Espírito Santo, deixando-se por Ele guiar (BEOZZO, 1993, p. 94).

Por um lado, muitas barreiras foram superadas pelas propostas conciliares do pontificado do Papa João XXIII, acatando uma renovação inadiável, que não faria dos anátemas e das condenações suas sentenças diárias. Por outro, existiram aqueles que eram e continuam a ser pessimistas quanto aos resultados desse Concílio. A abertura para uma atitude de diálogo ecumênico com as religiões cristãs e um diálogo inter-religioso com as religiões não-cristãs precisava superar as barreiras históricas de intransigência. Nesse sentido, o conhecimento produzido alinhavou o magistério de caráter eminentemente pastoral.

O discurso da *Gaudet Mater Ecclesia* serviu como bússola para o Papa João XXIII, o qual não chegou a finalizar o Concílio, pois morreu em 3 de junho de 1963. O seu sepultamento não apagou as marcas de suas palavras, que ecoaram para sempre no mundo. Seja o dia, seja a noite, nem a Igreja católica, nem o mundo hão de esquecer a data de abertura do vigésimo primeiro Concílio, o qual trouxe à tona uma procissão outrora realizada no terceiro Concílio. Nesse sentido, explicamos que ocorreu uma procissão luminosa que percorreu as ruas de Roma no dia 11 de outubro de 1962, recordando a homenagem prestada a Maria pelo povo da cidade de Éfeso, ao final do terceiro Concílio Ecumênico, realizado em 431. Diante do povo, que carregava suas velas acesas pela praça de São Pedro e ruas próximas, o Papa João XXIII iniciou seu segundo discurso de abertura do Concílio.

5.1 Perpetuamente em reforma: os leigos na Igreja

Vários momentos históricos marcaram a associação da Legião de Maria. Ela já vivenciou períodos de auge, entre os quais na Igreja católica belga, tendo em vista o apoio dado pelo Cardeal Léon-Joseph Suenens, na tentativa de suscitar o laicato

para as atividades do apostolado que podiam ser desempenhadas pelos leigos católicos naquela época.

Através do Concílio Vaticano II, houve a abertura para reformulações na instituição eclesial e conseqüentemente no posicionamento diante do laicato católico, acrescentando novos pensamentos dentro da Igreja católica. Os conflitos oriundos do modelo tridentino e do modelo proposto pelas diretrizes conciliares mostraram as diferentes formas em que o poder circula no interior das estruturas clericais, conforme a seguinte comparação entre esses modelos:

A década de 1960 foi profundamente marcada, no âmbito da Igreja, pelas mudanças no seu modelo eclesial, efetuadas a partir da renovação proposta pelas decisões do Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965. Tal Concílio definiu a Igreja como *povo de Deus*, significando essa definição um alargamento na sua forma de perceber-se, pois, na concepção do modelo eclesial anterior, o do Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja era considerada uma sociedade perfeita, segregada, restrita aos seus quadros hierárquicos (CABRAL, 2008, p. 17, grifo do autor).

A Legião de Maria, desde o seu início até os dias atuais, possui contribuições ao catolicismo, uma vez que suas marcas ficam por onde quer que ela esteja. Além disso, traços das decisões tridentinas foram conservadas. As disposições tridentinas ocasionaram uma apropriação clerical sobre o culto de Maria e dos santos. A partir desse entendimento, o poder arbitrário ficava concentrado no clero em Roma, cuja autoridade poderia se pronunciar sobre a santidade e sobre o culto litúrgico. Por sua fidelidade às normas e à doutrina da Santa Sé, ele ficou conhecido como catolicismo ultramontano, ou catolicismo romanizado. Nessa perspectiva, as vivências do catolicismo seguiam alguns parâmetros:

O texto do catecismo era tido como o eixo ao redor do qual devia processar-se a formação católica. O catolicismo romanizado constituiu a forma de vivência da fé católica, dentro dos parâmetros estabelecidos pelo Concílio de Trento, com ênfase na doutrina católica, na vida ascética e na prática sacramental. O bom católico, segundo o modelo romano, era aquele que tinha o conhecimento das verdades da fé, seguia os preceitos morais estabelecidos pela Igreja e recebia com frequência os sacramentos da confissão e comunhão. A recepção desses dois sacramentos, administrados pelos sacerdotes, passou a ser considerada como a expressão visível da pertença à instituição católica. Daí estabelecer-se uma divisão entre os que eram tidos apenas como católicos de nome e os católicos praticantes. Somente estes últimos eram considerados como os verdadeiros fiéis da Igreja. Por outro lado, como a distribuição desses sacramentos era atribuição exclusiva dos clérigos, o catolicismo romanizado assumia também uma marca clerical bem nítida. No catolicismo romanizado perdurava ainda uma visão sobrenaturalista da existência, com certa desvalorização da atuação política e social. Assim sendo, passou a congregar principalmente mulheres e crianças. Os pólos principais de

difusão do catolicismo romanizado eram as paróquias e os colégios católicos. Ser católico romano, por sua vez, implicava em manter uma vinculação bem nítida com a instituição eclesiástica. A devoção ao Coração de Jesus e a devoção a Maria, esta expressa através do culto à Virgem Imaculada, com suas aparições em Lourdes, constituíram dois elementos importantes para a difusão desse modelo de fé católica. O mês de maio era celebrado com toda a solenidade, culminando com a coroação de Nossa Senhora. Tanto nas igrejas como nos pátios dos colégios católicos eram erigidas grutas comemorativas das aparições de Lourdes. Essa devoção de cunho mais pessoal e intimista, celebrada dentro dos recintos das igrejas, dos conventos e dos colégios era a marca registrada desse modo de expressão da fé católica. Durante os dias de carnaval, os católicos eram convidados a encerrarem-se, em regime de internato, para os retiros espirituais. A grande força dessa espiritualidade tridentina era a preocupação com a salvação da alma, deixando de lado o mundo e os interesses materiais. A grande expectativa era o prêmio celeste (AZZI, 2008a, p. 95-97).

A hagiografia, dando um tratamento científico e crítico aos processos institucionais que levaram à canonização de vários santos, mostra que esse processo era um instrumento de poder no domínio eclesiástico sob a égide da competência romana. Isso eliminou, em muitos casos, o culto popular em torno dos penitentes e demais pessoas que recebiam o culto piedoso do povo. A lógica do clero era centralizar, com o decorrer do tempo, a devoção apenas aos santos aprovados e erradicar o culto que não coincidissem com a liturgia oficialmente estabelecida. A autopreservação dos costumes tradicionais era imposta aos leigos católicos, principalmente em associações conservadoras, na medida em que:

Acostumados praticamente a reduzir as virtudes à obediência, como os pecados ao da carne, os leigos viviam frequentemente, do ponto de vista da consciência, por procuração; quando os seus padres não lhes determinavam com autoridade a tarefa, abstinham-se quase sempre. Só os mais fortes, a quem o futuro deu razão, mas que durante a vida padeceram muitas dificuldades, mantiveram viva a iniciativa leiga: graças a eles, esta nunca faltou na Igreja (CONGAR, 1966, p. 77).

Com efeito, o serviço do apostolado é uma peça importante na espiritualidade dos leigos, uma vez que o desencantamento com as coisas sagradas diminui a possibilidade da humanidade ser tocada pelas palavras de Jesus. Ele soube incentivar apóstolos e seguidores, através do exemplo de amor ao próximo. Portanto, à luz dessa interpretação, o leigo atua no mundo com suas esperanças, seus dramas e suas aspirações de fé. Isso quer dizer que o amadurecimento vai sendo construído em vários níveis, uma vez que as iniciativas dos leigos, em circunstâncias históricas variáveis, estão forçosamente sujeitas a mudanças.

Na leitura do teólogo Juan Luis Segundo, compreendemos que o conceito dos aspectos intelectuais, doutrinários e existenciais acabam formando um leigo adulto. Nessa trajetória, chegamos à seguinte conclusão sobre a maturidade do leigo:

[...] a atitude interior do cristão já não é a do “ser superior” armado de uma doutrina, mas, sobretudo, a de um servo do homem concreto, pelo próprio fato de ser um servo da Palavra. O cristão sabe que *ali* (isto é, no descrente, no mundo) a ação amorosa de Deus opera eficazmente e está à procura da iluminação do Evangelho. Portanto, o cristão é, antes de tudo – e *por doutrina* – um homem aberto, bem disposto, benévolo, acolhedor de toda ação humana, de toda inquietação, de toda busca. Não é chamado a julgar em virtude de determinados princípios, mas a iluminar, a anunciar a Boa Nova. Sua atitude no diálogo com o não-crente é de “busca sincera”. O mundo tem muito que lhe ensinar sobre o seu Deus. Obrigá-lo-á a purificar sua fé e a rejeitar, constantemente, certos subprodutos que, inevitavelmente, se misturam com ela. E depois lhe propõem as “verdadeiras questões” a que a fé deve responder. Mas sua atitude, ao mesmo tempo, também não é de inferioridade. O mundo não abala a sua fé, mas abre-a a horizontes imprevistos. E dentro destes horizontes compreende que sua missão é de enorme importância e exclama serenamente: “Ai de mim, se não evangelizar!” (SEGUNDO, 1976, p. 150, grifo do autor).

Para desempenhar essa missão evangelizadora, o leigo católico, ao prestar seu serviço, deve ir para além da doutrina. Esta é uma tarefa difícil, pois requer superar a colisão das mentalidades distintas que existem na sociedade. O amadurecimento faz tratar desse tema, pois as experiências religiosas, no aspecto da acolhida ou da indiferença, marcam a trajetória da pedagogia da fé:

Nós, os adultos, algumas vezes temos saudades dessa fé simples e segura que iluminava os anos de nossa infância e nos fazia sentir-nos seguros e tranquilos num mundo que nos parecia claro, ordenado e cálido; ao abrigo do mundo frio e do risco da incerteza e da dúvida diante do desconhecido. [...] Contudo, todo crescimento supõe etapas; deixar morrer algo de nós, como uma semente que apodrece no sulco, para que cresça o homem no qual deve manifestar-se “a plenitude de Cristo”. [...] Esse processo supõe toda uma pedagogia que ajude todos os que ainda são crianças ou adolescentes em sua fé, para que saibam ir deixando todos esses elementos transitórios que correspondiam a uma etapa inicial, e os leve a adquirir os que correspondem a uma fé adulta (TAGLE, 1987, p. 16, grifo do autor).

Assistimos a convivência de pessoas religiosas e não religiosas nas escolas, nos setores de trabalho, nos condomínios, na vizinhança e até mesmo dentro dos núcleos familiares. As denúncias ao sistema religioso não são tidas como heresias ou motivos de excomunhão punitiva, mas como formas diferentes de expressar e agir diante de uma visão crítica do fenômeno religioso. As repercussões desse

pensamento simbolizavam a nova eclesiologia emanada do Concílio Vaticano II, que pensava sobre as maneiras como a fé era recebida nas práticas pastorais.

Portanto, houve um período de redefinições, no qual o pensamento teológico estruturante começou a alicerçar mudanças em vários setores da Igreja, incluindo a questão do laicato. Desse modo, o Documento 105 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) destacou a atuação dos leigos católicos no documento intitulado “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, sal da terra e luz do mundo”, o qual foi aprovado na 54ª Assembleia Geral Ordinária dessa instituição episcopal, que ocorreu na cidade de Aparecida – SP, de 6 a 15 de abril de 2016. Nesse documento, lemos que:

Os cristãos são cidadãos e, como tais, juntos com as pessoas de boa vontade, são interpelados a assumir ativamente esta cidadania em toda a sua amplitude. Esta cidadania brota do coração mesmo da missão da Igreja, inspirada no núcleo do Evangelho, o mistério da Encarnação: ‘a Palavra se fez carne e veio morar entre nós’ (Jo 1,14). Quando imaginamos que, para encontrar e servir a Deus, devemos nos elevar, no sentido de deixar as coisas do mundo, vemos nos Evangelhos o testemunho contrário do próprio Deus: ele ‘desce’ e ‘entra’ em nosso mundo e em nossa história para assumir em tudo a nossa existência. Desta forma, também os cristãos, para seguir e servir a Deus, devem ‘descer’ e ‘entrar’ em tudo que é humano, que constrói um mundo mais humano e que nos humaniza (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 163, 2016, p.103-104).

Entrar em tudo que era humano faz parte da trajetória de Jesus Cristo, pois sua encarnação, vivência e ressurreição foram exemplos de amor ao próximo. Essa energia humanizadora está disponível àqueles que dão continuidade à presença cristã no meio dos fatos que constroem a história humana, seja no passado, seja na contemporaneidade. Incorporar Cristo pelo batismo, incorporar Cristo pela eucaristia e incorporar Cristo principalmente pela fraternidade são processos que colaboram na construção do povo de Deus, favorecendo aquilo que une as pessoas e não aquilo que as separa, embora o caráter sacramental ainda diferencie os batizados dos não batizados. Por essa razão, refletimos que a noção de povo de Deus mostra a dignidade da condição criadora, que lembra as pessoas como inter-relacionadas e interdependentes. Essa noção está expressa, de forma mais nítida, na seguinte descrição:

A inter-relação e interdependência levam a valorizar a diversidade de rostos, de grupos, de membros, de carismas e funções deste povo. Essa diversidade é vivida na mesma dignidade, em peregrinação ao Reino definitivo, no qual nenhuma diferença será desqualificada nem rejeitada (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 99, 2016, p. 69).

A partir da década de 70, como fruto das propostas do Concílio Vaticano II, principalmente do decreto *Apostolicam Actuositatem*, e também da Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, do Papa João Paulo II, dentro da Igreja católica, houve a criação de organismos de articulação do laicato. No caso do Brasil, houve a criação do Conselho Nacional dos Leigos (CNL). Atualmente, sua denominação é Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), agregando os Conselhos Regionais e Diocesanos espalhados em quase todas as regiões do país.

A Igreja no Brasil, através da CNBB, destacou a missão e os ministérios do laicato brasileiro nas comunidades católicas, oferecendo orientações ao episcopado nacional. Em 2004, a CNBB aprovou o novo estatuto do CNLB, como uma Associação Pública de Fiéis, facilitando a integração das diversas organizações existentes, pois desde a realização do Concílio Vaticano II, os grupos integrantes do laicato estavam passando por um processo de diversificação, surgindo inúmeras associações, cada qual com suas atividades específicas, tanto à nível nacional quanto internacional. Prioritariamente, nesse caso, houve o apoio aos mecanismos de formação que ajudassem os leigos católicos a descobrir seu apostolado e missão de fé, com vistas à construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Como resultado dos discernimentos promovidos pelo Concílio Vaticano II, antigas ideias que colocavam o laicato católico como uma segunda categoria dentro da Igreja foram paulatinamente sendo superadas. As diretrizes sobre a atuação do laicato foram sendo elaboradas, conforme os direitos e deveres atribuídos aos leigos, a partir da consciência do sacerdócio batismal, uma vez que:

O sacerdócio batismal concede direitos na Igreja. Dentre outros, lembramos alguns: associar-se em movimentos de espiritualidade e apostolado, conhecer a fé, participar dos sacramentos, manifestar-se e ser ouvidos em questões de fé, cooperar na edificação do povo de Deus, educar os filhos na fé cristã. Aos direitos acrescentam-se os deveres: participar do múnus profético, sacerdotal e real-pastoral de Cristo, colaborar com os pastores na ação evangelizadora, dar testemunho do Evangelho em todos os ambientes (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 111, 2016, p. 76-77).

Os critérios teológico-pastorais foram orientando as atividades do laicato, mostrando a corresponsabilidade dos leigos que animam as comunidades católicas com seus diversos carismas. Desse modo, não existiria, entre o povo de Deus, uma pertença menos importante que outra, pois todos seriam membros anunciadores da missão da Igreja. Nesse raciocínio, não prevaleceria um grupo que estaria à frente,

composto pelo clero, e um grupo que estaria nos bastidores, composto pelos fiéis leigos católicos.

Seja na história da cristianização primitiva, seja na evangelização das periferias urbanas e das áreas rurais carentes, o importante é fazer de cada pessoa uma nova face de Jesus. Isso não desmerece nem diminui o valor das orações, que são de ordem espiritual, respeitando o carisma de cada associação católica e dos leigos nela envolvidos, constituindo um serviço integrante da missão do povo de Deus. Assim sendo, definir a Igreja como Povo de Deus foi um ponto importante nos debates propostos pelos padres do Concílio Vaticano II, a fim de difundir uma pertença de unidade, conforme o seguinte esclarecimento:

É um ponto fundamental porque, de agora em diante, tanto clero quanto leigos e leigas estão inseridos dentro de um mesmo contexto, na qual a sua pertença não se faz mais em meio a uma função eclesial específica, mas pelo Batismo. Há uma valorização do sacerdócio comum de todos os fiéis, no qual todos são chamados, cada qual a sua maneira a colaborar com a missão salvífica da Igreja na construção do Reino de Deus (KUZMA, 2009, p. 69-70).

Em função do bem comum, os leigos católicos organizam-se como operantes dos dons recebidos pelo batismo. Os modelos de organização podem mudar ao longo da história do laicato; permanece, no entanto, a primazia do serviço de uns para com os outros dentro da comunidade da Igreja, donde advém a possibilidade de integrar na sociedade atos de fraternidade.

A relação dos cidadãos entre si é regulada pelas normas do Direito, aparecendo no cotidiano as leis nacionais, estaduais e municipais, além de outras obrigações provenientes de instituições que elaboram regras jurídicas. Se para o cidadão comum prevalece o sentimento de dever cumprido ao agir respeitando as leis, para o cristão ampliam-se essas obrigações, na medida em que as exigências ocorrem no sentido do chamamento à santidade como pessoas que seguem o caminho cristão.

A maturidade religiosa, sendo uma maneira de agir e pensar de forma coerente com os ensinamentos cristãos, é um desafio para os leigos católicos, descobrindo que eles são responsáveis “por eles mesmos e pelos outros”⁶. A

⁶ Em 2020, um fato que a pandemia do coronavírus deixou evidente foi que o cuidado é uma atitude para preservar a vida uns dos outros. Se uma pessoa usa máscara, ela protege tanto a sua saúde quanto evita que seu semelhante seja contaminado, diminuindo a transmissão da doença.

mentalidade do bem comum não é opcional para o cristão, mas uma condição necessária para a sua realização como batizado, demonstrando ser uma pessoa consciente de sua vivência comunitária na Igreja e na sociedade, na medida em que:

O cristão leigo é verdadeiro sujeito eclesial mediante sua dignidade de batizado, vivendo fielmente sua condição de filho de Deus na fé, aberto ao diálogo, à colaboração e à corresponsabilidade com os pastores. Como sujeito eclesial, assume seus direitos e deveres na Igreja, sem cair no fechamento ou na indiferença, sem submissão servil nem contestação ideológica. Ser sujeito eclesial significa ser maduro na fé, testemunhar amor à Igreja, servir os irmãos e irmãs, permanecer no seguimento de Jesus, na escuta obediente à inspiração do Espírito Santo e ter coragem, criatividade e ousadia para dar testemunho de Cristo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 119, 2016, p. 80-81).

Embora ainda existam resquícios do clericalismo, que prejudica a corresponsabilidade do leigo como sujeito eclesial, o laicato está buscando ser eticamente responsável pelo destino individual e coletivo, como Povo de Deus esperançoso no futuro prometido pela fé nos ensinamentos de Jesus Cristo, fonte dessa esperança. Assim sendo, esse amor cristão que foi levado às últimas consequências é um exemplo de responsabilidade que é partilhado por cada membro da comunidade cristã. A humanidade, atualmente, possui condições mais propícias dentro das bases eclesiológicas para que o cristão leigo exerça sua missão como autêntico sujeito eclesial, atuando na sociedade e nas paróquias.

Os seres humanos são cidadãos autônomos com relação às obrigações civis, mas enquanto batizados estão inseridos nas interpelações da sua fé, na relação consigo mesmo e com os semelhantes, assumindo o compromisso diante dos propósitos de humanização do mundo. Com efeito, seguir os passos de Jesus torna-se uma caminhada que conduz a uma vida nova para o serviço e o respeito aos pobres e oprimidos. Uma convivência humana, a partir de Cristo, abre espaço para relações fraternas dos leigos nos locais em que se fizer necessário, pois:

O cristão, sujeito na Igreja e no mundo, é discípulo missionário, seguidor e testemunha de Jesus Cristo. É o cristão maduro na fé, que experimentou o encontro pessoal com Jesus Cristo e se dispôs a segui-lo com todas as consequências dessa escolha. É o cristão que adere ao projeto de Mestre e busca identificar-se sempre mais com Ele, com o seu ser e agir. É o cristão que se coloca na escuta do Espírito e se percebe enviado à edificação da comunidade e à transformação do mundo como lugar do Reino de Deus, já iniciado, até a sua consumação definitiva (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 132, 2016, p. 85).

Jesus crucificado e ressuscitado como fato religioso e histórico dá início à caminhada cristã. Porém, mesmo depois de séculos, os propósitos de outrora ainda não foram concretizados, pois, no período da Páscoa, ainda existem pessoas que passam fome e muitas famílias sem abrigo em meio aos festejos natalinos. A sociedade cristã, do passado e do presente, agrupa tanto pessoas humildes e desvalidas quanto pessoas ricas e poderosas. Assim, todos são iguais no aspecto religioso como filhos e filhas de Deus, mas a desigualdade social e econômica persiste, pois a igualdade ainda não é visível no âmbito das minorias sociais.

O modo como cada movimento do laicato responde ao chamado do apostolado possui múltiplos formatos. A resposta dada pela Legião de Maria está no compromisso espiritual com o serviço do anúncio cristão, buscando despertar em seus membros sentimentos de espiritualidade e cidadania:

O cristão leigo expressa o seu ser Igreja e o seu ser cidadão na comunidade eclesial e na família, nas opções éticas e morais, no testemunho de vida profissional e social, na sociedade política e civil e em outros âmbitos. Busca sempre a coerência entre ser membro da Igreja e ser cidadão, consciente da necessidade de encontrar mediações concretas – quer sejam políticas, jurídicas, culturais ou econômicas – para a prática do mandamento do amor, de forma especial em favor dos marginalizados, visando à transformação das estruturas sociais injustas (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 165, 2016, p. 104-105).

Em cada fase de sua existência, as pessoas vão somando novas obrigações. Sendo criança, ela deve obedecer aos pais e possivelmente seguir a religião de seus genitores. Sendo adulto, trabalhar para garantir o próprio sustento e exercer a crença que seguiu dos antepassados ou escolheu por liberdade de opinião. Desse modo, o convívio em sociedade tem normas, sejam elas de conduta civil, sejam elas religiosas. A natureza ética e política da religião que se compreende na relação da humanidade com Deus exige também a relação humana das pessoas, uma com as outras.

5.2 Operadores sociais do sagrado: ressignificando o papel dos leigos

Os leigos levam adiante uma vida religiosa em meio às suas realidades sociais cotidianas, contribuindo de alguma forma na propagação do sagrado. Sem esgotar as possibilidades da motivação para o início dessa vontade associativa, haveria a pretensão de alcançar as “coisas do alto”, articulada por questões

comportamentais e condutas bastante enaltecidas pela doutrina católica, cujas raízes catequéticas outrora já haviam começado na tradição cristã e no trajeto do catolicismo. Nessa perspectiva, observamos a seguinte síntese do pensamento weberiano:

Uma de suas contribuições mais instigantes para o estudo da religião é a afirmação que esta tem a ver com “o mundo aqui embaixo”. Ao contrário das suposições correntes e dos próprios discursos religiosos de que as religiões referem-se às “coisas do alto”, Weber as toma como referidas ao “agir no mundo”. Assim, mais do que um sistema de crenças, a religião é uma espécie particular do agir coletivo. Depositárias de significados culturais, permite interpretar a vida, construir uma identidade e dominar o próprio ambiente, tanto individual quanto coletivamente (NUNES, 2007, p. 107, grifo do autor).

As religiões institucionalizadas desenvolveram, propagaram e defenderam prerrogativas que afirmavam ser “sagradas”. Por conseguinte, não tardou que, nas sociedades em que uma dessas religiões institucionalizadas se tornava dominante, a opção pública de servir às “coisas do alto”, através de uma consagração religiosa e/ou uma ordenação ministerial, fosse compreendida como um privilégio, como uma vantagem de alguém religioso sobre outrem não religioso. Na análise crítica desse processo e seus desvios, em torno do “serviço às coisas do alto”, temos que uma forma desvirtuada de operacionalizar socialmente as coisas sagradas é o julgamento de superioridade, que carrega consigo características autoritárias escondidas por detrás da vanglória, do poder e do prestígio.

Porque, se há algo em comum que mancomunava, desde tempos imemoriais, os “operadores sociais do sagrado” – bruxos, adivinhos, magos, xamãs, imãs, sacerdotes – e seus assemelhados – homens e mulheres que se consagram a um particular caminho de “santidade”, entre os tantos que as mais diversas religiões institucionalizadas vêm oferecendo ao longo da história -, além do fato básico de serem “operadores” socialmente reconhecidos – e tantas vezes temidos – do “sagrado”, nas sociedades em que as respectivas religiões institucionalizadas têm presença significativa no campo religioso, este algo é a pretensão constante de serem merecedores de privilégios, que os distingam dos comuns mortais e os preservem, imunizando-os, das vicissitudes destes, para que possam melhor dedicar-se às “coisas do alto” (MARQUES, 2012, p. 218, grifos do autor).

Pretendemos desenvolver outro lado dessa expressão: o da possibilidade de propormos o serviço às “coisas do alto”, em sentido positivo, como um dos grandes avanços do espaço do laicato dentro da Igreja católica. Para isso, recordamos a vida do apóstolo Paulo. Na mensagem paulina, a expressão – coisas lá do alto - pode ser compreendida como um convite para a busca da aproximação com Deus. Nesse

sentido, a epístola desse apóstolo aos Colossenses menciona essa expressão. A carta aos habitantes de Colossas faz parte das epístolas escritas durante o cativeiro desse apóstolo. Portanto, optamos pela ressignificação do papel social dos leigos, deslocando seu conceito para a operacionalização do sagrado.

Pensamos que essa atividade pode ser produtiva, na medida em que abre possibilidades em torno das implicações daquilo que existe na sociedade como mecanismos de participação no âmbito religioso. Essa interpretação vale também a respeito da interpretação da espiritualidade, conforme a seguinte análise:

O homem e a mulher espiritualizados não se caracterizam pela quantidade de orações e devoções exteriores que praticam. Antes, são seres humanos capazes de interpretar sua história à luz de Deus e aprender com ela. Percebem os sinais de sua presença na existência pessoal e social (MURAD, 2012, p. 58).

O foco, em nossa tese, são os leigos no contexto do apostolado dentro da Igreja católica, especificamente aqueles pertencentes às fileiras da Legião de Maria. A pergunta que fizemos, neste âmbito, foi como o pertencimento a uma associação de devotos marianos, institucionalmente reconhecidos, privilegiaria essas pessoas como agentes qualificados em suas paróquias e na sociedade, no exercício das atividades dentro do laicato católico.

A necessidade de se firmar dentro do movimento do laicato é um desafio para o conjunto de leigos católicos que resolvem fundar um grupo religioso. Por isso, uma associação que não faz a diferença na paróquia, que não faz falta aos seus membros, acaba assinando o próprio atestado de óbito, pois a razão de existir é a missão mobilizadora, começando pela evangelização pessoal e, posteriormente, das comunidades. Como consequência, a resposta dada por uma associação religiosa dentro da sociedade é justamente se ela está conseguindo ser evangelizadora, testemunhando os valores cristãos e motivando as pessoas.

Se assim for, seria razoável supor os leigos como operadores sociais do sagrado, circunscrevendo o seu conceito como homens e mulheres que se consagram a um particular caminho de santidade, o qual é ofertado pelo catolicismo, tendo em vista sua institucionalização ao longo da história. Tal opção facilitaria o acesso dos leigos à pretensão de serem socialmente reconhecidos no universo religioso, mediante a dedicação às suas associações e paróquias. De fato, sob a ação dos hábitos, eles ingressariam em um novo patamar. Isso pressupõe um

processo que os direcione para a habilidade em manejar os instrumentos sociais disponíveis às tarefas ligadas ao apostolado.

Nesse sentido, ressaltamos que a Legião de Maria é uma associação religiosa que permanece estável ao longo do tempo (atualmente, quase cem anos de existência), ou seja, conserva uma maneira de agir coletiva que passa de geração em geração. Além disso, os legionários preservam características que identificam a associação e ajudam a manter a unidade, mesmo estando em países diferentes. Todavia, alguns perigos ameaçam a permanência dos grupos, podendo causar a sua ruína, entre os quais destacamos a diminuição do fervor apostólico, a acomodação e a falta de entusiasmo no serviço gratuito e voluntário de evangelização. Desse modo, os membros da Legião de Maria que ocupam as funções de gerenciamento dos grupos, chamados de oficiais legionários, recebem o seguinte alerta, conforme o Manual oficial da Legião de Maria (2014, p. 116): “Se neles se extingue a chama do entusiasmo, vão esfriar, na mesma medida, os grupos que eles dirigem”.

Assim, as “coisas do alto” geralmente podem ser vistas como uma arena de múltiplas opiniões e saberes. Essa é a chave para entender a sua construção coletiva, através do clero e do laicato. Por conseguinte, o leigo como operador social do sagrado seria capaz de agir para mobilizar os demais, assumindo sua atividade no contexto dos mecanismos de controle. Esse espaço social traz consigo a marca do exercício do poder. É exatamente essa questão que está por trás da busca de privilégios, produzindo situações e resultados completamente distintos nos leigos, dependendo do compromisso ou da acomodação do laicato diante das múltiplas possibilidades de atuação dentro e fora das paróquias.

Entendemos que, se os membros do clero buscaram privilégios dentro do mundo eclesial, não é estranho que os leigos católicos também os tivessem imitado no âmbito do laicato. Imaginemos que os movimentos do laicato, animados pela diversidade dos serviços em que poderiam se integrar, tanto nas pequenas comunidades quanto nas paróquias maiores, começaram a buscar sua parcela de reconhecimento. Por conseguinte, os operadores sociais do sagrado logo tornariam a sua participação estrategicamente necessária aos demais membros do grupo, conforme a habilidade desenvolvida no serviço sagrado, divinizado e cultuado. Por esse motivo, muitas crenças tradicionais em rosários, novenários, procissões,

escapulários, fitas, imagens e todos os demais símbolos marianos são uma herança preservada pelos católicos.

Parece-nos natural pensar que os leigos católicos também quisessem demonstrar a habilidade de evangelizar, causando a admiração e o respeito dos demais. Por isso, muitos membros do laicato assumem a vocação do apostolado, bem como os ministérios confiados a eles, uma vez que destinam parte de sua energia diária para as atividades dentro e fora das paróquias.

5.3 Sociedade secularizada: dessacralização e a devoção mariana

A secularização da sociedade reduziu as filiações religiosas, pois muitas pessoas deixaram de manter vínculos com as instituições tradicionais. Porém, isso não significou que elas tenham abandonado a experiência do sagrado, que ainda continua a oferecer algum sentido em suas vidas. Desse modo, Tagle (1987, p. 28) afirma: “A fé não é uma linha precisa e clara que divide os homens em dois grupos antagônicos e irreduzíveis: os crentes e os incrédulos. O claro-escuro da fé e da dúvida passa pelo coração de todos os homens”. Por conseguinte, a sacralização e dessacralização ocorrem na sociedade contemporânea.

No debate sobre a cultura devocional dentro do processo histórico no qual o controle religioso sobre a sociedade foi decrescendo ao longo dos anos, destacamos o tema da secularização entendida como:

O que entendemos por secularização é o conjunto das mutações sociais consequentes de uma transformação da qual os católicos, quaisquer que fossem as suas tendências, tiveram plena consciência a partir do fim da era das “luzes”. Em outros termos, a passagem de uma ótica de tipo divino-institucional a outra de tipo mundano-contratual na definição do fundamento e legitimação das regras de convívio humano, tanto na sociedade considerada em seu todo como nos indivíduos em particular (MENOZZI, 1998, p. 15-16, grifo do autor).

A secularização, embora tenha possuído outros significados, foi adquirindo um sentido político-ideológico que contrariava os interesses da Igreja católica, a qual passou a enxergar esse assunto com reservas e críticas. Após a realização do Concílio Vaticano II, os pronunciamentos do magistério pontifício começaram a discutir a secularização do mundo no âmbito da dimensão religiosa. Desse modo, o processo de autonomia da sociedade contemporânea diante das tradições religiosas

já aconteceu nas práticas sociais. Nessa perspectiva, a introdução do divórcio na sociedade civil respeitou o pluralismo religioso no comportamento sociológico, já que a indissolubilidade do matrimônio representava uma força coercitiva religiosa.

Na condução das realidades temporais intrínsecas ao meio social, considerando os princípios da laicidade, os leigos foram tentando adequar a doutrina católica às tendências da cultura atual, mesmo que através de condutas ambíguas que estavam vinculadas ao juízo negativo sobre a secularização. Esse pensamento evidenciava uma proposta de aceitação que:

A Igreja, embora reafirmando possuir a única visão do homem que lhe possa iluminar os autênticos fins, não se erguia mais à qualidade de juíza de uma história que, escapando a seu controle, desviava-se rumo à barbárie; mas fazia-se partícipe das vicissitudes humanas, preocupada não com o desejo de contestar o evoluir autônomo da humanidade, senão em servir face às novas necessidades emergentes (MENOZZI, 1998, p. 9).

Diante disso, a legítima liberdade dos cidadãos no contexto social possibilitou a disposição dos elementos necessários para avançar em meio às controvérsias históricas no âmbito religioso, pois as práticas secularizantes consideravam o catolicismo como supersticioso e retrógrado. Por isso, vários setores da Igreja passaram a insistir sobre o valor negativo da secularização para a vida dos fiéis católicos, uma vez que:

A secularização transformou-se no grande desafio do mundo contemporâneo em relação à Igreja, causa determinante da diminuição da prática religiosa, da redução das vocações, da perda dos valores éticos do catolicismo na vida individual e familiar, e ainda, em particular, por tender à meta de uma organização de vida coletiva que prescindia dos valores cristãos, reduzindo ou anulando a importância social da Igreja (MENOZZI, 1998, p. 11).

A devoção mariana possui raízes complexas na Igreja, pois ela proporciona a construção de fatores que atuam como respostas à secularização. Não podemos esquecer que as aparições de Nossa Senhora marcaram profundamente a mentalidade católica. De fato, em larga escala, os católicos guardam os pressupostos devocionais dentro dos valores sobre a relação da Igreja com o mundo. Na Idade Média (séculos V a XV), a devoção mariana estava em ascendência, havendo o crescimento da produção iconográfica e a valorização das imagens sagradas. Uma prática religiosa ligada à exaltação da vida dos santos e à cultura monástica prevalecia na Idade Média, pois nesse período a sociedade estava

delineada pela conversão e pela penitência. Ao contrário, na Idade Moderna (séculos XVI a XVIII), houve uma fase em que ocorreu uma queda da piedade devocional popular, principalmente em decorrência do avanço do protestantismo. Todavia, posteriormente, cabe ressaltarmos que:

A devoção mariana foi sendo incrementada em novenas, tríduos e sermões populares e ainda por meio de escritos sobre as aparições de Nossa Senhora a Santa Catarina Labouré na rua Du Bac, Paris (1830), aos meninos de La Salette (1846) e sobretudo Santa Bernadete em Lourdes (1858). Estas confirmando no imaginário popular o dogma da Imaculada Conceição, provocaram de igual modo entre nós uma onda de devoção mariana com peregrinações a Lourdes e a Piedade de Nossa Senhora de Lourdes a traduzir-se na construção de altares e imagens na difusão da reza do Terço (DIAS, 1987, p. 233 apud CARVALHO, 2014, p. 112).

Com relação ao Brasil, à medida que a urbanização do país ocorria, um modelo de expressão da fé católica era difundido na sociedade. A devoção a Maria, principalmente através do culto à Imaculada Conceição, bem como a valorização das aparições marianas, constituíam elementos importantes para a difusão desse modelo de fé católica.

Isso ocorria pela difusão de imagens, orações, cânticos e celebrações, como, por exemplo, a solenidade da coroação de Nossa Senhora, no mês de maio. Várias comemorações religiosas constituem uma herança da tradição ritualística luso-brasileira, em cuja elaboração prevalece o caráter festivo de várias formas: na aquisição de adornos para as imagens, nos cânticos, nas procissões, nas festas dos padroeiros.

Poderíamos compreender que essas celebrações mostram as manifestações de devoção através da vertente popular. Se as festas incrementavam o lado alegre do catolicismo popular, as penitências fortaleciam no povo a consciência do pecado. Dessa maneira, em amplos estratos das camadas sociais formou-se uma mentalidade que enfatizava:

Ao lado de Jesus, também a Virgem Maria era apresentada como modelo de sofrimento, e cultuada sob diversos títulos: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Soledade, Nossa Senhora da Compadecida e Nossa Senhora das Angústias (AZZI, 2008b, p. 642).

Desse modo, embora algumas pessoas tentem negar a presença da religiosidade no cotidiano, outras procuram afirmar a sua existência. Nessa perspectiva, sobre a propagação da dimensão religiosa, entendemos que:

No fundo, trata-se da conciliação do eterno com o temporal, do revelado com racionalizado e do passado com o presente. Na sequência discrepante, as confissões religiosas oscilam politicamente em busca da organização mais fiel, ou seja, que expresse de maneira coerente os ideais do fundador e os reproduzam de maneira clara e eficaz nos dias atuais. As múltiplas organizações religiosas carregam em suas origens essa tarefa desafiadora de comunicar de maneira atual e convincente um carisma original que transcende o espaço e o tempo (PASSOS, 2006, p. 136).

Embora a religiosidade tenha perdido o seu papel na organização social exercida no passado, ela ocupa espaços importantes na vida atual, com a proliferação de manifestações religiosas, até mesmo no âmbito das mídias digitais. O espaço do sagrado ainda persiste na sociedade.

A pandemia provocada pelo coronavírus estimulou a interação entre os grupos legionários de várias faixas etárias e de vários lugares, por meio das tecnologias digitais, promovendo a unidade legionária mesmo em tempos de isolamento social. Veio à tona uma Legião de Maria antes adormecida, composta por pessoas que começaram a rezar o Rosário em seus computadores e celulares, compartilhando suas mensagens religiosas e assumindo a devoção mariana nas interações humanas no âmbito virtual. Por conseguinte, mesmo existindo a secularização, a reza do Rosário persiste na religiosidade popular, pois:

Cada Ave-Maria simboliza uma flor, uma rosa espiritual ofertada a Maria, daí o nome Rosário. A tradição mais popular indica ser São Domingos de Gusmão, fundador da ordem dos Padres Pregadores (dominicanos), o aplicador dessa devoção para substituir a recitação dos salmos (BERALDI, 2012, p. 104).

Assim, houve a facilitação das preces através da recitação do Rosário, que necessitava mais da fala simples, incentivando o povo à oração. Beraldi (2012, p. 104-105) acrescenta que São Domingos: “Substituiu os 150 salmos por 150 ave-marias, que são as palavras com que o anjo Gabriel saudou a Mãe de Deus [...]”. Por causa da divisão em três partes de cinquenta ave-marias cada, essa recitação também é conhecida como devoção do Terço. Atualmente, explicamos que:

Quem continua a praticar a devoção do Rosário integral todos os dias agora soma 200 ave-marias e 20 pais-nossos. Quem deseja parcelar as meditações tem a divisão apresentada pelo próprio papa João Paulo II: Mistérios gozosos: nas segundas-feiras e sábados. Mistérios dolorosos: nas terças e sextas-feiras. Mistérios gloriosos: nas quartas-feiras e domingos. Mistérios de luz: nas quintas-feiras (BERALDI, 2012, p. 107).

Quanto ao Papa João Paulo II, o seu magistério contribuiu para a devoção mariana, principalmente através de sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*. Ele situou a oração do Rosário como um instrumento de profundo simbolismo que leva o recitante a Deus, capaz de manter os fiéis católicos unidos contra as forças desagregadoras do mundo. Nesse sentido, entendemos que tanto para os outros pontífices quanto para o Papa Wojtyła, o Rosário é também um laço forte de unidade entre os católicos do mundo inteiro.

Por um lado, há certa categoria de leigos católicos que consideram como superstição algumas devoções, a exemplo do uso de escapulários e medalhas, e consideram ingenuidade a crenças nas orações. Por outro, dentro do mesmo laicato, existem pessoas que divulgam a devoção por meio das redes sociais e, até mesmo, tatuam o corpo com símbolos do catolicismo.

Diversas expressões e organizações dão suporte à religião católica no Brasil através de sentimentos e práticas religiosas, conforme é destacado no seguinte texto:

O catolicismo de paróquias com a missa dominical cheia de gente, associações pias e festas do mês de maio e do padroeiro, procissões e vigário de batina, enfatizando os sacramentos e a moralidade, é um catolicismo implantado no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Novas devoções foram implantadas pelo apostolado da oração e demais associações para leigos fundadas na época (Filhas de Maria, Liga Católica, Cruzada Eucarística). Até as antigas irmandades foram passando para o controle paroquial, como as do Santíssimo; reduzindo-se à beneficência para os próprios membros, como as Ordens Terceiras; ou se transformando em entidades mantenedoras, como as Irmandades de Misericórdia. Ao mesmo tempo, as festas como a da Coroação de Nossa Senhora vieram substituir as Folias de Reis e do Divino, Procissão das Almas e as Festas Juninas. Trazendo as imagens dos oratórios para os templos paroquiais, o clero tornou-se o principal festeiro, dirigindo as novenas e rezas (ARAGÃO, 2017, p. 94-95).

Os legionários costumam fazer uso de medalhas e de escapulários como sacramentais aprovados pela Igreja. Eles, geralmente, praticam a devoção da medalha milagrosa, cuja celebração ocorre em 27 de novembro, pois valorizam a invocação nela gravada, que faz parte da oração da *catena legionis*, diariamente rezada, tendo como fim promover a devoção à Imaculada Conceição. O reverso da medalha mostra a imagem do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, os quais são invocados pelos legionários. Além disso, o desenho dessa medalha faz parte do *vexillum*.

A Legião de Maria exige dos seus membros o retorno às práticas devocionais. Por conseguinte, essa atitude busca frear a dessacralização da sociedade, comportamento que está se consolidando rapidamente no mundo global. Nesse sentido, os legionários incentivam a formação de seus membros, mas colocam ênfase na prática dos sacramentos como meio de obter a santificação. Além disso, eles destacam a pureza de vida, um dos resquícios do catolicismo romanizado que difundia uma visão espiritualista do mundo, pois ressaltam o aspecto das virtudes de Maria. Diante das restrições provenientes do rigorismo moral, Azzi (2008b, p. 644) sintetiza: “De fato, o catolicismo romanizado colocava ênfase na maldade estrutural do mundo, apregoando como condição básica para a prática da fé o distanciamento dele”. Por isso, essa mentalidade acabava obscurecendo nos leigos católicos o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as estruturas sociais, políticas e econômicas.

O sentimento da crença na proteção mariana ultrapassava, por vezes, o espaço religioso e transferia-se para o espaço social, havendo a necessidade de uma renovação catequética para a formação de uma espiritualidade mais criteriosa e a superação de um ritualismo fatalista. A fim de atingir uma autêntica vivência cristã, evitando apenas a sacramentalização proveniente da Igreja católica, os leigos foram diminuindo a força do clericalismo, pois o poder religioso se inscreve como uma forma de dominação, uma vez que constrói modelos de autoridade. Novas formas de sacralidade e espiritualidade foram sendo alicerçadas, valorizando a inserção do laicato católico dentro de um projeto coletivo, sem os limites do controle clerical. Assim sendo, cada época possui seus desafios, oportunidades e riscos, pois:

De um lado, temos a injustiça do mercado, a violência e a fome. As instituições tradicionais passam por crises. Vemos surgir uma geração humana carente de paz e de afeto, com um psiquismo carente de cuidados e uma moral desgastada. De outro lado, cresce a rede da solidariedade, fundam-se novas organizações civis, e as religiões começam a dialogar. Os direitos humanos são hoje uma bandeira internacional, e muitas pessoas se sentem irmanadas numa comunidade planetária. Nesse quadro multicolor, a religião adquire papel estratégico, como eixo transversal que perpassa tudo, da mística à política, da Terra ao Céu. Esperanças e perigos tocam as religiões, que balançam entre fundamentalismo ou diálogo, entre isolamento ou abertura (MURAD; MAÇANEIRO, 1999, p. 7-8).

Assim, no laicato católico houve o desejo de se perceber dentro e fora da Igreja, assimilando novas exigências e novas esperanças em relação uns com os outros e com o mundo, repleto de transições e de reencontros. Nessa perspectiva,

Nunes (2007, p. 101) descreve: “O sentido religioso da vida e da sociedade dá lugar a uma visão racionalizada e secularizada”. Essa visão aberta ao laicato foi capaz de libertar os leigos de crenças supersticiosas e retrógradas, levando as pessoas a seguir outras trilhas em sua religiosidade sem as amarras do clericalismo.

A ênfase na liberdade religiosa sobreveio na tentativa de apresentar uma sociedade sem preconceitos, analisada pelo ângulo das pessoas que começaram a submeter a religião tradicional às críticas feitas pelo processo de secularização. No aspecto histórico dessas colocações, observamos que essas críticas apontavam na distinção entre a doutrinação pela imposição de valores morais e a vivência da evangelização no aspecto pedagógico do aprendizado mútuo.

5.4 De ingressantes a veteranos: um possível amadurecimento

A partir da condição cultural de filhos, muitos devotos fazem promessas a Maria, projetando em sua imagem os cuidados maternos com a humanidade que constantemente lhe pede socorro nas aflições do cotidiano. Por isso, seu aspecto feminino é idealizado dentro de um pensamento tradicional simbólico, que desperta o sentimento daquilo que embasa os fenômenos extraordinários. É sobre esse aspecto que aparece o seguinte argumento:

Diante da imagem de Maria, todos viram crianças ou pedintes, como se ela fosse o último recurso para se sair de uma situação aparentemente sem saída. E agraciados ou não, os devotos continuam fiéis a ela. Voltam a pedir, e a pedir sempre de novo, como se ela fosse uma supermãe que nunca se cansa de ouvir filhas e filhos (GEBARA, 2009, p.13).

Outro aspecto, ligado ao condicionamento católico, parte de uma leitura baseada na ingenuidade do comportamento infantil, e, por suposto, a referência aos privilégios morais das crianças em comparação às faltas dos humanos mais crescidos. Encarar o amadurecimento da fé, sem se agarrar aos infantilismos, possibilita um avanço satisfatório do leigo católico em sua caminhada cristã. Nesse ponto, refletimos, conforme Tagle (1987, p. 16) que: “Temos de renunciar aos ‘infantilismos’ da fé sem matar a criança que é preciso conservar dentro de nós, como condição para entrar no Reino de Deus”. Assim, o afeto mariano, o reconhecimento devocional e a gratidão devem caminhar em harmonia com o

amadurecimento da fé, pois, Maria assumiu o jeito maternal de acolher os fiéis católicos, visto que:

As crianças chamam Maria de “mãezinha do céu”. Muita gente reza para ela, pedindo, agradecendo e louvando. Na comunhão dos santos, Maria continua ao nosso lado, apontando para Jesus e nos conduzindo a ele. Como acontece na sua relação com Jesus, Maria é uma mãe especial. Não quer nada para si nem prende seus filhos numa relação de dependência ou escravidão. Sua maior alegria é que todos sejam livres, filhos adultos, herdeiros do Reino de Deus, cidadãos na sociedade e participantes da glória do ressuscitado (MURAD, 2012, p. 207, grifo do autor).

Em nossa compreensão, a partir do estágio da infância, as pessoas seriam movidas pela necessidade de uma fé mais qualificada, característica básica de uma maior autonomia em termos de espiritualidade. Por conseguinte, havendo a introdução das crianças no rito dos sacramentos, conforme o itinerário de iniciação cristã através do batismo, primeira eucaristia e crisma, com o correr do tempo, espera-se que a fé seja alimentada, fortificada e experimentada por meio das vivências pessoais e coletivas.

É assim que se propõe a formação permanente como mecanismo para desenvolver o senso de responsabilidade, com esforço individual dentro de um processo de evolução em etapas, que vão desde a imaturidade até a maturidade da fé. Compreendemos que, na prática, nem sempre os leigos católicos assumiram uma posição de compromisso apostólico, como observamos na seguinte reflexão:

Portanto, observa-se que o fiel leigo, mesmo se considerando católico “praticante”, aparentemente não se sente chamado, e tampouco responsável, pela promoção ativa do bem comum, não se sente impelido a agir ativamente na promoção da vida e da dignidade humana, torna-se cristão morno absorvido por toda essa cultura social. Sente-se isento de responsabilidade e da justa indignação, preocupando-se apenas com suas necessidades pessoais e familiares (SOUZA; FIORE, 2016, p. 404, grifo dos autores).

De fato, a devoção mariana pode ter efeitos colaterais, quando os devotos não sentem vontade de mudar os fatos, entregando os problemas apenas à Mãe de Jesus, sem tomar as providências cabíveis para resolver as dificuldades dentro das estruturas sociais. No entanto, a crença popular não pode descartar o poder de sua religiosidade, salvaguardado no dinamismo místico e nos milagres. Daí a necessidade do equilíbrio em combinar as crenças e o comprometimento ético diante da devoção mariana, sob os aspectos do apostolado e do compromisso

social. Esses modos foram explicitados, com mais profundidade, por Boff (2006, p. 125, grifo do autor): “[...] o modo da **oração**, correspondente à **intercessão** da Santa Virgem; e o modo da **imitação**, correspondente à **inspiração** ética de suas virtudes”.

Portanto, a experiência sagrada entrou na vida de Maria de forma especial, mas também essa experiência pode ocorrer na vida dos leigos católicos, pois são situações nas quais a maturidade é sentida de forma plena. A devoção mariana pode ter um efeito estimulador em momentos de sofrimento, de doença, de disposição aos projetos divinos, enfim, dos momentos difíceis dos quais quase nenhum ser humano escapa. Para essa reflexão, cabe descrevermos que:

Diante da proposta de Deus, Maria responde prontamente. O seu “sim” ecoa forte e sem dúvidas, cheio de generosidade. Disponível a Deus, Maria une a liberdade com a vontade: “Eis aqui a servidora do Senhor. Eu quero que se faça em mim segundo a tua palavra” (cf. Lc 1,37). Essa entrega do coração a Deus tem um nome muito simples: *fé*. Significa arriscar-se e jogar-se nas mãos do Senhor com confiança. [...]. Ao desvendar a personalidade espiritual de Maria como discípula do Senhor, que ouve e medita os acontecimentos. Lucas toca, portanto, numa característica básica da espiritualidade bíblica. Em leitura contemporânea, diríamos que esse traço da personalidade de Maria diz respeito a todo ser humano maduro e equilibrado (MURAD, 2012, p. 55-57, grifo do autor).

O leigo maduro não nasce pronto. Ele é construído no dia a dia de sua vivência cristã, seja na família, seja na escola, seja no trabalho, seja na paróquia, seja no mundo ao seu redor. É preciso capacitá-lo a acreditar no apostolado, encorajando a participação nas atividades religiosas. O desenvolvimento da responsabilidade é uma ação pedagógica, verdadeiramente educativa, contribuindo com o aprendizado dos leigos.

Na fase adulta, o leigo não pode agir da mesma forma como agia na infância, pois, para a experiência do amadurecimento, considera:

a) O homem espiritualmente maduro personalizou a cosmovisão cristã por meio de uma *experiência viva*. É diferente do espiritualmente infantil, que fez da fé uma ideologia e facilmente está à mercê das modas do pensamento, ou depende da autoridade humana de um mestre/líder, ou da autoridade instituída, à qual se apegava em substituição à sua própria insegurança interior [...]; b) Não há maturidade cristã senão por meio de *experiências fundantes*. Houve um momento (não há por que ser repentino, pode ser uma etapa) em que o encontro com Deus vivo transformou o sentido da vida [...]; c) O cristão maduro é uma pessoa de *discernimento*. [...] Por isso, a moral do cristão adulto não se baseia em códigos de comportamento, mas no amor que discerne [...]; d) O processo de maturidade cristã é marcado pela *totalização da própria vida em Cristo* (cf. Gl 2,20). O ser inteiro encontrou seu centro vital na fé [...] (GARRIDO, 2006, p. 20-21, grifo do autor).

Entre as consequências das propostas pós-conciliares, podemos encontrar o desejo de fortalecer as paróquias como centros promotores da evangelização dos leigos, formando paroquianos corresponsáveis nas ações pastorais, estreitando as atividades de maneira conjunta entre o clero e o laicato. Os lemas da Campanha da Fraternidade, entre 1964 a 1972, apontaram nesse sentido, priorizando o sentimento de inclusão dos católicos, criando laços de irmandade entre os leigos de vários movimentos. Embora a tomada das decisões ainda estivesse sob o domínio da hierarquia, surgia um laicato mais coeso, no sentido da participação paroquial no rastro dos pensamentos desfraldados no Concílio Vaticano II, que exigiam uma mudança de mentalidade nas atividades da Igreja católica. Olhando para o passado, percebemos quão importante é hoje o testemunho dado por esse concílio, abrindo espaço para que houvesse um apostolado laical. Nesse sentido, lembramos as Campanhas da Fraternidade:

As novas concepções, publicadas durante o Concílio Vaticano II, sobre o modo de compreender a Igreja e sua missão no mundo, as situações dos leigos e leigas, a centralidade da Bíblia no ato de pensar a teologia e a organização das pastorais vão sustentar os primeiros temas da Campanha da Fraternidade. Nessa primeira fase, era chegada a hora de não medir esforços para implementar a CF em todas as dioceses brasileiras. Entre 1964 a 1972, os lemas foram pautados no desejo de divulgar as decisões e orientações conciliares: “Lembre-se: você também é Igreja” (1964); “Faça de sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor” (1965); “Somos responsáveis uns pelos outros” (1966); “Somos todos iguais, somos todos irmãos” (1967); “Crer com as mãos” (1968); “Para o outro, o próximo é você” (1969); “Ser cristão é participar” (1970); “Reconciliar” (1971); “Descubra a felicidade de servir” (1972) (FRIZZO, 2020, p. 4, grifo do autor).

No caso da Legião de Maria, em suas orações finais, percebemos o desejo do apostolado, repetido no término de cada reunião, conforme a seguinte mensagem:

Dai-nos uma fé viva, animada pela caridade, que nos leve a praticar as nossas ações unicamente por amor de Vós, e a ver-Vos e a servi-Vos sempre no nosso próximo; uma fé firme e inabalável como a rocha, que nos conserve calmos e resolutos no meio das cruzes, trabalhos e decepções da vida; uma fé corajosa que nos anime a empreender e prosseguir, sem hesitação, grandes coisas, por Deus e pela salvação do próximo (MANUAL..., 2014, p. 175).

Essa associação católica envia seus membros para realizar o apostolado em regiões diferentes, nas quais existe a necessidade do avivamento cristão. Nesse sentido, podemos citar o trabalho missionário da legionária enviada para a África, Edel Quinn, cujo processo de beatificação está em análise na Congregação para as

Causas dos Santos, situada em Roma. Outro legionário, cujo trabalho missionário como enviado para a América do Sul foi destacado pelo empenho apostólico, foi Alphonsus Lambe, que também está em processo de reconhecimento de sua beatificação.

Na sociedade contemporânea, observamos tanto a incredulidade quanto a crença. Uns entendem as promessas antigas conforme elas foram feitas para a salvação das almas. Outros preferem atualizar essas promessas na compreensão dos males que afetam a dignidade humana. Por ter compartilhado a humanidade em suas fragilidades e dores, foi possível a Jesus compreender o destino dos homens e das mulheres. No cristianismo primitivo, a função da religiosidade estava muito interligada com o sofrimento das pessoas, cujos direitos eram quase inexistentes. Diante da escravidão e das enfermidades, as pessoas começaram a se identificar com a trajetória do sofrimento e da glória ensinada através da vida de Jesus Cristo, surgindo os seus primeiros seguidores.

Muitos legionários acreditam no poder da oração⁷ e rezam pelas pessoas. Essa iniciativa de fazer preces não somente para atender às necessidades individuais, mas também para pedir pelos semelhantes, é um gesto que se caracteriza pelo desejo de levar à prática aquilo que é essencial ao cristianismo, ou seja, o amor ao próximo. Esse amor ao próximo está no coração de homens e mulheres em estágio de amadurecimento quando revela a capacidade do diálogo. A aproximação superficial no tocante às realidades sociais, embora fosse um atalho, não daria a necessária consistência na quebra dos impasses que precisavam ser superados no diálogo com o mundo.

Nesse sentido, os méritos do Concílio Vaticano II conduziram à amplitude da consciência cristã diante das realidades que remodelavam o mundo e transformavam a vida das pessoas, em seu aspecto ligado à evangelização e à interlocução da Igreja com uma sociedade inserida em novos paradigmas científicos, antropológicos, políticos e culturais, pois:

⁷ Em meio ao avanço da pandemia, a devoção foi visualizada nas mensagens religiosas divulgadas na *internet*. Muitas pessoas fizeram orações pelos profissionais de saúde, os quais estavam na linha de frente, combatendo uma doença denominada Covid-19. As orações diárias são um dos alicerces da espiritualidade da Legião de Maria. Na medida em que o número de infectados e de óbitos pelo coronavírus aumentava, as pessoas clamavam pela cura dos doentes. Entre as pessoas orantes, incluímos os legionários, cujas orações simbolizavam a esperança no fim da pandemia através da interferência divina.

[...] a relação Igreja-Mundo como um diálogo que amadurece, de ambos os lados, sob o influxo da graça que impele, de contínuo, para o encontro da fé-que-começa com a fé-que-sabe a resposta divina, para que brote das duas essa verdade concreta e histórica, que corresponde ao plano salvífico de Deus, sobre a totalidade dos homens e dos tempos (SEGUNDO, 1976, p. 120).

Uma interpretação deste tipo foi defendida no pensamento do teólogo uruguaio Juan Luis Segundo e leva-nos a considerar essa preocupação com o diálogo. Todavia, ressaltamos que esse diálogo nem sempre se realiza, ou se realiza com menor frequência do que deveria, provocando a necessidade de uma comunicação constante. Desse modo, gostaríamos de expor uma sucinta biografia desse teólogo:

Juan Luis Segundo nasceu em Montevideu no Uruguai em 31 de Outubro de 1925, onde viveu a maior parte de sua vida e faleceu no dia 17 de janeiro de 1996, aos 70 anos de idade e 54 anos de Companhia de Jesus. Deixou uma vasta obra teológica cuja marca central é a busca de superação do divórcio entre fé e vida, através do resgate da vivacidade original da mensagem cristã no mundo contemporâneo. Segundo foi um dos iniciadores da corrente teológica na América Latina que se tornou conhecida como Teologia da Libertação e seu trabalho centrava-se na reflexão teológica com leigos(as) visando uma fé adulta, aberta ao discernimento dos sinais dos tempos e apta para contribuir eficazmente na humanização das realidades históricas (LIMA, 2016, p. 182).

O Concílio Vaticano II anuncia a humanidade como povo de Deus. Nesse sentido, haveria o convite ao diálogo, no qual todos estariam aptos a aproximarem-se e se tornarem presentes na vida uns dos outros. Além disso, já alertava o pensamento de Segundo (1976, p. 122): “O simples esforço para sobreviver no planeta Terra vai colocando, inexoravelmente, nas mãos de todos, elementos cada dia mais decisivos”. Por conseguinte, dessa imagem das interconexões, percebemos que a rede econômica, a rede de assistência à saúde e a rede da religião estão vivendo uma socialização crescente. Diríamos que os leigos, em seus aspectos geográficos, culturais e étnicos estão colocados dentro de um sistema de relações humanas numericamente complexas, tornando-os colaboradores uns dos outros, dos cristãos e dos não-cristãos. Como exigência dos fatos sociais, temos:

Não só através do que fazemos, mas também através do que não fazemos. Ficar-se em casa (ação ‘privada’) já é tomar posição ‘pública’ e esta decisão é vida ou morte, fome ou sustento, justiça ou exploração de seres humanos e, uma vez que somos cristãos, do próprio Deus (SEGUNDO, 1976, p. 124).

Se olharmos para a realidade da pandemia (ocasionada pelo coronavírus) que teve início em 2020 e ainda é corrente em 2021, verificamos o poder tanto da ação quanto da omissão no aspecto da vida em sociedade. Sabemos que o distanciamento social, conforme as determinações sanitárias, é um gesto individual com repercussão na coletividade. O amor ao próximo está representado pelo cuidado mútuo com o uso de máscaras. Noutras palavras, a salvação de todos depende da responsabilidade de cada pessoa. A santidade, vista sob o enfoque de práticas para o bem-estar da coletividade, evidencia-se na preocupação com a vida do próximo, pois, no século XXI, o destino do mundo está posto nas mãos e nos rostos de todos aqueles que com álcool gel e máscaras pretendem dar continuidade à vida individual e coletiva.

Nesse sentido, a presença do laicato é mais convincente porque leva ao amadurecimento e à universalização das atitudes cristãs. O significado dessa responsabilidade como instrumento de união com Deus, com o próximo e com a humanidade é reconhecido por Segundo (1976, p. 125): “A presença crescente de Cristo no mundo de nossa época não representa, portanto, unicamente uma alegria: é a exigência crescente de uma atitude moral mais profunda [...]”.

As propostas do Concílio Vaticano II tiveram que atuar, sem perder a noção do bem comunitário que os leigos supõem para a existência social. Por conseguinte, observamos a importância dos leigos no diálogo ecumênico e inter-religioso, dando flexibilidade a antigos posicionamentos dentro da Igreja. Conforme Lima (2016, p. 184): “Na percepção segundiana, portanto, na raiz do parêntesis do diálogo da Igreja com o mundo está uma visão religiosa sacralizadora das estruturas e instituições, inflexível a toda nova imagem de mundo”.

Diferentemente de uma visão unilateral, o diálogo prioriza as experiências compartilhadas pelos seres humanos, enfatizando a colaboração nas transformações sociais que reivindicam a dignidade para todos os indivíduos. Por isso, a experiência de servir aos semelhantes de forma gratuita e desinteressada requer, em nosso entendimento, o engajamento dos leigos católicos.

Nesse sentido, a sociedade contemporânea está em um processo transitório, assinalando um pensamento crítico e a aparição de uma vida religiosa mais fluída em substituição gradual ao estilo conservador, no qual prevalecia estruturas piramidais de poder. Os leigos católicos, ao optarem pelo desenvolvimento de suas

ações evangelizadoras no meio da sociedade, podem ser compreendidos como vetores concorrentes da secularização.

Nenhuma religião possui um gerenciamento exclusivo sobre o sagrado, pois o aspecto sobrenatural está além do âmbito visível das coisas, e cada religião compreende esse fenômeno conforme uma determinada visão do mundo e da divindade sacralizada. Nessa perspectiva, o diálogo com o mundo implica em falas e escutas, sem condicionamentos de superioridade ou inferioridade, mas na responsabilidade de tentar responder de forma cristã aos questionamentos e problemas humanos.

O atual contexto, principalmente com missas *on-line*, já não permite compreendermos as paróquias como pequenos redutos. A palavra missa possui o seguinte significado, conforme Ferreira (2010, p. 509): “Celebração fundamental do culto católico, que comemora a Ceia de Cristo e seu sacrifício pela humanidade”. As pessoas podem frequentar as celebrações eucarísticas em locais diversos, nos quais as barreiras geográficas não mais existem. Uma missa pode ser assistida de forma síncrona ou assíncrona, sendo permitido mais visualizações daquela celebração, uma vez que elas podem ficar disponíveis em plataformas digitais.

Desse modo, a participação nas missas adquire seu autêntico valor cristão quando previamente toma consciência da graça eucarística que há nesse momento de atitude comunitária. Noutras palavras, a missa dominical é uma experiência de encontro dos leigos católicos, cuja essência não deve ser vista como uma obrigação, apenas um mandamento da doutrina, mas parte do amor que cresce através da fé.

A Legião de Maria propõe aos seus membros aquilo que reconhece como seu dever, isto é, as atividades evangelizadoras e as orações, força interior que impulsiona a energia dos legionários. Se, em alguns países, essa tarefa pode ser realizada de forma cotidiana, em outros, necessita de um heroísmo pela fé. O legionário deve gastar sua energia na intensidade do esforço no serviço a Maria, no meio das tarefas dessa associação de leigos católicos. Nesse raciocínio, os legionários, muitas vezes, favorecem a atuação da catequese e do apoio aos idosos, por meio do contato com pastorais específicas.

Essa intermediação consiste em confiar não apenas nas suas forças, mas trabalhar para que a finalidade da ação apostólica seja alcançada, uma vez que a missão da Legião de Maria é mais espiritual do que de assistência. Além disso, a

maturidade dessa associação vincula-se na capacidade de viver os sacramentos dentro de uma convicção de fé.

É útil refletirmos sobre o motivo que leva as pessoas a realizarem as suas práticas religiosas em seus grupos associativos. Se a obediência for motivada pelo medo, essa obediência será fruto da imaturidade. Todavia, se essa obediência é motivada pelo amor, então ela será fruto da maturidade. O progresso na vida cristã é alcançar a união com Deus, de forma acessível ao laicato, reconhecendo que se trata de uma evolução na prudência, justiça, fortaleza, temperança, esperança, caridade e fé.

Na história de várias pessoas, percebemos que alguns buscam um progressivo projeto de justiça e amor dos meios que empregam em suas vidas. Talvez esse caminho, de longo prazo, comece por não matar, não roubar, e insista nas proibições, pois existe uma importância nas leis com as quais a sociedade condiciona os indivíduos com obrigações válidas e significativas. O exemplo de Jesus foi, desde o começo, o melhor meio de evangelizar por meio do amor no plano espiritual e social.

A Legião de Maria tem uma identidade religiosa construída desde a sua fundação. Quando os leigos católicos se tornam legionários, uma porção de atitudes ficam embutidas em seu compromisso. A partir da escolha por esse movimento do laicato, eles serão observados pelos demais membros e os comportamentos devem seguir uma disciplina já estabelecida. Cada legionário é uma vitrine, pois eles representam a associação da qual fazem parte, no contato com as pessoas que são visitadas pelo grupo. Aquilo que os grupos fazem reflete positivamente ou negativamente na imagem da própria associação em que estão filiados, aproximando ou distanciando as pessoas que ainda não conhecem esse movimento de leigos católicos.

Examinamos o caminho dos legionários a partir de duas forças que impulsionam a sua energia evangelizadora: a insistência na moral cristã tradicional e o serviço apostólico através das visitas domiciliares. No primeiro ponto, a moral das coisas permitidas pela doutrina católica é algo presente no intento dos grupos, repetido como meta de santidade. É provável que esse comportamento prejudique o amadurecimento do legionário, uma vez que a visão das pessoas diante dos fatos muda aquilo que é ou não é permitido. Dessa maneira, sair ao encontro do outro possui suas dificuldades, quando se pensa numa moral criadora, progressiva, social

e significativa que corresponda às exigências de cada época e trace um caminho de convergência na compreensão do cristianismo. Busquemos em Juan Luis Segundo um ensinamento que explique essa moral em que a presença do outro seja dialogada, na medida em que:

Consciente a moral cristã em criar, com nossas atitudes, com toda a nossa existência, uma resposta a essa busca. Dizer moral criadora, para o cristão, é o mesmo que dizer moral *significativa*. E para significar é preciso viver continuamente em diálogo. Não só de palavras: também de atitudes (SEGUNDO, 1976, p. 136-137, grifo do autor).

De forma comparativa, o apostolado dos legionários contribuiria para que eles adquirissem uma fé madura através de uma evangelização menos apegada ao arbítrio de quem opera. Um leigo adulto, a cada momento e diante de cada indivíduo, realiza atitudes que o coloca em diálogo com as pessoas, em uma disponibilidade gratuita e cristã.

A cultura digital que emergiu nestes tempos de pandemia é um grande desafio para as atividades dos legionários porque os obrigou a uma mudança na maneira de evangelizar, uma vez que os encontros domiciliares deixaram de ocorrer em decorrência do isolamento social, atingindo principalmente as relações interpessoais das pessoas idosas.

Os trabalhos dos legionários em suas visitas domiciliares atingem uma parcela da sociedade formada pelas pessoas idosas. A velhice pode trazer consigo alguns fatores que resultam em prejuízos na locomoção. Nesse sentido, as visitas domiciliares surgem como uma opção que possibilita a manutenção da espiritualidade desses grupos.

A publicidade em torno da fé popular é algo que a devoção mariana acaba estimulando, pois, a visita aos santuários das aparições é incentivada nos grupos que entendem essas peregrinações como manifestações de carinho. O culto ligado a imagens significativas é tradicional no catolicismo, mas esse aspecto cultural tem sido, cada vez mais, monopolizado e desvirtualizado, na medida em que o comércio de ícones e objetos são fontes de lucro. Grande quantidade de fiéis costuma frequentar locais que promovem o consumismo religioso e isso gera a crítica por parte de outras comunidades religiosas, especialmente aquelas de raiz reformada. Esses traços tradicionais da devoção marial estão presentes em vários movimentos, inclusive na associação que estamos estudando.

5.5 Um olhar sobre os desafios para os legionários

Queremos colocar o nosso olhar tanto para o interior do sistema legionário quanto para o seu apostolado no âmbito externo, revelando os desafios que ainda persistem no percurso histórico da Legião de Maria.

Em vários países do mundo, a mensagem católica deve à Legião de Maria o esforço de construir um maior conhecimento da devoção mariana no contexto do laicato. Algumas pessoas podem avaliar esse trabalho com pouco efeito no desenvolvimento crítico dos leigos católicos, mas não podem descartar a participação dos legionários no apostolado cristão.

Quando o leigo faz sua opção religiosa por filiar-se à Legião de Maria, ele assume o compromisso em seguir as normas contidas no manual dessa associação. De fato, os grupos legionários acabam possuindo um enraizamento no catolicismo saudosista, em que aparece uma tendência favorável aos aspectos da cristandade medieval para adaptar o laicato à obediência das tradições católicas.

Nesse sentido, a exaltação de vários aspectos da cristandade medieval, tais como o culto dos santos e relíquias, peregrinações, fé nos milagres, entre outras práticas religiosas aconteceu nas atividades legionárias. Sobre o mito da cristandade medieval, vale recordar:

Pela reconstrução mítica de uma Idade Média impregnada dos princípios cristãos de ordem, sociabilidade e paz, o termo cristandade adquiria valor de programa político-ideológico destinado a cancelar todos os aspectos da modernidade que, da Reforma à Revolução, carregavam as marcas de uma corrente de desvios sociais (MENOZZI, 1998, p. 47).

Sem dúvida, essa reconstrução visava principalmente o continente europeu, mas esse tema deixou suas marcas no espírito religioso do mundo, principalmente na nostalgia de um passado medieval em sentido romântico e poético. Destacamos que esse entendimento fazia parte de um projeto de re clericalização da sociedade, o qual esperava que a Igreja católica reconquistasse o seu prestígio e sua autoridade.

Nesse sentido, destacamos um profundo respeito pela devoção mariana e sua visibilidade nas atitudes cotidianas dos legionários, herança cultural do catolicismo que depositou em Maria, durante séculos, alta credibilidade. Por conseguinte, vários pontífices publicamente a invocaram em assuntos muito além do âmbito religioso, pois ocorreram também questões políticas mundiais.

As atitudes dos leigos católicos transcendem os limites das paróquias. Nesse sentido, o primeiro desafio que surge para o legionário é ser exemplo da associação da qual é filiado. Quando ele fala sobre Maria, deverá também agir conforme o símbolo de Maria, visto que é através do estilo de suas atividades que a devoção mariana será mais conhecida na sociedade.

Ressaltamos que as atividades dos grupos legionários ocorrem através de visitas domiciliares que só serão possíveis por meio da aceitação popular no contato com os indivíduos e com as famílias. Nesse sentido, as tarefas legionárias estabelecem o conhecimento das pessoas que moram no bairro, havendo o diálogo. Por isso, outro desafio para os legionários situa-se na necessidade de envolverem-se nas atividades do seu grupo, tendo consciência dos seus deveres como pessoas batizadas, constituintes do Povo de Deus. Nessa perspectiva, o diálogo não pode ocorrer apenas com as pessoas que frequentam as paróquias, mas com aquelas que por vários motivos delas se afastaram.

Assim, acolher, escutar e aconselhar as pessoas são atitudes que fazem parte das tarefas da Legião de Maria na evangelização de idosos, adultos, jovens e crianças, principalmente através das orações. No entanto, não basta apenas rezar, na medida em que as pessoas, na contemporaneidade, consideram os gestos conforme a ação missionária. Desse modo, a dimensão da fé extrapola sua implicação individual, vinculando as ações religiosas e as ações sociais quando promovem o bem das pessoas.

As novas vivências sociais, através de redes remotas de comunicação à distância, prejudicam a sustentação das atividades legionárias, na medida em que não se percebe nenhuma proximidade ou contato pessoal, pois as pessoas estão alicerçando seus relacionamentos através de plataformas digitais para evitar a proliferação do coronavírus. Se essas estruturas sociais continuarem por um longo prazo, elas acarretarão prejuízos nos vínculos construídos pelos legionários com as pessoas antigamente visitadas. Receber as visitas dos grupos da Legião de Maria significa um comportamento que indica a propensão em aceitar as práticas da devoção do catolicismo e seus sacramentos.

Percebemos que os grupos legionários possuem uma preocupação em manter as orações enquanto formas de evidenciar o anúncio cristão. A oração vocal tanto do Rosário quanto do Terço é recomendada pelos grupos, uma vez que, através dessa atitude religiosa, meditam sobre os mistérios da vida de Jesus. Por

consequente, outro desafio para os legionários é promover uma maior atuação não apenas nos lares e nas paróquias, mas também em hospitais, presídios, favelas, asilos. Disso depende sua presença mais ativa na sociedade, atualizando o sentido da conversão no sentido da santidade, fazendo crescer sua consciência missionária e necessidade de empenho no exercício do seu apostolado.

Por detrás do posicionamento naturalmente obediente dos legionários às hierarquias eclesiais, existe uma satisfação com as estruturas do passado, nas quais as pregações de caráter moralista possuíam alta receptividade no meio do laicato. Atualmente, essas condutas possuem um espaço reduzido dentro de uma sociedade secularizada, porém o apostolado dos grupos legionários ainda conserva muitos dos pensamentos que existiam desde o início de sua fundação. Por conseguinte, este estudo faz uma sucinta análise sobre a maneira como a Legião de Maria responde ao avanço da secularização, pois, sob diversos contextos, o modo de agir dos legionários permanece inalterado.

O mundo atual foi moldado pelo processo da secularização. Por isso, os movimentos católicos mais conservadores buscaram manter uma forma articulada em sua estrutura associativa como instrumento capaz de garantir a persistência de sua religiosidade. Essa atitude insiste em fortalecer um estilo de leigos que aceitam alguns postulados da modernidade, porém reconhecem o papel da Igreja católica como condutora dos princípios da vida social do laicato católico.

Nessa perspectiva, a história da Legião de Maria situa-se também na construção desses valores ligados à cristandade. Por conseguinte, seus membros empenharam-se em conservar os comportamentos tradicionais na sociedade civil, permitindo ser uma força de reserva dos valores morais da doutrina católica. Assim, o catolicismo tradicional depende hoje, no mundo secularizado, desses grupos cujas dimensões espirituais de fé estão ligadas ao consentimento dado à Igreja para controlar os instrumentos de poder no âmbito religioso e social. Desse modo, a convicção de que o laicato não pode dispor de uma total autonomia no contexto religioso prejudica a questão da maturidade da fé, pois muitos leigos preferem depositar na Igreja a plenitude da autoridade.

De fato, uma das respostas dadas pelo catolicismo ao avanço da secularização no âmbito social foi o apoio às estruturas que absorvessem os elementos de revitalização ligados à tradição de cristandade, termo que incorpora

argumentos político-civis e religiosos que são validados por alguns sintomas. Vale a pena recordar a este propósito a sondagem histórica descrita:

Refiro-me sobretudo ao aparecimento de muitos sintomas, que embora não se tenham manifestado em sequência mas de forma esparsa, sublinhavam alguns aspectos da relação Igreja-sociedade destinados a adquirir, depois, a coerência e a compatibilidade de um processo teológico-político que será assumido pela Igreja (MENOZZI, 1998, p. 21).

Desse modo, nos ambientes católicos inculcava-se que a vida coletiva necessitava do poder da Igreja para dirimir as controvérsias da sociedade que, a todo momento, recebiam as tendências culturais geradas pelas propostas secularizantes, prejudicando a gestão religiosa conduzida pelo clero. Nessa perspectiva, muitas pessoas defendiam a autoridade da Igreja católica, com sua hierarquia de poder piramidal, como força diretiva que ordenasse uma sociedade repleta de vontades subversivas, pois o catolicismo era visto através de uma suposta indispensabilidade.

Todavia, outras pessoas começaram a entender que as responsabilidades sociais acerca da violação dos direitos humanos remetem ao papel do laicato católico diante da história, da justiça e da democracia. Assim, a atitude de fechamento dentro do controle eclesiástico reduz o esforço do laicato para a construção de formas de convivência civil mais promissoras. Por isso, existe o perigo de os leigos gastarem suas energias em intermináveis controvérsias sobre a doutrina, em debates pouco amistosos, mesmo que esse posicionamento apareça como um contrassenso na cultura progressista atual. Nestas circunstâncias, para dialogar, é necessário novos comportamentos dentro da Igreja, pois:

Com o avanço científico e humano, a Igreja percebe que não pode mais se aprisionar em si mesma, mas sente a crescente necessidade de abrir-se e colocar-se em diálogo com a sociedade. Para tanto, ela necessita romper estas barreiras e quebrar argumentos e paradigmas muito bem postos e consolidados. Se não fizer isto, a Igreja corre o risco de permanecer isolada num mundo que evolui rapidamente, numa sociedade global, plural, técnico-científica e informatizada (KUZMA, 2009, p. 59).

Com vistas ao serviço tanto *ad intra* quanto *ad extra*, as relações coletivas dos legionários formam grupos que ainda se baseiam em estruturas nas quais a hierarquia eclesial dita as regras. Nesse sentido, muitos legionários julgam-se na obrigatoriedade de manter uma visão rígida da sociedade para permanecerem fiéis

aos grupos, pois aqueles mais progressistas pensam não raramente em abandonar suas fileiras, quando descobrem que a liberdade pessoal não está atrelada à autoridade atribuída à Igreja. É importante percebermos que as religiões sistematizam sua visão social, seus rituais e suas normas de forma mais ampla:

A lógica interna dos sistemas religiosos pode ser desvelada no aspecto *ad intra* (olhando sua originalidade interna, a composição e a relação entre seus elementos constitutivos) e *ad extra* (a busca de correção entre a sociedade e a religião em suas influências mútuas) e, de preferência, combinando os dois aspectos (PASSOS, 2006, p. 17).

Isso delinea, pelo menos no plano do *habitus*, o privilégio reconhecido à sociedade cristã medieval nas entrelinhas da mentalidade católica, tendo em vista que esse pensamento aparece no laicato através da convicção em ações reparatórias para evitar ou diminuir os castigos divinos. Essas atitudes devocionais estão inseridas no comportamento dos grupos legionários, caracterizados por uma compreensão de mundo que gira em torno do combate entre o bem e o mal, cujo resultado positivo depende da intervenção eclesial na prática religiosa. Em prol desse pensamento existe a nostalgia do passado, referente ao mundo medieval como fonte de sociabilidade e unidade cristã.

O exercício de amar ao próximo, dentro da tradição católica, faz com que os leigos amadureçam, na medida em que suas energias são disponibilizadas com esse propósito de comunicar a fé. A partir desse entendimento, a função legitimadora dos comportamentos coletivos não mais ocorreria pela autoridade, mas pelo diálogo. Por isso, os grupos legionários expandem suas energias na escuta e aconselhamento, principalmente, das pessoas idosas e enfermas. Assim, a atuação dos legionários na transformação social ocorre através da espiritualidade, buscando o modelo cristão encontrado no Evangelho.

As orações diárias e o respeito aos sacramentos convidam os fiéis católicos à espiritualidade, como um elemento positivo nas vivências do cotidiano, sem esquecer os problemas sociais, pois o laicato pode aprofundar o conhecimento da fé através do diálogo no meio da realidade e da contemplação espiritual.

A análise das tendências gerais que são características do fenômeno da cristandade comporta uma mentalidade que se configura em várias atitudes na concepção da fé e na ordem segura dessa fé. Nessa perspectiva, adiantamos alguns pontos:

1 – *concepção da fé*: interessa saber:

- a) em que medida esta é condicionada fundamentalmente como um enunciado intelectual que é objeto de assentimento;
- b) em que medida o indivíduo espera, passivamente, da Igreja a *proposição* deste enunciado, sem que isso comporte, de sua parte, nenhuma busca pessoal;
- c) em que medida o cristão anseia por formulações claras e teme assumir toda a responsabilidade pessoal da fé. Uma expressão desta atitude seria considerar a renovação conciliar como simples troca de uma fórmula por outra. “Digam me o que devo crer”;
- d) em que medida se experimenta verdadeira perplexidade pelo que se qualifica de “situação confusa” posterior ao Concílio;
- e) em que medida se aprecia e se valoriza, acima de tudo, a unanimidade e uniformidade das expressões e se ataca severamente a quem se serve de termos que não sejam os “tradicionais”;
- f) em que medida se concebe a educação cristã dos filhos como um ensino das verdades da fé e como uma imposição de determinados comportamentos sem deixar nenhum lugar para a opção pessoal do filho, no devido momento;
- g) em que medida um pai ou uma mãe se sentiriam frustrados, se algum de seus filhos não aceitasse o catolicismo. [...]

2 – *problema da segurança*: A mentalidade de cristandade aprecia, acima de tudo, a segurança: quer na ordem da fé, quer na ordem da ação.

São diversos os fatores que a ameaçam, que põem em questão atitudes profundas e fortemente arraigadas. Interessa saber:

- a) em que medida o cristão se sente em perigo diante das mudanças, superficiais ou profundas, que se operam na Igreja;
- b) em que medida prefere a situação anterior ao Concílio, em que todas as coisas eram mais estáveis, mais nítidas, mais definidas;
- c) em que medida desejaria que protegessem seus irmãos na fé contra toda influência ideológica não-cristã, que possa pôr em perigo suas próprias certezas;
- d) em que medida é intolerante para com os que pensam de modo diferente do seu, considerando que a intolerância é um mecanismo de defesa contra a própria insegurança;
- e) em que medida teme o risco de assumir sua própria responsabilidade e prefere em tudo apoiar-se sobre a autoridade do sacerdote (SEGUNDO, 1976, p. 63-64, grifos do autor).

Esses questionamentos feitos pelo teólogo Juan Luis Segundo, no contexto da análise do leigo adulto, podem ser adaptados em nosso estudo sobre os legionários. Nesse sentido, poderíamos tentar compreender as atitudes dos leigos em servir à Igreja por meio do apostolado e das ações missionárias em uma sociedade atingida pela secularização que já bagunçou muitos fundamentos da cristandade, pois algumas normas civis e religiosas existem com poucas correspondências. Chamamos a atenção dos leitores para os aspectos religiosos que formam a tradição da fé do laicato, sem tirar o mérito dos valores espirituais e artísticos que floresceram durante o período da cristandade. No entanto, o tipo ideal de leigo católico passou por profundas mudanças, admitindo variações em suas

transformações históricas, na recíproca existência do poder temporal e do espiritual, principalmente no tocante à salvaguarda da Igreja católica.

Nesse aspecto, podemos questionar até que ponto o fiel devoto espera que o clero indique o caminho a seguir, ou seja, as fórmulas prescritas sobre aquilo que deve ser assimilado pelo laicato. Nesse contexto, as práticas religiosas vão se delineando, muitas vezes, através de formas intransigentes que buscam reparar o mundo contemporâneo. Por conseguinte, quando os grupos legionários se apoiam apenas na autoridade dos sacerdotes, tendem a ver os dogmas e os sacramentos como instrumentos indispensáveis da salvação, pois muitos fiéis devotos estavam acostumados a uma devoção que não aceitava ser confrontada com opiniões diferentes, prejudicando que se discutisse livremente sobre as concepções dogmáticas. Portanto, não estranhamos que alguns pais e mães, enquanto fiéis devotos marianos, sintam-se frustrados quando seus filhos não aceitam o catolicismo como opção religiosa.

No momento em que as propostas do Concílio Vaticano II foram percebidas na Igreja, alguns elementos provocaram uma crise na devoção mariana, aparando alguns exageros e posicionando-a no sentido cristocêntrico. A Mãe de Jesus não poderia ser compreendida fora do contexto de sua contribuição para a encarnação divina, traduzida em atos de aceitação, de ajuda, de escuta e de companhia. A maneira cristã através da qual Maria viveu o amor com palavras e gestos possui grande importância para a devoção, no contexto do catolicismo, fator decisivo principalmente no plano salvífico. De fato, refletimos sobre a fé plena e total contida no amor que está na exemplaridade de Maria: “Ou se aceita ou se recusa o amor. É por isso, exatamente, que todo ato de amor é mais que um ato de boa vontade: é um ato de confiança, um ato de fé” (SEGUNDO, 1976, p. 73).

Desse modo, tanto a Igreja quanto o laicato se defrontam com o problema da formação de grupos que preferem a polarização em vez da comunicação dialogada, formando círculos diferentes e prejudicando a harmonização de uma ciranda ecumênica. Noutro plano, o que se supõe é que o diálogo seja um elemento para melhorar a sociedade, uma vez que conduz as pessoas para fora do círculo restrito daqueles que pensam de forma semelhante.

É importante para os legionários superar os obstáculos de uma linguagem que está vinculada ao combate do bem contra o mal, pois esse pensamento ideológico prejudica o contato com outras religiões. Nesse contexto, o ponto de

partida é dado pela insistência no caráter de conversão presente nos mecanismos de manipulação dos grupos pelos quais a espiritualidade se insere em atividades mecânicas e automáticas, tendo em vista o apego à tradição como um privilégio. Uma breve análise que explica a ação dos grupos sociais, de forma genérica, sobre os seus membros foi assim descrita:

Nestas circunstâncias, o grupo a que se pertence constitui um quadro fechado que, ao mesmo tempo, limita e protege, “controla” severamente enquanto dá a segurança própria de toda situação de enraizamento: quer dizer, o grupo transmite os valores tradicionais, as normas (SEGUNDO, 1976, p. 59, grifo do autor).

A estruturação da Legião de Maria impõe normas aos grupos controlados por uma ordem hierárquica de dependência desde os *praesidia* até o *concilium legionis*. Por ser um movimento do laicato cuja prática está na espiritualidade, alguns temas ficam fora do alcance dos legionários, principalmente as ajudas financeiras que são proibidas durante as visitas, conforme determina o manual em seu item dez do capítulo trinta e nove. Se um legionário, por uma razão pessoal, quiser realizar o auxílio econômico de alguma pessoa, ele poderá fazer isso de maneira anônima ou através de movimentos que sejam dedicados a essa finalidade de beneficência. É necessário esclarecer que os serviços prestados a alguém não constituem auxílio material, mas fazem parte das tarefas legionárias.

Nessa perspectiva, a fé professada e a vida cotidiana devem caminhar juntas, pois o Concílio Vaticano II já esboçava uma corrente de pensamento na qual fé e a existência humana colocavam-se em união. A experiência religiosa humana nem sempre cresceu direcionada para o amadurecimento, principalmente se existe uma fé simplificada equivalente às atitudes meramente de aceitação. Nessa perspectiva, Segundo (1976, p. 52) aponta: “Trata-se, portanto, de um processo criador e pessoal e não de mera repetição de um ensinamento, da assinatura de um cheque em branco onde Deus ou a Igreja possam escrever o que quiserem”.

Todo grupo religioso tem que enfrentar o problema da sobrevivência para fortalecer os próprios aspectos institucionais, necessitando da expansão geográfica através do crescimento do número de filiados. Nesse sentido, os legionários tendem a valorizar uma concepção da fé como chamado à conversão explicitada por uma impregnação cultural, na qual as vivências sociais eram, quase automaticamente, integradas no âmbito religioso. Por conseguinte, no serviço legionário existe um

compromisso cuja tarefa é atingir os indivíduos, principalmente os não cristãos, impregnando os costumes católicos no cotidiano dessas pessoas.

De fato, a ação missionária dos legionários levou o catolicismo a outras culturas de diferentes países. Com as limitações que lhe impõem sua visão de mundo, os legionários prestam o seu auxílio à construção da sociedade, ressaltando as visitas aos idosos e às pessoas enfermas, unindo orações e atividades, principalmente nos bairros onde residem. Com efeito, aparece uma situação inicial para chegar à salvação, mensagem transmitida à comunidade, que deveria ser captada, incorporada e compreendida durante as visitas domiciliares. Nesse ponto, destaca-se a expressão do laicato latino-americano em sua busca por uma Igreja em seu aspecto popular, na tentativa de fazer as verdades cristãs chegarem ao imenso número de pessoas.

A responsabilidade dos leigos exige, a partir do comprometimento, o serviço. Distingue-o, de imediato, porque ele doa mais tempo e potencialidades. Por conseguinte, todo o Povo de Deus é chamado à plenitude da vida cristã, aceitando os encargos e riscos dessa responsabilidade. O envelhecimento da população está provocando o aumento da proporção de idosos na sociedade. Assim, a Legião de Maria desempenha sua função na experiência evangelizadora dessa parcela social, atuando também junto daquelas pessoas atingidas por perdas da capacidade física e cognitiva, motivadas pelas enfermidades. Nesse sentido, os legionários dispõem sua energia em face da esperança motivada pelas orações nas visitas às pessoas idosas e convalescentes, tendo consciência do amor cristão.

Desse modo, a fragilidade humana mostra que o bem-estar das pessoas também necessita da espiritualidade, aspecto que os legionários buscam desenvolver na atenção às pessoas idosas, uma vez que as aspirações religiosas não deixam de existir durante a velhice. Ao contrário, talvez elas se tornem mais peculiares a essa etapa da vida. Portanto, a assistência em domicílio que a Legião de Maria presta às pessoas, como uma atividade do cuidado no contexto da espiritualidade, pode ser compreendida sob a perspectiva do amadurecimento, na energia que assim se acumula, em face do esforço feito para manter as tradições católicas para aquelas pessoas que não podem mais frequentar as missas.

A assistência domiciliária de grupos religiosos configura-se, no contexto do laicato católico, um sinal que evidencia a Legião de Maria no atendimento e na promoção da temática sobre a Igreja em saída. Porém, a pandemia do coronavírus,

iniciada em 2020, prejudicou esse espaço de evangelização dos legionários. Essa atividade de contato com os idosos ficou paralisada, pois eles constituíam um grupo vulnerável para a enfermidade da covid-19 e deveriam adotar os protocolos de isolamento social.

Com essa mudança no cenário mundial e nacional, as atividades da Legião de Maria tiveram que encontrar outras soluções possíveis. É notório o impacto dessa pandemia, fazendo a direção dos grupos legionários buscarem outras formas de evangelização através da adaptação a novas tecnologias, reestruturando e reorganizando o seu *habitus* na vida de seus filiados. O espaço físico das reuniões tornou-se um espaço virtual em plataformas digitais, ocasionando dificuldades no contexto do uso de novas tecnologias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta tese, ficaremos satisfeitos se os leitores puderem compreender o valor das ressignificações simbólicas que foram adotadas por essa associação do laicato católico internacional. *Praesidium, curia, comitium, regia, senatus, concilium legionis, vexillum, tessera, catena legionis* e *acies* são palavras que fazem parte da linguagem cotidiana da Legião de Maria, através de um vocabulário que destaca o latim como uma maneira de expressar a identidade do movimento. Através da unidade, os legionários conservam um estilo de laicato que se destaca por meio de gestos tradicionais, repletos de detalhes, como a articulação das palavras em latim, a escrita de relatórios das suas atividades semanais e a pontualidade nos horários das suas reuniões.

Como tentamos explicar, os grupos legionários esperam a intercessão de Maria sobre a história de suas vidas e sobre a história do mundo. A oração dos membros da Legião de Maria dirigida à Mãe de Jesus corresponde ao desejo que Deus continue sua missão salvífica, de modo misericordioso, a favor da humanidade em todas as épocas.

Naturalmente, por força do *habitus*, ocorre a confiança na ação direta de Nossa Senhora com seus efeitos psicossociais sobre as pessoas, redobrando as esperanças. De fato, a devoção, quando bem estruturada nas ações individuais ou coletivas, confere aos leigos católicos uma energia para o enfrentamento dos desafios sociais, na medida em que essa modalidade de devoção se origina na exemplaridade de Maria, embasada na ativação da fé, do amor, da ética, da justiça e da perseverança.

Tivemos o interesse de mostrar o percurso histórico da Legião de Maria para que os leitores pudessem refletir sobre a presença dessa associação no laicato católico. Em primeiro lugar porque buscamos nos posicionar numa perspectiva histórica que se embasa na concepção de que os leigos marcaram a história da Igreja com suas aspirações e convicções sociais. Assim, a partir das leituras possíveis desta tese, as pessoas poderão tecer críticas construtivas sobre as práticas religiosas dos legionários nas circunstâncias do passado e do presente, em decorrência da missão assumida pelos leigos católicos filiados em seus grupos.

Destacamos que o prognóstico de sobrevivência da Legião de Maria para o futuro depende da atuação de seus membros diante das perdas e das contradições

que a sociedade contemporânea oferece como oportunidades e desafios. A nomenclatura adotada ajuda a conservar o pertencimento dessa associação com a linguagem oficial da Igreja católica. Por conseguinte, na Legião de Maria (*Legio Mariae*) existe, desde o seu início até os tempos atuais, o costume de dar nomes em latim aos seus símbolos, orações, grupos e estruturas organizacionais. Por isso, esta pesquisa tratou do estudo descritivo, mostrando a linguagem como uma das características do *habitus* dessa associação do laicato católico. Afinal, esses termos servem para distinguir, identificar, aproximar e unificar a Legião de Maria em qualquer localidade na qual ela seja fundada.

O aspecto das visitas às residências merece grande destaque no apostolado da Legião de Maria, pois facilita uma maior proximidade com as famílias, permitindo incentivar a participação nos sacramentos e nos ensinamentos católicos diante dos matrimônios e da educação dos filhos. Nesse aspecto, a devoção mariana e o conhecimento bíblico são valorizados nas visitas através de momentos de escuta e de aconselhamento, mesmo que haja uma crítica ao modo doutrinário como essa atividade é conduzida dentro dos lares.

Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus, passou a ser simbolicamente tida como a capitã e a guardiã dos grupos legionários que utilizam os títulos referentes aos dogmas, às aparições e às virtudes marianas para a sua nomenclatura. A nossa tese aponta que os vínculos entre as pessoas podem ser consolidados através dos grupos religiosos comunitários, principalmente se levarmos em consideração as áreas localizadas dentro dos bairros, mostrando o alcance da Palavra de Deus que toca as realidades de diversas camadas sociais.

Percebemos que, quando os membros do laicato católico participam de forma regular das atividades religiosas, tanto em suas paróquias quanto em suas associações, a vivência da espiritualidade ultrapassa a tradição, sinalizando uma aproximação com a maturidade da fé, a partir das experiências pessoais e coletivas de encontro com os ensinamentos de Jesus. As reações provenientes dessa maturidade, tanto no comportamento moral quanto nas atitudes sociais envolvidas no imaginário sagrado e na transmissão das crenças, alicerçam o contexto religioso através da fidelidade e da confiabilidade.

Nesse sentido, as maneiras de participar da vida eclesial possuem diferentes intensidades, desde aquelas pessoas que se satisfazem apenas com a frequência à missa dominical, até aquelas que optam pela assiduidade diária às celebrações

eucarísticas. Os grupos legionários realizam semanalmente um encontro religioso, do qual provém suas tarefas, convergindo para o compromisso com os valores da Palavra de Deus. Assim, a disposição em participar das visitas e de escutar as pessoas visitadas torna-se um sinal profundamente significativo de que a Legião de Maria ainda consegue aglutinar os leigos, mantendo a filiação religiosa deles ao catolicismo. Isso resulta que alguns leigos popularmente chamados de “católicos não praticantes” buscam ser “católicos praticantes”, pois a motivação começa a ser despertada, na medida em que seguem sua religião não apenas pela tradição, mas pela convicção de serem partícipes da Igreja.

Escolher uma prática de religiosidade pode ajudar as pessoas a trilhar um caminho de fé, encontrar uma experiência espiritual, testemunhar momentos de curas e milagres, enfim, buscar o sagrado em suas vivências cotidianas. Afinal, o amadurecimento da religiosidade deveria tornar as pessoas mais abertas ao diálogo, na medida em que, ao estarem mais convictas de suas próprias opções, não haveria motivos para ter receio em dialogar com membros de outras religiões através de discussões sensatas. Por isso, quando não existe o diálogo, ocorre um processo de acomodação e o amadurecimento da fé acaba sendo prejudicado.

Daí o grande desafio que a pandemia do coronavírus gerou para a associação da Legião de Maria. Como entender o novo católico leigo depois das vivências provocadas pela pandemia? Possivelmente, aqui se situa um ponto de grande reflexão, pois a pertença religiosa será testada para descobrir se nela existe um prazo de validade. Ressaltam-se as novas condições de existência, a partir das pessoas enlutadas, empobrecidas e angustiadas, ao procurarem na religiosidade o acolhimento de suas carências espirituais. Os próximos anos exigirão um processo de evangelização mais missionário nos ambientes economicamente desfavorecidos.

As tendências da secularização da sociedade revelam uma baixa participação nas práticas tradicionais, agravadas pelo distanciamento social e por diversos outros aspectos. Entre estes, as múltiplas crenças e práticas ritualísticas que ganharam força nas mídias digitais e demonstraram experiências religiosas mais flexibilizadas, pois no universo da *internet* não existem fronteiras físicas. Isto ampliou as possibilidades do trânsito inter-religioso, uma vez que havia o isolamento das pessoas em seus domicílios, mas essas pessoas estavam conectadas com o mundo pelas redes virtuais de comunicação.

Neste aspecto, o desafio da Legião de Maria é manter o seu estilo de evangelização, com acento prioritário nas orações, e a necessidade de novas estruturas capazes de permitir a sua sobrevivência, diante do imobilismo estrutural gerado por costumes que perduram há décadas e que precisam responder aos anseios sociais criados na sociedade contemporânea.

Assim, a oração é um caminho que permite aos legionários levarem sua solidariedade às pessoas idosas, enlutadas, atribuladas e excluídas, sob o mesmo espírito de diálogo do apostolado cristão, prestando sua colaboração para o serviço da paz nas famílias, da educação de crianças e jovens, do consolo das pessoas vulneráveis. Não é uma tarefa fácil para o laicato católico mais conservador acolher os desafios dos tempos atuais, dialogando com novas formas de comunicação e de vivência das relações humanas e familiares.

Além disso, o medo das mudanças, o medo da pandemia e tantas outras angústias acabam também levando as pessoas a ficarem mais arraigadas em seus modos de pensar sobre a religião, gerando ações de intransigência e insensatez diante de questões polêmicas. Afinal, a religiosidade pode ser entendida como uma força capaz de gerar tanto o medo como a isenção desse medo, dependendo para onde se dirige a energia daqueles que nela acreditam.

Os efeitos da pandemia da Covid-19 prejudicaram as atividades da Legião de Maria, provocando resultados indesejáveis, como a morte de vários membros e a proibição das reuniões presenciais. Desse modo, as práticas devocionais precisaram buscar mecanismos para manter o seu prestígio e o domínio sobre os sentimentos que estruturou durante séculos, mas que a dessacralização foi diluindo no meio social. Nesse sentido, acostumados aos protocolos, os legionários cultivam algumas práticas através da disciplina e do compromisso, através de um estilo que promove uma seriedade no convívio com os membros do clero.

A função dos membros da Legião de Maria é reforçar a missão dada aos batizados, vivendo e compartilhando com as outras pessoas as esperanças. Para isso, o problema não está no fato de serem pouco ou muito numerosos, mas no testemunho de suas orações e nas vivências do cotidiano. Por conseguinte, a preocupação não é se a devoção mariana produzirá efeitos tangíveis e imediatos, mas o pensamento que ela seja um caminho para o encontro com Jesus Cristo, convidando os legionários a agir do mesmo modo com que Maria agiu para com Deus, movida pelo amor.

Quando Maria proferiu a palavra “sim”, ela entrou em diálogo com o mundo em sua mensagem afirmativa, da qual a humanidade foi beneficiada. No entanto, esse diálogo não pressupõe uma estratégia proselitista já realizada em antigas épocas. Ao contrário, ele pressupõe uma mensagem mobilizadora e desinteressada, respeitando a liberdade das pessoas, na medida em que tenta resgatar a solidariedade. Desse modo, a oração, pensada como diálogo ecumênico e inter-religioso, é a mensagem falada ou internalizada que repudia qualquer conflito, discriminação ou violência.

Assinalamos que a prática religiosa desses participantes do laicato católico não se resume em apenas ações contemplativas, através das orações de sua folha de orações tradicionais, denominada *Tessera*, a qual é sistematicamente lida nas reuniões semanais. As atividades legionárias buscam realizar o apostolado através das visitas domiciliares às residências, aos hospitais e aos demais espaços sociais, carentes de ações evangelizadoras que divulguem os ensinamentos de Jesus através da Palavra de Deus e dos exemplos de vida de Maria de Nazaré. As orações tornam-se caminhos espirituais através dos quais a Legião de Maria apoia os seus membros e os motiva através das experiências interiorizadas da devoção mariana. Nesse sentido, muitos legionários sentem a necessidade de expandir os louvores a Nossa Senhora através das atividades envolvidas no apostolado e nas missões.

O núcleo pioneiro da Legião de Maria foi fundado em Dublin, na Irlanda, por Frank Duff. Na atualidade, ela é uma associação internacional de fiéis reconhecida pela Igreja católica e presente em suas arquidioceses, dioceses e paróquias, em diversas regiões do mundo. Constatamos, no primeiro capítulo, que a conduta legionária legitimou formas homogêneas nas atitudes dos seus membros, ensinadas pelos legionários veteranos aos novatos. Seus termos formaram um estilo de linguagem em latim incorporado pelos grupos da Legião de Maria, através de um *modus operandi* que nos fez recorrer ao pensamento de Pierre Bourdieu sobre as práticas culturais, adaptando e ressignificando a sua noção clássica de *habitus*, que exprime com maior eficácia a ligação do sistema legionário com a sociedade.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu percebeu na religião o revestimento da linguagem através de um sistema simbólico de comunicação, enfatizando a produção de um sistema de pensamento. De modo análogo, a Legião de Maria ressignificou os termos em latim dentro de um esquema de sentido que integrou a religiosidade com a adesão de fiéis devotos marianos, deslocando o sentido de

recrutamento para o lado espiritual. De tal modo, essas atitudes de imitação buscavam simbolicamente alcançar aquilo que o exército romano sugeria, ou seja, obediência e disciplina. A inspiração de Frank Duff adaptou-se às diferentes tradições católicas, alcançando a divulgação em vários países, com uma proposta de prática religiosa já experimentada pelos leigos católicos, particularmente sensíveis à devoção mariana. Sem diminuir o valor das invocações a Maria, os legionários absorveram sua espiritualidade, alimentando sua contemplação.

Notamos que a identidade legionária converge para o exemplo de obediência a Maria, centrada na hierarquia dos grupos entre si, como que os prendendo a uma representação filial dos grupos que são subordinados na sequência administrativa. Compreendemos que, para isso, precisamos historiar sobre os dogmas marianos que remontam a vários séculos da Igreja católica. Esses dogmas foram utilizados para legitimar Maria como um modelo moral, representante de valores de santidade e virtudes, nos quais a obediência ganhou destaque. A expansão devocional atravessou o mundo e contribuiu para moldá-la a diversas culturas, alimentando um imaginário que continuou a se fortalecer, principalmente, após as aparições marianas em lugares diferentes.

O Decreto *Apostolicam Actuositatem* colaborou para o desenvolvimento do apostolado dos leigos nas paróquias e na sociedade. As diversas articulações do Concílio Vaticano II asseguraram uma pluralidade significativa de propostas para a ação evangelizadora do laicato. Nessa perspectiva, o apostolado dos leigos deve acontecer de uma maneira que evite fórmulas estereotipadas ou simplistas. Acrescentamos que, as propostas conciliares, especialmente na América Latina, mobilizaram o catolicismo local.

A Legião de Maria é uma associação que, através dos seus simbolismos e de seu manual, confere maior profundidade à contemplação, recuperando as devoções do passado e evangelizando numa sociedade que já enveredou pelo processo de secularização. Sob esse enfoque, os membros da Legião de Maria valem-se da linguagem para expressar valores culturais partilhados socialmente entre eles.

No segundo capítulo, alargamos o significado simbólico de Maria na fé do povo e na Igreja em sua relação recíproca. A espiritualidade mariana realça o modo de agir no serviço apostólico prestado voluntariamente pelos legionários para, de certa maneira, alimentar espiritualmente as pessoas que fazem suas orações, além de estender o pensamento de quem reza, encorajando-os na perspectiva da

fraternidade que a Igreja abrange em suas disposições. Desse modo, os legionários, em suas jornadas semanais de atividades, acabam servindo de companhia a muitos idosos e doentes, valendo por acrescentar um novo ciclo às orações tradicionalmente realizadas em suas reuniões. É através dessa prática religiosa que os conhecimentos, os símbolos, as orações e os comportamentos são adquiridos, construídos e repassados ao longo do tempo, de uma geração legionária para outra.

No terceiro capítulo, descrevemos o percurso histórico da Legião de Maria, que chegou ao Brasil pelo empenho do missionário saletino, Irmão João Creff, MS, o qual fundou o *Praesidium Refugium Peccatorum*, no Rio de Janeiro, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Na intenção de verificar a preferência pelo emprego sistemático das invocações aos dogmas marianos na nomenclatura dos *praesidia*, analisamos os títulos dos grupos legionários existentes nos bairros da capital paraibana, apoiando-nos em fatores históricos da devoção mariana. Partimos da ideia de que os nomes dos *praesidia* relacionam-se diretamente à tentativa de preservar a tradição católica. Assim, consideramos pertinente o número de títulos dos grupos que invocam os dogmas marianos da Assunção, da Imaculada Conceição, da Maternidade Divina e da Virgindade, consolidando os valores religiosos dos legionários. Cada *praesidium* recebe um nome ligado a algum título mariano. No início da Legião de Maria, o costume era que esses nomes invocativos de Nossa Senhora fossem em latim, mas isso diminuiu na atualidade. Dessa maneira, a maior proporção dos nomes está na língua vernácula, mas ainda se registram grupos mais antigos conservando os títulos pioneiros em latim.

No quarto capítulo, verificamos o apostolado dos leigos proposto pelo Concílio Vaticano II, trabalhamos a noção de operadores sociais do sagrado, refletimos sobre a estrutura da sociedade secularizada e abordamos o amadurecimento da fé como uma possibilidade resultante da energia dispensada pelos leigos no compromisso exercido nas atividades evangelizadoras.

Neste sentido, essa atitude na sociedade contemporânea implica na exigência de um comportamento cristão mais profundo para a oração, no percurso da espiritualidade, em prol da convivência humana. O conteúdo demasiadamente simbólico da devoção mariana relacionada com comportamentos de dependência torna difícil o amadurecimento moral dos leigos, principalmente de uma moral infantil para uma moral voltada para o serviço ao mundo.

Apenas, lentamente, quando a maturidade chega ao coração dos legionários é que o amor cristão toma forma na plena consciência do exemplo de Maria. Por um lado, nas manifestações religiosas da Legião de Maria existem credices. Por outro, existe a fé adulta. Nesse sentido, percebemos a colisão entre as mentalidades conservadoras e as vanguardistas. A substituição de uma pela outra ocorre por meio de uma formação intelectual e espiritual, proporcionada por um diálogo que se dirija além das questões doutrinárias. O pressuposto desse entendimento é que não podemos medir a santidade de cada cristão leigo, mas podemos perceber seus gestos de fraternidade, sua preocupação com os semelhantes e o seu respeito pelo próximo. As atitudes religiosas do laicato católico situam-se nesse mesmo patamar, ora contribuindo com aproximação entre as pessoas, ora afastando-as.

Lembramos que o sacramento do batismo é colocado em destaque no entendimento conceitual do amadurecimento da fé cristã, uma vez que esse sacramento não deveria ser reduzido apenas ao costume religioso, mas ampliado como o início das pessoas partícipes da comunidade de fé. Nesse sentido, a Legião de Maria estimula os sacramentos no eixo da formação espiritual de seus membros, nas atividades das paróquias e no fortalecimento dos valores católicos. Nesse aspecto, unidos pelo batismo, clérigos e leigos aproximam-se na participação ativa na missão da Igreja, fortalecendo o anúncio do Evangelho nas famílias e na sociedade, pois, as diferentes vocações na Igreja aprofundam a importância do sentido de comunidade eclesial em diferentes carismas.

Na perspectiva da visão sobre os cristãos leigos adultos, todos participam da comunidade eclesial através do batismo, despertando a fé e as iniciativas de reconhecimento mútuo entre o clero e o laicato através da colaboração, pois a vitalidade da Igreja depende disso. A participação do laicato encaixa-se na luta contra o clericalismo, sem deixar de reconhecer a importância do papel dos sacerdotes na formação espiritual dos leigos.

O exemplo de Maria serve para todas as pessoas que desejam seguir o caminho de Jesus, do qual ela foi mãe e discípula, reconhecendo os ensinamentos que Deus escreveu no testemunho extraordinário de sua vida. Desse modo, a Legião de Maria busca que seus membros, conhecendo a Mãe de Jesus e contemplando-a, possam ser entusiasmados a avançar em sua espiritualidade. Confiar na proteção da mãe de Deus é um sinal de esperança para muitos católicos desde os séculos passados. Tanto o laicato quanto o clero, em momentos de

emergência, costumam recorrer aos vários títulos pelos quais Maria é conhecida na Igreja católica. Orações diárias, como maneiras de diálogo espiritual com o divino, podem se tornar chamados de esperança nas situações de sofrimento. Nesse sentido, a vida de Maria revela uma mulher que amadureceu uma extraordinária experiência de fé e exemplifica a importância de cuidar dos outros.

Durante a pandemia, grande parte das celebrações eucarísticas presenciais deixou de ocorrer porque muitas igrejas ficaram fechadas. As orações pessoais tornaram-se momentos de manter o diálogo com Deus, sejam através de invocações já conhecidas pelos católicos, sejam por palavras que brotaram dos sentimentos diante do avanço do coronavírus. Quando os pensamentos negativos emergiram na sociedade, provenientes do cenário alarmante da pandemia, a oração serviu como refúgio para muitas pessoas através da recitação que podia ser praticada em seus lares, já que a maioria dos lugares de pregações religiosas estava impedida de funcionar, pois provocaria a aglomeração de pessoas.

Para a Legião de Maria, as orações diárias são tão necessárias quanto as atividades semanais de apostolado, pois a prática das orações da *tessera* proporciona a manutenção da fidelidade de seus membros. Essa associação traz à tona a prática religiosa baseada nas orações compartilhadas e na crença da intercessão mariana, reivindicando a ação comunitária dos seus grupos no sentido de sua espiritualidade. Essa atitude vinculada ao estilo do seu apostolado é capaz de estimular a esperança dos leigos na expectativa da salvação, na medida em que consideram Nossa Senhora como protetora contra os males que afligem a humanidade, principalmente as doenças, as guerras e as catástrofes. Por isso, não estranhamos que os núcleos pioneiros da Legião de Maria sejam denominados de *praesidium*, palavra latina que remete ao sentido de proteção.

A força do laicato que acredita na religiosidade praticada em suas vivências diárias pode ser considerada um passo rumo à maturidade da fé. A história da devoção a Maria agrupa a história de vida de vários fiéis católicos que relatam incontáveis milagres através da crença em sua intercessão. No cotidiano dos devotos marianos, a reza do Rosário possui seu espaço garantido nos afazeres diários, pois a oração energiza a esperança que nutrem de forma convicta. As práticas devocionais marianas se propagaram por meio de gestos e palavras tanto do laicato quanto do clero, uma vez que ocorrem nas intenções das paróquias e dos paroquianos, bem como nas intenções de vários Papas que não hesitaram em

recorrer à proteção mariana, conforme se registra na história da Igreja católica e dos vários ícones de Maria espalhados em seus diversos santuários mundiais.

Uma das simbologias marianas que mais se expandiu entre os seus fiéis devotos foi a imagem de uma mãe sempre em prontidão a escutar a voz daqueles que a ela recorrem. Por isso, na Legião de Maria, a escuta das pessoas que são visitadas é um gesto habitual, como forma de imitar o exemplo mariano. Na Santa Sé, nas paróquias e nos lares, o Rosário diário dos fiéis católicos mantém viva a tradição religiosa, pois relembram que Maria foi a primeira testemunha da vida de Jesus e que Deus esteve presente nela.

Esse costume também é mantido pelos legionários em suas reuniões, em suas visitas e em suas vidas particulares. Por conseguinte, no catolicismo, muitas pessoas buscam as bênçãos sagradas, algo prometido tanto implicitamente quanto explicitamente no discurso religioso. Os dogmas marianos são enaltecidos na nomenclatura dos grupos legionários, conforme eles fazem homenagem à Maternidade Divina, à Imaculada Conceição, à Virgindade e à Assunção de Maria. Essa atitude é compartilhada nas tradições do catolicismo, na medida em que as datas que celebram os aspectos da vida da Mãe de Jesus possuem até mesmo monumentos que lhe são dedicados. Nesse sentido, no centro de Roma, na Praça Mignanelli, situa-se uma imagem mariana dedicada à Solenidade da Imaculada Conceição realizada em 8 de dezembro, data em que, nesse local, as pessoas costumam rezar e depositar flores.

A maturidade dos grupos legionários é alcançada quando eles descobrem na exemplaridade da vida de Maria o sentido de sua evangelização, através de um trabalho que unifique sua evidência sem deslocá-la do anúncio de Jesus e do diálogo ecumênico e inter-religioso. No aspecto social, o *Magnificat* faz parte das orações diárias dos legionários em sua *Catena Legionis*, algo que pode ser transmitido como sinal de fé e esperança, pois os desejos de justiça descritos nesse hino mariano possuem ampla aceitação no conjunto da sociedade.

Destacamos que três membros da Legião de Maria possuem processos de beatificação em andamento, sendo eles: Frank Duff, Alphonsus Lambe e Edel Quinn. Por isso, essa possibilidade de beatificação serve como um exemplo para os legionários. Caso ocorra em tempos futuros a inscrição desses nomes no cânon da Igreja católica, a Legião de Maria poderá ter concluído com êxito um de seus propósitos, ou seja, despertar o serviço apostólico que leva ao caminho da santidade

da alma, fato que pode acontecer mesmo diante da vida concreta dos leigos católicos.

Existe um predomínio dos *praesidia* compostos por legionários adultos. Isso mostra que a Legião de Maria precisa traçar mecanismos de mobilização da juventude. Caso contrário, o quantitativo de seus grupos tende a decrescer. Por isso, apontamos os desafios a serem vivenciados pelos legionários no apostolado que ocorre nos bairros da capital paraibana, pois os séculos vindouros exigirão dos leigos católicos adaptações e criatividade para responder às complexas relações humanas e às novas exigências do laicato. Nessa perspectiva, a devoção mariana influencia não só os títulos dos grupos legionários, mas, sobretudo, o espaço geográfico onde os leigos católicos atuam e formam suas associações.

Enfim, os membros da Legião de Maria, unidos por meio das orações, são parte de uma história de perseverança que começou em Dublin, na Irlanda. Uma história que persiste com fé, com tempo gasto no serviço apostólico, com esperança na tradição devocional, porque tudo aquilo que os legionários fazem, eles dedicam à Mãe de Jesus. Nesse sentido, resgatamos alguns elementos dessa história, dando orientações para que outros pesquisadores continuem essa jornada no futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Virgílio Bezerra de. *O sagrado e a fé na Arquidiocese da Paraíba*. João Pessoa: Gráfica JB, 2013.

ALVES, Rubem. *O que é religião?* 10. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

ARAGÃO, Gilbraz. Os desafios dos movimentos e novas comunidades. *In*: COMISSÃO EPISCOPAL DE PASTORAL PARA O LAICATO. *Sujeitos eclesiais: sal da terra e luz do mundo: reflexões sobre o documento 105: Ano Nacional do Laicato*. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 93-102.

AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira*. Aparecida: Santuário, 2008a.

AZZI, Riolando. Espiritualidade e santidade. *In*: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der (org.). *História da Igreja no Brasil: ensaio- de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964*, Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 638-650.

BAIRROS de João Pessoa só existem oficialmente há menos de 20 anos: lei que delimita [...]. *G1*, João Pessoa, ago. 2015. Paraíba. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/08/bairros-de-joao-pessoa-so-existem-oficialmente-ha-menos-de-20-anos.html>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

BEOZZO, José Oscar. *A igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BEOZZO, José Oscar; MARQUES, Luiz Carlos Luz. Oragos de Paróquias, na primeira evangelização do Brasil. *In*: Sampaio, Jorge Hamilton (org.). *Saúde, dinheiro e amor: estudo da vivência religiosa a partir dos seus sujeitos*. Piracicaba: UNIMEP/CEHILA, 2004. p. 113-131.

BERALDI, Roque Vicente. *101 títulos de Nossa Senhora na devoção popular*. São Paulo: Ave-Maria, 2012.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. 190. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2010.

BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Lina. *Como tudo começou com Maria de Nazaré*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRADSHAW, Robert. *Frank Duff: fundador da Legião de Maria*. [S.l.: s.n.], [2012].

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. *Onde está o povo, aí está a Igreja?: história e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria*. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2008.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. As Cerimônias de Coroação de Nossa Senhora: memórias e análise de uma prática devocional mariana. *Paralellus: Revista de Estudos de Religião*, Recife, v. 8, n. 17, p. 173-190, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1083>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

CAÇÃO, Manuel Pereira. *A Legião de Maria em Portugal (1949-2013)*. 2014. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Religiosas) - Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Instituto Universitário de Ciências Religiosas, Lisboa, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16942/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

CÂMARA, Epaminondas. *Evolução do catolicismo na Paraíba*. Campina Grande: Caravela, 2000.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 822 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9PMR2U/1/hagiotopon_mia_em_minas_gerais___tese_final.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2020.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios. *Revista de Estudos da Linguagem*, Ouro Branco, v. 26, n. 3, p. 1123-1150, jun. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12888>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. *O que é imaginário?: olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciência humanas e sociais*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

COMITIUM NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Legião de Maria. Campina Grande, 2014. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/comitiumconceicao/frank-duff>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo* (Mt 5,13-14). São Paulo: Paulinas, 2016. (Documentos da CNBB, 105).

CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1966.

DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: breve tratado de mariologia*. São Paulo: Paulus, 2016.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.

DURAND, Gilbert. *A fé do sapateiro*. Brasília, DF: Ed. UnB, 1995.

FASSINI, Atico. *Crônicas de uma missão: 100 anos de presença saletina no Brasil*. Curitiba: Berthier, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini-Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRIZZO, Antonio C. Campanha da fraternidade: momento de implementar a CF nas dioceses. *O Domingo: Semanário Litúrgico-Catequético*, São Paulo, ano LXXXVIII, n. 4, 19 jan. 2020. Remessa I.

GARRIDO, Javier. *Adulto e cristão: crise de realidade e maturidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2006.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Maria. In: ELLACURIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1990. t. II, p. 601- 618.

GEBARA, Ivone. Uma leitura feminista da Virgem Maria. In: DOMEZI, Maria Cecília; BRANCHER, Mercedes (org.). *Maria entre as mulheres: perspectivas de uma mariologia feminista libertadora*. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 9-26.

GURGEL, Mário Teixeira. *Refletindo para viver*. Belo Horizonte, MG: CCB gráfica e editora, 2000.

HINO da Legião de Maria. *Legião de Maria*, São Paulo, 2001. p. 12-13. Edição Especial 50 anos de Brasil. Revista do Jubileu de Ouro (1951-2001).

HOMEM, Edson de Castro. *Maria da nossa fé*. São Paulo: Paulinas, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. (Experiência de Deus e justiça, Série 1).

HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

IGREJA CATÓLICA. Arquidiocese da Paraíba. *Anuário da Arquidiocese da Paraíba*. João Pessoa: Arquidiocese, 2018.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a igreja. In: IGREJA CATÓLICA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997a. p. 101-197.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos. In: IGREJA CATÓLICA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997b. p. 369-409.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). *Christifideles Laici*: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco. Carta do Papa Francisco. In: IGREJA CATÓLICA. Pontifícia Comissão para a América Latina. *O indispensável compromisso dos leigos na vida pública dos países latino-americanos*: recomendações pastorais, Reunião Plenária de 1 a 4 de março de 2016, Cidade do Vaticano. Brasília, DF: CNBB, 2016. p. 11-18. (Documentos da Igreja, 31). Carta ao Cardeal Marc Oullet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina.

IGREJA CATÓLICA. Paróquia Nossa Senhora de Fátima. [*Livro de Tombo*]. João Pessoa: [s.n.], 1961. Documento de controle interno manuscrito.

IGREJA CATÓLICA. Paróquia Nossa Senhora de Fátima. [*Livro de Tombo*]. João Pessoa: [s.n.], 1962. Documento de controle interno manuscrito.

IGREJA CATÓLICA. Paróquia Nossa Senhora de Fátima. [*Livro de Tombo*]. João Pessoa: [s.n.], 1963. Documento de controle interno manuscrito.

IGREJA CATÓLICA. Paróquia Nossa Senhora de Fátima. [*Livro de Tombo*]. João Pessoa: [s.n.], 1966. Documento de controle interno manuscrito.

INÍCIO da Legião de Maria no Brasil. *Legião de Maria*, São Paulo, 2001. p. 15. Edição Especial 50 anos de Brasil. Revista do Jubileu de Ouro (1951-2001).

IWASHITA, Pedro K. Maria concebida sem pecado original e toda santa: a extraordinária síntese do Vaticano II sobre a Imaculada Conceição. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 13, n. 53, p. 63-73, out./dez. 2005.

JOHNSON, Elisabeth A. *Nossa Verdadeira Irmã*: teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006.

JUNQUEIRA, Sérgio. *O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas*: força e esperança da Igreja no mundo. São Paulo: Paulus, 2009.

KUZMA, Cesar. Maria: modelo do leigo discípulo missionário. Leitura teológica do documento 105 da CNBB. In: ALMEIDA, João Carlos (Org.). *Uma leiga chamada Maria*. Aparecida, SP: Santuário, 2019. p. 73-98.

LIMA, Degislando Nóbrega de. A interdependência entre Igreja e mundo: uma abordagem a partir da teologia de Juan Luis Segundo. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Recife, v. 6, n. 1, p. 181-197, dez. 2016. Descontinuada. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/808/703>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

LONDOÑO, Fernando Torres. Cotidiano Paroquial e Livros de Tombo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 7, p. 95-103, abr./jun. 1994. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14135/14986>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LUTERO, Martim. *Magnificat: o louvor de Maria*. Aparecida, SP: Santuário: São Leopoldo, RS: Sinodal, 2015.

MANUAL oficial da Legião de Maria. 3. ed. rev. aum. Dublin: Concilium Legionis Mariae, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. Operadores sociais do sagrado: direitos e deveres civis. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Recife, v. 2, n. 1, p. 217-226, dez. 2012. Descontinuada. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs///index.php/theo/article/view/172>>. Acesso: 14 out. 2020.

MELLO, José Octávio de Arruda. *Cristianismo e diplomacia no Brasil contemporâneo*. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 1998.

MENOZZI, Daniele. *A Igreja Católica e a secularização*. São Paulo: Paulinas, 1998.

MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

MURAD, Afonso Tadeu; MAÇANEIRO, Marcial. *A espiritualidade como caminho e mistério: os novos paradigmas*. São Paulo: Loyola, 1999.

MUSEUS VATICANOS: Vinde, adoremos. *VaticanNews*, [S. l.], 2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-01/museus-vaticanos-beleza-arte-consolacao-fe-papa.html>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. *In*: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 99-119.

OFÍCIO da Imaculada Conceição. 206. ed. Cachoeira Paulista, SP: Canção Nova, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Silva. *A conquista das almas: a Legião de Maria em Uberlândia – MG (1955-1960) – (1986-1991)*. 1994. 69 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. *In*: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.177-197.

ORIGEM. *Legião de Maria*, São Paulo, 2001. p. 6-8. Edição Especial 50 anos de Brasil. Revista do Jubileu de Ouro (1951-2001).

PASSOS, João Décio. *Como a religião se organiza: tipos e processos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

PIRES, José Maria. *Do centro para a margem*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

PREFEITURA DE JOÃO PESSOA. Secretaria de Planejamento. Departamento de Geoprocessamento e Cadastro Urbano. *Mapas de bairros de João Pessoa: ruas, avenidas e equipamentos públicos*. João Pessoa: Prefeitura, 2006. Disponível em: <<http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2012/04/Mapa-dos-Bairros-de-Joao-Pessoa.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

SANTOS, Ednaldo Araújo dos; VELÔSO, Ricardo Grisi. *O ano sacerdotal e o Clero da Arquidiocese da Paraíba*. João Pessoa: A União, 2010.

SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia aberta para o leigo adulto: essa comunidade chamada igreja*. São Paulo: Loyola, 1976.

SENATUS APARECIDA. *Legião de Maria*, São Paulo, 2001. p. 18-19. Edição Especial 50 anos de Brasil. Revista do Jubileu de Ouro (1951-2001).

SETTON, Maria Graça Jacintho. Socialização de habitus: um diálogo entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100602&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24. jun. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Emerson José Sena da; ANDRADE JÚNIOR, Péricles Moraes de; PESSOA, Silvério Leal. No caminho de uma teoria da religião em Bourdieu: as apropriações marxianas. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 17, n. 53, p. 775-800, maio/ago. 2019. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/20176>>. Acesso em: 12 out. 2020.

SOUZA, Ney de; FIORE, André Gustavo de. Vida e dignidade humana, o compromisso de todo fiel leigo. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Recife, v. 6, n. 2, p. 397-415, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/809/857>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

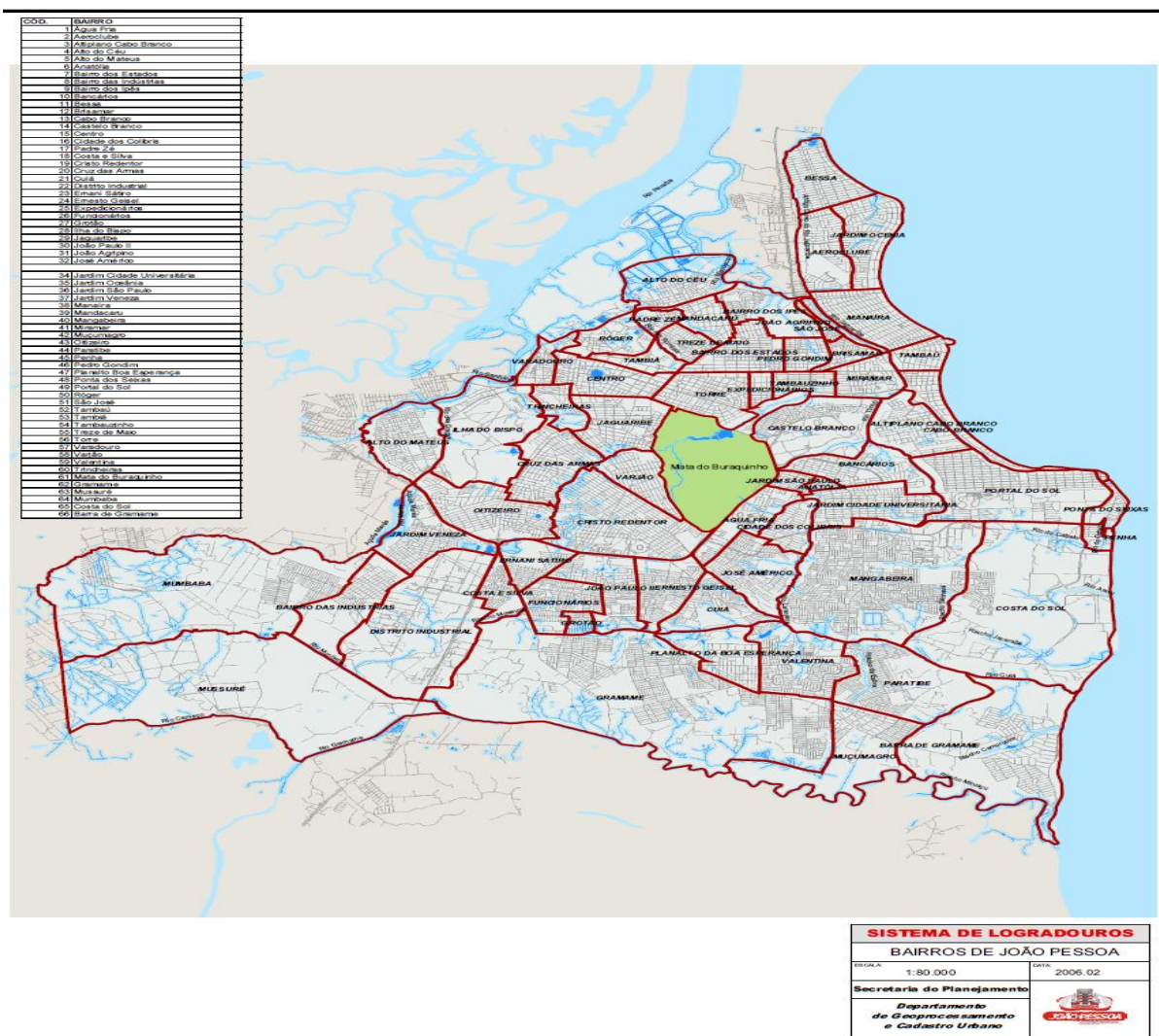
SUENENS, Léon-Joseph. *Teologia do Apostolado da Legião de Maria*. 3. ed. Brasília, DF: Prática gráfica e editora, 2000.

TAGLE, Alfonso Vergara. *Para uma fé adulta*. São Paulo: Loyola, 1987.

TRINDADE, Marcos Augusto. *Arquidiocese da Paraíba: 110 anos de evangelização*. João Pessoa: gráfica e editora UNIPÊ, 2004. Homenagem ao jubileu de diamante do Monsenhor Eurivaldo Caldas Tavares.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.

ANEXO A – Mapa do Município de João Pessoa e seus bairros



Fonte: PREFEITURA DE JOÃO PESSOA (2006).

ANEXO B - Fundação da Legião de Maria na capital paraibana

- Desobriga paschal -
 Para pregar e atender às confissões, visando à desobriga paschal, convidamos o Missionário franciscano Frei Eivaldo que esteve de 11 a 12, na Matriz e de 13 a 14, na Capela de Cambaí. O comparecimento em ambas e outra foi desalentador. Pouca presença às pregações e, menor ainda a participação nos Sacramentos. Os conselhos não atingiram a 100, no total. x x x

- Sub-Centro do Apostolado da Oração -
 No dia 13 de junho, ficou estabelecido um sub-centro do Apostolado da Oração na Capela de Santo Antônio, em Cambaí, contando Zeladoras e associados.

x x x

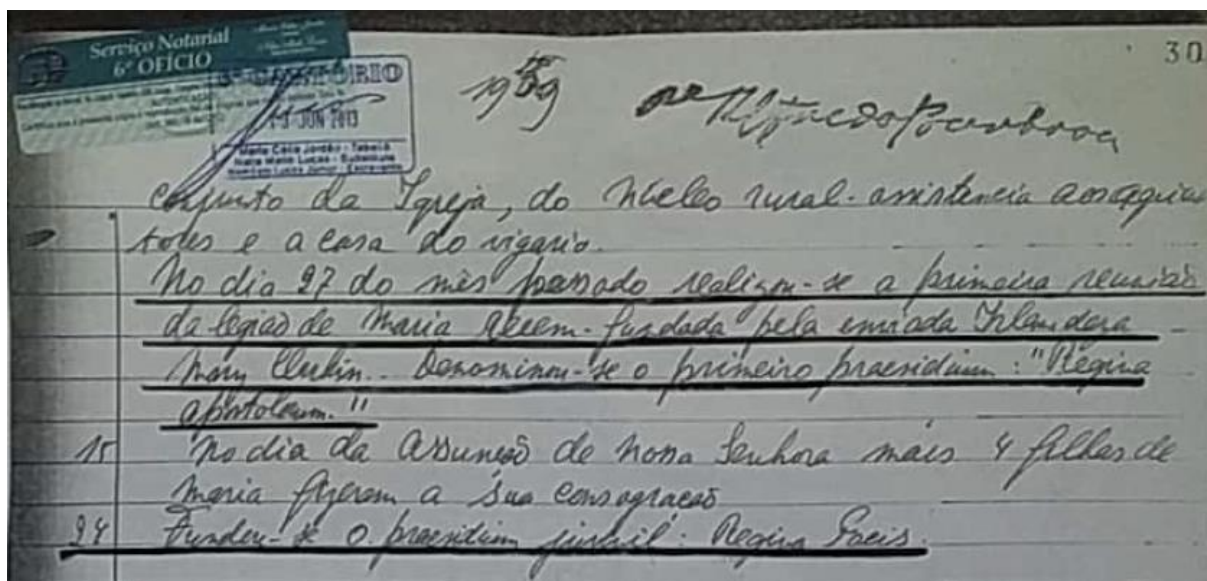
- Fundação da Legião de Maria -
 24 de setembro, festa de N. S. Senhora das Mercês, marcou a data da criação do Praesidium N. S. de Fátima da Legião de Maria e que ficou subordinado ao Conitium de Recife. O praesidium destina-se ao apostolado ativo, sob a proteção da Virgem Medianeira. Ficou composto de 2 homens e 5 mulheres.

x x x

- Dentro de Oatecismo -
 Com a colaboração de uma Irmã Missionária e dos Legionários de Maria, foram organizado Oentros de Oatecismo no Grupo Escolar, no Externato N. S. da Bolette e na Matriz.

Fonte: IGREJA CATÓLICA (1961, p. 6, verso).

ANEXO C - Fundação legionária no município de Campina Grande



Fonte: Arquivo da Regia Medianeira de Todas as Graças.

ANEXO D - Fundação dos *praesidia* juvenis na capital paraibana

uma missa a ser rezada, aos domingos, à tarde, de que ficou encarregado o Mons. Silvio de Melo que também estende no confessional.

x x x

- Semana Santa -

Q' Semana Santa de 15 a 22 de abril teve maior participação. O Mons. Silvio de Melo ajudou na confissão dos fieis que comungaram em número de 850, sendo 126 homens e 730 mulheres.

x x x

- Legião de Maria - Praesidium Juvenil Feminino -

Q' êxito obtido pelo trabalho apostólico do leginianos adultos, levou-nos a criar um Praesidium Juvenil para juventude feminina. O Praesidium "Rosa Mística" instalou-se no dia 8 de março, contando de início com 10 moças.

x x x

- Legião de Maria - Praesidium Juvenil Masculino -

Tambem a juventude masculina teve o seu nucleo de Legião, com a fundação do Praesidium "Regina Pacis", ao 19 de março, com 4 rapazes.

x x x

- Dia Nacional do Catolicismo -

Os meninos do Catolicismo comemoraram o seu dia nacional, 19 de agosto, com Comunhão geral, lanche e manhã de recreação.

x x x

Fonte: IGREJA CATÓLICA (1962, p. 8, verso).

ANEXO E - Primeira cerimônia legionária de Acies na capital paraibana

10º Aniversário 9

Fundação da Conferência Vicentina
 Seis foram os confrades considerados fundadores da Conferência Vicentina de N. Sr. da Natividade que foi instalada em sessão solene presidida pelo Presidente do Conselho Central Metropolitano de João Pessoa, no dia 8 de setembro. Os confrades vicentinos deram logo início a sua missão de caridade junto aos pobres.

x x x

1ª Acies da Legião de Maria -
 Nossa Mãezinha foi escolhida para nela se realizar a edene e piedosa animação da 1ª Acies ou consagração pessoal e coletiva dos legionários a Maria. A festa, celebrada no dia 23 de setembro, compareceram 5 sacerdotes, 20 religiosas e mais de 300 legionários ativos e auxiliares do diverso Praesidia da Arquidiocese, agrupados na Oúnia Mediatrix de João Pessoa. É de notar-se que nosso Praesidium "N. Sr. de Fátima" que, estava celebrando seu 1º aniversário encontra-se feliz em ter sido a sementeira, donde já brotaram mais de 10 praesidia que espalhados pela Paraíba levam do avante o ideal legionário. Dou a criação da Oúnia de João Pessoa ao nosso Praesidium desligou-se da jurisdição de Recife. x x x

Fonte: IGREJA CATÓLICA (1962, p. 9).

ANEXO F - Fundação do *Praesidium Stella Maris* na capital paraibana

10º Botasanes
11

da Campanha da Fraternidade, de-
terminada pelos Srs. Bispo de Sor-
tá no domingo da Paixão. Em favor
dos movimentos e obras sociais da Pa-
roquia e da Diocese, fizemos nossa
coleta, no dia 31 de março. A quota
de 15% destinada à Paróquia elevou-se
a Cr\$ 41.324,00 sendo o restante entre-
que a União para divisão entre esta e
a Conferência Nacional dos Bispos.

x x x

- Mês Mariano -

O mês mariano alcançou maior brilhan-
tismo, desde que as diversas associa-
ções paroquiais se encarregaram do
adorno do templo, promovendo ainda
as festas coletivas das crianças, das mães
e dos domésticas

x x x

- Praesidium de adultos em Tambau -

A Legião de Maria se estendeu à
Capela de Santo Antônio, em Tambau,
onde foi instalado o novo Praesidium
de adultos "Stella Maris", no dia 7 de maio.

x x x

- Falecimento do S. Padre João XXIII -

Com alicio ao pezar, não apenas
do mundo cristão, mas, dos homens
de todo o povo e raças, faleceu sau-
tamente no Senhor, no dia 3 de junho,
o Santo Padre João XXIII, após um
curto e glorioso pontificado. Nossa

Fonte: IGREJA CATÓLICA (1963, p. 11).

ANEXO G - Orações iniciais contidas na *Tessera*

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, Amém.

P. Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso amor, Enviai, Senhor, o Vosso Espírito e tudo será criado.

R. E renovareis a face da terra.

P. Oremos: Ó Deus, que santificais a Vossa Igreja inteira, em todos os povos e nações, derramai, por toda a extensão do mundo, os dons do Espírito Santo e realizai agora, no coração dos fiéis, as maravilhas que operastes, no início da pregação do Evangelho. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

P. Abri os meus lábios, ó Senhor.

R. E minha boca anunciará o Vosso louvor.

P. Vinde, ó Deus, em meu auxílio.

R. Socorrei-me, sem demora.

P. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

R. Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

(Segue-se o Terço, terminando pela Salve Rainha).

P. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

P. Oremos: Ó Deus, cujo Filho Unigênito, por Sua vida, morte e ressurreição, nos obteve o prêmio da salvação eterna, concedei-nos, nós Vo-lo pedimos que, meditando estes mistérios do Sacratíssimo Rosário da Bem-Aventurada Virgem Maria, imitemos o que contêm e consigamos o que prometem. Pelo mesmo Cristo, Senhor Nosso. Amém.

P. Coração Sacratíssimo de Jesus,

R. Tende piedade de nós.

P. Coração Imaculado de Maria,

R. Rogai por nós.

P. São José,

R. Rogai por nós.

P. São João Evangelista,

R. Rogai por nós.

P. São Luís Maria de Montfort,

R. Rogai por nós.

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Fonte: MANUAL OFICIAL DA LEGIÃO DE MARIA (2014, p. 172-173).

ANEXO H - *Catena Legionis*

Antífona Quem é esta que avança como a aurora, formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha?

A minha alma (sinal da cruz) engrandece o Senhor.

E se alegra o meu espírito, em Deus, meu Salvador.

Pois Ele viu a pequenez da sua Serva, eis que agora as gerações hão de chamar-me de bendita.

O Poderoso fez por mim maravilhas e Santo é o Seu nome!

Seu amor, de geração em geração, chega a todos que o respeitam.

Demonstrou o poder de seu braço: dispersou os orgulhosos.

Derrubou os poderosos de seus tronos e os humildes exaltou.

De bens, saciou os famintos e despediu sem nada os ricos.

Acolheu Israel, seu servidor, fiel ao seu amor,

Como havia prometido aos nossos pais,

em favor de Abraão e de seus filhos, para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,

R. Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Antífona Quem é esta que avança como a aurora, formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha?

P. Ó Maria concebida sem pecado,

R. Rogai por nós, que recorremos a Vós.

P. Oremos: Senhor Jesus Cristo, Mediador nosso perante o Pai, que Vos dignastes escolher a Virgem Santíssima, Vossa Mãe, para Mãe e Medianeira nossa, junto de Vós, concebei misericordiosamente a quem a Vós recorrer, buscando os Vossos favores, se regozije de os receber todos por Ela. Amém.

Fonte: MANUAL OFICIAL DA LEGIÃO DE MARIA (2014, p. 173-174).